



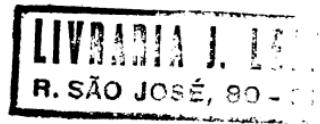
BRA
F THE
LIVERS
OF
INFO

MONTEIRO LOBATO



9

AMÉRICA





OBRAS COMPLETAS
de
MONTEIRO LOBATO
EM 30 VOLUMES



1.ª SÉRIE — LITERATURA GERAL
(18 volumes)

VOL.

- 1 — Urupês
- 2 — Cidades Mortas
- 3 — Negrinha
- 4 — Ideias de Jéca Tatú
- 5 — A Onda Verde e O Presidente Negro
- 6 — Na Antevespera
- 7 — O Escândalo do Petróleo e Ferro
- 8 — Mr. Slang e o Brasil e Problema Vital
- 9 — América
- 10 — Mundo da Lua e Miscelânea
- 11 — A Barca de Gleyre — 1.º Tomo
- 12 — A Barca de Gleyre — 2.º Tomo
- 13 — Prefácios e Entrevistas

2.ª SÉRIE — LITERATURA INFANTIL
(17 volumes)

VOL.

- 1 — Reinações de Narizinho
- 2 — Viagem ao Céu e O Saci
- 3 — Caçadas de Pedrinho e Hans Staden
- 4 — História do Mundo para as Crianças
- 5 — Memórias da Emilia e Peter Pan
- 6 — Emilia no País da Gramática e Aritmética da Emilia
- 7 — Geografia de Dona Benta
- 8 — Serões de Dona Benta e História das Invenções
- 9 — D. Quixote das Crianças
- 10 — O Poco do Visconde
- 11 — Historias de Tia Nastacia
- 12 — O Picapau Amarelo e A Reforma da Natureza
- 13 — O Minotauro
- 14 — A Chave do Tamanho
- 15 — Fabulas
- 16 — Os Doze trabalhos de Hercules — 1.º Tomo
- 17 — Os Doze Trabalhos de Hercules — 2.º Tomo



EDITORIA BRASILIENSE LTDA.
RUA BARÃO DE ITAPETININGA, 93 — SÃO PAULO

PEÇAM CATALOGOS E INFORMAÇÕES, SEM COMPROMISSO

A M E R I C A

DIREITOS RESERVADOS PELA
EDITORIA BRASILIENSE LTDA.
SÃO PAULO

IMPRESSO NO BRASIL
PRINTED IN BRAZIL

NOTA — Esta é a 2.^a edição de “America” publicada na 1.^a
Série das “Obras Completas de Monteiro Lobato”.

OBRAS COMPLETAS DE MONTEIRO LOBATO

1.^a Série



LITERATURA GERAL



Vol. 9



1948

EDITORIA BRASILIENSE LIMITADA

R. BARÃO DE ITAPETININGA, 93 — S. PAULO

E 169

M 64

INDEX

Nota dos Editores	1
Prefacio	5

AMERICA

I — Stubby. Reaparece Mr. Slang, de volta da China. Recepções caninas da White House. A arteriosclerose latina. Amor do senador Love pelos cães	11
II — A caminho do hotel. Cenografia do Outono. Ideais de Mr. Slang sobre a paisagem tropical. Sua ogerisa pelas folhas de estrapeia e outras folhas barbaras. Quasi tropeça numa delas ..	17
III — Mais cães. Um que herda milhares de dolares. O civismo de Boots. A morte dolorosa de Cuddle. Rags assina o seu nome. Unalaska, heroi do polo. Dentistas de cães	21
IV — A cidade que não nasceu ao acaso. Lincoln e Washington, o que fez e o que manteve. A religiosa impressão que o monumento de Lincoln causa. Opinião de Mr. Slang sobre a caridade	31
V — Um monumento de 555 pés, 5 polegadas e um oitavo. Incapacidade orgânica para mentir. Pedras e mais pedras. A boa marca de whiskey que Grant usava. Entrada triunfal de Lincoln em Richmond	39
VI — Homens e livros. Reminiscências dum a palestra no Corcovado. As pontas dos fios. A riqueza da biblioteca do Congresso. Hercules e Onfale. Como se formam palavras	45

M630911

VII — Descanso numa sibila de carne e osso. Paineis, alegorias, simblos. Peggy e Beryl <i>Ain't it sweet?</i> O ponto fraco dum espirito forte. Verbo feito dum pedaço de outro verbo. Língua protecionista	53
VIII — A caminho da velha Gotham. Visão do alto. Não mais o ilota agricola. O animal mais estupido que o perú. A maquina forçando o processo da adaptação humana. Os musicos postos á margem	63
IX — Ideia ironica dum bispo inglés. O "L" perigoso. D. Pedro II e Filadelfia. Guiomar Novaes. Carlos Gomes. A ideia maravilhosa que o brasileiro faz de si proprio. Concreto, concreto, concreto	73
X — Princeton. A riqueza das universidades americanas. Harvard, a nababa. Os 36.888 alunos da Universidade de Columbia. Como a riqueza se forma. O chicote dos invernos. Justificação da indolencia. O Ministerio do Carbono	81
XI — Cidades do interior do Brasil. A gloriosa platibanda. Nada de muros, ou taipas, ou cercas. Tarrytown num dia do "Indian Summer". Um inesperado "Por que?"	89
XII — Dois negros de mentira que empolgam a America. Amos and Andy. Estradas onde se paga multa por escassez de velocidade. Bandidos. Destruir para criar. Lampeão lembrado a 5.000 milhas de distancia. O crime é negocio	95
XIII — Evolução a galope. Clarence Darrow, a Biblia e as portas de aço. Casas sem janelas. Para que janelas? Cidades verticais. O longo zecorde do Woolworth. Sua derrota	105
XIV — Tudo vem do sonho. Amos and Andy conversam e a America se detem para ouvi-los. Ford, Rockefeller, todos os magnatas interrompem seus negócios quando os dois negros conversam	111
XV — A catedral do cinema. A bilheteria do Cine Republica em S. Paulo. A marquesa displacente. Espírito criador que desrespeita o passado classico	117

XVI — A dominação feminina. Quem manda é a mulher. O rancor de Mr. Slang contra a vitória da americana. O Tzar do cinema. A censura. O caso "Coquette"	125
XVII — Ainda a censura. Como se exerce. Ninguem escapa da mutilação, seja Tolstoi ou Theodor Dreiser. O caso de Fatty Arbuckle. O perigo do alcool para os individuos que pesam mais de cem quilos	133
XVIII — Emancipação do homem. Puritanismo. Dualidade feminina. O "racketeering" moral. Venda de proteção. Males da riqueza	143
XIX — No Chrysler Building. New York á noite, vista do alto. O céu na terra. Os 25 dolares de Peter Minuit. A cidade dos picapaus	145
XX — Encontro ocasional. Opiniões dum arquiteto newyorkino. O estilo americano. Novo, tudo novo. Arranha-ceus de mais de milha de altura	157
XXI — Uma carta sobre politica. Eleições no Brasil. Votar, meio facil de adquirir um chapéu novo. O gado eleitoral. Eleições na America. Hoover e Smith	163
XXII — Velha conversa com Mr. Slang a respeito do voto secreto. Como ele me limpou o cerebro de muitas teias de aranha. Sua visão geral do caso brasileiro	173
XXIII — New-York é um cacho de cidades. Sua riqueza. Vida subterranea. Up Town. O sistema de estradas de ferro metropolitanas	179
XXIV — Uma opinião sobre a mulher. Femininice da America. Matercracia. Como gostam de ler. Lei da evolução. Puritanismo grotesco	185
XXV — Florenz Ziegfeld e suas maravilhosas girls. Neve e beleza. Inesquecivel anuncio da primeira neve. Divorcios. Só as mulheres ganham com ele. Pagadores de alimonies. Casos tragicos	193

XXVI — Na Biblioteca Publica. Roupas feitas. Matar o tempo. Beleza das africanas. Anatole, Putois, Voltaire e Edison. Irreverencias de Mr. Slang	205
XXVII — Public Library. A biblioteca das crianças. Dois futuros Lindberghs. Peter Pan é relembrado. Meninice e mocidade. Amor, amor ..	211
XXVIII — Um artigo de Fritz Wittels. De Forest, o inventor do radio. Grandes homens e grandes ricações. Simplicidade dos nababos. Henry Ford e suas ideias sobre o dinheiro	217
XXIX — Igrejas conjugadas com hoteis e mais negocios. Um olhar de duvida. A resposta de Mr. Slang. Nosso almoço numa igreja. Desconfiança em si proprio	237
XXX — Um professor hostil á riqueza. Idealismo. Mr. Slang, porém, queria mais. Abuso do credito. Ideias dum magnata. As procelarias. Figuração concreta dum milhão	243
XXXI — A palavra "saving" está escrita no ar. Quanto o americano põe de parte cada ano. O que gasta com a vida, o que economiza, o que despende com seguros. A formação do maior centro monetario do mundo	251
XXXII — Walden Pond. Henry Thoreau. Seu personalismo. A morte do individuo. Colmeização. A bacanal do consumo. Abuso do credito	257
XXXIII — O "crack" da Bolsa. Dias de panico. Reação. O "bull" e o "bear". A função controladora e saneadora do "bear"	265
XXXIV — Crises ciclicas. Sensibilidade da Bolsa. Opinião dum metalurgista sobre o Brasil. Ferro e carbono. O ferro como antidoto do separatismo	273
XXXV — Eficiencia e ineficiencia. Um caso tipico. Absurdos fiscais	281
XXXVI — Processo secessionista. Antagonismo dos grupos regionais. Minas, S. Paulo e Rio Grande. Previsões nem tristes nem alegres. Revolver...	287
Advertencia	293
O Voto Secreto	295

Nota dos Editores

Nos anos que passou nos Estados Unidos Monteiro Lobato nunca perdeu de vista o Brasil. Este livro o mostra. E foi o quadro maravilhoso da vida americana que lhe abriu os olhos para uma ideia que depois iria tornar-se a sua ideia central. "Ferro e Petroleo dão a maquina; e a maquina dá a eficiencia ao homem. O segredo da prosperidade americana é a maquina, autora da eficiencia. O mal do Brasil está na ineficiencia do homem que o habita, por falta de intensa maquinção; e o país não tem maquina porque não desenvolveu a industria do ferro e do petroleo — ferro, materia prima da maquina — petroleo, materia prima da energia que move a maquina".

De volta ao Brasil dedicou dez anos de esforço tremendo para abrir os olhos á nossa gente — esforço que transparece no 7.º volume de suas Obras Completas — "O Escandalo do Petroleo e Ferro". Seria levian-dade dizer que o esforço de Lobato foi inutil. Se pessoalmente sua luta de pioneiro fracassou (o que é regra do pioneirismo), a usina de Volta Redonda e o poço de petroleo do Lobato, na Bahia, são produtos indiretos das sementes que ele lançou aos ventos.

Em "America" Monteiro Lobato revive o "inglês da Tijuca", o mesmo que nos começos da presidencia Washington Luis dialoga com um imaginario patriota e

passa em revista os nossos defeitos viscerais e os males da ditadura Bernardes. Com ele viaja pelos Estados Unidos, vai a Detroit, a Washington, a Filadélfia — e “conversam” a America, sem nunca, entretanto, se esquecerem do Brasil. Lobato não consegue tirar da cabeça a terra natal — e se nunca teve dó de lhe apontar as falhas, era sempre movido pelo desejo de vê-la reagir e ser os Estados Unidos do hemisferio meridional.

A M E R I C A

Prefacio

A incompreensão do fenomeno americano pode filiar-se á natural incompreensão que o carro de trás sempre ha de ter da locomotiva. Ha muito pouco "Hoje" no mundo. Na propria Europa o "Ontem" ainda atravanca a mór parte dos países. Naturalissima, pois, a geral incompreensão relativa ao unico povo onde o "Amanhã" da humanidade já vai adiantado.

S. Paulo, 1931

Anos atrás o bom deus Acaso pôs no meu caminho um homem de singular filosofia — o inglês da Tijuca. (1) Suas ideias chocavam, aberrantes que eram das ideias e pontos de vista do monstro de mil corpos e uma só cabeça chamado Toda-Gente. Mr. Slang via com seus olhos azuis e pensava com seu cerebro. Pensava em linha reta e via com nitidez: — daí o ser olhado de esguelha pelos que viam torto e pensavam com teias de aranha.

Iamos então em pleno imperio da sinuosidade. Ter bom senso constituia o crime dos crimes. O Brasil “valorizava” café. Para o conseguir, para criar o ambiente coletivo que possibilitasse a tremenda aventura fôra preciso inverter valores universais. A simples palavra “bom senso” provocava da policia olhares de desconfiança.

Mr. Slang nascera equilibradíssimo de faculdades e passara a vida a manter e aperfeiçoar esse equilíbrio. Daí o ser posto na lista policial dos “indesejaveis”, com a nota perigosa da época: “derrotista”.

Não houve necessidade de deportá-lo. Mr. Slang deportou-se a si mesmo. Viera ao Brasil para acompanhar a revolução contra o presidente Bernardes, visto

1. Personagem fictícia que aparece pela primeira vez no livro do mesmo autor, *Mr. Slang e o Brasil*.

ter mania de estudar revoluções, "unicos momentos em que o velho instinto predatorio se revela no absoluto da nudez primitiva", costumava ele dizer. Finda a nossa crise, o seu interesse passou do Brasil á China, onde a fome preparava o banditismo que iria deflagrar a longa matança amarela.

As ideias de Mr. Slang sabiam á minha simplicidade d'alma como a propria quintessencia dos fatos destilada em alambique de alta precisão. Durante o periodo em que com ele convivi gosei de intensa euforia, a ponto de julgar-me genio em trabalhos de desabrochamento. Tinha o inglês da Tijuca o poder de fecundar em mim germens de ideias, ou transmitir-mas em jacásinhos, já de raiz — e assim me transformou por uns tempos num lindo jardim de coisas raras, senão novas.

Loucamente me orgulhei disso, acabando, o que era humano, por não ver na minha florescencia obra apenas dum jardineiro habil e sim o produto natural, espontaneo, originalissimo, da terra de jardim que eu era. Impingi aos amigos as ideias de Mr. Slang como se minhas fossem, muito me regalando com o espanto deles.

Com o seu afastamento sofri enorme decepção. A ausencia do jardineiro levou o maravilhoso jardim do meu cerebro a virar relissimo jardinzinho de chalé de suburbio, com os classicos canteiros de periquito falhado á orla, e dalias insulsas, e geranios, tiririca, azedinha e demais comuns vulgaridades. Nada novo, crisandalico, de côr rara e perfume estonteante. Chatice.

Os amigos desertaram-me. Com grande desapontamento passei a simples pedaço do bicho Toda-Gente — peludo, sorno, sovado, carne-de-vaca. Compreendi, então, que na minha simbiose mental com o inglês meu papel fôra apenas de parasita — que tudo tira e nada dá em troco.

Nunca mais vi, nem tive notícias de Mr. Slang, isso durante anos. Um belo dia, porém, em Washington...

I

Stubby. Reaparece Mr. Slang, de volta da China. Recepções caninas da White House. A arteriosclerose latina. Amor do senador Love pelos cães.

Estava eu de visita ao museu da Cruz Vermelha Americana, parado diante de ampla vitrina onde se via um cachorrinho empalhado, de nome Stubby. Em redor dele, os seus "belongings", tudo quanto lhe pertencia em vida — e ainda um grande livro aberto, de pergaminho, contendo a biografia desse famoso "war-dog", heroi legitimo da Grande Guerra.

Buldogue nascido em New Haven, estado de Connecticut, um dia mudou-se para Washington, juntamente com o seu dono, um Mr. Robert Conroy. Logo depois os Estados Unidos entravam na guerra. Apanhado pela mobilização, Stubby seguiu para a Europa com a Vigesima Sexta Divisão — e começa aí a sua gloriosa carreira de cãozinho "sens peur et sans reproche". Atestam-na hoje as oito medalhas militares que ganhou, uma delas colocada em seu pescoço pelo proprio general Pershing, então comandante supremo do exercito americano em França.

Essas medalhas pendiam do capotinho que Stubby empalhado vestia — capotinho histórico, oferecido pelas damas de Chateau Thierry após a terrivel batalha desse

nome e feito de retalhos de bandeiras glorioas. Além das medalhas vi nele tres fitas comemorativas de trabalhos prestados, e uma por ferimento recebido em serviço. Stubby tomara parte nas batalhas de Champagne-Marne, Aisne-Marne, Saint Nihiel e Meuse-Argonne.

Outras honras teve em vida. Foi eleito membro honorario da Cruz Vermelha, com a nota de "unico ente não humano a receber tal honraria" — e na lista dos socios dessa heroica sociedade, entalado entre dois Fulanos, passou a figurar o nomezinho curto de Stubby — que poderiamos traduzir como Rabicó, ou cotó de cauda.

Honra identica recebeu da Young Men's Christian Association, que o proclamou membro da sociedade, com provisão vitalicia para "a place to sleep and three bones a day" — um lugarzinho para dormir e tres ossos por dia.

A historia de Stubby já era minha conhecida através dos jornais, que volta e meia o relembrava; e creio que foi no Central Park, em New York, que vi um monumento de bronze a ele erigido. Lembro-me tambem da noticia dum seu retrato pelo pintor Charles Whipple, o qual retrato se extraviara e fôra afinal, cinco anos depois, encontrado num belchior e reposto no lugar competente.

Esse conhecimento anterior da vida e feitos de Stubby fez-me parar diante daquela vitrina com o interesse natural de quem dá de cara com um amigo velho mas só conhecido de descrição. Demorei-me a ler os fastos de sua vidinha, fixando na memoria os numerosos objetos, hoje historicos, a ele associados. Subito, algo

vermelho pousou de leve em meu ombro. Voltei-me para o dono da mão.

— Mr. Slang! You...

— Sim, meu caro. Eu... O mundo dá voltas, e cá estamos de novo a ver as mesmas coisas, talvez a pensar as mesmas ideias.

Meu espanto, misturado com a alegria de rever o maravilhoso amigo da Tijuca, arrancou-me por momentos á contemplação do buldoguezinho historico. Olhei para a cara do meu reencontrado com brasileiríssimos olhos, cheios de mexeriqueira curiosidade pela vida que levara desde que nos apartamos no cais, ele de rumo á China, eu de retorno á vulgaridade. Mr. Slang, porém, nada contou de si, nem da China. Apenas falou de Stubby.

— Veja o que é o destino, disse ele. Este senhor cão nasceu, como nascem todos os buldogues, para viver a vida que vivem todos os cães. Quando Mr. Conroy veiu para Washington, mal poderia pensar que iriam chover sobre o animalzinho honras que muitos homens aspiram em vão. Não me consta que as damas de Chateau Thierry tenham feito um lindo sobretudo de retalhos de bandeiras para qualquer marmanjo humano. Mas fizeram essa tunica para Stubby, note. Vêem-se ainda nela rasgões de balas...

— Teria Stubby dado por isso? insinuei, latinamente ceptico.

— Quem o poderá dizer? responderam os seculos de filosofia anglo-saxonica, acumulados dentro de Mr. Slang. Os fatos, porém, são estes. Stubby recebeu as

mais altas honras, jamais as vendo desmerecidas por invejosos. Os homens não invejam honras concedidas a cães, e os cães, idem, porque os ignoram. Stubby é feliz. Todos o admiram, ninguem o deprime. Não acontecerá com ele o que vi acontecer diante do tumulo de Napoleão, nos Invalidos — quando um neto, talvez, ou bisneto algum irredutivel partidario dos Bourbons, ao defrontar o feio tumulo, chispou dos olhos colera velha, e rosnou um "Cré nom de nom de nom de nom de nom..." do qual não ouvi o fim porque me retirei antes.

Stubby foi recebido em audiencia pelo presidente Wilson em Paris, num dia de Natal. De volta á America, depois de finda a luta, nunca deixou de ser admitido em audiencia na Casa Branca, em cada dia de Natal. Recebeu-o o presidente Harding e creio que tambem o presidente Coolidge. Se hoje o presidente Hoover não mais o vê é que Stubby já está empalhado.

Isto dizia Mr. Slang com a britanica seriedade cabível na materia.

— Pus-me a refletir, já amolecido em minha superioridade de bipede dum país onde amiude se repete que um homem é um homem e um gato um gato. E concordei com a ternura que via nos olhos do meu amigo.

— Não ha duvida, é lindo isso...

— Lindo parece-me o dia de hoje, respondeu Mr. Slang, aproximando-se duma janela e olhando na direção do Potomac. Quer chegar ao meu hotel? Já que gosta de cachorros, poderá ler em meu apartamento uns

tantos recortes de jornais com casos caninos bem tipicos. Deles verá que coisa alta na America é o cachorro. O sentimento publico o equipara á criatura humana, e parece que as leis caminham para ratificar semelhante graduação. Leis ha que impõem aos cães deveres, ao lado dos direitos que lhes outorgam. Conhece o caso da delegação de cães que compareceu ao Capitolio de Albany, em março passado?

— Nada li a respeito.

— Algo dificil de ser compreendido por um latino da sua marca. Acho vocês muito precisados de rejuvenescimento. Andam duros de arteriosclerose n'alma. Calcificados. Para o francês, por exemplo, só ha no mundo o francês. Para o americano ha mais coisas — ha o cachorro, ha a americana, ha o golf...

— Mas a delegação canina, Mr. Slang? Estou curioso.

— O senhor Love, um democrata de Brooklyn, revoltou-se contra o habito de se cortarem as orelhas aos cães com tesouras, como se fossem de feltro insensivel. Dessa revolta surgiu o seu projeto de lei admitindo corte de orelha apenas por veterinario oficial e com anestesia. Não contente de apresentar o projeto de lei, tomou a peito faze-lo passar no Congresso. Para isso imaginou recurso de grande eficacia — uma delegação de cães que fosse assistir das galerias ao debate; ele queria ver que legislador se atreveria a votar em contrario na presença duma delegação de interessados... Houve dificuldades a afastar. Uma delas vinha dum estupido regulamento muito velho que — imagine! — ve-

•

dava a entrada naquele recinto legislativo... a cães! Removido esse entrave, a delegação compareceu, liderada pelo presidente do Dog Owner's Service Bureau, de New York, Mr. John W. Britton — que aliás só tinha por essa época onze anos de idade. Nas galerias, muito seria, de patas sobre o balauastro, a delegação canina agiu (como dizem os químicos) por ação de presença — catalise, e não houve um só legislador que oußasse votar contra o projeto do senador Love.

— Esse processo já vi usado no Brasil, disse eu, por certos advogados manhosos. Levam ao juri chorosas mães ou filhas do reu — ás vezes mães e filhas que nunca viram o reu mais gordo. Aceito a psicología de Mr. Love, mas...

Parei no “mas”. Mr. Slang estava absorto, com o pensamento longe de mim. Talvez que a minha observação fosse pueril, fóra de propósito ou tola. E como o sabio era não conclui-la, não a conclui.

II

A caminho do hotel. Cenografia do Outono. Ideias de Mr. Slang sobre a paisagem tropical. Sua ogerisa pelas folhas de estrapeia e outras folhas barbas. Quasi tropeça numa delas.

Do museu da Cruz Vermelha ao hotel de Mr. Slang a distancia não me pareceu grande. Vencemo-la a pé, sob arvores a se despirem das folhas amarelas e vermelhas desse maravilhoso cenografo que lá tem o nome de "Fall" e entre nós, na poetica, se chama Outono.

No Brasil conhecemos o Outono de nome, não pessoalmente. Só nos encontramos com ele nos versos de poetas de mentalidade europeia, os mesmos que ás vezes nos falam em rouxinol e amiude em lobo, lareira e outras reminiscencias que nos estão no sangue. Eu já havia, quando no Rio de Janeiro, debatido essa questão com Mr. Slang. Fizera-me ele notar, certa vez, que os brasileiros não descendentes de negro ou indio são puros europeus transplantados, com muito mais sedimentação europeia n'alma do que americana. Lembro-me que essa discussão veiu a proposito duma enorme folha de estrapeia.

— "Esta paisagem tropical, disse Mr. Slang, só pode falar á alma de negros ou indios, ou dos que têm

no sangue predominancia de sangue negro ou indio. Só negros ou indios, ou seus descendentes, com milenios de adaptação aos tropicos, reagem diante das formas e tonalidades tropicais. Esta pujança da natureza, crúa e brutal, estes verdes que varam o ano sem mudar de tom, nada disto nos toca, a nós europeus, nem pode tocar aos daqui de pura descendencia europeia. Somos filhos de clima de inverno, temos milenios de adaptação ao clima de quatro estações definidas, como o indio e o negro os têm de adaptação aos climas de "verão eterno". Daí a atração de vocês pela Europa, a nostalgia da Europa, a saudade da Espanha ainda nos que nunca lá estiveram. Não é nostalgia da Europa politica e sim, apenas, como diria Jack London, "the call of the land." Saudades do clima em que as estações se definem nitidamente, em que a natureza se desnuda pelo inverno, e depois reverdece de novo, começando com as macias esmeraldas da primavera até chegar aos verdes carregados do verão — e depois se faz todinha amarela e vermelha, graças á maravilhosa gama dos amarelos e vermelhos do Outono, para logo em seguida desnudar-se outra vez á entrada do inverno seguinte."

Aquelas palavras de Mr. Slang haviam calado em meu cerebro. Promovendo um exame de conciencia verifiquei que de fato me sentia mais europeu que americano. Tudo em mim repelia o calor tropical e suas produções — a arvore de folhas enormes, a palmeira, a sucuri, o jacaré, o verde perpetuo, o derreimento, o suor e quejandas maravilhas de africano e indio. Num museu de pintura minha emoção sempre fôra para os quadros suaves de climas temperados ou frios; e em via-

gens e passeios meu olho arregalado, bem como o sorriso feliz que nos acode diante do "bom", vinham sempre quando, por acaso, algum trecho da nossa natureza "cochilava" e, cochilando, destropicalizava-se, mostrando-se mais proximo da europeia. Ver as folhas dos platanos de São Paulo cairem sob os ventos frios de maio, bem como ressurgirem verdinhas de esmeralda em setembro, sempre me causou emoção indefinivel, que só então, graças a Mr. Slang, eu começava a entender. Era a emoção retrospectiva do europeu em mim contido, deflagrada por aquela nesga de patria climaterica entrevista na mutação dos platanos.

— Só negros ou indios, continuara ele, poderão deleitar-se ou sentir-se ambientados num cenario de verde eterno, com palmeiras, bananeiras e mais plantas de folhas enormes. A mim estas folhas enormes dão-me a sensação de materia prima para folhas — para a folha definitiva, miuda, graciosamente recortada. No começo do mundo, quando o globo era todo uma fornalha amazônica de assar mamutes, só deviam existir folhas assim, desconformes, cataplasmaticas. Foi o advento do frio o que as adelgaçou.

Em seguida, tomando a folha de estrapeia que provocara o debate, Mr. Slang apresentou-ma com estas palavras finais:

— "Veja se isto lá é folha, esta monstruosidade. Materia prima para folhas, sim. De cada um destes emplastos o inverno fará, quando pelo resfriamento do globo chegar até aqui, vinte ou trinta folhinhas das que brincam com a brisa, como dizem os seus poetas."

Aquelas arvores de Washington, soh as quais passavamos em direçāo ao hotel, eram como as queria aquele filho de terra onde neva: — delicadas, apuradas, civilizadas, sensiveis á menor brisa perpassante. O outono, depois de as colorir de amarelo ou vermelho, as ia acamando no solo, onde o velhissimo europeu acumulado em Mr. Slang as pisava com volupia. No Rio, lembro-me bem, ele desvia-se das folhas de estrapeia caidas na rua — para não tropeçar...

III

Mais cães. Um que herda milhares de dolares. O civismo de Boots. A morte dolorosa de Cuddle. Rags assina o seu nome. Unalaska, heroi do polo. Dentistas de cães.

Chegados ao hotel voltamos ao assunto cachorro. Mr. Slang abriu um livro de recortes e mostrou-me alguns.

— Pelo que colhi nos jornais podemos ter uma ideia do que é e vale o cão na America, disse ele. Aqui está um telegrama de Denver ao "New York American", anunciando a morte de Sheep, companheiro e amigo único dum falecido Fred Forrester. Morreu com 18 anos — de velhice, depois de se haver tornado o herdeiro universal de Forrester, o qual deixou bens no valor de 150.000 dolares.

No testamento declarou Forrester que legava toda a sua fortuna a Sheep como a unica criatura que a merecia. Em seguida providenciou para que Sheep gosasse do usofruto, e que por sua morte a fortuna revertesse em beneficio do "dogdom" do Colorado — a canzoada do Colorado.

Fatos como este se repetem na America todos os dias. Ha sempre um cachorro a figurar nos testamen-

tos, liberalmente dotado para que tenha em vida quantos ossos lhe saiba ao apetite e disponha de uma criatura humana que o lave, penteie e leve a passear nos parques, pela coleira.

— Isto me parece maluquice, Mr. Slang, comentei eu, sorrindo com a superioridade de quem já havia dado muito pontapé em cachorro.

— O fato de parecer a você alguma coisa não impedi que milhares de americanos hajam lido com ternura tal telegrama e nesse momento sentido um indefinivel ésto de sublimação. Mas aqui temos outro recorte igualmente tipico. E' noticia de "New York Times", o mais serio e grave jornal da America. Conta que os moradores da rua Hudson, na cidade de Long Beach, mandaram fazer uma coleira de honra, com inscrições memorativas, para ser ofertada ao cachorrinho Boots na festa que lhe preparam.

— Herdaria ele 150.000 dolares?

— Boots fez mais. Boots evitou que a Long Beach Power Company erguesse postes de alta tensão naquela rua, contra a vontade dos moradores. O caso é tipicamente americano, incompreensivel fora daqui. Essa empresa eletrica estava em luta judiciaria para assentear postes na rua Hudson, em oposição aos desejos ou interesses da cidade. Mas, por trica legal, se o assentamento fosse de surpresa, á noite, de modo que pelas oito horas do dia seguinte constituisse fato consumado, a companhia eletrica venceria a partida. Assim deliberando, a companhia preparou em segredo um exercito de 350 operarios munidos de 42 caminhões de material

e, com pés de lã, pela calada da noite, iniciou o serviço de modo a te-lo concluido antes das oito da manhã.

Os moradores da rua Hudson estavam nessa noite no melhor do sono, com exceção do pequenino Boots, o qual revelou mais zelo pelos interesses coletivos de Long Beach do que os seus habitantes bipedes. Quem tem inimigos não dorme, refletira Boots. Mal viu chegar aquele batalhão de operarios cautelosos, na ponta dos pés, percebeu incontinenti que era manobra da Long Beach Power Company, aconselhada por algum astuto advogado. E sem esperar por mais rompeu numa tal algazarra de latidos que despertou o "Supervisor", acordou outros moradores e organizou a resistencia. Os expedicionarios da empresa eletrica tiveram de bater em retirada. Essa controversia terminou dias depois na corte judiciaria com a vitoria do ponto de vista da cidade, e como tudo viesse da oportunissima ação de Boots, viu-se o cachorrinho guindado a heroi, com retrato e biografia nos jornais. Logo depois recebeu uma coleirinha comemorativa, concluiu Mr. Slang.

Dei uma gargalhada, isto é, comecei a dar uma gargalhada á moda indigena. Vi, porém, que estava numa terra onde receber um fato desses com uma gargalhada podia até ser caso de deportação por "atividades comunistas", e recolhi-a a tempo. Mr. Slang comprehendeu a minha manobra.

— Sim, meu amigo. Se quer viver feliz na America, não se mostre duro com os cães — nem desrespeitoso para com a americana. São dois dogmas muito sérios.

E continuou a rever os seus recortes.

— Aqui temos, disse ele logo depois, o caso duma moça da alta sociedade de S. Francisco que em ação de divorcio foi acusada de gostar mais do seu cachorro do que do marido, do pai e do bebê. “É verdade que algum dia declarou isso?” perguntou-lhe o juiz; e a resposta foi: “Mais que do meu pai e do meu filhinho, eu nunca disse; mas que gosto mais do meu cachorro do que do meu marido, isso confesso”.

Poucas respostas terão sido aceitas com maior aprovação por parte das americanas que têm “puppies” (1).

Para a maioria delas a pergunta seria de todo ociosa se não incluisse também o papai e o bebê. Até esse ponto não levam o amor aos cães.

Temos cá outro caso, continuou Mr. Slang, num telegrama de Washington sobre os funerais de Flanagan, um cachorrinho do Forte Myer, prisão militar. Esse freguês singularizou-se com deixar de vontade própria a boa vida que gosava na residência do coronel comandante para vir morar na casa-da-guarda, como se também fosse um condenado à reclusão. Durante seis anos ali viveu a mesma vida dos prisioneiros, só saindo quando eles seguiam, enfileirados, para a igreja, embora fosse livre de entrar e sair quando lhe aprovasses. Morreu de velho e teve funerais sinceríssimos. Foi enterrado com todas as honras militares. Houve, enquanto o pequenino caixão descia à cova, marcha fúnebre de Chopin pela banda militar, salva de tiros, rufos de tambores.

1. Cachorrinhos novos.

Mr. Slang ia voltando as paginas da sua coleção de casos caninos, que era bastante volumosa. Subito, pesquei num dos recortes a palavra Hot Springs; e como já tivesse estado nessa estação de aguas, que é o paraíso do Arkansas, interessei-me incontinenti.

— Que caso é esse, de Hot Springs? perguntei.

— Caso vulgarissimo, respondeu Mr. Slang correndo os olhos pelo recorte, coisa de todos os dias. Estava lá, em estação, o casal O'Neill, quando um telegrama de Hamilton, no Ontario, trouxe uma triste noticia: "Cuddle's heart action is very low", o coração de Cuddle está parando. Logo depois um segundo despacho dava noticias da morte de Cuddle. "Buy an expensive casquet and hold body until we arrive", comprem-lhe um luxuoso caixão e conservem o corpo até chegarmos, foi a resposta. Acrescenta o jornal que os O'Neill choraram publicamente ao receberem a triste nova. Em seguida Mr. O'Neill mandou vir a toda pressa um avião que os levasse para junto do amiguinho morto — morto de saudades. Segundo informação de Mr. O'Neill, Cuddle morrera de "brocken heart" — coração partido. Não pudera suportar a ausencia dos donos.

Outro caso, disse Mr. Slang tomando outro recorte. Rags, cachorrinho que esteve na guerra, donde voltou heroi, foi levado ao forte Hamilton para autografar a historia da sua vida, registrada num livro preposto a figurar no British Imperial War Museum. Rags parece que não gostou da cerimonia; pelos menos não aprovou aquela exibição de aparelhos recolhedores do som, da imagem e dos movimentos, que viu engatilhados para

fixarem os aspectos da solenidade. O tic-tic das camaras cinematograficas e o "hullabaloo" geral fizeram-no sumir-se subrepticiamente. Quando chegou a sua hora de entrar em cena o fotografo deu por falta dele.

— "Onde está Rags?" indagou, olhando em redor.
— Ninguem sabia.

O general Holbrook, comandante da Primeira Divisão, ordenou o péga do heroi, e o major Herdenberg, seu guardião, destacou varios soldados para isso. Quando voltaram com o homenageado, a assistencia não pôde deixar de sorrir. Rags vinha com o nariz e a tunica sujos de carvão, pois fôra encontrado na cozinha da fortaleza, deitado num monte de coque. Diz a noticia que Rags olhava para o publico com o rabo dos olhos, visivelmente embaraçado, e que "corara", tanto quanto esse vexame pode ser notado num cachorrinho peludo.

— "Rags!" começou o general em seu discurso. "Durante doze anos tive o prazer de ver-te como mascote da Primeira Divisão. (Rags fez um movimento de cabeça, passando a lingua pelos labiôs). Juntos estivemos em França, sendo eu o teu comandante. Estivemos em Soissons e Argonne. Quando teu "buddy" (1) foi ferido, permaneceste firme no posto, a guarda-lo até que chegassem socorros. Sinto grande prazer em que tua biografia fosse afinal escrita, e muito me orgulho de ve-la prestes a figurar no Museu Inglês da Guerra, ao lado de tantas recordações de outros herois."

Os olhos de Rags revelavam a sua nitida compreensão daquele discurso (diz o recorte). Em seguida o

1. Soldado companheiro.

general tomou-lhe a pata e comprimiu-a numa almofadinha embebida em tinta de impressão, para autografar o livro com a sua marca digital.

Todos os presentes precipitaram-se para ver a assinatura do heroi.

— “Está otima para um cachorrinho que nunca teve estudos”, declarou Mr. Jack Rohan, o organizador do livro biografico.

Quando a assembleia se dissolveu, Rags voltou gloriosamente a deitar-se no monte de carvão.

Estas homenagens a cães com feitos heroicos são de tal modo frequentes que eu o enfadaria se fosse ler um decimo das que tenho aqui. Citarei mais uma apenas para fechar, porque é bem tipica: a prestada ao cachorro que puxou o trenó do comandante Byrd na sua expedição ao polo e foi morto por um automovel em Monroe. Teve enterro de primeira classe, com o acompanhamento de quatro mil meninos das escolas, autoridades locais, membros da Legião Americana e da Boy Scouts Association. Antes de descer á cova ficou o corpo de Unalaska (era o nome desse grande cachorro) em exposição até que todos os meninos desfilassem diante dele. Depois o chefe dos escoteiros apresentou á assistencia Mr. Carroll Foster, um dos companheiros de Byrd, o qual fez o elogio funebre.

“Unalaska foi um notavel cachorro do Norte, orgulhoso, bravo, incansavel na luta para a conquista das terras polares, tendo ajudado eficazmente os trabalhos de transporte das toneladas de materiais que permitiram a Byrd o estabelecimento da base de operações

graças á qual se operou a avançada ao polo. Industrioso, bom, terno e amavel, Unalaska deixou um traço de gloria na sua passagem pela terra — e em gloria desce ao tumulo. Quem não sente que sob este pedaço de chão dorme um heroi?"

Findo o elogio, as cornetas dos escoteiros soaram em conjunto com os tambores, enquanto o caixão de veludo branco descia á cova recamada de flores. Ao longe, canhões de 75 salvavam. Coberta de terra a cova, um cedro foi plantado em cima, ao lado do qual os meninos depositaram uma grande grinalda de lirios com esta inscripção: "Our Hero", Nosso Heroi.

— Realmente, Mr. Slang, exclamei eu, já bem instruido sobre o papel do cachorro naquele país. Se ainda ha aqui criaturas humanas que sofrem miseria, não creio, pelo que vejo, que isso aconteça com qualquer cão. Vale a pena ser cachorro na America, não ha duvida...

— Cachorro ou mulher, corrigiu Mr. Slang — e mais tarde verifiquei que ele tinha toda a razão.

Nesse mesmo dia, num passeio que fizemos pela cidade, tive ainda ensejo de voltar ao assunto cachorro. Foi ao passarmos por um certo consultorio de dentista.

— Dr. Clyde Basehoar, explicou-me Mr. Slang. Este homem abriu, tempos atrás, um gabinete dentario sui generis, exclusivamente para cães, com cadeira e todos os mais petrechos desenhados e construidos especialmente para a clientela canina. Acha ele que não ha motivo para descurarmos dos dentes dos cães, visto como estão sujeitos a muitos dos males que perseguem

os dentes humanos. Tem sido muito feliz na sua novidade e já foi obrigado a admitir alguns ajudantes. O exemplo está sendo seguido por outras cidades, inclusive Hollywood, e breve tais gabinetes estarão espalhados por toda as cidades americanas.

Estamos na idade do cão, meu caro. Os grandes transatlanticos dispõem de canis muito confortaveis para os cães itinerantes, bem como de salva-vidas especiais, adaptaveis aos corpinhos deles. Em muitas cidades existem "beauty parlours" caninos — salões de beleza, coisa que até bem pouco tempo era privativa das mulheres. Ali vão lavar-se, pentear-se, encaracolar os pelos em ondulações permanentes. Hospitais, asilos e clinicas caninas, isso é coisa velha, que abunda por toda parte. Nas lojas mais importantes de New York vi seções de artigos para cães. Tudo que eles usam ou podem usar ali se encontra, desde alimentos especiais, remedios, tunicas, coleiras e outros artigos de indumentaria até brinquedos, como, por exemplo, ossos de materia plastica, imitando admiravelmente o velho osso natural que os cães roem desde o tempo de Nemrod.

Em compensação os juizes condenam a penas varias os cães que cometem crimes. Já acompanhei varios casos, uns de condenação á morte, outros de detenção e multa — a qual recai sobre o dono. Em fevereiro deste ano, em New York, um cachorrinho foi condenado como cumplice dum sujeito que por seu intermedio furtava as bolas caidas fóra dum campo de golf.

— Mas confina-se aos cães esse amor dos americanos aos bichinhos? perguntei.

— Estende-se tambem aos gatos e aos passaros e aos esquilos. Ha dias li dum individuo de Peekskill multado em 77 dolares por ter atirado num "robin", que é o mesmo sabiá que vocês têm no Brasil. As leis do estado de New York proibem a caça aos passaros cantores. Nessa mesma noticia vinha um apendice frisando que em tres semanas 3.300 dolares de multa haviam sido arrecadados dos caçadores de Westchester, por matarem robins.

— Donde se conclue que... provoquei eu, apesar de saber que Mr. Slang não tinha a conclusão facil.

— Que são cinco horas, respondeu ele puxando o relogio, e que tenho um encontro marcado. Apareça mais vezes. Fico em Washington por poucos dias. Já visitou o monumento de Lincoln? Bem. Serei seu companheiro nessa homenagem, amanhã pela manhã. Esteja cá ás nove horas. Adeus.

IV

A cidade que não nasceu ao acaso.
Lincoln e Washington, o que fez e o
que manteve. A religiosa impressão
que o monumento de Lincoln causa.
Opinião de Mr. Slang sobre a caridade.

Washington é uma cidade unica. Foi construida e
vai se desenvolvendo de acordo com um plano prede-
terminado. Tòdas as cidades do mundo nascem ao
acaso das exigencias do comercio, sem que nunca a me-
nor previsão sobre o seu futuro desenvolvimento haja
ocorrido ao espirito dos ocasionais fundadores. Daí os
tremendos problemas urbanos que atormentam os le-
gisladores municipais quando uma dessas sementes de
cidade se desenvolve em metropole. As ruas estreitas
e tortuosas do “centro”, ou a parte velha, atestam-no
pelo mundo inteiro.

Washington escapa a essa formação classica. Foi
primeiro planejada e depois erigida. Vem daí a estranha
sensação que Washington causa a todos os visitantes,
de qualquer parte do globo que procedem — menos de
Belo Horizonte.

Logo ao chegar chocam o visitante as proporções
desmarcadas da Union Station, imensa mesmo para esta
America onde é tudo imenso. E começa ali a primeira

lição cívica — uma frase de Samuel Johnson gravada sobre os portais:

He that would bring home the wealth of the Indies must carry the wealth of the Indies with him, so it is in travelling — a man must carry knowledge with him if he would bring home knowledge.

Não se traduza essa legenda, que fica infantil e ridícula. Ha no inglês mil coisas que não podem vestir-se á portuguesa — degeneram em caricatura. Expressões de mundos com mentalidades polares, vestir com palavras lusas um sutil pensamento pensado por cerebro inglês é substituir os sapatinhos de cristal de Cinderela por tamanquinhos. Está claro que um par de tamanquinhos é rigorosamente sucedaneo de um par de sapatinhos de cristal, isto é, tradu-lo portuguesmente bem, mas...

Washington é um simbolo de pedra. A historia americana está toda ali. Basta uma visita á cidade para que os fatos capitais da formação politica da America se desenhem para sempre em nosso espirito. Daí a forte reamericanização que sofrem os americanos de visita á capital. Saem de Washington mais americanos, mais exaltados na tremenda fé em si proprios que acima de tudo os caracteriza. Povo eleito para os mais altos destinos, Washington é o crisol mistico onde se sublima essa fé céga. *From Washington we go home better americans.* (1)

Tudo amplo, largo, claro, sólido, arejado. Tudo historico, na pedra dos monumentos, no bronze das es-

1. Saimos de Washington melhor americanos.

tatuas, nas inscrições abundantíssimas, no maravilhoso cemiterio de Arlington. A Biblioteca do Congresso é menos uma biblioteca que o maior templo que ainda se erigiu em homenagem ao livro na sua qualidade de calado cofre de tudo quanto a humanidade pensou até aqui. O magníficente Capitólio, bem como todos os mais monumentos da cidade, constituem Almoxarifados da Fama, de tal forma com estatuas, bustos de bronze e marmore, inscrições, quadros e simbólos, os homens que construiram o país estão neles memorados.

Só Washington americaniza. O filho de New England, que sempre olhou d'alto aos nativos dos estados do sul, bem como o homem do Kentucky, que torce o nariz aos filhos de Connecticut, recebem de Washington, por mil vias, a lição de que não ha New England, nem Kentucky, nem Connecticut, mas apenas a America que Washington forjou de fragmentos esparsos e Lincoln impediu que se quebrasse.

George Washington e Lincoln — em que país dois homens subiram tanto? Já passaram de homens a semi-deuses. Pelo país inteiro não existem nomes mais popularizados em praças, ruas, pontes, estatuas, memoriais. Nas escolas tornam-se obsessão. Seus retratos nas paredes, nos livros, nos selos, nas reclames comerciais, fizeram de ambos verdadeiros signos simbólicos, de uso e consumo diários. Consome-se Lincoln como se consome "hot-dog". Consome-se George Washington como se consome sorvete. Citações de seus discursos históricos, anedotas, ditos agudos, visões washingtonianas da política geral circulam no país como moeda de troco miúdo.

Na alta politica inda é o pensamento dos dois que conta como o argumento decisivo. A retratação dos Estados Unidos dos negocios europeus, contra o parecer de todos os grandes estadistas tanto europeus como americanos, tem base no aviso de George Washington dado num dos seus discursos. As palavras de Lincoln em Gettysburg valem como uma especie de tabua de Moisés aos hebreus — e é realmente a mais bela coisa que um coração humano já produziu.

Naquele dia, quando apareci no hotel em procura de Mr. Slang, já o encontrei no hall, pronto para partir.

— Vival exclamou ao ver-me. Como vai a sua americanização?

— Rapida, Mr. Slang, respondi sorrindo. Esta cidade é uma pura insidiao. Está inteirinha feita sob medida, dosadamente, calculadamente, maquiavelicamente armada como arapuca para americanizar quem chega. Eu já ouvira dizer isto, mas julguei que fosse exagero. Com tres dias de estada, porém, pude verificar que a insidiao é ainda maior do que dizem. Sem ter aberto um só livro, creio que assimilei, pelo menos, metade da historia americana. Já sei quem foi Sherman, Hamilton, Steuben, Jackson...

— E Lincoln, sabe quem foi?

— Que pergunta, Mr. Slang! De Lincoln já sabia tudo antes de aqui chegar. O velho Abe...

— Engano seu, meu amigo. Antes de visitar o Lincoln Memorial ninguem pode dizer que conhece Lincoln. Lá você vai sentir Lincoln — e compreenderá muita coisa daí por diante.

— Pois vamos então sentir Lincoln, Mr. Slang. Fomos. Ergue-se á margem do Potomac esse templo grego de marmore branco, a refletir suas trinta e seis colunas jonicas (cada qual representando um estado da União como era ao tempo da morte do sublime Abe) no espelho do grande lago que o defronta. As linhas são rigorosamente gregas. Henry Bacon, o arquiteto, achou — e todos concordaram com o achado — que só a majestade das linhas helenicas poderia afinar com a majestade das linhas morais daquele homem.

Ha o lago, um perfeito espelho retangular com moldura de grama e cerejeiras, as quais, na estação própria, japonizam de roseo o ambiente. Depois, a escadaria imensa, com o templo grego no alto. Meus olhos poucas coisas ainda viram que emanasse maior beleza pura. Não procurarei definir em que consiste a beleza pura. Falharam na tentativa filosofos e estetas da mais subida acuidade. É sensação indefinivel. Sentia-a porém ali em toda a plenitude.

E dentro? Oh, dentro... Dentro está o ídolo, simbolizado em marmore na colossal estatua de Chester French. Sentada em atitude de quem medita, a figura de Lincoln causa ao visitante impressão que jamais se apaga. Majestade, sem ser a dos reis — majestade da Razão, da Bondade, da Humanidade, da Retidão, da simplicidade de alma.

Confesso que me senti como se houvesse ingerido qualquer alcaloide desses que transformam o equilibrio normal das faculdades. Senti-me cocainizado...

— Não o dizia eu? cochichou-me Mr. Slang ao ouvido, porque diante do semi-deus até a voz nos falha e

só é possível conversa em tom de murmúrio. Só aqui sentimos Lincoln e só aqui se torna compreensível a força com que esse homem, hoje puro símbolo, domina 120 milhões de criaturas. Para mim Lincoln é apenas o signo da Força Moral. Este monumento, menos ao homem que ele foi, ao Presidente, ao libertador dos escravos, homenagea em marmore a força das forças — a Força Moral.

— De fato, sussurrei a medo, receoso de que a vibração da minha voz quebrasse o equilíbrio ambiente, ou alguma observação impropria, demasiado profana, arrancasse da estatua um olhar de bondosa censura. Acho que...

— Não ache coisa nenhuma, interrompeu-me Mr. Slang. Absorva esta atmosfera que jamais encontrará noutra parte e complete a sensação lendo as inscrições que cobrem as paredes.

Aceitei o conselho. Li no hall, ao sul, o tão famoso discurso de Gettysburg, na realidade o poema da emoção mais alta. No hall do norte está gravada a Segunda Mensagem Inaugural, que Lincoln apresentou depois da sua reeleição para a Presidência. Li-a como o puritano lê a Bíblia, ou o budista absorve a pálavra de Guatama. Em seguida meus olhos embeberam-se nas pinturas simbólicas de Jules Guerin, "Libertação e Liberdade". E mais símbolos — da Fé, da Esperança, da Caridade, da Unidade, da Fraternidade, das Artes — Pintura, Escultura, Arquitetura, Música, Literatura, Filosofia e Química. Eu quis louvar a inclusão da Química entre as grandes artes, por ser a primeira vez que a via embreando com as artes clássicas, mas Mr. Slang

gelou-me com um *psst*. Estava pensativo, de olhos absortos num grupo representando a Caridade — onde uma mulher dava a água da vida a aleijados, cegos e orfãos.

— Não sei se vencerá à ideia moderna do “inutil da caridade”, disse ele. A não ser que a química e a eugenia nos dêem novas bases á vida, sempre ha de haver aleijados e cegos e orfãos, como estes aqui representados — e fora do sentimento da caridade, que dá a esses pobresinhos solícitos tutores, como lhes assegurar a sobrevivencia?

— E para que assegurar-lhes a sobrevivencia? adverti eu em tom de quem houvesse ingerido pela manhã uma omelete de leis espartanas preparada na caçarola de Nietzsche.

— Sim, seria essa a solução científica, filosofou Mr. Slang, mas até aqui a Ciencia só foi praticada pelas abelhas. Será o homem suscetível de suportar soluções científicas?

Do monumento de Lincoln se avista o obelisco de George Washington, cuja colocação na capital americana obedece, como tudo mais, a uma intenção. Para lá nos dirigimos — Mr. Slang calado, pensativo, ainda sob a impressão que lhe causara a visita a Lincoln, e eu, loquaz, a achar coisas. Subito, o meu finíssimo inglês interrompeu-me:

— Pare de achar, homem! Desse modo você acaba perdendo-se...

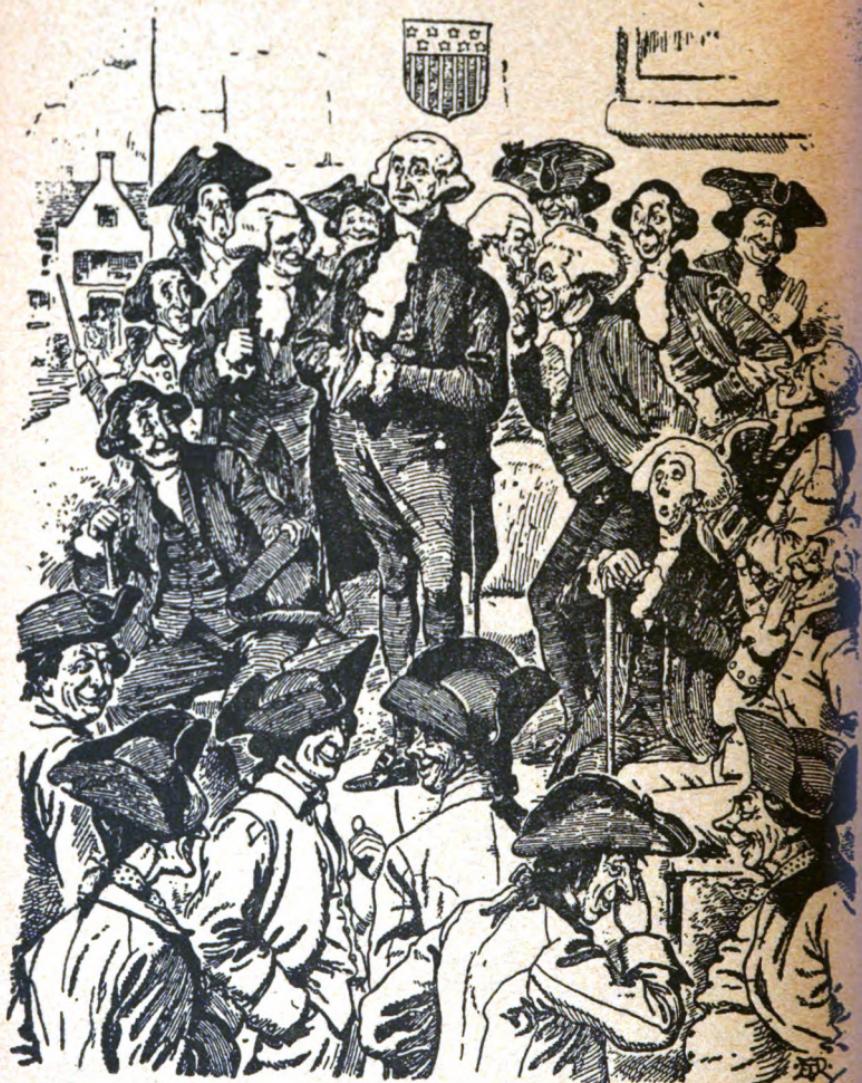
Vi que de fato acabaria perdendo-me no conceito daquele grande amigo — e sabiamente silenciei.

V

Um monumento de 555 pés, 5 polegadas e um oitavo. Incapacidade organica para mentir. Pedras e mais pedras. A boa marca de whiskey que Grant usava. Entrada triunfal de Lincoln em Richmond.

O monumento a Washington é simbolo de outro tipo. Obelisco de pedra, de 555 pés, 5 polegadas e um oitavo de altura. A precisão do americano não perdoa, já não digo as 5 polegadas, mas até aquele oitavo de polegada. Impliquei-me com aquilo e pilheriei. Mr. Slang respondeu:

— Que quer você que eles façam, meu amigo? O obelisco mede, de fato, 555 pés e 5% polegadas. Quem disser que tem só 555 pés, mente, e lesa de alguma coisa o general Washington. Lembre-se que Washington não mentia. A velha historia da cerejeira que ele cortou com o seu machadinho, em menino, é dogma na America. Em casa tenho um desenho de E. T. Reed com o titulo: "George Washington procurando dizer uma mentira", que é um primor caricatural. Vemo-lo numa reunião politica onde tem que ser politico, isto é, emitir uma das forçadas mentiras convencionais em que



George Washington procurando dizer uma mentira

(Desenho de E. T. Reed)

a vida social ou politica se baseia. Mas Washington não tem pratica, não sabe por onde começar a mentira – e o desenhista retraça com grandes doses de humor o seu embaraço, bem como o prazer dos assistentes á espera da mentira forçada. Essas 5% polegadas constituem ao meu ver a mais bela homenagem que os americanos prestaram a George. Respeite-a.

Respeitei-a, e tratei de subir ao topo do obelisco. Para lá chegar ha uma escada de 900 degraus, destinada aos que pretendem emagrecer, e um elevador para uso dos que estão contentes com o seu peso. Tomamos o elevador. Subimos. Vimos o maravilhoso panorama da capital através dos quatro pares de aberturas que existem no topo, cada par dando para um dos pontos cardinais. Olhado lá de cima, o rio Potomac é uma gigantesca anaconda de infindas voltas, a envolver nas suas roscas de prata a capital americana. Ao fundo, as montanhas azues da Virginia.

Na forma do costume, o monumento é lição de história – e até de geografia e petrografia. Pelos inumeros patamares da escadaria por onde descemos ha pedras memorativas de variadas fontes, representando quarenta estados, sessenta cidades, lojas de maçonaria, sociedades como a dos Filhos da Temperança (que deu origem á Lei Seca), sociedades politicas, sociedades científicas, corpos de bombeiros, escolas publicas, etc. Pedras do campo de Braddock, do campo de batalha de Long Island, do mais alto pico da Virginia, das ruínas de Cartago, do templo de Esculapio na ilha de Paros, da biblioteca de Alexandria incendiada por Omar,

do Vesuvio, do Partenon, da ermida de Guilherme Tell, e ainda de países, como China, Turquia, Japão, Brasil, Sião, e até da nação cheroquesa, ou Cherokee Nation, como chamam a esse grupo de aborigens da América do Norte.

Ao descermos do obelisco ficamos uns minutos em muda contemplação, certos de que em país nenhum do mundo dois monumentos assim ligados pela perspectiva dirão tanto ao espírito. Washington e Lincoln! A América aglomerou-se e consolidou-se por mãos deles — e obra tão solida fizeram que cada vez mais é esse cimento o que cimenta, e a diretriz que traçaram é a grande diretriz. Que país da terra deve tanto a dois homens?

— Lincoln, disse Mr. Slang, era o tipo do que chamamos “wise man”. Além disso, humorista. Seu anedotário é dos mais ricos. Uma vez acusaram o general Grant de ser o maior bebedor do exército da União em luta contra os confederados de Lee. Tais provas dessa bebedice apresentou a delegação empenhada na destituição de Grant, que Lincoln teve de dar despacho ao pedido. “Que é que Grant bebe?” perguntou ele. “Whiskey, e em enormes quantidades”, responderam pressurosos os delegados. “Bem”, tornou Lincoln, “tratem-me agora de saber de que marca, pois preciso mandar uma caixa desse whiskey a cada um dos outros generais da União”, querendo dizer com isso que talvez

naquela marca de whiskey estivesse o segredo das contínuas vitorias de Grant.

Mr. Slang contou-me ainda numerosos casos do grande Abe, todos denunciativos da sua natural e adquirida sabedoria, bem como do seu fino senso de humor. Por todo o caminho, até ao hotel, o assunto foi esse, e ainda esse lá. Quis ler-me uma impressão de Carls Schurz sobre a entrada de Lincoln em Richmond, depois que esse reduto dos confederados caiu nas mãos dos unionistas. As coisas feitas do natural, diretamente, têm um sabor de vida que não se apaga nunca, por mais que a lixa dos anos lhe corra por cima. Assim me pareceu aquele testemunho ocular, que aqui ponho.

“Richmond caiu”, diz Schurz. “Lincoln entrou na cidade a pé, acompanhado de poucos oficiais e do grupo de marinheiros que o haviam trazido da flotilha de James River á praia, com um negro apanhado pelo caminho a servir-lhe de guia. Jamais o mundo viu conquistador mais modesto, nem mais caracteristica marcha triunfal — sem batalhões, sem bandeiras, sem tambores. Apenas o seguia a multidão de negros que a queda de Richmond restituira á liberdade. Essas pobres criaturas o acompanhavam gritando, dansando, pulando, comprimindo-se-lhe em redor para ve-lo, beijar-lhe a mão e a surrada sobrecasaca, enquanto lagrimas desciam pelas faces maceradas do presidente”.

A historia da humanidade está cheia de entradas triunfais. Cesares, Alexandres, Napoleões, Moltkes, todos os tigres de corôa, quepi ou capacete, embe-

bedam-se com o vinho da vitoria quando chega o momento supremo da apoteose — a entrada triunfal na cidade, praça ou país esmagado. Os romanos foram mestres em tal encenação. Chegaram a trazer reis atados aos seus carros de triunfo — mas nenhum Cesar jamais chorou. Só chorou Lincoln, o condutor de uma das maiores guerras que a historia registra. Lagrimas de vitorioso, causadas pela euforia do triunfo? Não. Lagrimas de Lincoln. Lagrimas de piedade, de dó, de dó ante os extremos a que a incompreensão dos seus verdadeiros interesses arrasta os pobres seres humanos.

VI

Homens e livros. Reminiscencias duma palestra no Corcovado. As pontas dos fios. A riqueza da biblioteca do Congresso. Hercules e Onfale. Como se formam palavras.

Um país se faz com homens e livros. Minha visita aos monumentos de George Washington e Lincoln provou-me que a America tinha homens. Ter homens, para um país, é ter Washingtons e Lincolns, forças tão marcantes que sobre sua obra não pode a morte. Viva quanto viver a America, seus dois heróis viverão com ela, dia a dia mais sublimados. Já nem mais são homens hoje, decenios passados do desaparecimento da cena, mais semi-deuses. Crescem sempre. Divinizam-se. Em torno destas pilastras a America se cristalizou. Nas maiores crises morais nunca lhe faltará o apoio do general que não mentia e do lenhador que impediu a destruição da obra do general.

Com homens e livros. Nos livros está fixada toda a experiência humana. É por meio deles que os avanços do espírito se perpetuam. Um livro é uma ponta de fio que diz: "Aqui parei; toma-me e continua, leitor". "Platão pensou até aqui: toma o fio do seu pensamento e continua, Spinoza".

Mr. Slang certa vez me disse que o homem só tinha duas criações: a invenção do alfabeto e a descoberta do fogo. O alfabeto permitiu o acumulo da experiência individual; o fogo abriu caminho para a dominação da natureza.

— Compreendo bem a primeira parte, mas tenho duvidas sobre a segunda, objetei eu.

Fôra isso no Rio, no alto do Corcovado, por uma linda tarde de ar sutil. Mr. Slang não me respondeu de pronto. Fez uma pausa. Por fim disse:

— Basta por hoje que comprehenda a primeira parte. A segunda compreenderá por si mesmo, se a caso fôr ter a um país da alta civilização industrial. Só num país de alta civilização industrial a coisa se fará tão evidente que você a aprenderá sem o auxilio dos meus oculos.

O Destino me havia posto na America, país de alta civilização industrial, e pois eu estava proximo de, ou pelo menos apto para, comprehender a segunda parte do axioma do meu amigo. E afinal a comprehendi sem o auxilio dos seus oculos. Sim, fôra realmente o fogo a magna descoberta que... Mas não antecipemos. Fique o fogo para mais tarde. Estavamos a caminho da Biblioteca do Congresso — o maior templo que ainda se erigiu ao livro, e não convinha ali lidar com fogo.

— Ei-la, disse Mr. Slang apontando para o colossal monumento. Ha lá dentro, catalogados, à disposição de quem as queira consultar, 3.890.096 coisas impressas — livros, mapas, musicas, sem contar os manuscritos. Ora, isso quer dizer que ha ali mais de quatro milhões de pontas de fio. Quatro milhões de vidas passadas no

estudo e na elaboração escrita da experiência pessoal armazenaram nesta biblioteca a sumula do seu esforço. Filósofos, cientistas, artistas — a gente toda que faz uso do cérebro e que, havendo tomado as pontas dos fios legados pelos avós, encompridou-as um pouco mais e legou aos netos as novas pontas por onde continuem o novelo sem fim.

Admirei o monumento com todos os impetos da minha capacidade de admiração arquitetônica, embora a sua real grandeza não estivesse na fachada, sim no miolo. Quatro milhões de pontas!...

— E por que lhe chamam Biblioteca do Congresso? perguntei.

— Parece que a ideia foi não permitir excusa de ignorância aos legisladores. Com tal base de experiência humana ao alcance, caso não legislem a contento não será por falta de meios informativos. O “não sei”, o “não sabia” fica desse modo proibido. Esta imensa mole de livros, deliberadamente eretta diante da casa dos legisladores, põe-nos em bem dura situação. Talvez a malícia de Lincoln haja colaborado nisso...

Tudo ali são símbolos. A Casa das Pontas não passa duma casa de símbolos. No topo do domo central, que compõe ao modo clássico a massa do edifício, flameja um Archote da Ciência. Sobre as janelas vêem-se esculpidas 33 cabeças representando as raças humanas e no pavilhão de entrada temos enormes bustos de grandes filhos duma dessas 33 raças — a única que conta para a América. São eles Emerson e Irving, o primeiro grande pensador americano e o escritor de maior perfeição de forma e ideia de que a América se orgulha.

Irving! Quem não leu "The Stout Gentleman" é feliz — tem em reserva algo delicioso à fazer. E depois, Goethe e Franklin, Macaulay e Hawthorne, Scott e Demostenes, Shakespeare e Dante.

Portas de bronze nas tres entradas representam a Imprensa — "Minerva presidindo á difusão dos produtos da arte grafica". E painéis com alegorizações da Inteligencia Humana, da Escrita, da Verdade, da Pesquisa, da Tradição, da Memoria, da Imaginação.

Mais adiante, um vestibulo com esculturas de Minerva na sua feição dual de deusa da Guerra (defensiva, note-se) e de deusa da Sabedoria.

Depois, a escadaria. Esplendida! Altas colunas corintias suportando arcadas ricas de ornamento esculpido dão fundo á escadaria de marmore, desdobrada em dois lanços, com luxuosos balaustres. O teto em abobada ergue-se a 72 pés e o chão figura a rosa dos ventos a irradiar dum sol estilizado e rodeado dos signos do Zodíaco, tudo de bronze embutido em marmore. Um arco memorativo, com figuras de estudantes. Suportes de lampadas de bronze, majestaticos. E citações famosas. E nome de autores. E esvoaçantes figuras simbolicas no plafond. E as marcas usadas pelos mais celebrados impressores. Um mar de simbolos, uma ansia de juntar tudo quanto a imaginação humana pôde conceber para adorar o Livro e a arte do Livro e os autores dos livros famosos. Tudo obra da colaboração de centenares de artistas tomados dos mais notaveis da Europa e da America, pintores, escultores, imagistas, paineladores, arquitetos, entalhadores. Positivamente estávamos na Catedral do Livro, outra S. Pedro de Roma em que

o Deus adorado era a Ponta do Fio, como dissera o meu inglês.

— Estou meio tonto, Mr. Slang, murmurei. Acho que quem vem a esta biblioteca não tem tempo de abrir um livro. Ha coisas demais para distrai-lo e ocupar-lhe a atenção.

— E que é a biblioteca em si senão um livro — e o primeiro a ser consultado? A unica diferença está em que não é um livro de papel. Não está lendo mil coisas nestes marmores? Acho que esta biblioteca foi o primeiro grande livro composto pela America. Só tem um defeito: para que o possamos *ler* é mister havermos lido alguns dos livros de papel que estão cá dentro. Sem isso limitamo-nos a *ve-lo*.

— Pois subamos a escadaria para *ver* o primeiro capitulo. Isto aqui me parece o prefacio.

Subimos ao South Hall. Continuava lá a orgia simbolica. Deram-me logo na vista o grande painel da Poesia Lirica, e os outros seis que comemoram as vitoriosas adolescencias descritas em poemas de fama, o Uriel, de Emerson; o Comus, de Milton; o Adonis, de Shakespeare; o Ganimedes, de Tennyson; o Endimião, de Keats.

— Terra da mocidade que é a America, estou gostando de ver esta homenagem á mocidade, exclamei eu, sempre ansioso por deitar fóra as niquices que me ocorriam.

— E ali está um belo simbolo da Alegria e da Memoria.

— A Alegria... murmurei, contente de ve-la afinal tomada em conta. E foi sorrindo que me dirigi para o Corredor Sul, onde vi os heróis gregos pintados por

Mac Ewen — Páris na corte de Menelau; Teseu abandonando Ariana adormecida; Prometeu prevenindo seu irmão contra a malicia de Pandora; Aquiles ao ser descoberto por Ulisses quando se disfarçou em rapariga; Minerva dando a Belerofonte o freio de Pégaso; Perseu com a cabeça da Gorgona; Jasão mobilizando os argonautas para a conquista do tosão de ouro; Orfeu assassinado pelas Bacantes; o pobre Hercules segurando a róca de Onfale...

— Hello, Mr. Slang! exclamei nesse ponto, arregalando os olhos. Isto aqui está o perfeito simbolo da America. O homem de cá, este hercules, não faz outra coisa. Não acha a mulher americana uma perfeita Onfale?

— A primeira impressão é essa, respondeu ele. Com mais demora no país verá que ambos seguram a róca. Talvez seja a America o unico país no mundo em que o carro da vida é igualmente puxado a dois, pelo macho e pela femea.

Adiante, a ala de leitura dos congressistas. Mosaicos representando a Lei e a Historia. No plafond, pinturas figurando as sete côres do espetro.

Quis observar que talvez houvessem os americanos cozinhado ali a Lei Seca, mas falhei. Mr. Slang dera duas pernadas na direção do East Hall.

— Temos cá, disse ele, diversas pinturas representando a Evolução do Livro. Toda uma série. Primeiro, um monte de pedras erguido pelo homem prehistórico — unica forma de fixar qualquer coisa de que eles dispunham. Depois, a Tradição Oral — um contador

de historias, do Oriente. Adiante, os hieroglifos dum tumulo egipcio. E a Pictografia, isto é, a escrita por meio de pinturas, dos indios americanos. E o manuscrito da Idade Media. E, finalmente, o prelo de impressão. Está contente?

— Estou com fome! berrei. Um café agora, com sanduiche de manteiga de amendoim, me saberia melhor do que mais uma duzia de paineis.

— No alto temos uma cafetíria. Procure dominar o estomago.

— Por falar em "cafetíria", Mr. Slang — sabe, por acaso, como se formou essa palavra? Vejo a America inteira coberta de "cafetírias", que todos os brasileiros recem-chegados teimam em pronunciar á brasileira — cafeteria.

— Formou-se como se formam todas as palavras — por necessidade. Um sujeito em New York abriu certo dia um restaurante dum tipo novo lá imaginado por ele. Como não fosse restaurante igual áos outros, vacilou em dar-lhe este nome. Como vacilou em dar o nome de café, porque um café é outra coisa. Em vez de consultar alguma academia de letras esse homem compôs ele mesmo a palavra necessaria, tomando como ponto de partida o café. Mudou o final da palavra para indicar que era café e mais alguma coisa. Saíu "cafetíria", como poderia ter saído outra barbaridade semelhante. Conduziu bem a casa, teve sucesso comercial. Abriu outrá, atribuindo ao nome pintado na tabuleta alguma virtude magica. Venceu. Prosperou. Foi imitado — e temos assim a America inteira coalhada

de *cafétírias* — o restaurante onde o freguês se serve a si proprio. Ignoro como o inventor da palavra a pronunciava; talvez fosse como vocês recem-chegados querem. Mas o freguês americano passou logo a pronuncia-la de acordo com o genio da lingua do país — *cafétíria*, e assim ficou. Mas vejamos a antecamara dessa sala de leitura, que é curiosa.

Lá dei com cinco painéis cujo tema era o Governo da Republica. Representam o Governo, a Boa Administração, a Paz e a Prosperidade, a Legislação Corrupta e a Anarquia.

Gostei da originalidade quanto á penultima, tão frequente e nunca lembrada. Gostei mais que dos painéis do North Hall, cujos temas me pareceram um tanto surrados — Familia, Religião, Trabalho, embora já o não fossem os dois restantes, Recreação e Descanso. Depois, no Corredor Norte, esbarrei com as nove musas classicas revestidas da tralha inteira dos seus atributos.

— Para a cafetária agora, Mr. Slang? perguntei ainda com o painel do Descanso na retentiva e já farto de musas.

— Inda não. Temos o segundo andar.

VII

Descanso numa sibila de carne e osso.
Paineis, alegorias, simbolos. Peggy e
Beryl. *Ain't it sweet?* O ponto fraco
dum espirito forte. Verbo feito dum
pedaço de outro verbo. Lingua prote-
cionista.

Enguli um *uf!* de desanimo. Tudo que é excessivo,
por bom que seja, *nocet*. Cerebro é como estomago.
Tem capacidade limitada. Tanta estatua, tanta coluna,
tanto painel, tanto marmore, tanto heroi grego, tanta
musa, tanta sabedoria nas inscrições e nas palavras do
meu companheiro, acabaram por me provocar um abar-
rotamento cerebral desses que pedem aspirina e cama.
Ia reclamar aspirina e cama, quando algo equivalente
passou por mim sob forma dum girl de cabelos louros,
linda, da nervosa lindeza das americanas tipicas. Eu
cruzara-me naquele dia com centenas delas, sem que
lhes dêsse mais que um indiferente volver d'olhos. Por
que motivo estava agora aquela a impressionar-me?
Seria acaso musa fugida da aluvião de painéis? Inter-
roguei meu guia.

— Não ha nada de extraordinario nessa moça, res-
pondeu Mr. Slang. Valem-na todas as outras que já
passaram por nós hoje. Dá-se, porém, que seu cerebro

cansado está pedindo repouso — e uma das formas de repousar é mudar de cavalo. Notei isso no Brasil, uma vez que fui de Congonhas a uma cidadezinha seis leguas distante. Seis leguas é muito para um mau cavaleiro da minha marca. Entretanto, como tinha interesse em fazer o percurso num dia, consultei meu capataz no meio da viagem. "Estou moido, João e tenho ainda tres leguas pela frente. Que me aconselha?" "Trocá de cavalo", foi a sua resposta. Assim fiz, e cheguei a destino muito menos moido do que esperava.

Admirei a sabedoria do meu inglês e dei-lhe toda a razão. Aquela deliciosa girl prestara-me serviço identico ao do segundo cavalo de Mr. Slang. Como ela estivesse ali com os mesmos fins que eu, isto é, de visita ao Livro de Pedra, pude te-la ao alcance dos olhos durante todo o tempo em que Mr. Slang me mostrava as maravilhas do segundo andar. Ia ouvindo as suas explanações e fingindo acompanhar com os olhos as suas apontadelas de beiço e dedo, mas de fato sorrateiramente acompanhando a preciosa miss. Conseguí assim refazer-me do cansaço, sem recurso a nenhuma aspirina de farmacia. Quando, por fim, a perdi de vista, estava eu refeito, e apto, evidentemente, para devorar as tres leguas restantes.

— Ali, dizia Mr. Slang, temos as pinturas figurando as Virtudes, em estilo pompeano. A "Fortitude", veja, está vestida de armadura. A Justiça suporta um globo e segura uma espada. A Industria lida com uma roca. A Concordia derrama dumā cornucopia o simbolico da paz.

A minha aspirina loura estava nesse momento toda olhos para os Sentidos, simbolizados no plafond. Muito parecida com a Anita Page, uma das minhas namoradas da tela. O mesmo nariz, os mesmos olhos...

E passamos para o Corredor Leste, onde me foram mostradas as pinturas do teto — mulheres esvoaçantes, figurando departamentos da Literatura, e painéis de Mackay — as Tres Parcas tecendo, puxando e cortando o fio da Vida, além de retratos de Prescott e Audubon nas paredes. Pulamos o grande mosaico de Minerva como deusa da sabedoria e fomos ver as Virtudes do Corredor Sul. Lá estava o Patriotismo trazendo no braço a aguia americana, que ele alimenta com o que está dentro dum vaso de ouro; a Coragem, de capacete, espada e escudo; a Temperança, despejando agua, não ardente, num pichel; a Prudencia, com o seu espelho simbolico ao lado da cobra; as quatro estações e mais duas Sibilas.

A minha sibila tambem estava a admirar aquelas Virtudes. Dizer que o Acaso a fazia acompanhar-nos de sala em sala, seria abusar da licença poetica, como seria falso dizer que ela nos seguia. Terceira hipótese, sim, era a verdadeira: nós a seguímos, eu intencionalmente; o pobre Mr. Slang, por mim conduzido sem o perceber. Os olhos da Anita Page estavam postos nas sibilas quando uma conhecida lhe veiu ao encontro.

— Hello, Peggy!

— Beryl dear...

Entramos pelo Corredor Oeste, onde vimos as Ciencias de Shirlaw, e dele passamos á Galeria Sudoeste,

cheia de Artes e Ciencias pintadas por Cox e Ingen. E vimos alegorias á Aventura, á Descoberta e Colonização da America. No teto, mais Virtudes — Coragem, Valor, Firmeza, Realização, todas sob formas femininas. O que vi nos pavilhões e galerias sucessivas já não me lembro bem — os Quatro Elementos, Guerra e Paz, Musica, que sei eu!...

Afinal alcançamos o imenso salão central de leitura. Redondo, 100 pés de diametro, 125 de altura, pilares em feixe de colunas, janelas amplissimas. Tudo marmore — o marmore negro do Tennessee, o vermelho da Numidia, o amarelo de Siena. Os ornamentos do domo, imitantes a marfim velho, constavam de mulheres suportando cornucopias e figuras de adolescentes alados, com guirlandas e grinaldas, archotes e lampadas, cisnes e aguias, delfins e arabescos...

— Não sei como se possa ler numa sala destas, Mr. Slang. Dizem que a gente se acostuma e acaba esquecendo toda esta riqueza e grandeza para só ver o livro que pedimos. Mas eu não o juraria antes de fazer a experiencia.

— A prova do contrario tem você diante dos olhos. Não está vendo centenas de leitores absorvidos nos livros, totalmente alheios ao ambiente?

Só então notei que havia gente na sala, e muita gente, como é usual em todas as bibliotecas americanas. Liam. Estudavam. Era espantoso...

Circundando a rotunda, oito enormes estatuas simbolicas, ladeadas dos bustos de bronze dos frequentadores de biblioteca que ficaram famosas na historia huma-

na pelas suas realizações. A Religião e, lado a lado, Moisés e São Paulo. Comercio — e Colombo e Fulton. Historia — e Herodoto e Gibbon. Arte — e Miguel Angelo e Beethoven. Filosofia — e Platão e Bacon. Poesia — e Homero e Shakespeare. Lei — e Solon e Kant. Ciencia — e Newton e Henry. Estava eu a ouvir a preleção de Mr. Slang sobre Joseph Henry, o inventor do eletromagneto, quando as duas sibilas pararam bem á minha frente — e toda a minha atenção foi pouca para lhes pescar frases do dialogo.

— *I'm missing Bob...*

— *Ain't it sweet?*

Por que foi ela usar em presença de Mr. Slang de semelhante barbarismo? Meu inglês, até ali despercebido da presença das misses, deu por elas afinal ao toque daquele *ain't*. Fez a cara de pontada no coração que cada inglês não degenerado faz quando surzido por uma dessas liberdades que os americanos tomam com a lingua de Macaulay.

— *Ain't it sweet!* repetiu com expressão nevralgica. Estou com o dia estragado, meu caro. Vamo-nos á cafetaria tomar uma dose de Bromo Saltzer.

Custou arrancar-me dali. Tanta coisa ainda a ver, e as numerosas inscrições a ler, de Carlyle e Cicero e Bacon e Pope e Virgilio. E o dialogo das sibilas a ouvir... Era caturrice de Mr. Slang aquela ogerisa, e tanto me revoltou que mentalmente assumi o compromisso de nunca mais, enquanto estivesse na America, dizer *I am not* e sim *Ain't*, como as sibilas. Se são sibilas e donas da terra, e se em seus labios sôa tão bem o *Ain't*,

viva o *Ain't!* Ficasse a lingua entregue aos caturras e jamais evoluiria.

Fui para a cafetaria já sem vontade de tomar coisa nenhuma. Vontade tinha apenas duma coisa — de que me viesse oportunidade para, com a maior naturalidade do mundo, aplicar durante a conversa pelo menos uma duzia de *Ain'ts* na carne viva do meu inglês, como sinapismos.

— Ainda não pude suportar esta liberdade dos americanos para com a lingua inglesa, disse-me ele de caminho. Corrompem-na barbaramente.

— Corromper, Mr. Slang, não será um sinônimo colérico de evoluir?

— Talvez, mas não é coisa que meus nervos suportem. Já cacei tigres na India e leões no Uganda. Não mexem com os meus nervos. O *Ain't* mexe.

— Mas é esse o meio duma lingua desenvolver-se! Não fosse a audacia inconsciente dos ignorantes, e estariamos ainda hoje, aqui no Novo Mundo, a falar o inglês ciceronico do Dr. Johnson.

— E que lindo seria!...

— Lindo, não nego, mas insuficiente para as necessidades da expressão moderna. O caso daquele inglês que ouviu a pergunta: “*Can a canner can a can that can't be canned by a canner?*” é típico. A pergunta seria entendida por todos os americanos da America, mas o pobre Shakespeare ver-se-ia tonto para decifrar o enigma. As coisas novas que enchem hoje a America e com as quais nunca sonhou o Dr. Johnson, forçam a variação da lingua.

— Sei disso, mas desejaria que essas variações respeitassem normas estéticas.

— Culpa têm os ingleses que fizeram da sua língua uma língua livre cambista. A entrada de palavras na língua inglesa é franca. As palavras chegam de toda parte e estabelecem domicílio no inglês sem que a polícia glótica as marque com qualquer sinal indicativo de que são de fóra. Gosto disso, porque sou duma terra terrivelmente protecionista em matéria de língua. Palavra exótica que entra no Brasil tem de ficar anos e anos marcada com grifo, ou entalada entre aspas, antes que seja naturalizada. Até hoje, apesar de residir no país há longuissimos anos, a palavra *elite*, por exemplo, ainda aparece marcada — *elite* ou “elite”. Ja vai aparecendo despida dessa pecha aqui e ali; mas para que a elimine de todo, quantos anos de uso diário ela ainda necessita!...

— Talvez o mal de que nós ingleses nos ressentimos venha da rapidez com que a evolução da língua se opera aqui. Inda não nos pudemos conformar com a mania da América de fazer num ano o que sempre pediu vinte. Isso não dá tempo às células cerebrais de se adaptarem — e esquecerem. O mundo ri-se de termos na Inglaterra a palavra “avordupois”, que não passa duma frase francesa — “avoir du pois”, ter peso, pronunciada à inglesa. Também acho horrível. Mas peor é o verbo americano *To vamose...*

— *To vamose?* inquiri, de rugas na testa. Era novidade para mim tal verbo.

— Sim, prosseguiu Mr. Slang. Esse verbo é corriqueiro nas zonas fronteiriças com o Mexico e foi for-

mado duma pessoa do verbo Ir — vamos. Os americanos das fronteiras, que não conheciam o espanhol, observaram que cada vez que num magote de mexicanos entrados em território americano soava o grito de — *Vamos!* imediatamente todos davam redeas aos cavalos e lá se iam embora para o lado mexicano. Em vista disso associaram ao som “vamos” a ideia de “pôr-se dali para fóra”, e quando querem “tocar” alguém, usam do “vamos” já americanizado nesse estranho verbo *To vamose*, cuja significação não é a de um *convite para seguir junto*, mas duma intimação *para pôr-se ao fresco*. *To vamose*, pois, quer dizer *sair, puxar dali para fóra* — ou justamente o contrário do “vamos” espanhol...

— Realmente, é curioso, murmurei, desatento, com o olho na flecha que indicava a direção da cafetaria. A fome é um fato.

Sobre esta externa receptividade da língua inglesa para com palavras de todas as outras línguas Mr. Slang ainda falou por algum tempo, citando “*Valorization*”, palavra que figura no dicionário Webster com a definição de “*act or process of attempting to give an arbitrary market value or price to a commodity by governmental interference, as by maintaining a purchasing fund, making loans to producers to enable them to hold their products, etc.; — used chiefly of such action by Brazil*”.

— Definição perfeita, como vê, concluiu o meu sabio e sempre alerta cicerone. No entanto, duvido que haja em qualquer dicionário português ou brasileiro a consignação dessa palavra com o sentido criado no Brasil.

Na cafetaria esqueci o meu amuo e ingeri o café com sanduiche de amendoim, com a natural avidez de quem estava, havia horas, a alimentar-se de musas, sibilas e demais simbolos de saís esvoaçantes. O cansaço de quem visita museus — cansaço por excesso de impressões mentais sempre nos mesmos lóbos do cerebro. Devorei minha sanduiche com melancolico mastigar, saudoso das pequenas bibliotecas do interior do Brasil, onde o encontro dum volume que não seja Escrich, Ponson du Terrail ou Dumas nos traz sempre a sensação de pioneiro que descobre o Raio Verde. A riqueza americana cansa.

Estava no fim da minha sanduiche quando as duas sibilas entraram, ingeriram um cocktail de tomate e de novo se foram.

Meu rancor por Mr. Slang renasceu. Tinha de vingar-me. Esfreguei as mãos e, com naturalidade infinita, disse:

— *Ain't you going home now?*

Não obtive resposta. Mr. Slang limitou-se a erguer-se e sair, depois de ingerido o copo de bromo saltzer efervescente que pediu no balcão — dose dupla...

VIII

A caminho da velha Gotham. Visão do alto. Não mais o ilota agricola. O animal mais estupido que o perú. A maquina forçando o processo da adaptação humana. Os musicos postos á margem.

No dia seguinte voltei para New York de automovel, no La Salle de Mr. Slang. Como fosse meu primeiro contacto com as estradas americanas, abri-me em espantos.

— Incrivel, Mr. Slang! berrei. Tudo incrivel nesta terra absurda. Quando me lembro que foi em 1776 que este país deixou de ser colonia — seculo e meio apenas — e que hoje está assim, beirando 5.000.000 de quilometros de estradas de rodagem com as quais despendem um bilhão de dolares por ano... Cinco milhões de quilometros — 40 metros de estrada por habitante... Vinte e seis milhões de autos, um auto para cada cinco habitantes... A mobilidade que isto dá a esta gente, o tremendo aumento de eficiencia que traz ao americano, são coisas que me apavoram...

Estradas são o sistema de veias e arterias dum organismo. Te-las assim á moda americana é dar meios do sangue circular sem entraves de jeito a vivificar

todas as celulas do organismo. Cada americano é um globulo de sangue dentro da mais completa rede de veias circulatorias.

Aquela estrada de asfalto e concreto, perfeita, dizia, mais que todo um tratado de dialetica, que *sem estradas não ha país*. De Washington a New York, viagem de oito ou nove horas, tinhamos a impressão de caminhar por uma rua. Eramos, dum lado, uma fileira sem fim de carros a cruzarem-se com outra fileira sem fim em sentido oposto. Milhares e milhares, todos os dias, dia e noite. E lembrar a gente que pelo país inteiro é a mesma coisa — o globulo yankee, aos milhões, a circular sem folga na rêde imensa de arterias e veias!...

Certa vez, dum avião partido do Roosevelt Field, pude observar de grande altura o que é a America para os passaros. Confeti verde (o chandalote das arvores vistas pelo topo das copas, sempre redondas); quadrados ou retangulos com um liso de argila cosida dentro (telhado) e quintais ou jardins; e, serpeando por entre esses nucleos de celulas, uma anastomose infinita de serpentinas (estradas, onde pontos negros deslisam em fila dupla, uma que vai, outra que vem — os automoveis). Para as aguias a America é isso.

— Muitas vezes no Brasil ouvi da boca de seus patricios que Deus é brasileiro, disse Mr. Slang, como se estivesse adivinhando os meus pensamentos. Ao americano jamais ocorreu inventar coisa parecida; no entanto, a verdade me parece ser Deus escandalosamente americano — se não de nascimento, pelo menos naturalizado. Não existe territorio no mundo mais rico que este — e esta é a razão do surto prodigioso da America.

As mais extensas e ferteis planicies de cultura, tão bem ajeitadas para o trabalho mecanico que o serviço não mais necessita ser feito a unha humana ou casco de boi, como é classico em materia de agricultura. Tudo a maquina. Daí uma agricultura sempre em crise por excesso de produção. Trigo demais, algodão demais, batatas demais, frutas demais. A eterna crise agricola, entretanto, não evita que os lavradores mantenham o padrão de vida que você está vendo. Lá vai aquele freguês de charuto na boca, conduzindo o seu trator. Ganhará quanto? Cinco, seis dolares por dia. Não está contente, é claro. Como não o estará quando seu salario subir a dez ou vinte. É da natureza humana, e condição do progresso, a dessatisfação do presente, com ansia de mais para o futuro. Compare, porém, a vida desse homem com as dos seus irmãos nos outros países...

Passavam os pelos arredores de Washington, região onde uma intensa industria nas cidades não trouxe abandono dos campos. As lavouras são lá as mais belas do trecho de Washington a New York. Plantações de milho perfeitas, como as das estações experimentais. Cientificas. Pela simples inspeção visual percebe-se que já não subsiste nada que seja rotina. Tudo, desde a escolha da semente até á ceifa, está se fazendo de acordo com o que preceitua a experimentação científica.

— Onde o classico ilota agricola, continuou Mr. Slang depois de breve pausa, o homem dobrado nos cabos do arado, em tudo acorde á famosa pintura de

La Bruyère? (1) O trabalho bruto foi transferido para a maquina. Ao homem ficou dirigir a maquina. Aquele charuto, veja! As roupas que traz, as polainas... Como não haveriam de chocar ao bom La Bruyère, se ressuscitasse! E em casa, concluidas as suas oito horas de trabalho, juro como vai ouvir "songs" pelo radio.

— Não é preciso ir tão longe como essa França de La Bruyère, acrecentei suspirando com alma. Em todo o mundo, em todo o resto da America, no Brasil — que é o homem do campo? Já fui fazendeiro, sei. O "camarada" ocupa o ultimo degrau da escala social. Ainda no estagio do homem de pé-no-chão, a receber por ele todas as infecções parasitarias. Roupas de riscado toda remendos, chapeu de palha á indígena. Nada de cultura e nem sombra de esperança de poder da-la aos filhos. Morador de casebre de palha, sem mobilia, sem conforto, sem assoalho, sem teto. Um ilota que não tem nada além de dividas na venda — eternas dívidas, consequencia do eterno deficit a que o força o salario minimo que percebe. Salario irrisorio, de chinês, de indú...

Aquele patife lá, de charuto na boca e perneiras, com radio em casa e certamente um Ford no fundo do quintal, ganhará quanto? No minimo cinco dolares por

1. L'on voit certains animaux farouches, des mâles et des femelles, répandus par la campagne, noirs, livides et tout brûlés du soleil, attachés à la terre qu'ils fouillent et qu'ils remuent avec une opiniâtreté invincible: ils ont comme une voix articulée et quand ils se lèvent sur leurs pieds, ils montrent une face humaine, et en effet, ils sont des hommes. (La Bruyère — *De l'Homme*).

oito horas de trabalho. O nosso Jéca, por um trabalho muito mais penoso e de sol a sol, apanha, em media, 2.000 réis, que ao cambio de 10\$000 por dolar correspondem a 20 centavos — a vigesima quinta parte do jéca americano! E inda por cima insultam-no, acusam-no de não ter “poder aquisitivo”, de não comprar livros, de não ser socio da Liga da Defesa Nacional...

— Outro aspecto totalmente novo para quem chega da America do Sul, continuei eu, é este das habitações rurais. Em nada diferem das urbanas. Sempre o bangalô de agradavel aspecto exterior e todo comodidades modernas por dentro. O radio para a captação da voz do mundo e supressão do isolamento antigo, a maquina de lavar, a maquina de passar, a maquina de aspirar pó, a maquina de lustrar, a maquina de descascar laranjas, a maquina de matar mosquitos... E, fóra, a maquina de devorar milhas — esse Ford inconcebivel, cabrito de aço mais abundante nesta terra de Tio Sam do que besouros num país tropical.

— O grande orgulho do americano está nisto, neste alto padrão de vida ja~~mais~~ nunca alcançado em país nenhum e sempre julgado sonho inatingivel, comentou Mr. Slang, parando para acender no meu o seu cigarro. Que é coisa inedita, não me resta a menor duvida. Cri por que vi e estou vendo. E duvido que sem ver alguem o creia. A America é a terra do ver para crer.

— Por que é assim? perguntei.

— Tudo consequencia logica do aumento da eficiencia do homem graças ao uso progressivo da maquina. Segundo os calculos, está o americano com um

indice de eficiencia igual a 42, quando o do europeu é igual a 13 e o do homem natural é igual a 1. Cada americano produz tanto quanto 42 homens naturais, isto é, 42 homens desmaquinados, que só usam os musculos que Deus lhes deu.

— Acho isso excessivo, Mr. Slang. A crise geral que já se acentua e vai ser tremenda, provem deste uso crescente da maquina. Ouço toda gente prever isso.

— Logo, está errado. Toda-Gente é o unico animal de estupidez maior que a do perú. O fato de toda gente pensar assim vale-me por prova bastante do erro.

— Mas ha uma evidente crise de trabalho. Nega isso, Mr. Slang?

— Sempre houve uma crise de trabalho, mais ou menos aguda. Quando se agrava, torna-se sensivel — e todos gritam que ha crise. Quando mirora, todos proclamam que os tempos estão normais. Esse estado de crise permanente, ora mais, ora menos agudo, não passa dum logico efeito da lentidão da adaptação humana. O homem é lerdo e estupido.

— Explique-se. Não estou entendendo.

— Cada vez que aparece alguma nova maquina, ou nova invenção — e progredir é isso, inaquinar, inventar — criam-se condições novas de vida, que provocam deslocações de homens. Quando apareceu o automovel, milhares de cocheiros foram deslocados das suas boleias, milhares de tratadores de cavalos foram para o olho da rua. Crise? Deslocamento apenas. A maquina nova não veiu diminuir o trabalho, sim aumentá-lo, como os fatos o provam. Apenas criou trabalho novo. Surgiu a tarefa nova do chauffeur, e as dos reparadores

de carros, lavadores, vendedores de gasolina e todo esse mundo da industria automotora. E aqui temos o ponto. Os cocheiros e mais homens postos á margem pelo auto foram em numero tremendamente inferior ao dos homens chamados a desempenhar as tarefas novas que o automobilismo criou.

— É. Não deixa de ser assim, concordei. Mas...

— O surto do cinema falado por exemplo, prosseguiu Mr. Slang, mostrou o olho da rua para milhares de homens até então empregados na arte de produzir vibrações sonoras — os musicos. Estão eles hoje em crise, a berrar, a declamar, a insistir pela volta atrás — marcha a ré contra todas as leis da avançada humana. Esses velhos sopradores de canudos de metal amarelo, esfregadores de cordas de tripa, bochechadores de flautas, marteladores de teclados, só tinham uma coisa a fazer, se não fossem lerdos de mentalidade: — compreender os tempos e adaptarem-se ás novas condições. Já não ha mais lugar para eles nos cinemas, onde modulavam nos seus velhíssimos instrumentos musicas dolentes, enquanto os personagens mudos da tela fingiam falar.

O cinema, ainda a meio caminho da sua evolução, reproduzia os movimentos da boca de quem fala, mas não o som da fala. Por ser chocante para o publico que tanta gente na tela falasse sem que nenhum som fosse ouvido, houve necessidade de criar um corpo de milhares e milhares de “tapeadores” sonicos — homens que tiravam de cordas de tripa e canudos de latão sons combinados segundo certas regras, com os quais substituiam, para o ouvido dos espectadores, os sons articula-



MAKING MUSICAL MINCE MEAT!

BIFF, bang, crash! . . . The wheels turn . . . the cog mesh . . . Canned Music fills the air!

And you, the music-loving public, buy your theatre tickets and sit there waiting IN VAIN for the old familiar, thrilling coming-up of the orchestra . . . listening IN VAIN for Living Music which only living musicians can play.

The RESULT of canned music is inferior entertainment AT THE SAME COST to you.

Will you stand for it? Will you let the glorious Art of Music die in this country? Millions of others who love music are saying AND ACTING "No." Unite with them in the Music Defense League. Mail the coupon today.

AMERICAN FEDERATION OF MUSICIANS
1440 Broadway, New York, N. Y.

gentlemen, Without further obligation on my part, please enroll my name in the Music Defense League as one who is opposed to the substitution of Living Music from the Theatre.

Name _____

Address _____

City _____ State _____

dos que *deviam* sair das bocas dos personagens. O truque pegou. Como seria impossível ao ouvido humano ouvir ao mesmo tempo a musica e a fala dos personagens, os espectadores ouviam a musica e dispensavam-se de ouvir a fala inexistente.

Mas o cinema completou a sua viagem evolutiva. Aprendeu a falar. Chegou á reprodução da voz e, muito naturalmente, teve de dispensar o concurso dos "tapeadores". Em vez de se regosijarem com o grande passo que aquilo significava, os musicos arrepelaram as cabeleiras e deram de organizar-se para uma cruzada contra vibração de outra origem que não as das suas cordinhas de tripa. Tenho acompanhado a guerra contra a musica em lata, como eles chamam á coisa nova. É extremamente pitoresca essa campanha promovida pela American Music Association, mas serve apenas para divertir o público. Breve, os fundos dessa sociedade estarão esgotados e os musicos, afinal, no bom caminho — isto é, á procura de novas ocupações. Só isso têm eles a fazer — adaptarem-se. Resistir ás correntes do tempo vale por inepcia supina.

Não ha tal morte da musica, como eles proclamam. Ha mais musica, ha multiplicação da musica — musica para todos, mais barata — e melhor. Como para ser reproduzida no cinema falado tem ela de ser produzida pelo sistema antigo, o cuidado é extremo na sua escolha e na escolha dos executantes. Os bons musicos, os otimos executantes ficaram — e são mais bem pagos. O esfregador de cordas ou o vulgar assoprador de saxofone, esse acabou.

— Vejo, Mr. Slang, que o senhor é um terrível e incondicional amigo do progresso.

— Apenas vejo no progresso uma lei natural. Sou amigo dele porque sou amigo da lei da gravitação, da lei da evolução, de todas as leis da natureza. Deblaterar contra tais leis me parece das coisas mais ridículas que um homem possa fazer. Essa campanha dos musicos equivale a uma que fizessem á imprensa de Gutenberg os antigos copiadores de manuscritos, convencidos de que seria melhor para o mundo a conservação da classe dos copistas do que o desenvolvimento da arte grafica mecanica. Ou a dós antigos cocheiros de tilburis, caleças, vitorias, landaus e coupés contra o automovel, com alegação de que seria ridículo substituir o belo e generoso companheiro do homem, chamado cavalo, por "canned horses", "cavalos em lata", infames H. P. — cavalos-vapor.

Desse exercito de musicos sem trabalho os espertos cortaram a cabeleira e insinuaram-se pelos novos campos que a "musica em lata" abriu. Estão salvos. Os outros, esperançosos de que a humanidade depois dum passo á frente lhes atenda á grita e volte atrás, esses estão perdidos.

— Admito tudo isso, Mr. Slang, mas o senhor ha de admitir tambem que a rapidez da maquinização da America não dá tempo aos alijados de se adaptarem.

— Nesse caso, o remedio unico é os alijados precipitarem a marcha da adaptação. A America impõe rapidez de julgamento e trote largo. Quem fôr lerdo de cabeça ou de movimentos, que emigre, para não ser esmagado. Paises onde ninguem corre não faltam...

IX

Ideia ironica dum bispo inglês. O "L" perigoso. D. Pedro II e Filadelfia. Guiomar Novaes. Carlos Gomes. A ideia maravilhosa que o brasileiro faz de si proprio. Concreto, concreto, concreto...

— Essa questão está sendo muito debatida, continuou Mr. Slang. Um bispo inglês chegou a lançar a ideia dum periodo de ferias para a ciencia, cinco ou dez anos, por exemplo, durante os quais nada se inventasse, nem melhoramento nenhum fosse introduzido nas maquinas existentes. Muita gente chegou a discutir a sério esta proposta á Swift. Edison teria de ser amordaçado, ou multado, se aparecesse com um dos seus habituais "beneficios á humanidade". Porque a invenção é sempre isso — *mal momentaneo para uma classe, beneficio tremendo para a maioria*.

— Que fazer, então?

— Nada. A grande coisa é sempre esta: não fazer nada. Não interferir, não contrariar, deixar que o reajuste se opere por si mesmo. *Equilibrio — ruptura de equilibrio — reajuste*: assim marcha o mundo. Não ha um estalão supremo de verdade para verificar que forma de intervenção é a exata, de modo que não intervir dá sempre certo, porque não cria artificialmente um

erro novo ou a possibilidade dum erro. Veja no seu país que desastre está sendo a interferencia oficial no negocio do café. Houve um desequilibrio entre a produção e o consumo. Em vez de deixarem que o natural reajuste se fizesse, surgiu a intervenção do Convenio de Taubaté — semente da maior calamidade que vai desabar sobre o Brasil.

— Não creio, Mr. Slang. Os lucros têm sido tremendos. Ainda que de subito cessem com outra queda do café, o que foi ganho, ganho está.

— Engano, meu caro. Receio que todo o lucro obtido até aqui com a valorização do café seja vomitado em poucos meses — com reflexos politicos de tremendas consequencias na marcha normal da nação. O Convenio de Taubaté veiu para acudir a um excesso de produção de 4 ou 5 milhões de sacas. Qual a situação hoje, depois de anos de desenvolvimento dessa tragica ideia? O mesmo excesso, não porém de 4 ou 5 milhões, mas de 20 e tantos. Na realidade a interferencia o que fez foi multiplicar por 4 ou 5 o mal existente — além de desenvolver tremendamente a cultura do café nos países concorrentes. Isso deu origem á formação no Brasil do mais perigoso sistema de equilibrio economico dos países modernos, representado nos graficos por um monstruoso "L" que o mundo inteiro vê menos vocês, brasileiros.

— Um "L"? exclamei com cara d'asno.

Mr. Slang, que havia parado o carro para tomar gasolina, tirou da valise um livro de estatísticas comerciais onde se via um grafico das exportações do Brasil.

— Eis aqui o calamitoso “L”, disse ele. Seu país está a equilibrar-se sobre a perna magra deste “L”, representado na haste grande pela exportação do café e nos “cepinhos” de baixo pelas do cacau, couros, mate, sementes oleaginosas e mais quireras que o Brasil vende para o exterior. Ora, quanto mais comprida a perna, mais frágil. O fraquear dessa perna determinará a maior crise econômica do Brasil. Tudo por obra e graça do desenvolvimento natural do matapau plantado em Taubaté — planta facinorosa que com a maior inconsciência do mundo vocês vivem a adubar com quantos recursos de crédito possuem. Loucos! Loucos varridos...

— Filadelfia...

— Quer ver o Museu Comercial? Existe lá uma seção do seu país que talvez o interesse, sugeriu Mr. Slang.

Paramos na grande cidade para ver o que havia ali de Brasil. Artes de D. Pedro II. Tinha o grande monarca a mania de interessar-se pela sua terra — daí o banirem-no, como castigo. Naquele museu, um tanto antigo, vimos a embolorada seção brasileira, com tudo o quanto o Brasil podia apresentar ao estrangeiro naquela época. Es-

pantosol Eram as mesmas coisas que pode apresentar hoje... Minerais, fibras, tralha de indios, café (não valorizado), borracha, os nossos eternos produtos coloniais, eterna colonia produtora de materia prima que somos.

Pedro II lá esteve e até hoje os americanos guardam lembrança dessa sensacional visita — o primeiro e unico imperador que ainda pisou as plagas de Lincoln. Descobriu ele por essa ocasião o criador do telefone, Graham Bell — e o lançou... A America jamais se esqueceu disso.

— Fora Pedro II, mais tres coisas do Brasil conseguiram popularizar-se aqui, disse Mr. Slang. Primeiro, *O Guarani*, de Carlos Gomes com z, Gomez, que a tenho ouvido em numerosas ocasiões por toda sorte de orquestras. Essa musica de fato sabe ao paladar americano. Temos depois a castanha do Pará, "Brazil nuts", que se vende com este nome por toda parte. Por incrivel que pareça, vim conhecer a castanha do Pará aqui, não a tendo visto nunca no Brasil. Encontro-a com frequencia em companhia do amendoim, da amendoa, da noz, da avelã da castanha de cajú, do pistache e mais sementes que se vendem nessas casas especiais, tão pitorescas, com o nome de guerra de "Chock Full o' Nuts". O café não lembra o Brasil, apresentado que é sob marcas registradas — Maxwell, Eight O' clock, Mac Douglas, conforme o torrador.

— E Guiomar Novaes?

— E' a terceira. Os americanos não a esquecem. Guiomar Novaes fez realmente nome na America, ao lado

dos grandes pianistas europeus. Ainda quando ausente, é sempre relembrada pela critica — fato digno de nota nesta America de 200 quilometros por hora, sem tempo de dar atenção a quem está fora do movimento — ou muito longe.

— E' pouco isso, Mr. Slang, murmurei cheio de nostalgingo patriotismo. Descuramos das nossas coisas. Devíamos intensificar a propaganda do Brasil...

Meu inglês sorriu, levemente apiedado.

— Propaganda do que, meu caro? E' duro dizer isto, mas vocês ainda não têm nada a apresentar ao mundo.

— Como não? exclamei quasi ofendido nas minhas visceras patrióticas. Isso tambem é demais. Temos o direito de ser conhecidos, de fazer as nossas coisas conhecidas...

— Conhecer o quê? Que coisas? Reflita um minuto em vez de repetir frases ocas de toda gente.

Refleti um minuto e engasguei. Realmente — que coisas?

— A ideia que o brasileiro faz de si proprio é muito interessante, continuou Mr. Slang. Julga o seu país a maravilha das maravilhas mas com um unico defeito: não ser conhecido no estrangeiro. A ideia simplista que o brasileiro faz do mundo deve ser esta: grande arquibancada de circo de cavalinhos com John Bull, Tio Sam, Michel, Mariana, o Urso Eslavo e mais países sentados nas fileiras da frente, para “gosar” o unico que tem a honra de ocupar o centro do picadeiro. Ali o Brasil,

sozinho, unico, terra onde Deus nasceu, mostra as suas ufanias — o Amazonas, os oito milhões de quilometros quadrados, o Pão de Açucar, o Café, o Babaçu, Santos Dumont, o padre que inventou a maquina de escrever, varios descobridores do motu-continuo e da quadratura do circulo. Dessa atitude decorre o estribilho dos jornais ao darem noticia de qualquer coisa feia acontecida em tal paraíso: "Que não dirá o estrangeiro?"

— Basta, Mr. Slang, intervim ferido no meu amor proprio. Acho que está metendo a riso o meu querido país.

— Não, meu caro. Apenas estou dando o *nossa* ponto de vista. Que dirá o estrangeiro? perguntam vocês. Pois estou a responder como estrangeiro. O que o estrangeiro diz é isto que estou dizendo. Conta a coisa, não a comenta. Sorri. Os nossos seculos de civilização ensinaram-nos esse comentario util que diz tudo sem palavras — o sorriso. Sorrimos...

Filadelfia. Meu Deus! O que são estas cidades americanas... Formigueiros inconcebíveis, como os nossos formigueiros de saúva em dia de saída de içá. Gente, gente, gente; autos, autos, autos; mulher, mulher, mulher...

— Como ha mulheres em circulação na America, Mr. Slang! exclamei admirado. Só depois que aqui pisei é que vi mulher. No Brasil existem apenas amostras, tão raras são. Creio que a porcentagem feminina nas ruas de S. Paulo, por exemplo, orça por uma para dez passantes masculinos. Daí o voltarem-se estes cada vez que uma passa, como se defrontados por amostra

rara duma especie muito reclusa. Mas aqui vejo um perfeito "fifty-fifty". Para cada cincoenta homens, cincuenta mulheres. E que mulheres...

— Essa mesma proporção verá você nos escritorios, nos teatros, nas praias, nos restaurantes, em Coney Island ou nos campos de esportes. Só aqui as mulheres se igualaram aos homens em direitos, atividades e vida fora de casa. Logo teremos eleições. Procure observar. Verá pelo numero das que votam que a America é na realidade, politica e socialmente, conduzida a dois.

— Acha, então, Mr. Slang, que a igualdade dos sexos foi afinal alcançada?

— Mais tarde voltaremos a este assunto. Não só foi alcançada como excedida. Avançou tanto a mulher na reivindicação dos seus direitos, que passou á frente do homem. Hoje são estes que falam em reivindicações. Que é o "Alimony Club" de New York senão a forma atual dos antigos clubes feministas propugnadores da equiparação dos direitos da mulher aos dos homens? Cessou o feminismo. Temos o inverso agora. Temos o masculinismo — os homens em luta desesperada para que os seus direitos sejam igualados aos das mulheres...

Concreto, concreto, concreto; asfalto, asfalto, asfalto; fila intermina de autos que vão; fila intermina de autos que vêm; cottages, cottages, cottages; lindos trechos reflorestados; prados, campos, vilarejos...

X

Princeton. A riqueza das universidades americanas. Harvard, a nababa. Os 36.688 alunos da Universidade de Columbia. Como a riqueza se forma. O chicote dos invernos. Justificação da indolencia. O Ministerio do Carbono.

— Princeton!...

— Páre, Mr. Slang. Está tão lindo isto aqui que me sinto com impetos de furar um pneumatico do seu La Salle...

Que maravilha de ambiente o em que vi a universidade de Princeton! Deveras lamentei comigo mesmo não estar começando a existencia para vir estudar, formar o espirito ali em tal paraíso. Aqueles maravilhosos grupos de edificios, todos do mesmo estilo, recobertos de hera, tudo harmonizado de acordo com um plano... Que repouso!

— Quantos alunos, Mr. Slang?

— Poucos, relativamente. Dois mil, servidos por duzentos professores. Esta universidade é das menores, embora bastante cotada e rica — e linda, como está vendo. Eu, entretanto, prefiro a de Cornell, externamente. Pura maravilha, Cornell...

Saltei do auto para uma demorada contemplação do paraíso universitário. Tudo imenso, tratado qual um jardim. Dir-se-ia que os anõesinhos do Reno vinham à noite tosar aquelas gramas e desempoeirar uma por uma as folhas das árvores.

— Quantas universidades tem a América, Mr. Slang?

— Cinquenta e seis, todas magnificamente dotadas.

Esta de Princeton, por exemplo, apesar da sua matrícula de 2.000 alunos apenas, gosa-se dum a dotação de 25.000.000 de dólares.

— Vinte e cinco milhões! Duzentos e cinquenta mil contos ao cambio de 10 mil réis o dólar! Já é...

— Não é, não. O seu "já é" cabe melhor à de Harvard, que para um corpo de 8.000 alunos dispõe dum a dotação de 108 milhões.

— Cento e oito? Um milhão e oitenta mil contos?... exclamei revoltado.

— Sim, meu caro. E quantas outras ainda mais abundantemente dotadas que a de Princeton? A de Chicago, com 60 milhões; a de Columbia com 77; a Stanford com 30; a do Texas com 27; a de Yale com 83...

— É desconcertante, Mr. Slang. Cinquenta e seis universidades assim ricas, fora os "colleges". Quantos "colleges"?

— Quase 700, alguns formidavelmente dotados, como o Instituto Tecnológico de Massachusetts, que dispõe da dotação de 32 milhões de dólares.

— E alunos? Na Columbia, certa vez em que lá estive de visita, a matrícula estava em 36.688. Guardei

esse numero, tão esmagador o achei. Professores, tambem me lembro: 1.627...

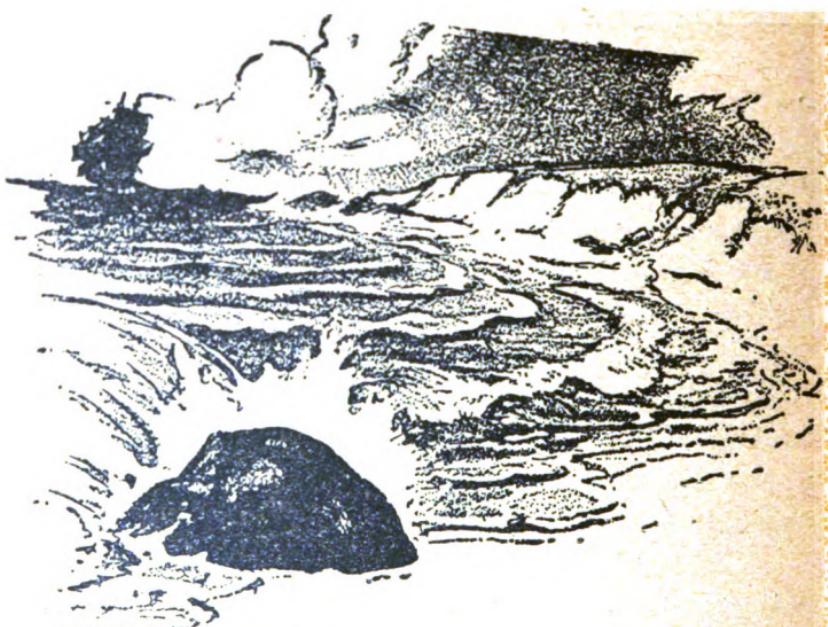
— É a mais frequentada, embora outras apresentem numeros bem fortes. A de Boston passa de 13.000 alunos. A da California, onde foi professor aquele John Casper Branner que tanto estudou a geologia do Brasil, chega a 19.000. A de Minnesota tem 12.000. A de Detroit, onde William Smith prepara a revolução siderurgica de amanhã, 15.000. A de Michigan, 10.000. A de Chicago, 12.000. A de New York, 25.000. Além dessa e da Columbia, a tentacular New York possue ainda a Universidade de Fordham, frequentada por 9.000 alunos.

O que a America está fazendo em materia educativa excede o poder de previsão do cerebro humano. Meu problema é este: se a America em seculo e meio de vida independente fez o que estamos vendo, que fará num seculo ou dois mais, a partir deste estagio de aparelhamento cultural de que se dotou? Inutil perder tempo com a questão. Nossos tataranetos, só eles poderão responder.

— Dinheiro, dinheiro, dinheiro, Mr. Slang. Dolares! Não houvesse na America os dolares que ha, e eu queria ver...

— Os dolares não existiam empilhados á flor da terra. Foram criados. Foram ganhos. A riquesa nacional americana, hoje orçada em 400 bilhões de dolares, partiu dum zero inicial. Quando o "Mayflower" aportou ás costas de New England e aqueles auto-exilados erigiram o primeiro casebre, a base desses 400 bi-

lhões foi lançada. Quanto valeria esse primeiro casebre em dinheiro inglês da época? Uma libra, se tanto. Tudo veio daí. A partir daquele momento o americano jamais deixou de acumular trabalho. Riqueza é trabalho acumulado. Em vez da aguia eu poria como símbolo da América a formiga. A aguia depreda. A formiga enceleira.



O rochedo de Plymouth onde desembarcaram os peregrinos

Aquelas palavras fizeram-me voltar o pensamento para um país de igual território e idade, situado a milhares de milhas dali, onde a riqueza não se acumula.

— Não entendo, Mr. Slang, disse eu por fim. Também lá no Brasil não fazemos outra coisa senão tra-

balhar, desde que Pedro Alvares pôs pé em terra — e, no entanto, não enriquecemos. A riqueza nacional do Brasil é de apenas 40 milhões de contos. Por que?

— A soma de trabalho feito no Brasil é minima comparada com a do feito aqui. Falta a vocês o grande estimulante do trabalho, que é o inverno. O homem só produz o bom trabalho que dá para a subsistencia e sobra para ir-se acumulando em riqueza, quando o inverno está atrás dele de chicote em punho. É o frio o supremo criador. Dele saiu a economia, a previdencia, a cooperação. O meio de sobreviver é um só: acumular nas estações amenas para não perecer na estação morta. A gente das terras quentes, não se vendo sujeita a essa chibata, jamais aprende a acumular — além de que possuem um trabalho de muito fraco rendimento. O melhor das energias é gasto na luta contra o calor depressivo, pois que a boa arma nesse combate se chama “inação”.

— Será assim, Mr. Slang? Quer dizer que justifica a indolencia?

— Justifico. Simples arma. Meio de sobreviver nos tropicos. Trabalhar muscularmente num dia calmoso equivale a somar ao calor ambiente, já excessivo, o calor da combustão animal acelerada. Dessa soma sai... incendio. Daí a defesa. Para evitar o incendio, surge a mampárra, a preguiça, o fugir com o corpo, o corpo mole, o fumar á custa do patrão e todas as mais formas pitorescas de escapar ao esforço que mata.

Sob a ação do frio, dá-se justamente o inverso. Ou o homem movimenta os musculos ou entangue. Torna-

se o trabalho um sadio prazer, habito, remedio. Em consequencia, mais saude, mais produçao, melhor produçao — riqueza, no fim. E não é só. Cumpre considerar o efeito da neve no solo, detendo o surto da vegetação e da vida animal inferior, reposando a terra com o primeiro e sofreando o impeto das pragas com o segundo.

— Mas temos tambem frio no sul do Brasil.

— Algum frio, não o frio em grau de chicote. Mesmo assim veja como o sul se desenvolve e enriquece mais depressa do que as zonas chegadas ao Equador. Veja como o homem do norte, que nada pôde fazer na sua terra estorricante, prospera no sul, quando emigra.

Pus-me a refletir, achando que, se não a tinha toda, tinha bastante razão o meu amigo.

— Mas será só o frio a causa do progresso americano?

Fiz essa pergunta e logo me arrependi. Aos meus proprios ouvidos soara asnatica.

— Não ha nunca uma causa unica para qualquer fenomeno, respondeu Mr. Slang, e sim feixes de causas concorrentes. Numerosas convergiram aqui para criar esta America que está abrindo a sua boca — e não deixa de fazer o mesmo ao resto do mundo. Terras maravilhosas para a agricultura, planicies sem fim para o trigo e demais grãos, onde a maquina faz em escala tremenda o que outrora, ou ainda hoje nos paises atrasados, faz em escala reduzida o musculo humano associado ao do boi. Todos os dons da natureza em proporções es-

tonteantes. Hulha a dar com pau, e otima. Petroleo em verdadeiro mar subterraneo. Minorio de ferro aos bilhões de toneladas. Tudo... E sobre o imenso territorio assim rico de reservas minerais, o homem sadio dos paises invernosos, diligente, ativo, herdeiro da longa experientia do que é o chicote do Inverno que já cantou no lombo da longa serie dos seus avós. Homem de raças apuradas pela neve; terra aravel; oxido de ferro e carbono em profusão; com elementos basicos desta ordem, não admira que o americano fizesse o que fez.

— Não estou entendendo bem...

— Medite e entenderá. Do oxido de ferro o saudavel homem daqui tira o aço. Com o aço cria a maquina, isto é, a astuciosa maneira de multiplicar tremendamente a força do musculo, ou substitui-lo no trabalho. Depois, por meio da hulha e do petroleo — formas de carbono — produz a combustão que desenvolve a energia mecanica com a qual move a maquina. Deste modo domina a natureza, mobiliza-lhe as reservas ocultas no seio da terra e transforma-as em utilidades — em riqueza.

— Sim, estou compreendendo...

— O problema dos grandes paises modernos não passa dum problema de carbono, tudo porque a maxima invenção humana foi o fogo e não ha fogo sem carbono.

— Espere, Mr. Slang... As vagas reminiscencias que tenho de minha quimica escolar cochicham-me que o fogo, ou a combustão, diz mais respeito ao oxigenio do que a qualquer outro elemento.

— Sim, quimicamente combustão é a oxidação de uma substancia com produção de calor. Mas o elemento oxidante, o oxigenio, é o rei do universo, a substancia que abunda em maiores quantidades. Está no ar. Todos os povos o têm em quantidades iguais. Já o mesmo não se dá com o carbono, que é o paciente da combustão. Por isso digo eu que o problema é ter carbono, ou produzir carbono.

— Produzir como?

— Plantando. As arvores fixam o carbono e, carbonizadas, darão a você carbono puro. Mas o ideal é encontrar-lo no seio da terra sob a forma fossil de hulha ou, melhor ainda, de hidrocarburetos, ou petroleos. O fato da America possuir carbono fossil sob estas duas formas em tremendas quantidades deu-lhe a supremacia economica de que goza. O Brasil, por exemplo, está ainda nos cueiros porque nunca os seus estadistas e capitães da industria meditaram no assunto carbono. Eu, se fosse ditador na sua terra, suprimia varios ministerios inuteis e criava o que está faltando — o Ministerio do Carbono...

Cidades do interior do Brasil. A gloriosa platibanda. Nada de muros, ou taipas, ou cercas. Tarrytown num dia do "Indian Summer". Um inesperado "Por que?"

Quis fazer graça, sugerindo varios negros retintos como o professor Hemeterio que dariam excelentes ministros do Carbono, mas não me animei. Mr. Slang estava a falar com a maior gravidade.

Já iamos a caminho novamente, com Princeton bem para trás. A paisagem, sempre a mesma — cuidada, penteada, civilizada. Atravessavamos de quinze em quinze minutos deliciosos "villages", cidadesinhas bem características do interior americano. Mas que diferença! A expressão "cidades do interior" no Brasil sugere sempre a mesma visão dum grupo de ruas que glorificam em placas de esmalte azul heróis nacionais, estaduais e locais — rua General Osorio, praça Altino Arantes, largo Coronel Tonico Lista, quando não rua da Palha, do Fogo ou do Meio. As casas não variam de norte a sul — casas que reproduzem com fidelidade comovedora o tabú arquitetonico que os portugueses plantaram na colonia inicial. Parede caiada de branco, em geral com barra de côn; porta-da-rua; janelas lado a lado. Nas

mais antigas, o beiral; e se a zona evoluia um bocadinho, a platibanda. Platibanda, em vez de beiral, era o luxo supremo. Assim que um sitiante de café ou açucar entrava no goso da primeira safra de vulto, chamava o pedreiro local para a remodelação da sua casa da cidade.

— Tire-me esse beiral do tempo do onça e ponha-me uma platibanda como a do major Fagundes. Tudo bem moderno e baratinho, veja lá, hein?

Remodelar não significava melhorar a casa, suprimir as alcovas sem luz nem ar, fazer uma cosinha decente, arrumar o banheiro. Significava *platibandar* a casa para que o major Fagundes perdesse a basofia de só ele ter casa moderna. O prestígio do dono crescia pontos e pontos na consideração publica... e a loja da esquina vendia mais um guarda chuva. O novo platibandado não podia mais sair de casa nos dias borrasquentos confiado na proteção do beiral extinto...

Todas as nossas cidades do interior eram assim, antes da revolução que o bangalô vai operando. Parece que havia artigo na Constituição proibindo-lhes o variar de forma. Nada de jardins na frente. Para flores e couves, o quintal, bem fechado de muros de taipa, taipa bem defendida dos moleques por meio de cacos de vidro. Fechada pela frente com a muralha da "parede da rua", fecha-se também com muralhas de outro tipo aos fundos. A preocupação de defesa...

— Mas aqui, Mr. Slang? Como explica o fato de serem todas as casas do interior separadas umas das outras por estes gramados sem nenhuma cerca ou muro de permeio? Os terrenos ou quintais se confundem.

O gramado desta casa, por exemplo, não mostra nenhuma separação do da casa vizinha. Confundem-se. Será que chegaram a tal ponto de respeito pela propriedade alheia que o perigo de invasão se torna despresível?

— Talvez. Ha leis aqui, e leis que, além de severas, se cumprem. Isso desde o começo, desde os tempos coloniais. O povo adquiriu o habito de respeitar a propriedade alheia. A taipa, o muro, a cerca e a grande desapareceram por inuteis, ou nunca existiram por nunca se mostrarem necessarios. A taipa aqui é moral.

Sim, devia ser isso mesmo, refleti comigo. A ausência de muros defensivos dá realmente um aspecto encantador ao "interior" americano. As casas — sempre bangalôs ou cottages do mais variado aspecto, sem dois iguais na mesma rua, embora dentro dum estilo comum, misto da velha moradia inglesa e das inovações americanas — erguem-se em meio de arvores e moitas e jardins e gramados mantidos com o apuro dos jardins publicos. Parece que tosam a grama e limpam as arvores todas as manhãs.

Da primeira vez que percorri a pé uma dessas cidades, Tarrytown, confesso que me extasiei na convicção de estar dentro da mais linda cidade da America. Eu fôra visitar aquele adoravel recanto movido de uma sugestão literaria. Andava a ler Washington Irving, o incomparavel, e justamente em Tarrytown localizara ele a sua famosa "Legend of the Sleepy Hollow". Cidade toda ela romance, ergue-se á margem do Hudson, em cujas aguas, durante a Revolução, os americanos bombardeavam.

ram o vaso de guerra inglês *Vulture*, enquanto em terra capturavam um major André.

Nada se perde na America. Seja produto da terra, seja do homem, cuidam logo de o afeiçoar em riqueza. Esses dois pequeninos incidentes historicos, mais o fato de haver Irving escolhido Tarrytown para cenário de sua novela, e ainda a existencia até hoje do Sleepy Hollow Manor — a velha casa construída pelos colonizadores holandeses em terras compradas aos indios — foram os ingredientes que os habitantes de Tarrytown manipularam para seduzir os visitantes.

Lá estive — lembrar-me-ei eternamente — num lindo dia do “Indian Summer”, que é como dizem do veranico que ocorre em fins de cada outono — a quinta estação, ou estação das fadas. Que maravilha! O que fôra verde estava vertido para a gama inteira dos amarelos e vermelhos. O chão, tapetado de amarelo-canário sob certas arvores já quasi em varas, e de vermelho-coralino sob outras. “Tapetado” aqui não é licença poetica; sim, precisão matematica. Metade das folhas coloriam as arvores, a outra metade forrava o chão.

Aquela orgia de amarelos e vermelhos chocou profundamente meu cerebro afeito a só ligar ao mundo vegetal a cõr verde. Tive a sensação de cenário de teatro, de invenção humana, de mentira linda.

— Que maravilha! exclamei comigo mesmo, realmente maravilhado com as tonalidades para mim ineditas do “Indian Summer”.

Alguem riu-se perto. Voltei-me. Minha exclamação de bugre tropical fôra ouvida por uma esguia miss que passava.

— Por que? indagou ela com um estranho momo de curiosidade nos olhos azues.

Na bebedeira de beleza em que me achava, respondi como se estivesse falando a um companheiro de excursão e de extase que possuisse alma de Ruskin, mas que por qualquer circunstancia conservasse os olhos fechados, não podendo portanto ver o que eu via.

— Por que? Porque tenho os olhos abertos e estou vendo. Abra tambem os seus e compreenderá. Veja aquele grupo de arvores naquela mansão da esquina. Haverá nada mais estonteantemente belo, em tarde bela assim? Não está lindo, lindo?

A miss sorriu.

— Mas sempre foi assim!... Não está lindo. *E* lindo. Disse e foi-se, com um gracioso “good-bye”.

— Não está, é!... repeti comigo, procurando penetrar o sentido da resposta. Só mais tarde o percebi plenamente. Aquele grupo de arvores varia tanto de aspectos, que é sempre uma expressão de beleza. Estava naquele momento vestido como ipês de ouro e rubis. Depois, com a entrada do inverno, se despiria de todas as folhas para apresentar uma nova forma de beleza, profundamente melancolica, na nudez da galharia sepias. Depois se recobriria de neve — e branquinha até nos minimos ramusculos teria uma beleza de sonho. Depois rebentaria em folhas novas — e teria a beleza da esmeralda que nasce. Depois, o verão truculento transformaria as esmeraldas tenras em verdes apopleticos — e teríamos o unico tom de beleza a que estamos afeitos nos países de “verão eterno”. Tinha razão a miss. Não estava. Era...

Contei a Mr. Slang a passagem.

— Estações tropicais vocês têm duas apenas, disse ele, a das aguas e a da seca. Na das aguas, tudo violentamente verde. Na da seca, violentamente verde tudo. Creia, meu amigo, cada vez que venho duma estada longa em país tropical, trago a alma envenenada pelo verdete das arvores — venho bebado, literalmente intoxicado e exhausto. Daí a minha teoria de que apenas encontram encantos num país tropical o bugre e o negro d'Africa. Só com milenios de adaptação ao verdete eterno pode uma criatura imunizar-se contra o veneno. Quero a natureza como aqui — sempre insatisfeita, sempre mudando...

Puxei o relogio. Tres horas. New York não estava longe.

XII

Dois negros de mentira que empolgam a America. Amos and Andy. Estradas onde se paga multa por escassez de velocidade. Bandidos. Destruir para criar. Lampeão lembrado a 5.000 milhas de distancia. O crime é negocio.

— Temos que correr, observou Mr. Slang dando mais quilometros aos pneumaticos. Não quero falhar ao Amos and Andy hoje. Amos ficou ontem de ir á estação esperar sua namorada Ruby Taylor, que chega finalmente de Chicago. Está acompanhando?

— Quem não o está, Mr. Slang? É incrivel como esse dialogo de dois pobres negros empolga assim esta imensa America...

Conversamos algum tempo sobre as aventuras desses dois herois de ebano e não sei por que cargas d'agua deles passamos para Filadelfia, cuja situação financeira Mr. Slang comentou. Oitenta milhões de dolares é a quanto monta a sua receita municipal. Espantei-me.

— E é a quarta do país, explicou o meu amigo, sempre afiado em materia de numeros. Acima dela temos Detroit, com 142 milhões; Chicago, com 204 e finalmente a monstruosa New York, com 530 milhões.

— Quinhentos e trinta milhões de dólares!... Isto, afinal de contas, é um disparate, é um desaforo, é um abuso, é uma ofensa á pobreza do restô do mundo. E dizem que tem mais de sete milhões de habitantes! Chega até a ser ridículo...

— Sete, enquanto a municipalidade não conclue os trabalhos da nova delimitação urbana. Terá então onze milhões.

O auto corria a 100 por hora, tendo Mr. Slang tomado por uma "speedway" — verdadeira raia de corridas, onde todos os automoveis voavam; mais que voavam, chispavam. O valente La Salle do meu amigo inglês fez-me lembrar a bala de Julio Verne a caminho da lua.

— Absurdo, murmurei de mim para mim enquanto chispavamos.

— Que é absurdo? indagou Mr. Slang sem desviar os olhos da estrada sem fim.

— Tudo. Tudo nesta terra é absurdo, desconcertante, excessivo. Estou mentalmente reduzindo a réis os orçamentos destas cidades. Dá disparates.

— Não meça as coisas americanas com as medidas da sua terra. As velhas medidas europeias, que são as mesmas da America do Sul, não medem mais a America do Norte. Ela não só criou coisas novas, como tambem criou medidas novas. O "million" é uma dessas medidas. Repare nos titulos e subtitulos dos jornais. Quando eles se referem, por exemplo, a uma viuva que se casou com um boxeur aposentado, dizem no titulo —

"two millions widow remarries three millions fist man". (1)

— Milhão! murmurei com os olhos distantes. Vim usar desta palavra aqui. No Brasil só a vemos aplicada á quilometragem quadrada do territorio — aqueles oito milhões e meio que constituem o nosso orgulho.

— E á moeda tambem, sugeriu Mr. Slang. A palavra "conto" significa milhão. Por falar, não acha curioso que seja o seu país o unico no mundo onde a unidade monetaria não pode existir concretamente? Essa unidade, o *real*, é irreal, imponderavel, inconsustanciavel, inamoedavel. Não deixa de ser algo sui generis.

— Medidas, medidas... exclamei ainda tonto e sempre de olhos distantes. Medidas americanas. Natural. Terra inedita, civilização inedita, vida inedita no mundo, absurdo inedito. Tinha que ter medidas ineditas.

— Uma delas é a palavra "sky-scraper", emendou Mr. Slang. A velha palavra casa, por exemplo, é insuficiente para medir a coisa nova que é o arranha-ceu

— Sim, acrescentei. E a palavra "bandido", relembrativa dos bandidos classicos da historia desde Luigi Vampa até Lampeão, não mede um Legs Diamond, um Al Capone, um pistoleiro qualquer de Chicago. Haveremos que dizer "gangster".

— Verdade, concordou Mr. Slang acendendo um cigarro. Vem daí a enorme quantidade de palavras

1. Viuva de dois milhões casa-se com um boxeur de tres milhões.

novas que entraram neste inglês da America para designar o homem que toma a coisa alheia. Temos, no inglês-ingles, muitos vocabulos correspondentes ao bandido classico, chefe de bando — "bandit", "brigand", "burglar", "highway man", "miquelet", "pillager", "thug" e mais setenta e tantas variantes de especialistas. Tirar o alheio á força ou por manhas constitue a mais velha arte dos homens, e parecia exausta, perfeita, já insuscetivel de modalidades ou aperfeiçoamentos, quando a riqueza excessiva da America veiu dar vida nova a essa arte. Estamos hoje em pleno periodo da Renascença do Crime. Os Miguelangelos, os Leonardos da Vinci do crime, os Benevenutos Cellini vão surgindo aqui comitantemente com a eclosão plotorica da arte tipicamente americana que os vai glorificar: — o cinema.

— Glorificar é muito, Mr. Slang! exclamei escandalizado. Diga perpetuar.

— Termos que se equivalem. Gloria, afinal de contas, é ficar na memoria dos homens, seja como santo, seja como aquele inteligente Erostrato que incendiou o templo de Diana em Efeso...

— Inteligente, acha?

— Issimo. Ou espertissimo, pelo menos. Celebrizou-se. Está sendo citado neste ano de 1929, nesta America nem por sombras sonhada naquele tempo.

— Mas destruiu uma das sete maravilhas do mundo, aleguei indignado.

— Todas as seis restantes estão hoje igualmente destruidas pelo tempo. Erostrato destruiu para criar — criar a sua imortalidade. Habil.

Fiquei a refletir uns instantes naquelas ideias, que muito me desnortearam. Depois me abri em perigosa confissão.

— Tenho certo pejo de o confessar, Mr. Shang, mas o que mais sinceramente admiro na America é justamente o crime renovado e alçado a proporções leonardodavincescas. O crime arranha-ceu!

— Não é original nisso. O povo comum, que é o mesmo em toda parte e sempre instintivo, também admira inconscientemente essa classe de herois. Daí a intensa curiosidade pela vida e feitos desses homens fora da lei. Os jornais dão-lhes o melhor das suas páginas. Teatros e cinemas ganham rios de dinheiro estilizando engenhosamente o gangster. É sempre assim. Em Portugal o povo sabe mais dum João Brandão ou dum José do Telhado do que do velho Camões. No Brasil não ha quem desconheça Antonio Silvino ou Lampião. Já Rui Barbosa ou o Visconde de Mauá constituem nomes que só à elite conhece.

— Por que, Mr. Slang?

— Porque só as virtudes troglodíticas interessam realmente ao homem comum, tão perto está ainda ele do troglodita. Daí a furia do americano pelo esporte — essas guerras nos campos de futebol cuja violencia põe a perder de vista tudo quanto a humanidade ainda viu em matéria de impeto; e as lutas de boxe, ferocíssimas até para os tigres. O interesse é tamanho que mata. Na luta entre Dempsey e Tunney morreram de emoção treze individuos que pelo radio seguiam as peripécias do encontro...

— É isso mesmo! concordei, pensativamente, de olho arregalado. O homem realmente só vibra quando vibram dentro dele os milenios de peludos avós do tempo das cavernas, dos ursos speleus, do tigre de dente de sabre. A coragem louca, a audacia sem limites, "o vai ou racha", a Força, em suma...

— E esta America é o paraíso da Força — desde a moral, dum Lincoln, até a troglodítica, dum gangster de Chicago.

— Culpa têm a literatura, o cinema, os jornais, observei eu. Sem o pensar, endeusam os monstros. O simples apresenta-los, ainda que com o clássico desfecho da vitória da lei no fim, imposto pela moral, corresponde a endeuza-los. Daí a onda de crime que rola sobre o país. Não acha que é assim, Mr. Slang?

— Engano. Literatura, jornais e cinemas não passam de espelhos. Refletem. Satisfazem uma solicitação do povo. Qual foi a última novela que você leu?

— *"Broadway"*.

— E a última fita que viu?

— *"Broadway"*.

— E a última peça teatral?

— *"Broadway"*.

— Aí está. A atração do alto crime americano é tamanha que um bugre do Brasil aqui importado não se contenta apenas de travar relações com o Steve da novela de Dunning e Abbot. Vai ainda ve-lo na tela e vai depois reve-lo no teatro... Isso explica a Renascença do Crime. Um criminoso sentenciado deu há dias uma entrevista a certo jornal, tremendamente ilustrativa. *"Crime doesn't pay"* proclama neste país a mo-

ral por mil vozes, e de tanto o proclamar fica a gente convencida de que realmente o crime não é negocio. Essa ideia constitue um truismo na America, um dogma. Mas sabe o que nessa entrevista declarou o enjaulado gangster? Declarou que a razão da onda de crime reside apenas em que é justamente o inverso do dogma que se dá. "Crime pays", disse ele. O crime vale a pena.

Quer-me parecer que esse gangster, não os moralistas, tem razão. O crime é realmente um grande negocio na America. Rende, diz um estudo que li, dois bilhões por ano. Isso em dinheiro. E quanto rende ainda em admiração popular, em "gloria"? A causa da alta criminalidade da America reside no alto acumulo da riqueza.

— Deve ser isso, concordei. Já residi numa pequena cidade do interior de S. Paulo onde se passavam anos e anos sem que um furto fosse cometido. Era tão pobre o lugarejo que não havia o que furtar. Lá sim, *crime doesn't pay*.

Estamos já em Newark, suburbio de New York. Paramos para comprar a ultima edição do "Evening Graphic". Abri-o, logo que o auto se pôs de novo em marcha.

— Qual o crime do dia? indagou Mr. Slang, sem desviar a atenção da rua atravancada.

— Oh, um estupendo! respondi correndo os olhos pelo jornal. Tres gangsters atacaram com metralhadora, em plena Brooklyn, um carro blindado de transportar dinheiro. Do Phenix Bank. Deixe-me ver... Fuzilaria... O condutor e dois soldados que o guardavam de mãos nos revolveres não tiveram tempo de rea-

gir... Foram *"riddled with bullets"*... Lindo, este *"riddled with bullets"*! — picotados a bala...

— E escaparam os bandidos?

— Certamente. Escaparam em dois autos com 200.000 dolares de lucro, uma linda bolada!... Se tiverem juizo, aposentam-se e podem até morrer-em cheiro de santidade. Facilimo ser virtuoso e honesto com um liquido de 200.000 dolares no bolso. O crime é negocio, não resta duvida.

Chegamos. Mergulho por baixo do rio Hudson, através dessa maravilha que é o Holland Tunnel. Avenida da Morte. Riverside Drive, rua 72 numero tal — "Greylogh Court." Era ali o apartamento de Mr. Slang.

Predio residencial classico. Elevador com o classico "negro boy". Superintendente com a classica cara de bebado. No apartamento, tudo classico. O "lamp shade" atrás das poltronas estofadas; a lareira. Aquela classica lareira deteve-me a atenção.

— Por que, Mr. Slang, todos os apartamentos conservam este inutil trambolho da lareira, se todos têm serviço de aquecimento comum por conta do proprietario?

— Força da tradição, respondeu ele enquanto abria umas cartas chegadas na sua ausencia. (Anuncio da nova edição da Enciclopedia Britanica. Uma oferta de terrenos em Scarsdale). O homem é bicho de tal modo apegado ás formas passadas, que até aqui, nesta terra do corre-corre, do muda-muda, quando algo muda na essencia ha a preocupação de conservar a forma antiga para *dar tempo* a que o cerebro se adapte. A lareira

vem das eras colonias, quando o meio de resistir ao frio no inverno era acender fogo dentro de casa. O progresso trouxe a caldeira por meio da qual a agua aquecida no porão irradia-se em vapor encanado pelos aposentos. Ficou assim automaticamente resolvido o problema de combate ao frio, mas não ha ainda coragem de suprimir a lareira inutil, hoje meramente decorativa. Veja! Está ali ela com achas de lenha dentro, armadas ao jeito classico da lenha que espera o fosforo. Em baixo da lenha ha brasas que se acendem instantaneamente se aperto este botão eletrico.

E assim dizendo Mr. Slang premiu o botão. As brasas se acenderam — brasas de mentira, puro efeito luminoso, mas de tal modo iludidoras que causariam inveja a brasas de verdade.

— A lenha, continuou o meu amigo, tambem é de mentira. Lenha de cimento armado, a imitar galhos toscos. Ilusão apenas. Mas ha de crer que me sinto melhor nos dias de inverno, sobretudo de noite, quando tenho essas brasas acesas? A sensação que durante seculos e seculos nossos avós tiveram diante do fogo de lenha traçou um vinco muito forte em nosso cerebro. Persiste ainda. Se a novidade que era o aquecimento a vapor venceu e hoje domina o país inteiro é porque foi bastante habil para transigir com a velha lareira, conservando-a, inutil, ao seu lado. E assim tudo na vida.

gir... Foram "*riddled with bullets*"... Lindo, este "*riddled with bullets*!" — picotados a bala...

— E escaparam os bandidos?

— Certamente. Escaparam em dois autos com 200.000 dolares de lucro, uma linda bolada!... Se tiverem juizo, aposentam-se e podem até morrer em cheiro de santidade. Facilimo ser virtuoso e honesto com um liquido de 200.000 dolares no bolso. O crime é negocio, não resta duvida.

Chegamos. Mergulho por baixo do rio Hudson, através dessa maravilha que é o Holland Tunnel. Avenida da Morte. Riverside Drive, rua 72 numero tal — "Greyloch Court." Era ali o apartamento de Mr. Slang.

Predio residencial classico. Elevador com o classico "negro boy". Superintendente com a classica cara de bebado. No apartamento, tudo classico. O "lamp shade" atrás das poltronas estofadas; a lareira. Aquela classica lareira deteve-me a atenção.

— Por que, Mr. Slang, todos os apartamentos conservam este inutil trambolho da lareira, se todos têm serviço de aquecimento comum por conta do proprietário?

— Força da tradição, respondeu ele enquanto abria umas cartas chegadas na sua ausencia. (Anuncio da nova edição da Enciclopedia Britanica. Uma oferta de terrenos em Scarsdale). O homem é bicho de tal modo apegado ás formas passadas, que até aqui, nesta terra do corre-corre, do muda-muda, quando algo muda na essencia ha a preocupação de conservar a forma antiga para *dar tempo* a que o cerebro se adapte. A lareira

vem das eras colonias, quando o meio de resistir ao frio no inverno era acender fogo dentro de casa. O progresso trouxe a caldeira por meio da qual a agua aquecida no porão irradia-se em vapor encanado pelos aposentos. Ficou assim automaticamente resolvido o problema de combate ao frio, mas não ha ainda coragem de suprimir a lareira inutil, hoje meramente decorativa. Veja! Está ali ela com achas de lenha dentro, armadas ao jeito classicó da lenha que espera o fosforo. Em baixo da lenha ha brasas que se acendem instantaneamente se aperto este botão eletrico.

E assim dizendo Mr. Slang premiu o botão. As brasas se acenderam — brasas de mentira, puro efeito luminoso, mas de tal modo iludidoras que causariam inveja a brasas de verdade.

— A lenha, continuou o meu amigo, tambem é de mentira. Lenha de cimento armado, a imitar galhos toscos. Ilusão apenas. Mas ha de crer que me sinto melhor nos dias de inverno, sobretudo de noite, quando tenho essas brasas acesas? A sensação que durante seculos e seculos nossos avós tiveram diante do fogo de lenha traçou um vinco muito forte em nosso cerebro. Persiste ainda. Se a novidade que era o aquecimento a vapor venceu e hoje domina o país inteiro é porque foi bastante habil para transigir com a velha lareira, conservando-a, inutil, ao seu lado. E assim tudo na vida.

XIII

Evolução a galope. Clarence Darrow, a Biblia e as portas de aço. Casas sem janelas. Para que janelas? Cidades verticais. O longo recorde do Woolworth. Sua derrota.

De fato é assim tudo na America. Evolução a galope, mas sempre procurando conciliar as formas do passado com a essencia do presente. Ciencia em massa, ciencia em tudo — e o Jeová biblico ao pé. Na mesma estante, Darwin, Clarence Darrow, Wells — os diretores do pensamento cientifico — e a Biblia. Para esta, o respeito levado até o ponto da intolerancia — e na ação a ciencia que destroi todas as biblias.

Até as formas classicas do uso da madeira se conservam quando o ferro lhe toma o lugar. Pelas almofadas, pelos frisos, por todo o seu aspecto externo, a porta daquele apartamento era a classicas porta de madeira de todos os tempos. Mas bata-lhe alguem com os nós dos dedos: verá logo que é de aço estampado.

A coragem das formas novas não vem de chofre. Leva tempo a formar-se. Anos e anos. O aço como substituto da madeira ou a ciencia como substituta da religião, jamais seriam aceitos se viesssem de cara, com

as formas logicas e naturais que irão ter um dia, depois da vitoria plena. Têm que vir disfarçados, com pés de lã, como gato ladrão. E humildes, sem que se vangloriem de coisa nenhuma.

Discutimos esse ponto. Mr. Slang concordou comigo quanto á porta de aço, quanto á lareira e quanto á Biblia. Por fim veiu com uma pergunta que me tocou:

— E as janelas? Sabe por que os arranha-ceus têm janelas?

— Homessa! Onde já se viu casa sem janela?

— Eis a razão *unica* — não ter existido no passado casas sem janelas. — Mas se você analisar essa coisa nova que é o arranha-céu — monstro que nada tem que ver com o que a humanidade sempre chamou casa — verá que a janela, e mais certas coisas que o arranha-ceu conserva, constituem apenas concessões ao passado, visto como na essencia tais edifícios não as necessitam, nem as justificam.

A ideia pareceu-me comica. Julguei que meu amigo estivesse a pilheriar, coisa contra os seus hábitos.

— Sim, continuou ele vendo a minha cara dubitativa. Houve a casa, primitiva habitação do homem desde a éra lacustre, sempre com portas e janelas por não haver outro meio de meter dentro ar e luz. O americano, com o seu impeto de criar coisas novas adaptadas ás suas novas necessidades, desenvolveu esse velho elemento casa com tal extensão que produziu o arranha-ceu. Por força do hábito associamos a ideia do arranha-ceu á da

casa; mas se meditarmos um minutinho veremos que nada tem uma coisa a ver com outra.

— Por que?

— Porque em absoluto não é casa. Será, sim, uma cidade vertical. Casa, lar, "home", habitação, moradia, bangalô, chalé, palhoça, cabana, são formas varias da casa primitiva, isto é, da caverna brutesca onde o troglodita ancestral se abrigava dos tigres de dente-de-sabre. Depois veiu a casa gregaria, para moradia de varias famílias, isto é, um grupo de habitação num só edificio. Houve vantagens. O mesmo porteiro tomava conta dumha serie — aqui neste predio existem setenta apartamentos isto é, setenta casas, setenta lares reunidos num só edificio. Um só porteiro — economia. Um só elevador — economia. Mais segurança, mais conforto, menos trabalho para cada morador. Mas até aqui temos criação universal, não propriamente americana. A casa gregaria vem da Europa, onde foi concebida e se desenvolveu ao lado da habitação isolada. Pergunto: tem o arranha-ceu alguma coisa que ver com o tipo classico da habitação?

— Realmente...

— Constituem cidades verticais, isto sim. Visite o Chrysler, o Woolworth e o Empire Building e mais cem ou duzentos aqui em New York. Quantas pessoas abriga? Milhares. Dez, vinte mil. O Empire foi calculado para quarenta mil. E' casa? Claro que não. Pura cidade vertical. Os elevadores não passam de linhas de bondes verticais. O sistema de transporte do Empire consta de 58 linhas de bondes verticais paralelas, onde

trafegam continuamente 58 carros elevadores. O total dessas linhas vai a muitos quilometros. O total dos cabos de tração soma 192 quilometros. O leito das linhas, o ôco através da massa do edificio por onde os carros deslisam, dá, somado, um percurso de onze quilometros e pico. E' o Tramway da Cantareira picado em pedaços e posto quasi todinho em sentido vertical dentro duma "casa".

O Woolworth, já muito distanciado pelo Empire, possue intestinos e orgãos que assombram o visitante. Lá estive certa vez, a ver o que o publico não vê: — a tremenda usina que faz funcionar aquele corpo. Os formidaveis dinamos produtores de força e luz eletrica em quantidade suficiente para iluminar uma cidade de 50.000 habitantes. Geradores de vapor, seis, gigantescos, somando uma capacidade total de 2.500 cavalos vapor. As carvoeiras, tendo sempre em stock 2.000 toneladas de coque; 35.000 pessoas trafegam em seus elevadores diariamente, mais de onze milhões por ano; 2.800 telefones, com uma media diaria de 38.000 chamados. Podemos denominar a isto casa?

— Mas as janelas? O amigo perdeu o fio.

— Sim. Para que conserva o Empire janelas? Concessão ao passado, apenas. Biblicismo. Porque nada justifica a perda de espaço que as janelas ocasionam num monstro desses.

— E o ar? a luz?

— Se as janelas dão entrada ao ar, dão entrada igualmente ás poeiras ambientes. Quanto á luz, a ciencia produz hoje com a eletricidade luz perfeitamente

igual em poder iluminante e efeitos fisiologicos á do sol – luz vitaminante. A supressão das janelas será equilibrada com vantagens pela insuflação de ar purificado, sem poeiras nem bactérias, ar das montanhas ou do alto mar, com a temperatura exata que se deseje. Nele, nesse ar condicionado que já me está fazendo vir agua á boca, vibrará uma luz artificial perfeita como a do sol, mas sem as irregularidades desta.

XIV

Tudo vem do sonho. Amos and Andy conversam e a America se detem para ouvi-los. Ford, Rockefeller, todos os magnatas interrompem seus negocios quando os dois negros conversam.

— Mas isso é sonho, Mr. Slang. Pura fantasia... exclamei aterrorizado.

— Tudo vem dos sonhos. Primeiro sonhamos, depois fazemos. Mas é coisa que já passou da fase do sonho. Aqui tenho, disse ele indo á estante proxima, um estudo muito recente em que um audacioso engenheiro encara o problema sob todos os aspectos. Demonstra, por exemplo, o absurdo do Equitable Building, com as suas 5.500 janelas comedoras de espaço e trasfegaderas do sujissimo ar das ruas para dentro do predio. A não ser para espiaçar fora, não vê ele razão para esse absurdo, agora que a ciencia resolveu de maneira maravilhosa o problema da insuflação de ar absolutamente puro e da produção de luz solar por meio de lampadas. Leia o trabalho. Convencer-se-á, como me convenci. Verá que é tão absurdo janelas num arranha-ceu como nesta sala essa inutil lareira que deu origem á nossa conversa sobre o assunto. Concessões ao passado. Bibliçismo. Inda espero viver o necessario para residir num

apartamento onde disponha de pura luz solar quando o aprouver a mim, e não quando o aprouver a Febo; e ar decente, limpo, lavadinho, dosado á temperatura escolhida, em vez dessa miseravel sujeira gasosa que com o nome de ar nos entra da rua.

O relogio deu sete horas — o relogio eletrico, com a hora vinda lá de longe, duma companhia central. Era tempo de abrir o radio.

— Paz ás janelas! exclamei dirigindo-me ao aparelho de radio do meu amigo e entonando com a estação WJZ. Amos and Andy! Haverá entre os 120 milhões de habitantes deste país alguem que não sorria ao simples enunciado destes nomes?

— *Shut up!* (1) exclamou o meu amigo.

Calei-me. Outro valor mais alto se erguia. Amos e Andy estavam a discutir os fatos da vespera. E Ruby Taylor? Não viera de Chicago, não. O pai a prendera por mais um dia, explicou Amos suspirando.

Esses dois negros viviam da exploração dum taxi de capota esfuracada. Daí o nome da empresa — The Fresh Air Taxi Cab Company of America Incorporated — ou Incorporated, como dizia Andy, o gordo, o preguiçoso, o patifissimo Andy. Era a vidinha deles, seus namoros, seus negocios, suas encrencas com a policia e o mais que pode ocorrer na vida comunissima de dois negros de Harlem (o bairro negro de New York) o objeto do dialogo maravilhosamente impregnado de verismo que apaixonava a America inteira.

1 — Cale-se.

Amos, profundamente sincero e honesto, caráter dos mais puros que se possam imaginar. Andy, pirata, preguiçoso, sempre "trabalhando na escrita" ou "descansando o cérebro", auto-convencido de que a empresa não podia prosperar sem a sua diligência.

Impossível dar ideia dessa criação genial. Toma-
ria metade dum livro, para no fim o autor maldizer a
má ideia de o haver tentado. É obra d'arte que vive
e que todos os dias por quinze minutos impregna o ar,
onde é captada pelos milhões e milhões desses recepto-
res que estão dando um sexto sentido ao americano.
Começou o "achado" em março de 1928 — e sabe Deus
quando acabará. Inventores: dois artistas de variedades,
Correll e Gosden, branquissimos. Correll faz Amos,
Gosden faz Andy. Juntos "fazem a America": 200.000
dólares por ano — e ainda a vitória do Pepsodent, a
pasta dentífrica de Chicago que os utiliza para fins de
reclame.

Por que tamanho sucesso? As razões de sempre,
em matéria de arte: Verdade, sinceridade — talento.
Aquilo não lhes sai dos miolos, como Minerva saiu da
coxa de Jupiter. Estudam. Metem-se nos bairros dos
negros, a observa-los, e cada dia pescam um novo traço
psicológico, alguma nova expressão, dessas que quando
reproduzidas numa obra d'arte provocam do espectador
a consagração suprema desta frase universal: "Mas é
isso mesmo!"

Nada mais frequente, nesta America absurdamente
grande, do que referências, na conversação, às ideias,
palavras, incidentes, coisas, em suma, de Amos e Andy,

seja por parte de operarios, seja por parte de capitães da industria. Empresa nenhuma industrial, nem talvez a Ford Motor Company, é mais popularmente conhecida de norte a sul do que a Fresh Air Taxi Cab Incorporated of American. Nenhum homem, nem Charlie Chaplin, bate os dois negros em popularidade.

Um dia estava eu num restaurante musicado a radio. Sala cheia. O zunzum caracteristico das casas á cunha. Murmúrio de conversas misturadas. Todo mundo, centenas de pessoas, absorvido numa coisa só — comer e conversar a meia voz. Enquanto isso o radio ia dando os seus numeros. Musica, "songs", diálogos. Ninguem prestava atenção, ou, melhor, davam-lhe todos meio ouvido, reservando o resto para a prosa. Subito, ressoou no ar a aria melodica, sempre a mesma, que preludia a entrada em cena de Amos e Andy.

Milagre! Consagração pela qual choram inutilmente centenas de artistas! Rapido silencio se fez, o silencio reticente que abre folga na conversa quando um valor mais alto se elevanta. E na unica mesa em que a conversa continuou foi logo suspensa por um pssiu geral. E durante quinze minutos reinou ali um silencio de igreja — para que o dialogo dos dois negros fosse ouvido integralmente...

Assim, naquele dia. Meu eterno dialogo com Mr. Slang foi cortado pelo pssiu da musiquinha melodica anunciadora do numero — e só retomou seu curso quando os quinze minutos sagrados decorreram.

— Veja você, disse-me então o meu amigo, como muda o mundo por força das invenções. Eu ia sempre

ao cinema logo depois do jantar, como toda gente. Veiu o radio, vieram estes dois diabos do Amos e Andy e agora tive de mudar de horario. Hoje faz parte da minha vida saber o que aconteceu na vespera lá na Fresh Air Taxi Cab Co... E como eu, toda gente. Imagino que até os Fords e Rockefellers, por maiores negócios que estejam conduzindo, interrompem-n'os ás sete horas para se inteirarem de mais um pedaço da vida dos dois negros.

Pus-me a imaginar a cena. Vi Rockefeller Junior em reunião com uma série de titãs da arquitetura esfuracadora dos céus discutindo os detalhes mais importantes da futura Radio City, onde vai empatar a soma de 250 milhões de dolares. Roxy, o futuro diretor da imensidão, está presente.

— Senhores (diz Roxy, com a autoridade que lhe deram a ideia e a realização da Catedral do Cinema, na Setima Avenida) — em meu cerebro está bem nítida a estrutura orgânica da Radio City. Quatro blocos no ponto mais central de New York, lançando para as alturas a massa inédita desse edifício único. Na parte terrea, todos os teatros — opera, drama, comédia, música, cinema, dança — e todas as salas — conferências, palestras, demonstrações, tudo o maior, o mais luxuoso e o mais perfeito do mundo. Nos andares imediatamente superiores, estações poderosas que irradiem tudo o que em baixo se apresente ou seja criado. Mais acima, as estações televisionadoras, que irradiem concomitantemente a visão das produções do andar terreo. Teremos assim criado “algo nuevo” em matéria de produção em massa — a “mass production” artística, única que ainda

nos falta. E se por um instante visualizardes o que vai esta associação de artes representar para o país...

— *Pssiu!* murmura Rockefeller Junior ao soar das sete horas, entonando na WJZ o radio que tem á sua direita. E durante quinze minutos, a ouvirem de como Andy desviou tres dolares da caixa do Fresh Air Taxi Cab Incorporated para o bolso de Kingfish, e agora escarafuncha meios para justificar a “despesa”, aqueles homens tremendos, donos da America, donos do mundo, deram pausa á arquitetação da maravilha com que vão assombrar o universo — para não perderem mais um episodio da vidinha de dois negros de Harlem. O estudo do emprego de 250 milhões de dolares cedera o passo ao conhecimento do emprego dos tres dolares da Fresh Air Taxi Cab Co...

— Pois é, disse Mr. Slang bocejando.

Sem saber a que se referia aquele “pois é” notei que o meu bom amigo estava cansado da viajeira e pois desejoso de que eu me retirasse. Despedi-me e saí, com um novo encontro apalavrado para o dia seguinte no topo do Chrysler Building.

— Espero você ás oito no “lo-ob-by”... concluiu ele num bocejo.

Disparei para casa.

XV

A catedral do cinema. A bilheteria do Cine Republica em S. Paulo. A marquesa displicente. Espírito criador que desrespeita o passado clássico.

A's nove horas estava eu no cinema Rialto, curioso de ver Gloria Swanson em pessoa. Levavam em premiére "The Trespasser".

Apesar de vindo um pouco cedo, tive de entrar na cauda — instituição americana mais respeitada que o próprio Deus da Bíblia. Não há polícia tomando conta dela e evitando que os chegados por último usurpem o lugar dos que chegaram primeiro. A cauda forma-se por si, automaticamente, e defende-se por si mesma, também automaticamente. Forma-se de dois a dois, muitas vezes serpeando pelos passeios ao longo de duas ou três quadras. Ai de quem tenta enfiar-se nela, em vez de procurar o fim e pacientemente esperar a sua vez!

Tem muita filosofia a cauda americana. Mostra o grau de disciplina a que chegou o povo, mostra a aceitação instintiva da forma que melhor atende ao fim coletivo: — entrar sem tumulto e na ordem de direito. O instinto de conservação a criou. Sem ela a América, este monstruoso formigueiro humano, não poderia funcionar. Esperar a sua vez, ocupar o seu lugar

— como isto que parece facil é dificil num país latino! Nunca estive metido numa destas caudas daqui sem que me viesse á lembrança a inaptidão caudal do meu país. Lembrava-me sempre do cinema Republica, em S. Paulo, nos tempos em que esteve em moda. Inutilmente a policia tentou organizar a cauda, como unico meio de conduzir com ordem a venda de bilhetes. A indisciplina, a rebeldia nacional não deixava. Quadro fascinante, a bilheteria do Republica á noite! O povo — e não era povo baixo, antes a nata de S. Paulo — comprimia-se diante dela, esmagava-se, apisoava-se, cada qual procurando entrada antes dos outros, como se os bilhetes fossem salva-vidas dum navio a naufragar. E conseguia-los constituia vitoria dessas que transluzem no feroz triunfador por um estranho brilho nos olhos, camarinhas de suor na testa — e roupas rasgadas. Este perdia a gravata, aquele via-se de colarinho arrebentado — todos arrenegavam dos calos remoidos no apertão.

Encaudei-me para ver a Gloria Swanson e, como a cauda se move com lentidão, pus-me a matar o tempo pensando no Roxy e em coisas conexas.

O Roxy é o Roxy. Quero dizer que o Roxy teatro é o Roxy homem — o homem que ideou o teatro e o conduz desde o começo. Quem é este Roxy? O americano. Que fez ele? Uma americanice. Tipico que é, vale a pena deter-nos uns minutos na sua obra.

Começou a vida como começaram todos aqui — trabalhando no primeiro serviço que se lhe deparou, e dele saltando para outros, impelido pela mola que impele todos os americanos para cima, para mais alto, para

MAIS, em suma. Um dia meteu-se no radio como speaker. Ali fez publico, isto é, popularizou-se, tal a maneira toda sua com que anunciava. A coisa que os americanos mais presam é a *personality*. Quem a posse vai longe. Quem não a tem naufraga. Roxy tinha personalidade, e a circunstancia de dispor do radio para demonstra-lo ao país fe-lo tremendamente popular.

Começou então a sonhar o teatro que tem hoje o seu nome, um teatro que excedesse a tudo quanto fôra concebido no genero desde que o mundo é mundo. Sonhou, sonhou, sonhou. É o metodo americano — sonhar primeiro, bem sonhado. Depois, realizar. Quando sentiu que tinha terreno sob os pés, deixou o lugar de speaker e deu a publico a sua ideia. Imediatamente os homens de dinheiro foram seduzidos e uma companhia se organizou para a ereção do teatro que Roxy tinha na cabeça. Um, dois, tres — e a Catedral do Cinema surgiu.

Descrever com palavras uma catedral dessas é tolice. Digamos apenas que é um sonho realizado, onde o publico, desde a inauguração até hoje, sem falha de um só dia, forma cauda á porta e lá dentro gosa dum ambiente de sonho — e sonha. Esse sonho vem rendendo ao teatro Roxy um lucro liquido anual de cinco milhões de dolares...

Todas as vezes que fui ao Roxy pus-me a sonhar coisas extra-mundo. As seis mil pessoas que permanentemente lhe ocupam as poltronas creio que fazem o mesmo. Daí a sensação de fuga á realidade que o Roxy nos proporciona.

Já de entrada as estações mudam. Se estamos no inverno e nas ruas cobertas de neve o frio nos corta a cara, mal penetrarmos no Roxy caímos em temperatura de primavera. E se estamos no verão, a derreter-nos naquele abafado forno que é New York nos dias de onda de calor, o Roxy resfriado vale-nos por uns sorvete ambiente.

Sôa o orgão. O orgão! Quando falamos em orgão lembramo-nos dessa coisa de igreja, velha como a velhice, cujos sons tão bem entoam com o ambiente recolhido dos templos. No Roxy o orgão se chama orgão por falta de melhor palavra, ou talvez porque é um orgão por meio do qual o som musical se nababiza. Nababização do som! Sôa a disparate, mas como definir aquela riqueza sonora, inedita no mundo, que nos envolve de todos os lados e nos "ergue da cadeira?" "Mass production" da levitação...

De todos os lados, disse eu, e não menti. A coisa parece disposta de maneira que os sons ora defluem dentre os ornatos das paredes da esquerda, ora dos da direita, ora do teto, ora do chão. Afeitos a ouvirmos sons musicais sempre irradiando dum mesmo ponto — do piano, do trombone, do violino que os produz, aquele sistema novo do som envolvente nos colhe numa tonatura de imprevisto. Envolvente, circunvolvente... Desaparece o instrumento que o produz — e de fato não é um instrumento que o produz. Se a um canto está o organista que executa suas musicas num teclado, pequeninho naquela imensidão, não é daquele teclado que surge a musica. O organista apenas, passeando os dedos pelas chaves, abre valvulas á maquina magica

como que dispersa por todo o edificio, por meio da qual as vagas sonoras se derramaram na catedral. Instrumento? Não. Arte do diabo, magia.

A America tem sido muito mal compreendida pelos que nela esperam encontrar apenas as classicas formas da criação artistica universal. Esquecem-se os observadores capengas de notar "o mais" que a America está dando, o novo, o inedito, na sua ansia de arrancar-se ao status-quo da civilização cristalizada na Europa. Barbaros, lhes chamam os incompreensivos — esquecidos de que foram os Barbaros os criadores de toda a civilização europeia, depois de aniquilada a golpes de machado a civilização greco-romana.

Estes barbaros da America, apesar de filhos de europeus, fazem o mesmo que o vandalo fez com o seu machado nos Añtinuos, Apolos e Venus de marmore dos gregos — e foram essas machadadas que possibilitaram o "Moisés" de Miguelangelo e certos sonhos de pedra de Rodin — marcha para a frente em materia de representação escultural da emoção humana. Que é o jazz, senão o novo machado com que destroem o classicismo dos Fidias e Praxiteles da velha musica europeia para dos escombros criar musica maior? Da primeira vez que vi um noturno de Chopin sincopado, revoltei-me. Veiu-me depois a comprehensão — e hoje o Chopin classico me sôa tão piegas em face da sua versão americana como o sobrado nosso em face do arranha-ceu.

A indignação do europeu contra o americano provém disto, deste desrespeito barbaresco, cujo alcance criador não pode ser compreendido de longe. O jazz fóra da America sôa mal — está desambientado. É fra-

se solta, isolada citação dum livro. A mesma frase que assim destacada sóa mal, quando integrada na obra justifica-se a ponto de criar emoção. Chopin foxtrotizado ha de ser ouvido ali, naquela Roxy, onde a riqueza do ambiente e a nova apresentação do som em vagas sonoras exigem temas dessa ordem. Só se casará e se mostrará entonado com o resto, algo monstruosamente audacioso, como esse despedaçar dum ídolo, seja Chopin ou Beethoven, para com os divinos cacos prestar-se, numa jonglerie sublimemente impia, a suprema homenagem á Coisa Nova.

Os proprios americanos não comprehendem, na maioria, o impeto irresistivel do genio humano que se espoja nesta terra livre de todas as peiaſ. Daí a virulencia de um Mencken e o escrever com o olho na Europa de um Sinclair Lewis. Se em vez dessa atenção a lados, a grupos, a ideias que parecem verdadeiras porque são muito antigas, auscultassem o que lá no imo sente o "homo" diante das intrepidas manifestações do americanismo, se medissem o "thrill", o "elatement" de algo mal definido, outra seria a atitude dos verdadeiros grandes homens deste país: costas voltadas para a Europa e berros dionisiacos na boca.

Inda ha de surgir o Nietzsche americano que ponha em filosofia e imponha ao mundo, como dogma novo, a impetuositade alegre dos grandes Vandalos que estão a criar o mundo de amanhã. Que divinize como a coisa mais grata ao nosso instinto fundamental o murro de martelo-pilão com que um Tunney mete por terra um Dempsey. Que divinize a audacia de arrancar as catedrais á mistica religiosa para da-las, multiplicadas

em impeto ascensor, ao comercio, ao cinema, ao radio. Que divinize o "mais, mais, mais" que não se perde em refletir á grega: "sim, mas mais até onde?" Que realize a supressão da palavra "até". O "até" limita, e por que limitar?

O Empire Building tem 380 metros de altura. Por que? Por que motivo o limitaram a esse nível? Resposta americana: "Porque dados os materiais de construção de que a engenharia moderna dispõe, essa altura é a maxima a que um predio pode atingir". Sim, é isso. No dia em que um novo material for descoberto que permita uns metros a mais de arranque para o alto, o Empire será batido. Não ha "até" na America.

XVI

A dominação feminina. Quem manda é a mulher. O rancor de Mr. Slang contra a vitoria da americana. O Tzar do cinema. A censura. O caso "Coquette".

Enquanto eu assim filosofava, chegou minha vez. Comprei uma entrada, entrei; vi a fita e por fim repastei meus olhos na Gloria Swanson em pessoa. Existe, não é ficção. E tem o nariz justamente como a sua sombra na tela indica. E o marquês? Oh, o marquês, esse não existe. Marquesou-a apenas para lhe satisfazer um capricho de gata arqui-farta e agora reside na França. Mas Gloria, já igualmente farta, pensa em divorciar-se. E a America, que é profundamente feminina e não perde um "gossip", jamais se lembra dela sem perguntar: "E então, Gloria, quando o divorio?" Não tivesse a estrela outras razões para soltar o marquês e teria essa — satisfazer a curiosidade da America nesse quando.

— Hello, Mr. Slang!

Conforme o combinado, lá estava no lobby do Chrysler Building o meu velho amigo inglês. Contei-lhe da minha ida ao Rialto, na vespera, a ver o nariz de Gloria.

— Por falar em cinema, disse ele, li hoje no "Scribner's" um artigo bem curioso. Um escritor, dos independentes, denuncia a escravização do cinema ás mulheres.

— Não vejo mal nisso, observei. O cinema ha de estar subordinado a um ou a outro sexo. Que faz que o esteja ao sexo da Gloria?

— Espere. Está escravizado ás mulheres do Women's Club, esse monstro de sete milhões de cabeças que em ultima analise tudo decide neste país, que fez a Lei Seca, que derrotou Al Smith. A mulher na America, como você deve ter notado, tem duas idades — a da frescura da flor e a do chapéu alto. Na primeira é a girls, essa linda independencia côn de rosa que brinca de maillot nas praias, que inventa modas loucas como a do "sun tan" — queimar-se ao sol, cobrir o rosto de sardas; que lê todos os "best sellers" aparecidos...

— Perdão, Mr. Slang. Elas é que criam os "best sellers", contou-me um editor. Quando embicam, sem que se saiba por que, por um livro a dentro, transformam-no em "best seller".

— Ou isso. E que viram estrelas de cinema; que trotam na rua de rumo ao trabalho de escritorio donde andam a alijar os homens, que mantêm, uma serie de "boy-friends" — um para pagar o teatro, outro para custear os comes nos Childs, outros para os passeios, até que escolham para casar um quarto, fóra da roda; e girl que casa e descasa; que beija quando quer beijar; que tem todos os impetos do animalzinho novo e livre no seu habitat; que escreve no "True Stories" a historia das suas experiencias; que...

— ... que diz: *I'll take care of myself...*

— ... e que realmente toma conta de si propria, não necessitando que alguem a defenda; que não se preocupa com a moda no grau usual ás moças do resto do mundo por que já não precisa dessa arma para atrair o homem...

— Acha isso, Mr. Slang?

— Acho. A moda, como a cõr e o perfume nas flores, tem uma função sexual. Insidias da natureza na sua eterna preocupação de realizar a sobrevivencia da especie. A moda aumenta o "sex appeal" — atrai para o estame o pistilo incauto. Daí ficar a moda como a arte suprema, a preocupação unica de mulheres nos países onde não ha salvação fóra do casamento, isto é, da escolha por parte do homem. Aqui tal arma está bem decadente. Desde que conquistaram a independencia económica, as mulheres deixaram de depender do homem. Não mais vêem nele a saída unica; não mais se conservam nas vitrinas sociais durante a mocidade, á espera de que um macho se tente com os seus encantos naturais ou adquiridos e lhes dê a honra de as tomar como esposa ou o que quer que seja.

Quem casa aqui não é o homem, é a mulher. E' ela quem pede em casamento, ou melhor (já que a mulher na America nada pede), é ela quem determina o casamento. "Bob", diz uma ao rapaz que tem ao lado, "a quanto montam os teus rendimentos agora?" "Cem dolares por semana". "Bem, chega. Escuta lá. Depois de amanhã é dia dos anos do meu mais querido "boy friend", o Buddy, conheces? Adoro o Buddy! Somos amigos desde os tempos de escola. Quero fes-

tejar o seu aniversario dum modo gracioso — dando-lhe a honra de ser padrinho do "nossa" casamento. Tira a licença amanhã, sim? Depois de amanhã às duas da tarde estarei com ele no City Hall para casar-nos. Não te esqueças, vê lá. Duas horas."

Bob, tonteado pelo imprevisto e todo confuso de ideias, pergunta, na sua atrapalhação: "Mas casar com quem, Peggy?" "Contigo, meu pateta! Com quem mais? Que é que te passou pela cabeça, meu amor?"

Essas criaturas encantadoras, unicas no mundo, as "American girls" que os pintores europeus em transito proclamam os mais lindos seres da terra, os mais perfeitos de plastica, esguias que são de corpo, solidas como Hellen Wills a rainha do tenis, seguras de si, amigas de whiskey em doses maciças depois que a proibição tornou o uso do alcool um crime, essas flores de carne que Florenz Ziegfeld glorifica nos seus "shows" sensacionais, que fumam, que...

— Por falar nisso... disse eu, interrompendo Mr. Slang antes que ele perdesse o fio da frase. Ontem li que as "Co-eds" (1) do Margaret Morinson College, de Pittsburgh, fizeram um plebiscito para regular a questão do cigarro. A maioria decidiu que fumar não quebrava as regras da instituição, nem perturbava os trabalhos escolares — se o vicio fosse cultivado num salão adequado a esse fim. A diretoria da instituição torceu o nariz, mas teve de aceitar o veredictum e organizar o "fumoir". A diretoria declarou: "Nós pessoalmente deploramos o fato. Não poderíamos nunca enco-

1. Meninas educadas juntamente com meninos.

rajar o vicio do fumo entre as nossas moças, mas temos de admitir as condições como elas existem".

— Sim, esse fato é mais um a dar razão ao juiz Lindsey no seu livro sobre a revolta da mocidade. Se somos o dia de amanhã, por que nos submetermos ás imposições do dia de ontem? pensam elas. Pois bem, continuou Mr. Slang voltando ao assunto do começo da conversa: quando esse intrepido animalzinho rebelde perde a frescura, a maciez da pele, o brilho dos olhos, o arrebitamento do nariz e começa a virar matrona, muda imediatamente de campo. Passa das fileiras da revolta para as do conservantismo feroz. O sinal externo da mudança, além da queda do "sex appeal", é o celebre chapéu alto que entram a usar. Ai! Oue medo tenho duma matrona de chapéu alto, signo infalivel de que está contra tudo quanto propugnou na idade rosea! Entram para o Women's Club e começam a sua terrivel fase de "trabalho social", eufemismo com que disfarcam a realidade. A realidade é que entram a mandar e desmandar. A grande arma passa a ser o "Can't — o "Não pode", não á moda do Brasil, gritado na ruá, mas organizado, sistematizado, inquisitorial, cruelmente feminino. Puritanizam-se. Jesuitizam-se. Passam a olhar de má cara o amor, a perseguir os livros independentes, a condenar ao fogo Rabelais e a exercer a censura sobre todas as manifestações artisticas e literarias da America. Sabe, meu amigo, que a verdadeira razão da America não possuir uma arte á altura da sua força criativa procede desta conspiração das macacas de chapeu alto?

— Já desconfiava disso, murmurei sorrindo daquele “macacas”, expressão excessivamente forte na boca de Mr. Slang.

— Esse artigo do “Scribner’s”, continuou ele, revela a sabotagem do genio artístico por elas exercida no que diz respeito ao cinema. “Moral racketeering in the Movies”, é o titulo e o tema da denuncia.

Ha a censura oficial, como você sabe. E ha o famoso Will Hayes, hoje chamado o Tzar da terceira industria em importancia deste país e, portanto, do mundo. Subiu Hayes a essas altitudes pela sua ação jesuitica no escândalo Fatty Arbuckle — o Chico Boia. A sua indignação jupiteriana deu-lhe o apoio dos sete milhões de chapeus altos do Women’s Club — e hoje ele dita as leis do cinema com o apoio secreto das matronas. Hayes não passa dum simples instrumento do chapeu alto. O corpo oficial da censura, estupido, odioso como toda censura, é entretanto, manobravel, acessivel a argumentos; mas a censura do Women’s Club, secreta e inoficial, é invencível.

A velha censura julga as obras já produzidas em virtude de missão que lhe dá a lei. As matronas inventaram coisa melhor — a pré-censura. Antes que um tema seja cinematografado passa pelo crivo das conspiradoras e sofre todas as mutilações. Will Hayes aceitou e impôs aos industriais do cinema essa formula; que eles tambem aceitaram porque lhe rende dinheiro, já que evita prejuizos. Filme pré-censurado está livre de condenação pela censura oficial. Atrever-se o National Board of Review e recensurar, seria incorrer nas iras do clube onipotente. Não o faz.

O caso de "Coquette" é tipico. Era uma pura obra d'arte, audaciosa, saída do cerebro do autor na forma pela qual o seu genio emotivo a concebeu. Historia dum gentleman do sul, causador da morte dum rapaz e duma girl que tinham violado o velho codigo da escola. Foi levada em New York com grande aceitação do publico por meses e meses, e depois em numerosas outras cidades do país. A critica desmanchou-se em louvores. A assistencia, em palmas.

Um dia resolveram po-la no cinema para a estreia de Mary Pickford no cine-falado. Tudo perfeito: tema otimo, peça otima, otimo diretor e otima estrela. Nada faltava para fazer de "Coquette" na tela o sucesso que fôra no palco.

Mas... havia a pré-censura. O "sales manager" teve a habitual conferencia com o Tzar no escritorio deste, o qual, depois dos indispensaveis cochichos com a organização secreta das pré-censoras, comunicou-lhe que o enredo tinha de ser mudado. As matronas achavam mau para o publico que a heroína tivesse o filho que na realidade (ou pelo menos na concepção do autor) teve. Uma alteração foi "sugerida".

Mary Pickford objetou. Tratava-se de sua estreia e não queria uma peça aleijada. O manager declarou ser inutil esperar que a Censura admitisse o filme, se as "sugestões" matronais não fossem aceitas. A heroína não podia apresentar-se de filho. É proibido filho fora do casamento. Tambem o pai da heroína, e não esta, é que devia suicidar-se. Tais alterações destruiriam toda a força, unidade e originalidade do tema. Seria

como no "Putois" de Anatole France aparecer no ultimo capitulo o heroi em carne e osso.

Não houve remedio. Ou nada se fazia, ou se fazia a coisa como as tiranas secretas desejavam. Já desinteressada, a pobre Mary deu inicio á filmagem, suspirando. Enquanto isso, novas "sugestões" chegavam do escritorio do Tzar. A palavra "whiskey" não devia ser usada, porque a Censura do Estado de Kansas, objetaria. A heroína não devia ser beijada "on the neck", porque o beijo na nuca era tabú no estado de Maryland — e mais coisas. Afinal a peça, desse modo mutilada, se concluiu, mas nem assim pôde ser dada a publico. Tinha de ser exibida preliminarmente perante uma comissão de cinco chapeus altos em New York, os quais conferenciaram entre si, deram seus votos e afinal selaram a peça com o selo-sésamo que abre todas as portas — "Good". Só depois subiu á Censura oficial, que outra coisa não tinha a fazer senão apor a sua nota de aprovação.

XVII

Ainda a censura. Como se exerce. Ninguem escapa da mutilação, seja Tolstoi ou Theodor Dreiser. O caso de Fatty Arbuckle. O perigo do alcool para os individuos que pesam mais de cem quilos.

— A Censura, continuou Mr. Slang, é o meio insidioso com que a Moral — e por Moral não quero dizer a moral natural ou filosofica, conjunto de principios e normas de conduta que, sem infração das leis da natureza humana, permitem a vida em sociedade. Quero dizer a tirania da religião e da politica, associadas em simbiose, com olho na dominação das massas em proveito dos que fazem da religião e da politica um negocio. A esperteza está em arrastar as massas a se convencerem de que é de interesse social o que na realidade é do interesse apenas dessas elites dirigentes.

A Censura constitue a grande arma secreta de tal fascio. Eu disse grande porque é realmente grande. Sendo hoje a arte do cinema a terceira industria da America — e ser o terceiro qualquer coisa na America vale por algo muito serio no mundo — e sendo ainda a de maior difusão, a que alcança maior numero de cerebros...

como no "Putois" de Anatole France aparecer no ultimo capitulo o heroi em carne e osso.

Não houve remedio. Ou nada se fazia, ou se fazia a coisa como as tiranas secretas desejavam. Já desinteressada, a pobre Mary deu inicio á filmagem, suspirando. Enquanto isso, novas "sugestões" chegavam do escritorio do Tzar. A palavra "whiskey" não devia ser usada, porque a Censura do Estado de Kansas, objetaria. A heroína não devia ser beijada "on the neck", porque o beijo na nuca era tabú no estado de Maryland — e mais coisas. Afinal a peça, desse modo mutilada, se concluiu, mas nem assim pôde ser dada a publico. Tinha de ser exibida preliminarmente perante uma comissão de cinco chapeus altos em New York, os quais conferenciam entre si, deram seus votos e afinal selaram a peça com o selo-sésamo que abre todas as portas — "Good". Só depois subiu á Censura oficial, que outra coisa não tinha a fazer senão apor a sua nota de aprovação.

XVII

Ainda a censura. Como se exerce. Ninguem escapa da mutilação, seja Tolstoi ou Theodor Dreiser. O caso de Fatty Arbuckle. O perigo do alcool para os individuos que pesam mais de cem quilos.

— A Censura, continuou Mr. Slang, é o meio insidiioso com que a Moral — e por Moral não quero dizer a moral natural ou filosofica, conjunto de principios e normas de conduta que, sem infração das leis da natureza humana, permitem a vida em sociedade. Quero dizer a tirania da religião e da politica, associadas em simbiose, com olho na dominação das massas em proveito dos que fazem da religião e da politica um negocio. A esperteza está em arrastar as massas a se convencerem de que é de interesse social o que na realidade é do interesse apenas dessas elites dirigentes.

A Censura constitue a grande arma secreta de tal fascio. Eu disse grande porque é realmente grande. Sendo hoje a arte do cinema a terceira industria da America — e ser o terceiro qualquer coisa na America vale por algo muito serio no mundo — e sendo ainda a de maior difusão, a que alcança maior numero de cerebros...

— Inda ontem li que a frequencia dos 23.000 cinemas americanos sobe a 115 milhões de espectadores por semana...

— Exato. Sendo de todas as artes a que se industrializou em mais alta escala e, portanto, a que exerce maior ação direta nas celulas cerebrais do publico, criando impressões que nelas vão perdurar pelo resto da vida, era necessário, era negocio, que a Moral se insinuasse na raiz do cinema, nas suas nascentes, para com pequeno esforço deformar no germen os seus produtos, alcançando desse modo a tremenda ação que alcança. Surgiu, então, em nome dos mais altos interesses sociais, a Censura.

Como se exerce? Ha aqui seis grupos de censores, um em New York, outros em Maryland, Virginia, Pennsylvania, Kansas, Idaho e Ohio, compostos de percevejos catados nas sacristias da politica e da religião. O publico jamais pediu isso. O publico, no seu instintivo bom senso — que é o senso de acertar — jamais pediu censura de nenhuma especie. Sabe muito bem, com o seu aplauso ou repulsa, incentivar ou censurar o que lhe cai no agrado ou desagrado. Mas acima do publico pulam os "moralistas" fanaticos, vitimas de perturbações glandulares, gente de molas intimas muito bem desvendadas por Freud e seus discípulos — bichos de má infancia, com recalques levados a grau agudo. E como os córtes que eles fazem nos filmes representam grandes prejuizos para as empresas produtoras, tiveram estas, sempre atentas á parte financeira, de submeter-se.

E' espantoso, é incrivel, é abracadabrante, isto dos maiores artistas modernos, as mais altas méntalidades criadoras, terem de deformar seu pensamento e mutilar suas criação porque um certo numero de percevejos humanos foram vitimas de má infancia! E, no entanto, assim é.

Já assisti a um desses "julgamentos". O filme fôra concebido por um dos artistas maximos da Inglaterra — um que no livro é livre, apesar de que até o livro na Inglaterra está, no quanto pode estar, sujeito a uma censura do mesmo naípe. O diretor fôra tomado dentro a flor dos diretores americanos — creio que se tratava de Carl Laemmle. Os artistas eram essa Garbo que já ha tantos anos enleva o mundo e não sei qual o galã — faz tempo isso. Pois bem, a obra d'arte coletiva que esse grupo de artistas de escol compusera, teve de passar pelo crivo mental de tres percevejos bipedes, assistidos de tres baratas de chapeu alto, que a espaço franziam a testa e — "Stop!" Corte-se isto, corte-se aquilo! Estavam "limpando" o filme de todos os seus "evil-doings". Imagine-se a arte escultural grega submetida a um processo "moral" desta ordem. Praxiteles apresenta a sua Venus de Cnido. Tres percevejos e tres baratas franzem o nariz.

— "Essa nudez está imoral. Vai perverter o publico, falseando a verdade. A nudez não existe. Tambem esse nariz está um tanto sensual. Convém dar-lhe uma forma mais "pudica"... e assim por diante, até que a obra prima se transformasse no mostrengo susceptivel de satisfazer aos seis piolhos da Moral.

Esses corpos de Censura que aqui temos são simplesmente grotescos. O de Maryland é presidido por um farmaceutico politico, muito habil em preparar supositorios e tricas. O de Kansas, por uma "hard boiled virgin", já de chapéu alto, que não permite o uso da palavra "whiskey".

A maioria das modificações que impõem são tão grotescas quanto eles. Tiranicas e discutibilissimas. Quando Emil Jannings fez "The Patriot" sob a direção do genial Lubitsch, aconteceram coisas semelhantes ás do caso "Coquette". A peça já havia sido dada a publico como a concebera e escrevera o autor Alfred Neuman, sem que isto provocasse a menor objeção de ninguem. Mas ao ser posta em fita encrencou, como vocês dizem lá no Brasil.

Mudanças e mais mudanças. Os percevejos e as baratas da moral objeteram contra as cenas em que Jannings "fazia amor" com Florence Vidor, a amante (no filme) do Tzar Paulo I. Eram cenas "pornograficas" e com elas o filme não seria exibido nos teatros da Pennsylvania. Os comités de Censura dos outros estados fizeram cada qual a sua pôda, e a obra prima foi dada a publico transfeita em mostrengo.

Religião, politica e relações conjugais têm que ser reduzidas sempre a banalissimas situações "inofensivas" — criterio que adotado para o livro viria destruir toda a obra dos maiores dramaturgos da humanidade, de Shakespeare a O'Neil.

Em tres dos seus temas postos em filme o imenso Tolstoi foi mutilado de modo a tornar-se irreconhecível. Na "Anna Karenine" os percevejos de Pennsylvania forçaram a heroína a casar-se com o amante. Em "Resurreição" a peça conservou do original o título apenas.

Esses censores reerguem dezessete regras de conduta. De acordo com elas não admitem suicídio, referencia à pena de morte, ofensa à nação, ofensa à religião, sarcasmo contra os políticos, referencia a deslizes da justiça, sugestão a cruzamento entre branco e negro, etc. Vem daí o fato da arte mais rica de elementos, a que poderia alçar-se a alturas que nenhuma outra jamais alcançou, mostrar-se tão irritantemente banal e pueril.

— Os elementos de que dispõe o cinema são na realidade tremendos, adverti eu. Para a criação dum filme juntam-se numerosos artistas tirados de todos os campos. O autor do enredo, o encenador, o organizador da continuidade, o pintor, o músico, o arquiteto. Pela primeira vez a humanidade conseguiu criar uma arte que participa de todas as mais.

— Não só participa de todas as mais, acrescentou Mr. Slang, como tem a seu serviço o que sempre faltou a cada uma delas individualmente: milhões sem conta para que se realize como fulgura na imaginação do artista. E tem ainda um público que nem o livro jamais conseguiu. Um livro de grande sucesso vai a dois, três milhões de exemplares, alcançando um público no máximo do dobro disso. O filme alcança 115 milhões de "pacientes" por semana, aqui, só aqui, porque além disso

sai a correr mundo — e de fato corre o mundo — do Brasil á China.

Ninguem ainda fez uma vaga ideia do que poderia vir a ser o cinema como arte, como a grande expressão moderna da arte que em si reune todas, se os percevejos da religião e da politica, que o envenenam á nascente, lhe permitissem *ser arte*. Com a colaboração dessas pestes, permanecerá o que é — simples “amusement”.

Além desses corpos de censura, por si bastantes para manter a nova arte no grau de chateza que ela apresenta, surgiu, em consequencia do escandalo de Fatty Arbuckle, essa monstruosidade do tzar Hayes — o poder supremo que pré-censura. Esse peganhento tzar, com sua corte de delegados do Women's Club, aparece ao publico qual Querubim, vestido nas roupás brancas da castidade imaculada. Para representar esse papel de anjo da pureza Hayes percebe 250.000 dolares por ano, pagos pelas 40 empresas produtoras de filmes. Submetendo-se a essa engenhosa ideia da pré-censura feminina lucram as empresas muitos milhões — pois têm os filmes livres dos córtes onerosíssimos da censura oficial — mas como se achatam!

— Já por duas vezes surgiu na conversa o caso do Fatty Arbuckle, lembrei eu. Não posso compreender que um simples caso policial dessa ordem pudesse determinar semelhantes reações.

— E' que você não conhece a força das matronas associadas no Women's Club, respondeu Mr. Slang. Arbuckle, rapaz alegre e amigo do alcool, tinha o de-

feito de ser gordo em excesso. Numa orgia com raparigas de Hollywood asfixiou a uma delas sob o seu peso. Bebedeira. Simples caso de bebedeira a dois, que cumpria á policia investigar e ao juri julgar. Mas a macacada desferiu um uivo unísono de onça ferida, erguendo-se qual furacão contra... o cinema! O cinema, não o vulgarissimo Arbuckle, era o culpado do escandalo. As companhias apavoraram-se. E como na America Deus põe e as mulheres dispõem, chamaram Hayes. Conferenciaram com ele de portas fechadas e incumbiram-no de aplacar as furias de chapeu alto — unico meio de evitar a ruina de algumas dessas empresas e enormes prejuizos para todas.

Hayes parlamentou, e foi dessa conferencia com a Mulher e a Igreja que ele surgiu transfeito em Tzar, com 250.000 dolares de salario por ano e chefe da pré-censura — Anjo da Guarda da moral publica. E a coisa se processa hoje assim: uma das damas lê preliminarmente e julga os livros ou entrechos que as companhias pretendem filmar. Objetam. Propõem mudanças. Outras virgens do Club, das já bem encruadas, fazem o mesmo, de tudo resultando um julgamento definitivo que as formidaveis empresas, na aparencia ónipotentes, são forçadas a aceitar.

Uma delas fá filmar essa obra forte de Dreiser, "An American Tragedy". Já havia obtido a autorização e pago ao autor 90.000 dolares. Mas as matronas opuseram o seu veto e o filme foi abandonado depois de conclusas doze partes.

O "Strange Interlude" de O'Neil, a obra prima do teatro moderno, parece que jamais entrará no cinema. O macacal votou contra.

Nunca semelhante inquisição pôs assim o pé no pescoço de uma arte — e por isso floriram todas a ponto de criar o maravilhoso tesouro estético da humanidade. Daí a inferioridade do cinema. Não é livre. Tem pé de mulher sobre o pescoço.

Hollywood atrai os maiores artistas e técnicos do mundo. Pela sua essência, a ex-arte muda exige que se somem em cada obra vários genios criadores. O produto, entretanto, é essa desesperadora chatice que sabemos. Vencem os autores todos os obstáculos da realização estética, — mas não conseguem vencer o pudor rançoso do Women's Club, nem a solida carolice da igreja. Para essa Méca da arte moderna afluem a fina flor dos artistas de todo o mundo — mariposas atraídas pelo holofote cuja luz dá volta ao globo. Chegados, a decepção se faz tremenda. Hollywood é óca. Antessala de câmara municipal, paredes meias com sacristia. Resultado: em vez da grande arte do Cinema, que seria a suprema vitória criadora do senso artístico da humanidade, temos uma indústria — a indústria da chatice, da monotonia, do vacuo — do simples entretenimento, especie de outra Coney Island de mais larga amplitude apenas, concluiu Mr. Slang quasi sem folego. Desabafara, afinal, o explosivo inglês.

Não estranhei a violencia com que o meu amigo atacou a ação das mulheres desglanduladas que aos milhões se associam nesse tremendo Club, e governam a America e lhe estragam a civilização como a broca es-

traga o pé de milho viçoso. Tambem eu as detestava do fundo d'alma. Meu encanto pela realização dos americanos sofria constantes duchas de agua gelada, tais eram os sinais dessa ação insidiosa, subterranea, da sacristia aliada á mesquinhez cerebral feminina. Mas enchia-me de conforto ver a luta gigantesca que o elemento masculino começa a sustentar para emancipar-se. Elinor Glyn, na sua audacia de cabotina de genio, teve a coragem de, pela primeira pagina do mais difundido jornal americano, dizer a verdade toda: "O de que a America precisa é apressar a emancipação do homem."

XVIII .

**Emancipação do homem. Puritanismo.
Dualidade feminina. O “racketeering”
moral. Venda de proteção. Males da
riqueza.**

— Na conquista dos seus direitos as mulheres foram muito além do previsto, prosseguiu Mr. Slang, visivelmente azedado. Preocupados com o Business, na ansia louca de mais, mais, mais — mais dolars, mais riqueza, mais força — os americanos deixaram que a mulher se metesse por caminhos que positivamente a natureza lhe fechou. Incapaz de arte, da grande arte — como deixa-la á porta das artes com a arma tremenda da Censura na mão?

Estou expondo com todos os pormenores estes factos porque esclarece mil coisas nesta contradiutoria America, onde o “racketeering” sob todos os aspectos está criando um sub-poder invencível. Por baixo da estrutura social esse polvo do “racketeering” extende seus invisiveis tentaculos, que amarram, enleiam e realmente governam. O pobre tzar do Cinema aterroriza a todos os produtores com o seu poder supremo. Esse poder consiste em ser ele o vogal das matronas conspiradoras que, associadas, valem por um dos tentaculos do polvo oculto — tentaculo moral. Moral quer dizer anti-

sexual, negador do sexo. Para o macacal puritano não existe sexo — nem alcool. Se a heroína da "Coquette" se apresenta de filho em publico sem ser casada, denuncia com isso que ha sexo fóra do casamento, o que é imoral. Moral significa acordo com as ideias das macacas. Imoralidade significa desacordo.

O problema do sexo na America apresenta aspectos curiosíssimos. A famosa "Lei Seca" não se restringe ao alcool. Já alcançava o sexo antes do alcool ser tambem erigido em tabú. As criaturas têm que ser anjos inse-
xuados, nem macho nem femea — ou casarem-se. Dentro do casamento, sim, é permitido um pouco de sexo — e isso mesmo no *quantum satis* á obra de sobrevivencia da especie.

A America é isso — o perpetuo conflito entre o fanatismo que desembarcou em New England com os puritanos e a natureza humana como ela é. Desse conflito nascem todas as suas tragedias. Um nega, outra afirma. A girl americana, toda natureza, saude e im-
petos, afirma. A matrona que dela sai, depois que os lindos chapeus de feltro deixam suas cabeças, substituidos pelo horrendo chapeu alto, néga. Mas como a girl, no seu periodo de floração, não se associa, não se organiza para "fins sociais", só preocupada com a coisa linda que é viver a linda vida de flor, quem vem a predominar é a matrona, como nesse caso da "Coquette". E como quem governa são elas, porque governam os homens sejam Hayes ou não, a America assume este tom de maternidade em "mass production", que tanto irrita os Clarence Darrow, os Mencken e outros sublimes revoltados.

— Quem vencerá na luta? perguntei, de olhos abertos para o futuro.

Mr. Slang respondeu com filosofia:

— Nestas lutas nunca ha vitoria integral dum lado ou de outro. Ha o que vemos — empate. As Coquetes continuarão a ter filhos — vitoria da ala-flor. As matronas continuarão a negar os filhos das Coquetes — vitoria da ala-puritana. Uma fica com a realidade, a natureza, o impulso, o instinto. A outra fica com o respeito humano. O curioso é que as duas correntes, assim polares, defluem da mesma fonte. Coquete, se não tivesse cometido suicidio, estaria hoje presidindo a uma sessão do Women's Club e censurando peças onde outras Coquetes aparecessem de filhinho no braço.

Assim concluiu Mr. Slang a sua violenta tirada contra as mulheres. E talvez continuasse a bater na mesma tecla, se eu o não chamasse a outro assunto.

— O amigo falou em “racketeering”, lembrei-lhe. Tenho para mim que, mais que o arranha-ceu, o “racketeering” constitue a maior caracteristica da America, não acha?

— Assim é, concordou Mr. Slang. Todas as investigadas do governo contra essa industria têm falhado. Mas ao meu ver o mais nocivo não consiste no “racketeering” criminoso e sim neste, moral, que se exerce de mil formas sem que a opinião publica se anime a condena-lo. O puritanismo organizado é a maior “racket” da America. O outro, o “racketeering” comum que os jornais tanto combatem, basea-se num sentimento muito humano: desejo de paz, de estabilidade.

— Como? indaguei, estranhando aquela desnorteante afirmação.

— Sem paz, sossego de espirito, estabilidade, nada prospera na vida. Os negocios, sobretudo, exigem paz como condição sine qua non. Daí a grande ideia dos "racketeers", de organizarem a "venda de paz" por meio da "venda de proteção".

Não entendi bem; minhas rugas na testa o disseram, e Mr. Slang prosseguiu:

— Um exemplo. Ha dias foi assassinado um negociante italiano na rua Greenwich, perto duma cafeteria onde ás vezes vou almoçar. O garçon que me serviu deu-me pormenores. Conhecera o italiano, bom homem, um tanto duro de compreensão. Dias antes de ser assassinado, dois sujeitos vieram propor-lhe um negocio — inscreve-lo entre os socios duma "Shop Protecting Company" qualquer. Coisa de nada. Cinco dolares por mês, sem nenhum compromisso. O italiano recusou. Não necessitava de proteção, sabia guardarse a si proprio — e outras bobagens. "Olhe que arrisca a vida!" — disseram-lhe os agentes. "Se adere á nossa sociedade, viverá em paz, garantimos". "Tenho vivido em paz até aqui. Continuarei guardando-me a mim proprio". "All right", responderam os homens, retirando-se. Dois dias depois um tiro de revolver derrubava o pobre italiano atrás do balcão — um tiro não ouvido de ninguem, pois fôra desfechado de sob a estrutura do Elevado, no momento em que um trem aereo passava, com aquele ensurdecedor barulho de ferragens. Consequencia: todos os demais negociantes daquele trecho

de rua entraram com os 5 dolares mensais para a tal "Shop Protecting". Quer isto dizer: compraram, com essa pequena contribuição, a paz e a segurança.

Essa industria apresenta-se sob mil aspectos, quasi sempre dentro de formas legalissimas. Os estatutos da "Shop Protecting Co." devem ser um modelo de idealidade. Fins nobilissimos. Proteger as lojas contra assaltos e roubos. Policiar eficientemente os arredores, etc. Que pode fazer contra isso o Estado? Nada. A organização está aparelhada de todos os requisitos legais — e tem um nobre objetivo. Se fosse possivel provar que tais crimes são cometidos por membros de tais sociedades, o mal poderia ser suprimido. Mas é prova impossivel. Todo mundo sabe que se trata de venda de proteção á força — sob o dilema de ou deixase proteger ou morre. Mas como prova-lo? Onde a evidencia, de que a lei tanto necessita?

Vem daí que a industria das "rackets" extrai centenas de milhões de dolares ao povo acovardado — e muito bem cientificado de que quem resiste perde a partida irremediavelmente.

— É um dos aspectos odiosos da America, disse eu, e creio que peculiar da America. Não me consta que em outros países semelhante industria viceje.

— A meu ver não se trata de nada peculiar á America e sim ao grande enriquecimento que a America demonstra. Mais uma das inumeras coisas novas, ineditas no mundo, a que a excessiva riqueza dá origem. No dia em que outro país apresentar o mesmo grau de riqueza, lá tambem surgirá o "racketeering".

— Muito bem, Mr. Slang. Por causa da Gloria Swanson distraímo-nos na conversa e esquecemos do que nos trouxe aqui. Creio que é hora de galgar a torre.

— Pois vamos lá.

Dois bilhetes de meio dolar deram-nos o direito de usar o elevador direto que vai do andar terreo ao topo do Chrysler Building.

XIX

No Chrysler Building. New York á noite, vista do alto. O ceu na terra. Os 25 dolares de Peter Minuit. A cidades dos picapaus.

Zum!... Partimos para as alturas.

— O Woolworth, disse Mr. Slang enquanto subíamos, conservou durante dezessete anos o seu famoso recorde de edifício mais alto do mundo. Este Chrysler o bateu, mas não se gosou por muito tempo da vitória. Muito cedo o Empire State Building roubou-lhe o recorde.

— Não sei por que, Mr. Slang, mas o Woolworth não me dá a mesma impressão de grandeza deste Chrysler, nem do Empire, nem do Banco de Manhattan.

— As coisas envelheceram muito depressa neste tremendo impeto para o alto que é New York. A mim também o Woolworth me sóa qual uma torre de Ur, a terra de Abraão — voz do passado — arqueologia...

O Chrysler, com a sua cúpula e gargulas de níquel, e as demais novidades internas não só em material como em formas e cores, é perfeitamente moderno. Só a mundo futuro, bem como o seu vizinho do American Radiator — magnífico exotismo vertical listado de negro e ouro.

O Woolworth transige com o passado. Recorre ao medieval quanto a estilo, e o sobrenome que adquiriu, de Catedral do Comercio, condiz muito bem com o seu aspecto. É positivamente a catedral gotica, mas construída com materiais de hoje para fins outros que não louvar ao Deus das alturas. Já o Chrysler diz claramente que estamos na idade da maquina, do angulo, da ausencia de curvas; na era dos metais novos e da força em massa, calculada com calculos novos. Nada como ele reflete a raça de hoje. Parece vindo do solo, espontaneo qual um cogumelo nativo. Não cheira a enxerto europeu.

Sua altura foi determinada por uma injunção — o preço do terreno. Menor que fosse, não daria renda adequada a esse preço. Em tudo mais é produto logico da terra, do homem e do momento. Porisso nos sabe tão bem ao nosso complexo paladar moderno.

Chegamos ao topo.

No envidraçado daquela torre de niquel, a brilhar como prata fosca, debruçamo-nos ás janelas (ou coisas equivalentes) que se abrem para todos os quadrantes.

— Oh, mas é uma pura maravilha! não pude deixar de exclamar quando meus olhos atonitos se repastaram no oceano de luzes que vi em baixo, lá longe — lá na terra, pois que estavamos no céu. Milhões e milhões de luzes fixas e movediças, da iluminação publica, dos letreiros luminosos, dos automoveis e onibus e bondes e trens elevados, na proporção absurda com que New York possue tais veiculos. Daquela altura, com os detalhes apagados e só as massas visiveis à for-

ça de projeção luminosa a ideia que ocorre é a dum céu estrelado que de subito invertesse de posição.

— O céu na terra, Mr. Slang! murmurei. Tenho a impressão de que todas as estrelas do céu se acamaram no solo de Manhattan e arredores. Lá está Brooklyn! Lá está Queens!... Mas é um espetáculo único, Mr. Slang!...

— Sim, meu caro. Você está vendo algo que só pode ser visto daqui. O oceano que é esta New York de 11 milhões de habitantes, de 3.000 arranha-ceus, de quasi tantos automóveis no perimetro urbano quantos os existentes na Inglaterra...

— Quasi tantos?

— Ha aqui 650 mil carros contra 900.000 em toda a Grã Bretanha. Desse enxame, quantos nesse momento estão a circular e a nos dar a estranha sensação de estrelinhas rastejantes...

— Sim, sim! O quadro é inesquecível, murmurei, absorto na contemplação. Só agora vejo, sinto, a imensidão deste absurdo urbano chamado New York. Oceano de casas, oceano de luzes, oceano de veículos. Incrível!...

— De fato, New York é incrível e desnorteante, se relembramos aquela compra feita aos índios pelo holandês Peter Minuit em 1626...

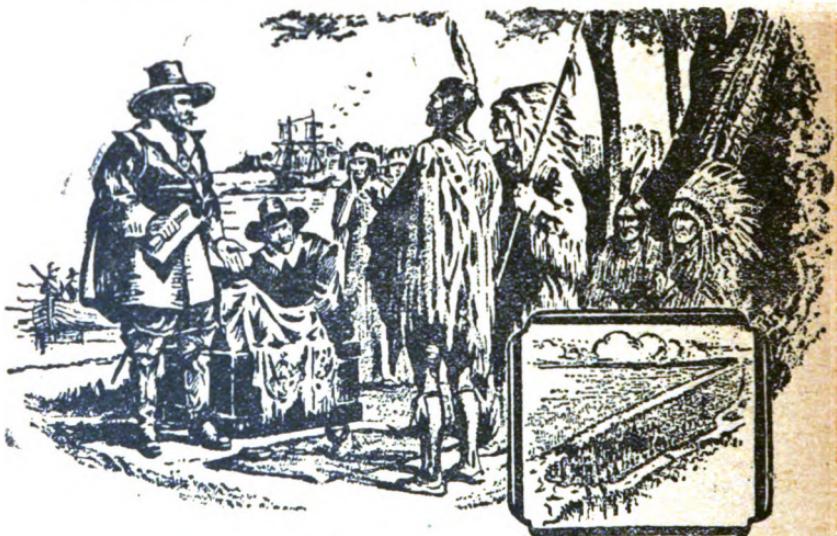
— Sei. Comprou esta ilha de Manhattan por 24 dólares, pagáveis em contas de vidro. Mas como ficam anõesinhos os outros arranha-ceus vistos daqui, Mr. Slang! Tudo lá em baixo...

Continuei absorto na minha contemplação, enquanto o meu companheiro prosseguia em diferente ordem de ideias:

— De 1626 até hoje não vai muito longe. Tres séculos e pico. Um minuto na vida dum povo — e temos isto...

— Aquilo lá que é? Riverside Drive ou... murmurei apontando uma carreira intermina de luzes.

— Riverside, sim. Adiante, New Jersey. Lá, Palissade Park... E temos isto...



O holandês Peter Minuit fechando com os índios a compra da ilha de Manhattan por 25 dólares em bugigangas

Sim, tinhamos aquilo — aquele infinito oceano de casas. O nosso raio visual não alcançava fim. De qualquer angulo que olhassemos, o mar de casas se confundia com o horizonte — mar de casas aquela hora da



noite transformado em mar de estrelas eletricas... Mr. Slang insistia nos seus numeros.

— Incrivel o crescimento desta cidade. De 1923 a 1926 manteve uma média um pouco acima de 60.000 casas por ano. Daí para cá a media caiu, em virtude da predominancia dos arranha-ceus, que valem, cada um, inumeras casas das antigas. Em 1923, por exemplo, o valor das 71.000 casas construidas foi de 755 milhões de dolares. Em 1929 o valor das 23.500 construidas atingiu 861 milhões. Diminuiram em numero para crescerem em tamanho e valor, e isso indica que o processo do crescimento da cidade jamais arrefece. Já é New York uma super-cidade. Dentro de cincuenta anos, ou cem, a que nova palavra recorrerão nossos netos para designa-la?

Mr. Slang tinha razão. Com que palavra designala no futuro?

Meus olhos não se cansavam de boiar no oceano de estrelas, enquanto em meu cerebro um formigueiro de ideias novas fervilhava como em dia de saída de içá. E saíram-me do formigueiro cerebral legiões de içás do sonho. Sonhei tão intensamente que já não me lembro do muito que Mr. Slang, na sua impassibilidade de inglês apurado em estatísticas, me ia dizendo a respeito da super-cidade.

Quando descemos, a diferença de pressão atmosférica me pôs surdo ou azoado por meia hora. Também nesse periodo nada ouvi do que me disse Mr. Slang, no Child's onde fomos recomfortar o estomago. As energias despendidas na intensa meia hora passada no

topo do Chrysler impunham a ingestão de varias sanduiches com leite maltado.

— É... disse eu por fim, quando meus ouvidos se libertaram da zoeira.

— E o que? interrogou o meu amigo ingerindo o ultimo trago do inofensivo drink.

— É isso mesmo, respondi ainda com o cerebro inapto para pensar. É, sim. New York é.

Acendemos os nossos cigarros. Tiramos as primeiras baforadas em silencio. Em redor, o povo, o formigueiro, a eterna massa que circula pela cidade inteira dia e noite, como se a vida fosse uma continua festa — dia de procissão ou carnaval brasileiros. Dominando a perene musica inharmonica que é a voz da cidade, chegava-me aos timpanos o ruido caracteristico da metropole, o *prrrrrr...* percuciente do martelo de ar comprimido com que se achatam os rebites nas estruturas metalicas dos predios em construção.

— É, sim, continuei, achando afinal colocação para o meu “é”. New York é a Cidade dos Picapaus.

Mr. Slang não entendeu. Enrugou a testa.

— Já ouviu no mato o picapau picando pau? perguntei-lhe. Pois o ruido que fazem é exatamente este dos martelos de ar comprimido.

A fisionomia do meu inglês desanuviou-se. Riу-se.

— Tem razão, disse ele, tambem atento ao *prrrrrr...* proximo. Lembra muito bem o picapau na floresta. É isso mesmo...

Prrrrr... Cem anos que eu viva e esse ruido tão characteristicamente newyorkino não me sairá dos ouvidos. Facil de imaginar o que seja, sabendo-se que

se constroem, como em 1923, cerca de 200 casas por dia — e que casas! Haverá na cidade inteira, tomada a média de 4 meses para a construção de cada uma, cerca de 24.000 construções em andamento — pelo menos foi essa a média daquele ano. As grandes não escapam ao martelo de ar comprimido — o picapau. Pergunto: haverá floresta no mundo, seja na India ou no Amazonas, onde, numa area correspondente á da ilha de Manhattan, tantos milhares de picapaus atormentem os timpanos do homem com o seu metalico e iterativo *prrrrr...?*

Do picapau pulamos para Ruskin, de quem Mr. Slang puxou a definição de arquitetura — arte de construir com beleza.

— Não é esta a concepção do americano, disse ele pedindo um novo drink. Aqui a preocupação de beleza está afastada. Arquitetura limita-se a ser a arte de construir honestamente, logicamente, sem vergonha, sem pretensão ou subserviência para com as formas do passado que já não se coadunam com a vida moderna.

Aquelas palavras do meu inglês, ditas em tom mais alto que baixo para cobrir o rumor ambiente dum bar mais que repleto, atraíram a atenção dum sujeito que se sentara a um canto da nossa mesa, não existindo nenhuma vazia áquela hora. Seus olhos brilharam e, interrompendo a ingestão do refresco que sorvia, ele voltou-se para Mr. Slang, com cara alegre.

— Perdão, se me dirijo desta maneira, mas é arquiteto, por acaso? perguntou.

— Não. Apenas um observador da arquitetura, respondeu Mr. Slang. Acabamos de descer do Chrys-

ler Building, donde fomos ver as luzes da cidade. O senhor sei que é arquiteto — a sua pergunta o indica.

— Sim. Sou arquiteto. Tenho colaborado na fatura desta nova New York que anda a prenunciar a novissima — quiçá a definitiva.

— Oh, definitival exclamou Mr. Slang sorrindo. Como sóa estranho essa palavra na boca dum arquiteto americano!...

— Se tem tempo de ouvir-me, respondeu o desconhecido, talvez eu consiga justificar a expressão chocante.

XX

Encontro ocasional. Opiniões dum arquiteto newyorkino. O estilo americano. Novo, tudo novo. Arranha-ceus de mais de milha de altura.

Havia tempo. Começamos a ouvi-lo. Era homem muito interessante de ideias, boa coisa para mim, que estudava a grande metropole e me pelava por contactos com os lidímos representantes da sua mentalidade.

O que ele nos disse poderá ser resumido assim: Em cada momento da historia, a arquitetura dum país expressa os usos e costumes da época. As piramides do Egito e seus templos constituiram esplêndido fundo de quadro para os grandes dinastas; e eram, além de honestamente construidos, estruturalmente sadios ("sound", dissera ele). Vieram depois os gregos, que no Partenon irradiaram a mais alta beleza estética de todos os tempos. Depois, os romanos, que desenvolveram o arco triunfal e outros monumentos expressivos do sentimento de ostentação que a vitória nas guerras lhes punha n'alma.

A gente da Idade Media, com a sua psicose asceta de caráter coletivo, ergueu para o céu, com grande fervor, as agulhas das catedrais góticas.

— Sem, entretanto, conseguir arranha-lo, ajuntei eu, apiedado do esforço daqueles nossos avós.

— Sim. Dispunham de meios de construção bastante primitivos — a pedra, apenas. Veiu afinal a Renascença, como aurora depois de longa noite escura. A Renascença afastou a ideia de morte, além tumulo, ceu, que fez da Idade Media o periodo lugubre do Ocidente. Renascem com a manhã de sol a ciencia, as letras, a pintura, a escultura — e a arquitetura.

Depois vem o Rococó ou Barroco dos Luizes — dos artificiosos tempos dos Luizes numerados.

Em todas estas epochas a arquitetura exprime com grande fidelidade as ideias, crenças, usos e costumes dos povos.

Na America começamos, já de cara, criando alguma coisa. O nosso estilo Colonial é mais adaptação do que copia do Georgiano inglês da época. Depois, o grande pesadelo — aquele estilo Vitoriano gotico, que tão bem condizia com a hipocrisia e estreiteza da Era Vitoriana.

Ali pelo fim do ultimo seculo, Hunt e McKim entraram cá com a Renascença Francesa e Italiana. Arqueologico, foi o trabalho deles. No edificio do "New York Herald", desenhado por McKim, temos uma perfeita copia dum palacio de Verona. E as numerosas construções devidas a esses dois mestres exerceram uma influencia que ainda se nota entre os nossos estudantes de arquitetura. A Renascença dos diferentes países europeus foi transplantada em jacasinhos para a America. Outro palacio italiano tornou-se a residencia de

Joseph Pulitzer, o fundador do "World". A velha Gerry House, tão notoria, não passava dum castelo francês.

Os jovens arquitetos da America deram de emular os dois mestres, copiando as velharias da Europa e adaptando-as ás nossas modernas condições, nem sempre de maneira feliz, mas com o resultado de desenvolver o gosto publico por meio de demonstrações do que o passado já havia feito em materia de arquitetura. Isso preparou o caminho para um estilo novo, realmente inedito.

Com a precipitação de marcha da era da maquina, com o impeto dum povo de alto senso pratico e ainda com abundancia de materiais novos — tudo coincidindo com o surto das ideias revolucionarias — veiu a exigencia de algo novo, mais adaptado aos nossos problemas e casos personalissimos.

As classicas cornijas, ridiculamente a se salientarem em projeção nas fachadas, foram dos primeiros absurdos a irem para a lata do lixo. Além de despendiosas, diminuiam a luz dos andares que lhes ficavam por baixo.

Coincide isto com o aparecimento das leis do novo "zoning", caracterizado pela imposição de recuos progressivos, que dássem luz e ar ás ruas por mais que crescessem os predios.

Detalhes dispendiosos, ornatos — tudo eliminado. Só importam as massas. Delas tirará o arquiteto os seus efeitos de luz e sombra — e temos afinal o estilo novo — belo porque honesto e sincero para com o objetivo da construção.

Hoje venceu em toda a linha. E' o verdadeiro estilo americano, afinal. Por isso condenamos a nova igre-

ja que Fosdick construiu em Riverside Drive. E' Ida-de Media, coisa boa para a gente daquela época. Impressiona como monumento arqueológico, fiel às tradições que se foram. Mas destoa das nossas ideias ambientais — da nossa atitude em face da religião.

Quem pode imaginar que esse edifício foi feito todo de aço? Uma igreja moderna deve ser um esplêndido auditório, de boa acústica, bem ventilado, bem iluminado, onde o manejador da palavra possa ser visto e ouvido por todos. Esse auditório existe para dar posição de destaque a esse homem, de cuja boca sai a palavra que atrai ao recinto o público.

Os arquitetos exploraram hoje campos até aqui desconhecidos, onde não há precedentes que os guiem — *felizmente...* Em matéria arquitetônica já estamos salvos.

— Sim, sim, interrompeu Mr. Slang. Tudo é novo hoje na América. A arquitetura não podia deixar de seguir o movimento.

— Novo, tudo! concordou o desconhecido. Novo até acima da loucura imaginativa de Julio Verne. O rádio, a ligação de todo o continente pelo telefone, o cinema falado, a televisão, o aeroplano e o dirigível, a "mass production", a máquina a multiplicar-se com velocidade que mal permite a adaptação do homem — nada disto, ou, antes, o conjunto que disto resulta não pode ser expresso em qualquer estilo da Renascença. O passado não mede, não define, não traduz o que criamos de novo. Daí este estilo arquitetônico inédito, em pleno viço de crescimento. A um século de hoje entrará para a história das artes ao lado das grandes

criações humanas — perfeito definidor que é da nossa era.

— Mas por que o considerou definitivo?

— Restritamente o é. *Achamo-lo*, afinal. Justo, portanto, que permaneçamos dentro das suas linhas gerais por um espaço de tempo bastante longo para permitir o uso desse qualificativo.

Mr. Slang concordou.

— E quanto á altura, Mr. . . .

— Jacobs, Allan Jacobs.

— E quanto á altura, Mr. Jacobs? perguntei eu. A que altura poderão chegar as cidades verticais que aqui se chamam arranha-ceus?

— Imprevisível. Esta semana apareceu uma notícia de sensação para nós construtores. Um professor da Universidade de Ohio alega ter inventado um novo tijolo do peso de 20 libras por metro cubico, em vez de 120, como os de que dispomos hoje. Se essa invenção resultar prática, poderemos prever estruturas de uma milha de alto.

— Uma milha! exclamei, atônito diante da fleugma com que Mr. Jacobs dizia aquela barbaridade.

— Por que não? Da cabana do indio, de 2 metros de altura, já chegamos aos 380 metros do Empire Building. Por que? Simplesmente porque os materiais de construção de que dispomos fazem disso uma mera questão de calculo de resistencia física. Com um material seis vezes mais leve e da resistencia e indestrutibilidade desse anunciado no Ohio, poderemos sextuplicar a altura do Empire — seis vezes 380 dá 2284 metros, mais que a milha que tanto o assustou...

Saimos. Como Mr. Jacobs levasse o mesmo rumo, mergulhamos no mais proximo "sorvedouro" da New York subterranea, para emergir adiante, na estação da Pennsylvania. Lá, antes de separar-nos, ele nos disse ainda:

— Esta estação, por exemplo, que se inspirou nos banhos romanos. Mente á nossa era. Coisa que perdeu o espirito, a alma, é coisa que morreu, que passou e jamais dará sensação de vida. Por isso admiro mais uma chaminé, um elevador de trigo, do que esta copia ou casca de molusco já extinto — o banho romano. Noso país está cheio de exotismos deste naipes, de coisas herdadas, tomadas de emprestimo da velha cultura europeia. Daí o meu extase quando vejo uma chaminé de ferro e minha frieza diante duma coluna dorica.

— Coluna dorica posta aqui, note-se, exclamou Mr. Slang, que pensava da mesma maneira. Porque lá onde ela teve origem nada existe de mais belo.

— Está claro, concluiu Mr. Jacobs despedindo-se. Sôa mal nesta terra uma coluna dorica como soariam mal as chaminés de Highland Park ao lado do Partenon...

— *Bye, bye...*

Tambem me despedi de Mr. Slang. Fui para a cama, cansado. Vive-se em New York numa hora mais que em todo um ano de aldeia — e naquele dia eu tinha vivido mais do que na vespera.

XXI

Uma carta sobre politica. Eleições no Brasil. Votar, meio facil de adquirir um chapeu novo. O gado eleitoral. Eleições na America. Hoover e Smith.

Entre as cartas do Brasil que no dia seguinte me trouxe o correio vinha uma dum velho amigo apaixonado pelo voto secreto. Queria minha opinião sobre o voto secreto na America. Era assunto que ainda não me preocupava. Mas para não desapontar esse amigo, dei balanço ás minhas reminiscencias e respondi-lhe nestes termos:

“Eu vinha de um país, onde muito se discute a possibilidade do sistema representativo. E’ possível escolher? E’ possível eleger representantes? E’ possível a um cidadão escolher livremente de acordo com sua consciencia? Haverá jeito dessa escolha manifestar-se por meio dum voto publico? Tais os problemas que ao tempo preocupavam todos os nossos homens de boa vontade.

Levava-os a essa ordem de considerações a falência no Brasil do sistema representativo sob o regime da constituição republicana. Embora se conduzissem

eleições periodicas e as urnas "manifestassem a sua vontade livre", todos sabiam que na realidade o eleitor era um unico — o Presidente da Republica. Por mais que reformassem a lei eleitoral a coisa não mudava. Voz das urnas, na pratica, significava sempre, de norte a sul, a voz do Presidente. Diante da renitencia do mal as "pessoas limpas" desinteressaram-se do voto, que passou a monopolio de criaturas limitadas á função de "portadoras de voto" ou, antes, de cedulas fechadas contendo o nome indicado pelo "alto". O portador de voto não precisava saber que nome era aquele, nem tinha nada a ver com isso. Sua função consistia-apenas em levar o papelzinho até a seção eleitoral e enfia-lo numa caixa de madeira — a tal urna sagrada.

Está claro que para ser esse mero portador de voto a criatura devia possuir unicamente qualidades negativas — não ter capacidade para escolher livremente, não ter independencia moral, não conhecer nada da situação do país, e não ter... chapeul. Em regra a paga do carroto (levar o papelzinho á urna) se resumia num chapeu novo — e dos mais ordinarios.

Votar ficou assim transformado em bicate dos pobres diabos. Lembro-me de ter ouvido entre dois pés-rapados uma conversa deste teor:

— Ouvi dizer que você vai á Aparecida. Já marcou viagem?

— Já, sim. Vou depois das eleições.

O outro olhou-lhe para o chapeu furado e disse sem ironia nenhuma, o mais naturalmente possivel:

— E. Com esse chapéu até Nossa Senhora se ofende.

Nas cidades grandes ainda havia um simulacro que disfarçava a comedia. No interior, por todo o vasto interior do Brasil, não. Nada disfarçava a crueza da realidade. Eleitor era sinônimo de gado. O coronel Fulano, por exemplo. Está bem, diziam. Possue cem mil pés de café, 300 cabeças de gado e 120 eleitores.

Ter eleitores equivalia absolutamente a ter uma especie de gado bipede, do qual se tira o leite do voto em certas ocasiões.

Numa eleição a que assisti pude observar a entrada no povoado dum fazendeiro a cavalo, tangendo uma ponta de eleitores. Varios cabos eleitorais os guardavam com cautela, para prevenir o estouro. Chegados á cidadezinha, foram encurrallados num grande quintal murado de taipa. Ás esquinas dispuseram-se capangas armados, para evitar que alguns fugissem ou que gente do partido contrario pulasse para dentro do curral afim de "corrompe-los".

O nome tecnico daquele recinto era esse: — "curral". Havia o curral do partido do governo e um menor da oposição. Dentro de ambos, enquanto se esperava a hora da "livre manifestação da urnas", os votantes comiam um boi e esquentavam o corpo com a pinguinha.

Um boi gordo, um quinto de cachaça, um pacote de envelopes fechados com uma cedula impressa dentro: eis os ingredientes com que na vastidão dos nossos

oitó milhões de quilometros quadrados se elegiam os representantes do povo. A coisa essencial do sistema representativo — *escolha consciente e livre manifestação dessa escolha* — isso nunca passou pela cabeça dos manipuladores da politica. Besteira para os ideologos da oposição, diziam ás gargalhadas os chefes e os cabos eleitorais.

Daí veiu que desde menino a expressão “eleitor” provocava em meu cerebro uma reação muito proxima da de “mendigo”. Um ponto acima, apenas. Os mendigos ganham chapeus velhos e niqueis: os votantes ganham chapeus novos e notas de cinco, ás vezes até de vinte e mais — sempre pagas pela verba “socorros publicos” que todas as municipalidades do interior nunca deixavam de prover.

Essas impressões, quando recebidas na infancia, gravam-se indelevelmente em nosso cerebro. Por esse motivo, quando um dia Vergueiro Steidel me fez convite para virar eleitor numa hoste que ele e outros idealistas estavam reunindo, não pude deixar de rir e responder:

— Mas eu já tenho quatro chapeus, meu amigo. Que irei fazer com outros?

E nunca pude pensar a serio no sistema representativo. Mudava de conversa, aborrecido, sempre que alguem puxava o assunto perto de mim. Bobagem, perda de tempo pensar nisso. Votar? Tolices — quando a gente possue chapeu. E lá se me ficou no espirito que era assim, que sempre fôra assim, não só no Brasil como no resto do glcbo. Descri em absoluto do regime representativo.

Um dia na America do Norte voltei ao assunto; e como fôra ao tempo da eleição do Presidente Hoover, em vez de ir ao Roxy deu-me na telha assistir ás eleições. "Quero ver como é o curral dos americanos", creio que pensei lá no subconsciente.

Fui... Vi... e se o queixo não me caiu foi por estar bem pregado na caveira.

Incrivel! O sistema representativo existel... Funcional... O eleitor escolhe livremente, vota livremente, seu voto é apurado! E de tudo resulta que só toma assento na Casa Branca quem realmente é escolhido pela maioria!...

Dias, meses antes das eleições já eu notara um fenomeno novo para mim. Todo mundo a discutir o merito dos candidatos em luta, Herbert Hoover pelos Republicanos e Alfred Smith pelos Democraticos. Os jornais e o radio esmiuçavam-lhes as vidas, apontando-lhes as qualidades ou os defeitos. E eu, que era um estrangeiro, nunca me inteirei tão a fundo sobre a vida de dois cidadãos. Cheguei a ponto de tomar partido. Eu proprio pesei os dois candidatos e me decidi por um por acha-lo com mais meritos que o outro.

Isso que se deu comigo deu-se com toda gente, inclusive as mulheres, que aqui tambem são gente. A inumeras, ás quais por curiosidade perguntei em quem iam votar, ouvi carradas de argumentos ora em prol de Hoover, ora em prol de Smith. Razões gerais, razões pessoais. Lembro-me desta resposta: "Eu votaria em Smith, se não fosse a sua mulher. Mrs. Smith não está na altura de ser a primeira dama do país. Fóra daí, acho que Smith daria um grande presidente".

Dia de eleição, afinal. Fui ver, já um tanto abalado em alguns pontos da minha incredulidade. E vi. E vi votar-se!...

Nada de aglomerações, barulho, berreiro, fêchas, tumulto. Em cada rua, de distancia em distancia, um "pool", isto é, uma improvisada agencia de receber votos, como ha agencias distritais de receber cartas do correio. Agencias improvisadas em escolas, edificios publicos, casas de negocio — onde possa ser, de modo que se atendam do melhor modo ás necessidades do publico.

Estive observando duas; a primeira improvisada numa casa de flores, a segunda, numa relojoaria. Durante toda a tarde a florista não deixou de vender suas flores, nem o relojoeiro de espiar o interior dos relogios com aquela lente encastoada num tubo preto, que seguram no olho qual monoculo.

Foi quando o queixo quasi me caiu. Devéras? Seria crivel. Votava-se ao lado daquele relojoeiro que nem sequer interrompia um serviço exigidor de tanta atenção? Era fato!... Votava-se!...

A um canto da loja estava a mesa eleitoral, presidida por quatro pessoas, dois homens e duas mulheres. Noutro canto, a cabina que ocultava a maquina de votar, fechada aos olhos do publico por um reposteiro.

O eleitor entra e apresenta á mesa o certificado que tirou dias antes e o autoriza a votar naquela seção. A mesa registra-o e pronto. A função dela se resume nisso. O resto cumpre ao eleitor. Da mesa dirige-se ele para a cabina. Abre o reposteiro, entra, fecha-o

de novo. Segundos depois abre-o ainda uma vez e sai. Votou. Moveu lá dentro uma das pequenas manivelas que fazem a maquina registrar o voto. Ao deixar a cabina, a maquina, em seu automatismo, recoloca a manivela mexida na posição anterior, pronta para ser movida pelo votante seguinte. Cada manivela corresponde ao nome de um candidato.

Ninguem fala, ninguem discute, ninguem berra, ninguem sabe em que nome o cidadão votou. Finda a eleição, a maquina dá os numeros, que são o registro exato dos movimentos da manivela.

Nessa eleição, assim calma transcorrida no país inteiro, a manivela que trazia o nome de Herbert Hoover foi movida 21.392.190 vezes; a com o nome de Alfred Smith, 15.016.443; a com o nome do socialista Thomas, 267.420; a com o do trabalhista Forster, 48.770.

Como antecipadamente ninguem pode saber qual venha a ser o registro final da maquina, nenhum dos candidatos pode cantar vitória antes que o ultimo resultado seja dado. Porque a maquina de votar gosta de fazer surpresas...

A cidade de New York, por exemplo, é um velho baluarte democratico. Os republicanos sempre perdem as eleições ali. Hoover perdeu, tendo 714.000 votos contra 1.167.000 dados a Smith. Mas no estado de New York, que é tambem democratico e tem governador democratico, Hoover ganhou de Smith por mais de cem mil. Surpresas...

Nas eleições municipais, a mesma coisa. No distrito de Queens, por exemplo, que faz parte de New York, a administração municipal era democratica. Mas

o presidente da Camara e outros elementos viram-se acusados de traficancia. Levados a juri, foram condenados. Consequencia: na eleição seguinte, apesar de Queens ser tradicionalmente democratica, os republicanos venceram. A maquina de votar castigou desse modo o partido que não soubera escolher os seus homens.

Esses fatos provocaram uma revolução em meu cérebro. Convenceram-me de que o sistema representativo é possível, e funciona admiravelmente. Mas tambem me convenceram de uma coisa: que só é possível onde o povo haja alcançado o grau de desenvolvimento economico que a America demonstra. Independencia moral tem por base a independencia economica. País tão pobre que necessita trocar o voto por um chapéu, nunca poderá alçar-se à categoria de eleitor. Tem que permanecer na posição de "portador de cedula", sem que lhe seja permitida, sequer, a audacia, o topete, de querer saber o nome que a cedula traz.

— "Cachorro! Que é que tem você com isso?" ouvi certa vez um cabo eleitoral berrar para um votante encurrulado, que lhe fizera tão inocente pergunta. "Cumpra o seu dever e não encrenque."

O "dever" do pobre diabo se resumia em executar sem tugir nem mugir as ordens do patrão. Querer saber em quem ia votar era ser "encrenqueiro"...

Como sairmos disto? Por meios diretos, com uma nova lei eleitoral? Ingenuidade. Só por meios indiretos o conseguiremos. Só o desenvolvimento economico do país, com a criação da siderurgia, com a descoberta do petroleo e outras coisas que fizeram a independen-

cia do americano. Copiamos da America as suas leis basicas. Esquecemos de fazer o resto. Daí o fato dessas leis basicas funcionarem na America a faltarem no Brasil. Tais leis requerem um alicerce economico que nos falta. Sem cria-lo, impossivel sairmos do regime do curral. Ainda que o suprimamos nas capitais, persistirá por toda a vastidão do interior. As capitais constituem minoria. O interior é a grande massa. E' o Brasil."

XXII

Velha conversa com Mr. Slang a respeito
do voto secreto. Como ele me limpou
o cerebro de muitas teias de aranha.
Sua visão geral do caso brasileiro.

Foi isso no Rio, numa visita que fizemos á ilha do Paquetá, no dia seguinte ao levante do general Isidoro em S. Paulo.

Confessei a Mr. Slang que semelhante movimento me causava a maior das surpresas — e aqui reproduzo a conversa que anotei logo ao chegar em casa.

— Pois a mim não, observou ele. Quando vocês cometiveram aquela imbecilidade do 15 de Novembro, rompendo de brusco a evolução do país para adotar o figurino presidencial americano, Bartolomeu Mitre, que via longe, disse: "Vamos ter trinta anos de revoluções no Brasil."

— Errou por treze. Já estamos com quarenta e tres anos de perturbações revolucionarias...

— Sim, e terão talvez outros tantos. A furunculose adquirida a 15 de Novembro ainda não está no fim do processo, ainda não deu de si todos os abcessos de que é capaz. Os povos pagam caríssimo os atos impensados da estupidez politica. Enquanto o veneno inocula-

do naquele dia fatal não for todinho eliminado, este pobre país terá que sofrer dos seus efeitos.

— Que veneno acha que seja esse?

— O mesmo que dá origem a revoluções em todos os países do globo: tirania.

— Mas nós não inauguramos a 15 de Novembro a tirania. Inauguramos um governo constitucional, representativo, com presidentes eleitos pelo povo...

— Eleitos de mentira. Não pode haver governo representativo sem verdade de representação — e não há verdade de representação baseada em votos falsos. O voto falso é aqui, como em toda a América do Sul, salvo Uruguai e Argentina, a causa de todos os males.

— Quer dizer então que o que nos falta é o voto secreto?...

— Exato — politicamente.

Espantou-me ver Mr. Slang afirmar assim tão categoricamente a valia do voto secreto e te-lo como o desintoxicante do organismo nacional. Cá no meu íntimo eu sempre tivera o voto secreto como panaceia muito boa para programa de partido oposicionista.

Objetei. Objetei o comum que costumam objetar os adversários do voto secreto. Em vez de responder a essas objeções, que são em extremo sofísticas, o meu inglês penetrou fundo no caso.

— Raciocinemos, disse ele. Discutir com palavras, com verbalismos tão ao gosto de vocês aqui, não conduz a nada. Raciocinemos. Que é votar, diga-me?

Enguli o resto do guaraná que tomava e declarei, depois d'alguma reflexão:

— É manifestar uma escolha. Se eu voto em Fulano é que *escolhi* Fulano.

— Perfeitamente. Votar é manifestar uma escolha. Mas a manifestação dessa escolha só vale, só representa uma verdade, se você for *livre* na escolha, e se for igualmente livre na manifestação da escolha.

— Está claro.

— A escolha é um ato de consciencia, de fôro íntimo, que só pode exteriorizar-se, isto é, manifestar-se, caso o votante não corra nenhum risco de sofrer más consequencias. Se eu souber que escolhendo o nome de Fulano para tal ou tal cargo venho a sofrer com isso, não o escolherei. Passarei a escolher Sicrano — isto é, aquele de cuja vitoria não me venha nenhum mal — embora lá no íntimo eu esteja convencido de que Fulano era o melhor nome a ser escolhido.

— Muito bem. Continue, Mr. Slang.

— De modo que temos dois caminhos. Na votação a descoberto, em uso aqui, o leitor só escolhe, ou só vota, *baseado em razões de defesa pessoal ou da sua familia*. A aptidão do escolhido para o cargo não entra em consideração. O pobre eleitor escolherá muitas vezes o homem que em consciencia considera o peor possível para a comunidade; mas entre *contribuir* para causar um mal a todos em geral e *causar* um mal para si proprio ou sua familia, não vacila, nem pode vacilar. O egoísmo existe. Pergunto agora: que valor de consciencia tem essa escolha, ou esse voto? Nenhum. Não representa um ato de consciencia e sim um puro ato de covardia ou de defesa. Uma mentira.

— Perfeitamente.

— Mas se o voto for secreto, se for absolutamente impossivel descobrir-se em quem o eleitor votou, tudo muda. O eleitor então passa a escolher livremente, isto é, de acordo com a sua conciencia, pois sabe que nenhum mal lhe poderá advir disso, nem para si, nem para a sua familia. Logo, o voto secreto representa a verdade, como o voto a descoberto representa a mentira.

Pus-me a refletir. Aquelas palavras de Mr. Slang aclaravam-me singularmente o assunto.

— Realmente, disse eu. Não sistema do voto a descoberto o voto *já sai falsificado de dentro do eleitor!* Nunca eu tinha reparado nisso...

— Já sai falsificado, sim, repetia Mr. Slang. Já é uma mentira — e por isso ninguem o respeita. Não o respeita nem sequer o eleitor que o deu. Se sou *forçado* a votar em quem não quero, está claro que não respeitarei esse meu voto falso. Daí a instabilidade dos governos com base no voto a descoberto. Daí a facilidade de se organizarem *maquinas eleitorais* que perpetuam no governo homens que o povo detesta — que os próprios eleitores detestam. Daí as revoluções — meio único de alijar tais homens do poder. Daí a simpatia do povo pelos movimentos revolucionários, isto é, pelo alijamento à força de armas dos homens que esse mesmo povo elegera constrangido. Daí o estado de miseria, de atraço, de desordem, de todos os países latinos da América que ainda persistem no sistema do voto que já sai falsificado de dentro do eleitor.

Em país de voto secreto jamais o povo apoia qualquer movimento revolucionário. Por que motivo re-

correr-se á violencia — que é dolorosa e economicamente desastrosa para a comunidade — se por meio da eleição é possível mudar-se um mau governo? E como daria o povo o seu apoio a movimentos armados contra homens que ele povo escolheu livremente, em absoluto acordo com a sua conciencia? Se eu escolho livremente um homem para um cargo, está claro que estarei ao seu lado nos momentos dificeis, e que o defenderei como defenderia a mim proprio. Esse homem representa a minha conciencia manifestada nas urnas. Se por acaso trair-me, se não desempenhar o mandato que lhe conferi de modo que me satisfaça, não recorrerei ás armas para alija-lo: na proxima eleição votarei contra ele, confessando a mim proprio que tive parte na culpa. Errei. Não escolhi bem, eis tudo.

Assim falou Mr. Slang e eu rendi-me aos seus argumentos. De fato, só o voto absolutamente secreto pode sair puro de dentro do eleitor. O outro já sai falsificado; e, portanto, não merece o respeito de ninguem — nem sequer do covardão que o deu...

Convenci-me, não havia remedio. Mr. Slang tinha um modo de argumentar que era só dele.

— Vejo que não se trata de panaceia como sempre supus, disse eu. Talvez seja por isso que os povos que já aprenderam a governar-se adotam o voto secreto...

— Sim. É o sistema usado na Inglaterra e basta, confirmou com orgulho o meu inglês. E tambem pelos Estados Unidos e França e Suecia e Noruega e todos

os países *decentes*, os países onde as revoluções já não se fazem possíveis, por *desnecessárias*.

— Mas a resistência entre nós a esse sistema de voto é ainda muito grande.

— Resistência por parte de quem? De quem vota ou *de quem se habituou a ser votado cabrestalmente?*

A resposta estava contida na pergunta.

— De quem se habituou a ser votado cabrestalmente, está claro. Dos velhos políticos que o povo despreza, acoima de ladrões e, de medo, por covardia, continua a eleger...

XXIII

New-York é um cacho de cidades. Sua riqueza. Vida subterranea. Up Town. O sistema de estradas de ferro metropolitanas.

New York... cacho de cidades autonomas que ao crescerem se fundiram num só monstro. Cem "villages" e mil comunidades compõem hoje esse cacho. New York!... Arco voltaico tão poderoso que de todos os recantos de terra afluuiu e afluie gente em massa para alimento da fornalha que basta a si propria — pela sua industria e ligações com o resto do mundo. Sua industria! A estatística da-lhe 32.590 estabelecimentos manufatureiros somando um capital de 3 bilhões de dólares, com um valor de produção de 5 bilhões e meio — trinta vezes o valor da nossa produção de café...

New York, a cidade que despende com educação publica, incluindo bibliotecas, 176 milhões — hoje 2 milhões e 800 mil contos da nossa moeda. (1) Com museu e parques, 224 mil contos. Com higiene e saúde publica, 1 milhão e 120 mil contos. Com o benefício das crianças, 112 mil contos. Com caridade ou assistencia, 192 mil contos.

1. — Dolar a 8\$300.

A cidade que cresce igualmente nos dois sentidos, para o céu e para o inferno. Que é a Grand Central ou a Pennsylvania Station, senão arranha-céus invertidos — "hellscrapers" — arranha-infernos?

O mundo subterrâneo de New York vale, como maravilha, todas as sete do mundo antigo somadas. Um sistema de viação copiado às formigas, onde as formigas newyorkinas trafegam incessantemente aos bilhões por ano. Em 1930 o tráfego pelos subways foi de, exatamente, 1.971.845.159 formigas humanas.

A cidade que tonteia o recém-chegado e não raro lhe perturba o equilíbrio dos miolos. Que impõe ao homem uma adaptação especial. Num estudo a respeito o Dr. Wallace House, neurologo e psiquiatra do Flower Hospital, diz que a população flutuante de New York despende 20% mais de energia vital do que a média dos seus habitantes fixos, nela nascidos ou já com longa residência. O newyorkino torna-se imune ao fragor da cidade por meio da adaptação sensorial. Já o visitante reage normalmente, contra o nunca sentido fragor, isto é, reage sem estar escorado pela defesa da adaptação especialíssima. Daí aumento da respiração, tensão muscular fóra do comum e muitas vezes perturbações cardíacas.

De fato, quando, pela primeira vez uma criatura vinda de plagas onde o som é o velho som que a humanidade sempre conheceu, sente em seus timpanos o choque dum trem elevado que passa vibrando a formidável estrutura de aço do seu leito, reconhece a existência na terra de coisas com as quais nunca sonhou a sua filo-

sofia. Leva as mãos aos ouvidos, como se o fim do mundo estivesse chegando. Mais tarde assombra-se de ver nas infernais avenidas por onde correm os "elevados" crianças brincando na rua, tão desatentas ao furacão que passa como nós hoje no Brasil ao bonde. Adaptação...

A cidade subterrânea é de fato uma cidade subterrânea. Nela pode uma criatura morar toda a vida sem nunca ter necessidade de vir á tona. O comercio floresce luxuriosamente dentro da terra. Lojas de tudo — desde roupas brancas até livros. Muito livro comprei lá dentro, nos magnificos "stands" da Grand Central. Restaurantes, hoteis, casas de calçados, de roupas feitas ou por fazer, barbeiros, engraxates, cutelarias, "hosieryes", "drug stores" — até agencias bancarias. Ali se desconta um cheque tão rapidamente como na superficie. Dali um homem de negocios telefona para todas as partes do mundo, como do seu escritorio comercial.

Certa vez uma reporter meteu-se por um "sorvedouro" de subway a dentro para verificar por experienca propria quanto tempo podia uma criatura viver lá. Ao cabo de oito dias ressurgiu. "Inutil prolongar a experienca", disse ela no seu jornal; "fiquei oito dias, como poderia ter ficado oito anos, ou oitenta". A vida subterrânea está organizada em todos os seus detalhes, tal qual a da superficie.

A's esquinas, de espaço a espaço, um gradil no passeio assinala um "sorvedouro de gente". É uma entrada do subway. As massas humanas que formigam nas calçadas subito se "sorvertem" naquele ponto —

agua de enxurro a esvair-se em boeiro. Vão tomar o trem...

E que trens! De tres em tres minutos um que passa, com dez grandes carros metalicos, sempre apinhados. A congestão é eterna. Por mais que se aperfeiçoem os sistemas de transporte da cidade unica, jamais atendem em certas horas do dia ao afluxo e refluxo da onda humana.

Down Town e *Up Town* — eis as duas expressões que o recem-chegado aprende antes de mais nada e sem as quais não pode locomover-se na ilha de Manhattan. A ilha é sobre o comprido, cortada em sentido longitudinal por avenidas que vão dum extremo a outro; e no sentido lateral por infinitade de ruas numeradas. Onde é *Down Town*? Onde é *Up Town*? Rigorosamente, em parte nenhuma, ou, antes, em toda parte. Essas indicações são relativas ao ponto em que nos achamos. Quem está na rua 72, por exemplo, considera *Down* todas as ruas abaixo desse numero, e para ele a rua 73 já é *Up Town*. Mas para quem está na rua 74, a 73 já é *Down Town*.

Os trens correm em linhas separadas nos dois sentidos, e se dividem em locais e expressos. Estes só param mais ou menos de cinco em cinco estações, correspondentes a quarteirões. Os locais param de estação em estação. Em muitos pontos as linhas se superpõem. Na Grand Central, por exemplo, ha varias camadas ou andares de trens, até profundidades que o publico só alcança por meio de monstrosos elevadores.

A Grand Central assombra a menos assombradiça das criaturas. Estação inicial do sistema de estradas de ferro que tem esse nome e leva a todos os pontos do país, coincide com a principal estação de subway, depois da de Times Square. De modo que naquele subterraneo, construído com fino luxo, não só circulam 700 trens por dia para todos os cantos do país, como ainda os milhares do tráfego urbano. Descrever isso é tentativa louca. Coisa de ver-se, abrir a boca e concordar que New York é New York — a unica.

Os desastres tornaram-se fenomenos de raridade — e as companhias frisam isso no "Subway Sun", jornal da organização que afixam diariamente em cada carro. Não ha no mundo, diz com algarismos o "Subway Sun", estrada de ferro que apresente menor porcentagem de desastres por numero de passageiros transportados — creio que um ferido para 500 milhões de incolumes.

Nada me deu tanto a medida da capacidade de organização do povo americano como a maravilha dessa segurança, obtida por meio dum sistema de controle que eliminou praticamente o homem. A maquina faz tudo.

XXIV

Uma opinião sobre a mulher. Femininice da America. Matercracia. Como gostam de ler. Lei da evolução. Puritanismo grotesco.

Estas coisas ia eu pensando a caminho do apartamento de Mr. Slang, que me esperava para uma visita á Biblioteca Publica. Encontrei-o ainda furioso com as mulheres.

— Sim, é isto! disse-me logo após ao "How do you do?", ainda com o jornal que estivera lendo na mão. Mr. Rodgers está certo.

— Will Rogers?

— Não, Robert Rodgers, do Instituto Tecnologico de Massachussetts. Acaba de fazer uma notável comunicação á Business Conference, de Babson Park. Diz que o pensamento americano é feminino, em consequencia das escolas serem conduzidas mais pelas mulheres do que pelos homens. Aos metodos de ensino da escola americana, diz ele, falta virilidade — deficiencia que está "feminizando" a America.

Faz meio seculo, declara ainda Rodgers, que a maior parte da nossa juventude está sendo treinada exclusivamente por professoras, nas quais a preocupação

de metodo, o interesse do detalhe, a pouca inclinação para o pensamento matematico, politico ou filosofico e a muita para insistir em crenças abstratas a serem aceitas docilmente, vem abafando o livre "give and take" da critica. Cincoenta anos desta praxe produziram o que vemos — incompetencia para pensar politica e filosoficamente. O pensamento americano mudou de sexo, passou a feminino — altamente acurado em detalhes, imediato quanto a aplicações, rigidamente idealistico a despeito dos fatos — e debil quanto ao livre exame critico.

— Essa acusação da femininice da America é geral, Mr. Slang, acrecentei. Inda ontem, pelo "New York Journal", Keyserling o denunciou, com aquela sua agudeza de mestiço de alemão e russo. Acha que é preciso emancipar o homem. Acha que a preponderancia feminina inibe as faculdades criativas do macho americano, havendo tambem ela, a mulher, destruido, ou arrefecido, a sua faculdade criadora. Keyserling está montado no ponto de vista europeu. Quer a mulher na sua velha função de inspirar e encantar o homem.

— Sei, sei... E' a grande questão constantemente agitada. A mulher avançou demais na sua investida para igualar-se em direitos e ação ao homem. Avançou tanto que o ultrapassou. Isso de encantar não existe mais aqui. Só se preocupam de dominar, mais e mais — e consolidar suas vitorias. Vai ver amanhã a onda de indignação que se erguerá contra Rodgers.

— Todos nós homens pensamos assim, ajuntei. Mas, pergunto, será possivel voltar atrás e, depois de haver

o macho permitido tamanho avanço á vélha femea tradicionalmente subalterna, faze-la recuar das posições conquistadas?

— Não creio, opinou Mr. Slang. Estas mulheres jamais recuarão. A America já é uma maternacia e o será em escala mais intensa cada ano que se passe. Elas são o sapo — quando seguram não largam mais. O homem foi batido na America, não resta dúvida — e muito receio que lhe aconteça o mesmo no resto do mundo. A influencia crescente da America nos outros continentes causa apreensões ao ex-sexo forte. Em Berlim um jornal já deu o grito de alarma. Denunciou o fenomeno como tendente a provocar a maior crise da historia. O “perigo americano” — não mais aquele “perigo amarelo” de Guilherme II. Não consiste o perigo americano, na opinião desse jornal, na dolarmania, nem na excessiva mecanização da vida, mas no predominio da mulher sobre o homem — fenomeno absolutamente unico entre as nações cultas. O perigo está em espalhar-se pelo mundo qual outra epidemia de influenza, causando a queda do Ocidente.

— E a insistencia com que esse assunto é abordado indica que ha fundamento na acusação, adverti. E' o que me parece.

— E a mim tambem, concordou Mr. Slang. Elas se apoderam de tudo. As estatísticas financeiras mostram que tres quartos da fortuna americana já foi parar nas mãos das mulheres através dos seguros. Governam de fato. As casas editoras só publicam o que elas querem. Delas dependem os sucessos de livraria. Em

cada casa editora ha uma "cerbera" á porta de entrada para exame dos originais submetidos — e como o publico maior com que os editores contam é composto sobre-tudo de girls, o remedio é lhes aceitarem a dominação, como aconteceu com o cinema.

— Lerão de fato mais, Mr. Slang?

— Está provado. O mês passado o Carrol Club fez uma curiosa investigação a respeito, por meio dum inquerito entre milhares de girls de New York. Foi apurado que elas vencem um salario médio de \$33.50 por semana, dos quais gastam 7,56 com o vestuario, 9,53 com a manutenção, auxilio á familia, caridade e igreja, e economizam 4,75. O inquerito ainda apurou que a maior parte do lazer de que dispõem é empregado na leitura, a qual representa em suas vidas tres vezes mais que o esporte, a dansa, o bridge e o teatro. Ora, havendo neste país, segundo o ultimo censo, 10.000.000 de mulheres que, como estas girls de New York, vivem do seu trabalho e que como elas se entregam assim á leitura, facil é deduzir que tremendo mercado representam para os livros novos. Daí a tirania. Só se publica com sucesso o que elas querem ler. São as fautoras do "best seller", não ha duvida. Quando vejo um livro alcançar tiragens fabulosas, já sei a razão — caiu-lhes no gôto. Os editores deploram o permanente grito por "coisas novas" com desprezo pelas obras primas da humanidade. Verificam eles que o gosto pela leitura cresce. Livros, mais livros, sempre mais livros, é o clamor. O numero de "titulos" saídos cada ano cresceu de 5.714 em 1919 a

10.187 dez anos depois. Dobrou num decenio. O total da tiragem desses livros atingiu o numero de 227 milhões e meio em 1927. O progresso intelectual está evidentemente crescendo. Mas o interesse pelos grandes livros do passado decai.

Anunciar um livro com "algo novo" é abrir as portas da venda em massa. Querem o "thrill" do novo. O "Pilgrim's Progress", de Bunyan, está ameaçado de cair em olvido dentro de uma decada.

— O "Pilgrim's Progress" que fez esta America...

— Sim, ha evidentemente uma revolta da mocidade, contrabatida aliás pelos avanços da censura. O velho fanatismo puritano reage e, colocado nas fontes de produção, "censura". Constantemente são passadas leis nos Estados Unidos que provocam os maiores clamores do pensamento liberal, já não digo da vanguarda, mas dos homens moderados.

E aqui vejo claro o pensamento do professor Rodgers. A mulher afeiçoando o futuro e em conflito consigo propria. A girl, cuja atitude moderna tão bem justifica o juiz Lindsey no seu livro sobre a revolta da mocidade, mal se sente, com o vir dos años, seca de glandulas, passa ao campo oposto e vai oprimir — vai fanatizar. Vai proibir o uso do alcool, vai condenar Darwin e impedir que entrem nas escolas livros que se refiram á lei da evolução.

Outro dia em Little Rock, no Arkansas, o dicionario Webster foi banido das instituições educacionais mantidas com dinheiros publicos "porque define a lei da evolução segundo Darwin".

— Ridículo, comentei. O mundo inteiro ri-se da America. Riу-se pelo menos no celebre caso do professor Scopes, levado ao tribunal pelo crime de ensinar essa lei.

— O mundo não se ri tanto como a propria America pensante. O mal é que a carolice ainda está no governo e o país tem que sujeitar-se ás suas pasmosas injunções. A carolice censura oficialmente. A palavra "moral", representando a velha concepção moral do puritano, tranca todas as bocas.

Mr. Slang era um liberal irredutivel e capaz de furor. O puritanismo irritava-o.

— Mas o puritanismo criou aqui grandes coisas, disse eu mais para provoca-lo do que por convicção. Enrijou o carater nacional. Não sei se haverá justificativa no continuo ataque que lhe fazem.

— Não creia, meu caro. Nesta materia penso com Ruppert Hugues, um da vanguarda. Acha ele que o maior perigo da America está justamente na moralista de profissão que entende de regular tudo, desde o que o povo veste até o que o povo lê ou pensa. Traidores, lhes chama ele — traidores sob capa de patriotas.

Quando o cloroformio apareceu e foi aplicado nas parturientes em trabalhos dificeis, a carolice ergueu-se indignada. "A Bíblia diz que a mulher dará á luz com dôr. Deus determinou assim. Deus quer que a mulher sofra nessa emergencia". E só depois que o cloroformio foi aplicado na rainha Vitoria para que viesse ao mundo indolormente mais um principe de Gales, é que o seu uso se generalizou.

— *God save the Queen!*

— O mesmo sucedeu por ocasião das primeiras tentativas para implantar a estrada de ferro. Ergueram-se imediatamente os carolas. “Deus nunca teve intenção de permitir que o homem viajasse com velocidade maior de 20 milhas por hora. Se assim intencionasse, te-lo-ia provido de asas. Portanto, a estrada de ferro constitue impiedade”, e Mr. Slang tirou do seu cachimbo uma baforada piedosamente ironica.

— É incrivel, continuou ele, mas ainda ha milhões de criaturas nesta America que pensam da mesma forma quanto ás coisas novas, correspondentes hoje ás estradas de ferro e ao cloroformio daquele tempo. A causa disso? A mulher. A mulher depois que emurchece de glandulas. Keyserling tem razão. Ou o homem emancipa-se ou teremos uma situação inedita para o mundo. Decadencia do poder criador. É isso.

— Está tudo muito bem, Mr. Slang. Mas eu não vim cá para ouvir as suas objurgatorias contra a biblicite. Bem sabe que não necessito de catequese. Vim para irmos á Biblioteca Publica.

— Pois vamos, respondeu ele, guardando o cachimbo. É uma visita que sempre me atrai.

Estava nevando — a primeira neve do ano. Ao pisar na rua, logo que os primeiros flocos me bateram no rosto recordei-me da velha ansia que sempre tive de conhecer a neve. Disse-o a Mr. Slang.

— E em que circunstancia viu a primeira neve? Porque imagino que a primeira neve deve ser coisa de muita importancia na vida dum filho dos tropicos.

— E é realmente, concordei. O meu caso, porém, foi excepcional. Tive o anuncio da neve a cair na rua, a primeira do ano, como esta de hoje, dado por uma... imagine, adivinhe, se for capaz, Mr. Slang! Por uma das famosas girls do Ziegfeld Follies!...

— Curioso, não ha duvida. Conte-me lá isso, disse ele acendendo os olhos.

Era na realidade fato digno de contar-se. Neve anunciada por uma das mais lindas girls da America...

XXV

Florenz Ziegfeld e suas maravilhosas girls. Neve e beleza. Inesquecivel anuncio da primeira neve. Divorcios. Só as mulheres ganham com ele. Pagadores de alimonies. Casos tragicos.

Florenz Ziegfeld nasceu sob os auspicios de Apolo e Venus. Com um raro senso da beleza feminina, passou a vida a mobilizar a beleza da America para exibi-la nos seus maravilhosos "shows". Quando aportei a New York, um deles, "Rio Rita", estava no auge da vitoria teatral, apesar de permanente no cartaz havia já um ano. Em New York, peça que "péga", eterniza-se. Dois, tres, quatro anos no cartaz significa, em teatro, eternidade.

Um "show"... Que é um "show"? "To show", mostrar; "show", exibição. Uma exibição do que quer que seja. Os "shows" de Ziegfeld sempre foram incomparaveis exibições da beleza feminina.

Todo mundo conhece esse genero teatral que chamamos "exibição de pernas" — revista ou comedia musical da cujo objetivo ultimo é dar numeros de dança com mulheres nuas. Genero classico, universal, observavel do Rio de Janeiro a Shanghai. Procuram-se mulheres

de forte "sex appeal" para gaudio da libido do publico, reprimida de mil modos ou mal satisfeita na vida real. Genero vulgar e grosseiro, bom para plateias de marujos, soldados de licença, comerciantes pequeninos casados com megeras.

Ziegfeld sublimou o genero. Glorificou a "American Girl". Um dos seus "shows" tinha esse nome "Glorifying the American Girl" — e, de fato, escolhe-las segundo um sabio canon de beleza, como ele sempre o fez, e apresenta-las naquela moldura de riqueza e arte, era positivamente glorificar.

Impossivel reunir grupo de criaturas humanas mais belas que as duas ou tres duzias conhecidas como as "Ziegfeld girls". Da mesma idade, do mesmo viço, da mesma altura, das mesmas proporções, da mesma beleza plastica e de rosto, ve-las na dansa de conjunto, despidas como estatuas, valia por sentir o choque da beleza pura — não o choque do "sex appeal" apenas. O esplendor da mocidade, o esplendor da beleza e o esplendor da arte — eis em que consistia o segredo da tremenda sedução que o genio artistico desse homem soube criar na America, para deslumbramento dos nossos olhos e regalo desse misterioso quid a que chamamos senso estetico.

Para as girls, ser colocada por Ziegfeld no seu mostruario correspondia á vitoria suprema que a americana aspira — celebridade e milhões. A celebridade vinha instantanea — e os milhões logo atrás pelo casamento. Num jornal li que 70 por cento dessas girls eram, pelos milionarios casadoiros, arrancadas a Ziegfeld com o gancho do casamento.

Pois bem: ter a neve, a primeira neve do ano e a primeira que o bugre dos tropicos ia ver, anunciada por uma das famosas estrelas dessa pleiade unica de joias de vinte anos, vale por episodio desses que a memoria jamais esquece.

— Sim, mas como foi isso? insistiu Mr. Slang, para quem a beleza, junto com o dinheiro e o talento, constituiam as tres forças supremas da vida.

— Eu estava no escritorio dum velho amigo, por essa epoca agente comprador de filmes de cinema, rapaz bonachão que fazia do seu escritorio o verdadeiro club dos brasileiros em New York. Subito, a porta envidraçada abriu-se e uma criatura de rara beleza entrou.

— Quem será? indaguei dum frequentador do escritorio com quem eu conversava no momento.

— Pois é a Miss Naomi J., uma Ziegfeld girl que está se divorciando do C., não sabe a historia?

Vim a saber naquele dia. Esse C., rapaz brasileiro de muito brilho e capacidade, mas destituido dos freios de controle que fazem da capacidade e do talento uma verdadeira força, apaixonou-se pela famosa Ziegfeld girl e entendeu de arranca-la ao teatro pelo unico processo admissivel — o gancho do milionario. Tais artes fez, que a seduziu e pelo espaço de um mês depois de casado soube dar-lhe, e á entourage, a impressão de que era realmente filho dum grande magnata do Brasil, com varios milhões de cabeças de gado nos campos e outros tantos milhões de cafeeiros em S. Paulo. Com alguns milhares de dolares, que não se sabe como arranjou, pôde, num dos melhores hoteis de New York, manter

por um mês o seu "show" matrimonial. Por fim, os dolares evaporaram-se e... o pano desceu. No mês seguinte Miss Naomi quereria divorcio — caso tratado escandalosamente numa pagina inteira, com lindas gravuras, pelo "New York American". Apesar de ter advogado americano, Miss Naomi aparecia ali ás vezes para tratar do seu caso com o dono daquele escritorio, especie de advogado tambem, e conselheiro oficioso — isso graças á nacionalidade de ambos, o nosso amigo e o "milionario brasileiro."

Miss Naomi ao entrar saudou um dos presentes, tambem seu conhecido, e disse:

— *The snow is falling.*

A neve está caindo! Aquela noticia alvoroçou-me tanto, a mim que esperava cheio de ansiedade o primeiro contacto com a maravilha da neve, que cometi o crime de retirar-me precipitadamente do recinto honrado com a presença da Venus para ir ver a neve cair.

Vi a neve cair nos seus lentos flocos vadios, que descem boiando com a preguiça de fragmentos de penugem. Mas senti-me logrado. A neve só é neve como a sonhamos nos jardins ou nos campos, onde pode ir-se acamando sobre a relva ou galhos das arvores de modo a formar aquela "feérie" que nunca cessa de nos deslumbrar. Na rua, a cair sobre a cabeça e os ombros de bipedes apressados, ou sobre os passeios e o pavimento, onde é logo apisoada e toda se converte em gelada pasta de lama, em vez de bela é simplesmente sordida — e, pois, não valia o sacrificio que eu fizera duns minutos mais de contemplação duma Ziegfeld girl.

Voltei ao escritorio. A Venus já se havia retirado. Tive portanto, de contentar-me com rever o quadro rapido que se me desenhara na memoria — a sua entrada, a sua saudação de cabeça e aquele *The snow is falling* de que jamais esquecerei o tom.

— Muito bem, comentou Mr. Slang. Quanto a mim confesso que fui menos feliz. Não me lembro do meu primeiro contacto com a neve. Filho dum país de neve, eu, como todo os mais, comecei tão cedo a ver a neve cair, que não guardo memoria da primeira impressão. Mas essa Ziegfeld girl obteve divorcio, afinal?

— Está claro que sim. Todos tomaram o seu partido, sendo o pobre C. forçado a sumir-se da circulação.

A conversa cairia ocasionalmente no assunto divorcio, onde ficou por algum tempo. Divorcio, divorcios... Ninguem escapa de tal debate, tão frequente é ele e tão tratado pelos jornais. Em toda a America, em cada cem casamentos dezesseis se dissolvem com o divorcio. Em certos Estados a porcentagem é mais alta — nos Estados em cuja area se erguem as cidades tentaculares. O urbanismo intenso favorece o divorcio.

O assunto é dos mais universalmente debatidos, com os campos bem delimitados — os que lhe são favoraveis e os que lhe são contrarios. Em cada país, entretanto, o divorcio significa uma coisa diversa. Nuns favorece ao homem. Na America só favorece á mulher. Quem divorcia na America é a mulher. O homem "sofre" o divorcio. Embora as leis fossem feitas pelos machos, tanto se excederam nas garantias outorgadas á femea, que hoje se arrependem com lamen-

tos de cortar o coração — porque já agora é tarde e não ha voltar atrás. A americana, repito, é como o sapo. Quando agarra não larga mais.

Cada divorcio, a não ser que se trate dum milionario para quem um corte de vulto em sua fortuna em nada lhe altera a situação economica, vale pela criação duma vítima — o marido. Os juizes, ao decidirem o pleito, invariavelmente favorecem a mulher, condenando o marido ao pagamento de "alimonies" ou pensões; e se o desgraçado vive do seu trabalho, tem de permanecer pelo resto da vida escravizado economicamente á criatura da qual se desquitou — ou que lhe deu o pontapé.

A esposa fica livre de casar-se de novo. A famosa Peggy Joyce já casou sucessivamente com cinco milionários — por esse processo milionarizando-se tambem. Mas o pobre do marido não pode fazer o mesmo. Como re-casar, se ganha, por exemplo, 300 dolares por mês e tem de pagar toda a vida 100 de pensão á sua cara, *caríssima* metade de uns tempos?

— Os juizes são escandalosamente feministas, observou Mr. Slang. Chego ás vezes a revoltar-me com tanta parcialidade. E sabe você donde vem isso? Do predominio politico e social que a mulher adquiriu. O juiz vê-se forçado a pender para o lado da mulher individual, cujo caso tem a decidir afim de escapar á terível sanção da mulher coletiva, organizada em clubes e sempre alerta na defesa dos direitos conquistados.

— Quer dizer, Mr. Slang, que a luta entre os sexos está travada.

— Sem duvida. Os dois sexos se degladiam. Fin-
da a subordinação ao homem em que a mulher viveu
desde os tempos mais remotos, subordinação que dava
ideia duma perfeita harmonia entre o macho e a femea,
surgiu esta mentalidade feminina americana, mal compre-
endida, ou antes, impossivel de ser comprehendida fora
daqui. "Quem manda agora sou eu", é o que diz a
americana em todos os seus atos. "Você já governou
por muito tempo, meu caro machinho. O poder está
agora do nosso lado". E o homem é aguentar. Daí
os choques constantes — episodios da guerra travada,
recontros em que o macho sempre perde a partida. Tão
vantajoso para a mulher da 'America virou o divorcio,
que de 1909 a 1929 a media subiu de 8 a 16 em cada
100 casamentos.

— Pois nesse caso o remedio para o homem é não
casar. Quero ver como elas se arrumam, sugeri simplis-
ticamente.

Mr. Slang deu uma gargalhada.

— Não casar? Mas se são elas que casam! E se
são elas que casam com os homens, que hão de fazer
estes derrotados? Leia os jornais chamados "tabloides",
que se tiram aos milhões e representam melhor, ou re-
fletem melhor o espirito da America do que os grandes
e serios, ao tipo de "New York Times". Veja como
andam incados de noticias de casamentos e divorcios e
que importancia dão a tais casos. Essa imprensa é
pura e completamente feminina. Os colaboradores, os
reporters, os "featuristas" — tudo feminino; em conse-
quencia, os pontos de vista que os tabloides defendem

são sempre os da mulher. A tal ponto vai a coisa, que elas estão virando tabú — sagradas! Lembram-me o português no Rio de Janeiro. Observei no Rio que a imprensa era livre de tratar de tudo com a maxima liberdade, menos do português. Jornal que se atrevesse a dizer o que pensa dos portugueses, recebia logo a replica no balcão — retiravam-lhe os anuncios, sangue sem o qual nenhum jornal vive. Na America o Português se chama Mulher.

E para comprovar o que dizia, Mr. Slang tomou varios daqueles tabloides. Correu por eles os olhos.

— Não custa reunir provas do que afirmei. Nestes jornais tenho-as ás duzias. Está aqui um caso tipico, da California, dado em telegramas: Samuel Reid, conhecido como o martir da "alimony" do Norte da California (o que quer dizer que ha o martir do Sul, do Oeste e do Leste), começou hoje o seu quarto ano de cadeia, por escusar-se a pagar á sua esposa a "alimony" determinada pelo juiz ao conceder o divorcio. Reid mantem-se na recusa baseado nas mesmas razões do principio. Nada pagará enquanto o filhinho do casal não for retirado da posse da mulher e posto sob a custodia dum tutor. Veja, quatro anos — um verdadeiro martir! Ficará lá dez, vinte — porque as mulheres são implacaveis e os juizes, timoratos.

Outro caso: Thomas Daly foi para a cadeia por 30 dias em virtude de amar em excesso á esposa. Havia abandonado o lar por algumas semanas, em consequencia duma briga. Certo dia voltou, humilde, protestando o seu amor sem fim. "Não posso viver sem

você "honey" (por azedas que sejam, ou amargas, os maridos tratam sempre ás esposas de "honey" — mel). "Get out!" Ponha-se no olho da rual foi a resposta da requestada. O pobre Daly obedeceu. Retirou do apartamento os seus pertences e os meteu no porão do edificio. E ficou na rua qual cachorrinho, diariamente tentando amolecer com suplicas o coração da esposa. Mrs. Daly, furiosa, deu queixa á Corte — e o juiz, com o rabo entre as pernas, arrumou com 30 dias de cadeia para cima do marido colante. Mas mesmo na cadeia Daly continua a cultivar o seu amor. "Nada me fará nunca deixar de ama-la", suspira ele...

A iniquidade das leis americanas, pelo menos em alguns estados, consiste em não dar a ambos, mulher e homem, igualdade de direitos. Dá mais direitos á mulher. No Estado de New York, por exemplo, a mulher não está sujeita a pagar "alimony" quando o divoricio é julgado contra ela, o que seria de equidade. A proposito vejo aqui uma noticia que dá um raio de esperança aos socios do Alimony Club.

— Já existe um? perguntei sorrindo.

— Existem varios, meu caro. Os maridos condenados ao pagamento de "alimonies" andam a se congregar em clubes, onde possam queixar-se uns aos outros da prepotencia feminina. Diz a noticia: "A salvação bruxoleia no horizonte para os socios do Alimony Club neste momento encarcerados por falta de pagamento das pensões a que foram condenados. Um projeto de lei foi submetido ao congresso, em Albany, pedindo que seja nomeada uma comissão revisora das

leis que regulam a materia. Robert Ecob, presidente da Alimony Payer's Protective League — Liga Protetora dos Pagantes de Pensões, pede o concurso de todos os interessados para que o projeto se converta em lei. "Deve haver algo errado nas leis atuais, alega Ecob, mas nunca pudemos investigar coisa nenhuma porque não nos é permitido intimar testemunhas". Veja, meu caro! Veja a que trapo a mulher anda a reduzir o poderoso rei dos animais aqui nesta America...

Por longo tempo conversamos sobre aquele assunto, de subito interrompido por uma noticia de outro genero, caida sob os olhos de Mr. Slang.

— Pobres negros! exclamara ele largando o jornal sobre os joelhos. Ajudaram a fazer esta nação (á força, é verdade), mas não conseguem escapar ao estigma da côr. Leia isto.

Li. "Posta no ostracismo por suas proprias compaheiras de escola, e transformada numa paria social até na sua propria familia, Bernice Seeney, 25 (é assim que os jornais dão noticias — um numero adiante do nome, indicando a idade — ou os milhões, se se trata de gente de milhões), que só após cinco anos de matrimonio, e de dois filhos, verificou que o esposo tinha sangue negro, obteve o seu divorcio, concedido pelo juiz Hatch. Mrs. Seeney, ao depor, declarou que desejava não só romper o casamento como ainda sacrificar seus direitos de mãe em relação aos dois filhos, que pedia fossem entregues ao marido. Declarou mais que ao casar-se não percebera sinal nenhum em Mr. Seeney de que tivesse nas veias sangue negro. Só cinco anos mais tarde, ao des-

cobrir um seu parente, veiu a ter conhecimento da ter-rivel coisa".

— É demais, Mr. Slang! exclamei revoltado. Renegar o marido, tão branco na aparencia que só depois de cinco anos de convivio, e por acaso, ela soube que tinha nas veias uma remota gota de sangue africano, já era muito. Mas esta puritana da raça vai além — renega aos proprios filhos. É odioso, não acha?

— Não sei, respondeu Mr. Slang, que apesar de inglês participava bastante do preconceito racial americano. Não sei se não será isto um instinto da raça que se defende. Cruel, confesso. Crudelissimo, neste caso. Mas os altos interesses da pureza da raça não estarão acima dos pequeninos interesses do individuo?

XXVI

Na Biblioteca Publica. Roupas feitas.
Matar o tempo. Beleza das africanas.
Anatole, Putois, Voltaire e Edison. Ir-
reverencias de Mr. Slang.

A conversa caiu sobre raças. Haverá raças? Que é raça? E ainda debatíamos esse tema quando chegamos á Biblioteca Publica da Quinta Avenida. Eu gostava de parar ali, subir a escadaria e debruçar-me no parapeito que circunda o patamar do imenso edificio, perto dum dos leões de pedra que, sentados, montam guarda nos cantos. Era de onde melhor eu podia sentir a massa humana que, como aguas de um rio, rola eternamente pelo leito da rua.

Detivemo-nos naquele ponto.

— Veja, disse Mr. Slang, ao debruçar-se comigo no parapeito, veja como *elas* circulam. Só aqui circulam. Em toda parte, no mundo todo, a mulher ainda é o animal caseiro. “A mulher foi feita para a casa”, creio que isto vale por apotegma universal. Quem circula é o homem. Só aqui na America ambos circulam.

De fato, o numero de mulheres correspondia com sensivel equilibrio ao numero dos homens. Todas bem trajadas, ao modo americano, isto é, estandardizadas

sem exagero — primorosamente vestidas. Era um ponto que sempre muito me impressionou, aquele bem vestir-se geral.

— Estranho, Mr. Slang, como todas trazem vestidos tão bem feitos, tão bem cortados.

— Natural. A “costureira” praticamente já não existe — a mulher que para viver faz costuras. Ha as companhias de costuras, a “mass production” do vestido. Um mestre o desenha, um mestre o corta, um exercito de operarios servidos por maquinas engenhosas o reproduz aos milhares. A americana média não perde tempo em vestir-se. É coisa de entrar no Macy's ou no Gimbels ou no Altman, esses imensos Departament Stores que vendem de tudo, desde automoveis até carne fresca, e escolher entre os milhares de modelos á mostra um do seu numero, cujo padrão lhe agrade. Escolher e vestir e pagar e ir saindo.

— Com os homens é a mesma coisa, lembrei eu. Pouquissima gente aqui mandará fazer a roupa. Mais comodo, rapido — melhor, comprar o terno feito. Mas noto que só aqui é isto possivel. Noutros paises “roupa feita” equivale a roupa mal feita, de “carregação”, como dizemos no Brasil. Tão mal ajambrado fica um freguês dentro duma “roupa feita”, que de relance todo mundo o percebe. Aqui, não. Impossivel distinguir a diferença.

— A mania de ganhar tempo, explicou Mr. Slang, introduziu este costume e fe-lo generalizar-se, tanto entre os homens como entre as mulheres — e isso permitiu ás grandes companhias resolverem cientificamente o

problema da roupa feita. *Time is money* — isto é uma das realidades da America. O tempo realmente vale ouro aqui. Matar o tempo constitue crime.

Fiquei a pensar comigo como era a coisa lá no meu Brasil sossegado. O esporte predileto do brasileiro, sobretudo nas pequenas cidades do interior, é matar o tempo. "Que estás fazendo aí, meu caro?" "Estou *matando o tempo*". Esta pergunta e esta resposta repetem-se de norte a sul milhares de vezes por dia. Matar o tempo! Crime dos crimes. Tempo que é vida, que é o bem unico, insubstituivel, impossivel de ser comprado no armazem. Mata-lo, destrui-lo... No entanto constitue o nosso esporte predileto. Na America, se alguem declara que está matando o tempo, ou que matou o tempo, só falta ser preso, julgado e condenado á cadeira eletrica. Não matarás, diz o Decalogo — e os americanos ajuntam: nem sequer o tempo.

O desfile da massa humana é perpetuo, e intensissimo naquela hora. Os escritorios despejam-se dos seus empregados. As moças que trabalham dirigem-se aos milhares para as estações de subway, ou esquinas onde param os onibus. Que magnificas criaturas são! Altas, esguias, solidas de pés, brancas de verdade, musculos com a souplesse que dá a ginastica. Sente-se a boa origem racial, a boa alimentação vitaminada e a vida higienica — o tudo dando como resultado saude. Chamei sobre isso a atenção do meu companheiro.

— É realmente onde se encontram em maior numero os mais belos animais humanos do sexo feminino, advertiu Mr. Slang, com a sua autoridade de turista co-

nhecedor de todos os continentes. Só na África vi mulheres lindas como aqui, desta lindeza que a saude dá.

— Na Africa? exclamei desconcertado. Que ideia!

— Na Africa, sim. Os negros, sobretudo em certas zonas de condições climaticas favoraveis, são animais perfeitos. Com alterar e infringir o que ha de natureza em nós, a civilização nos vai deformando. A americana é este belo animal porque, graças á higiene, está cada vez mais se voltando á natureza, ao ar livre, ao exercicio muscular, á satisfação normal dos seus "urges" organicos. Quando as inibições religiosas cederem lugar ás prescrições da Eugenia, será a America o campo mais propicio para a florescencia do homem de amanhã, animal muito mais belo que o homem de hoje. Porque hoje, meu caro, somos ainda uma congerie de monstros. Repare no homem que passa. Irregular de feições, irregular na estatura, visivel, evidentemente "mal feito". Sempre me impressionei com isso, com a feiura que trouxe para a humanidade a religião e as morais saídas da religião. Com o "desprezo á materia," que pregam, desleixaram do corpo em proveito da alma, isto é, em proveito duma socia do corpo. Consequencia: a feiura horrenda da Idade Media que ainda persiste hoje, apenas minorada de leve com os avanços da higiene. Mas não basta a higiene. Temos de chegar á Eugenia. Esta sim. Esta será o grande remedio, o depurativo curador das raças. Pela Eugenia teremos afinal o homem e a mulher perfeitos — perfeitos como os cavalos e eguas de puro sangue.

— E quando isso?

— Um dia, a duzentos, quinhentos, mil anos de hoje. O avanço da Eugenia se faz em progressão diretamente proporcional ao retrocesso da religião, que é a força que preserva, embaraça, impede, inibe.

Mr. Slang libertara-se já em absoluto da teia do passado, que é visceralmente religioso. Certa ocasião em que discutímos o assunto disse-me ele de improviso:

— Conhece aquele conto de Anatole France, "Putois"? Considero a obra prima desse francês manhoso. Sem usar uma só vez a palavra Deus ou religião, Anatole descreve ali a criação de Deus á imagem e semelhança do homem, e como consequencia da criação de Deus, o surto das religiões. A dama que num momento de apuros inventou o jardineiro Putois, viu a sua criação de tal modo aceita por todos da cidade, e de tal modo a atuar na vida social da cidade, que acabou também acreditando na existencia de Putois.

— Sim, mas veiu Voltaire e... comecei a dizer, muito sem propósito, pelo habito de puxar o nome de Voltaire sempre que vinham á berlinda fatos da religião. Mr. Slang cortou-me a vasa.

— Engano, meu caro. Voltaire, bem analizadas as coisas, talvez haja consolidado a ideia de Deus e fortalecido as religiões. Atacar ás diretas jamais derrubou um partido. Quem começou a fazer mal ao Deus antropomórfico, e consequentemente ás religiões, foi Edison, esse mago sem timpanos de Menlo Park.

— Edison?! exclamei surpreso. Explique-me isso, Mr. Slang.

— Sim, com a sua lampada eletrica. As religiões e os deuses nasceram das trévas. A tréva gera o medo. O medo gera os deuses e os diabos, que por sua vez geram as religiões. Ora, foi Edison com sua lampada quem deu o grande golpe nas trévas. Uma criança de New York, por exemplo, cresce sem saber o que é o escuro, e, poís, sem sentir nos nervos, nunca, o arrepió estranho que a criança dos sertões de Goiás sente quando a noite cai e a terra toda se recobre de escuridão impenetravel. Tem a criança de Goiás, para combater a treva envolvente, a lamparina de querozene, de luz mortiça, oscilante, criadora de sombras moveis. Já a criança newyorkina, com a lampada de Edison em todos os comodos da casa, cresce sem saber o que significa psicologicamente a treva. Daí a ausencia de medo ao escuro e aos produtos do escuro — diabos e deuses. A religião que adquirem vem apenas por transmissão, por sugestão dos pais e mestres. Não a recebem da propria natureza. O pequeno goiano, porém, não necessita receber-la dessas fontes indiretas — recebe-a diretamente da fonte original — o escuro, a mesma que a criou no homem das cavernas.

Benzi-me ás escondidas e, com medo de que nos caisse na cabeça um raio vingador de tanta impiedade, fiz a conversa voltar para assuntos menos perigosos — mulher, roupa feita, eugenio. Por fim, cançados do desfile de gente, entramos.

XXVII

Public Library. A biblioteca das crianças. Dois futuros Lindberghs. Peter Pan é relembrado. Meninice e mocidade. Amor, amor...

Sair da Quinta Avenida, o torvelinho perpetuo, e cair na Biblioteca Publica, corresponde a mudar de planeta. Reina lá um silencio de recolhimento, e ainda uma constante temperatura de primavera, por mais que fora o verão escalde.

Mr. Slang levou-me á seção das crianças, que eu ainda não conhecia.

As crianças... Creio que foi Dumas quem disse ser estranho como duns animaisinhos tão inteligentes sai o estupido bicho que é o homem adulto. Sim, sim. Tem razão. O lindo da criança, o ultra lindo das crianças está em que são naturais. Com o crescer mete-se a educação a fazer do animalzinho natural o animalejo social. Educar vale dizer socializar, isto é, artifcializar. Daí a estupidez adulta. Educação... Meio de arruinar a exceção em proveito da regra, disse Nietzsche. Meio de destruir a coisa unica que dá valor: - personalidade, individualidade. Mas...

Encantou-me, aquilo. Em duas grandes salas, presididas, do centro, por uma guardiã na sua mesa entre

grades (otimo esse engradamento do unico adulto ali existente), desdobram-se, cobrindo as paredes, as estantes baixas onde tudo que é literatura infantil publicada no mundo se reune. Cadeirinhas de meia altura, mesinhas em miniatura, toda a mobilia criada "ad hoc" para os frequentadores da seção, fazem-nos sorrir logo de entrada. Apesar de estupidificado pela educação, o pobre adulto conserva dentro de si a criança que foi — e sorri sâmente, animalmente, todas as vezes que algo lhe fala a essa criança.

Assim se deu comigo. Pus-me a sorrir o sorriso puramente biológico, sem intenção, sem causa — o sorriso da criança solta. Aquelas cadeirinhas, aquelas mesinhas, aqueles livros de figura...

Não ha ali regulamento estragador do prazer do consulente; ou então o regulamento é feito de modo a coincidir com os impulsos naturais da criança que entra: — "fossar" na imensidão de livros, sem atender a mais nada além da sua natural curiosidade e irrequiescência.

Gostei, sim; gostei do sistema. Vi dois meninos entrarem, de narizinho para o ar, farejando. Já conheciam os récitos da biblioteca. Foram a uma estante e sem vacilar um deles puxou certo livro. Sentaram-se no chão para folheá-lo.

Aproximei-me para ver que obra os havia interessado. Era um livro de ciencia infantil, aberto na página dos aeroplanos. O mais taludo explicava ao menor uma particularidade qualquer de certo aparelho, talvez expondo uma grande ideia que tivesse na cabeça. O outro olhava apenas, sem animo de objetar.

— Um futuro Lindbergh, murmurou Mr. Slang. E' assim que eles se formam.

— Estou gostando imensamente da liberdade que gosam aqui as crianças, Mr. Slang! Deitados sobre o livro, no chão, esses dois! Mas isto é unico! Chega a fazer-me perdoar varios crimes da America.

O prazer das crianças é ali intenso, porque podem mexer á vontade. O "não faça isso, não bula nisso" não existe. Podem tirar das estantes os livros que desejarem, dois, tres, quatro ao mesmo tempo, e ve-los, le-los, cheira-los quanto quiserem, onde e como quiserem — no chão, como os nossos dois futuros aviadores, nas mesinhas, nas cadeirinhas de balanço. E nem sequer necessitam repo-los no lugar. Nenhuma obrigação ali, além da de se regalarem com a livralhada deliciosa, cheia de coelhinhos que falam, como o famoso *Uncle Wrigley* que todas as crianças adoram; e a *Raggedy Ann*, boneca de pano famosa, e *Alice in Wonderland*, e *Robinsons* de todos os jeitos, e *Gullivers* de todos os formatos, e *Tom up my thumb* e *Cinderela*...

— Quanta razão tinha Peter Pan, o menino que jamais quis crescer! murmurei com toda a sinceridade de alma. Que asneira crescer, ficar gente grande, ter de virar bicho social — estupido, hipócrita, recalcado... Ser um Hoover, atrapalhadíssimo com os tremendos problemas do após-guerra, quando se pode ser aquele garoto, que sonha talvez um novo aeroplano, sem asas, sem motor, sem rabo...

Mr. Slang concordou, confessando que a vida lhe fôra um perfeito sonho magico até o dia em que perdeu a crença nos coelhinhos que falam, nas fadas que com

a varinha de condão viram uma coisa noutra, nos principes encantados que se casam com princesas mais encantadas ainda. E contou varios episodios da sua infancia de sonho, passados no Kensington Garden de Londres, parque onde jamais se atreveu a entrar depois de adulto — de medo de matar as deliciosas impressões ali recebidas em criança.

Ao sairmos, de rumo ao andar superior onde estão os livros para a gente grande — a gente que caiu na asneira de crescer — passamos por uma comprida galeria em cujas paredes de marmore largos bancos tambem de marmore se espaçavam. Num deles vi uma menina aí dos seus 16 anos, reclinada, mãos nas temporas, absorvida na leitura dum livro. Tão lindo me pareceu o quadro, que insensivelmente me atardei; e ao chegar ao extremo da galeria entreparei, sem animo de dobrar a esquina. Depois da visão das crianças na biblioteca infantil, aquele quadro da juventude absorta em sonhos me completava o dia. Era a imagem da flor que se alheia ao mundo; e ainda com mais petalas perdidas para a infancia do que para o “outro lado”, vive a sua vida de sonho, á sugestão dum livro que naquele momento lhe traduz todos os anseios d’alma.

Romance de amor? Certo que sim. Em tal idade não é outro o alimento que a carne e o espirito pedem. O episodio devia ser dos mais empolgantes. Para aquela menina absorta deixavam de existir New York, publico, ambiente. Existia o heroi que lhe tomava a imaginação, talvez vivendo no livro um dos grandes momentos que só o amor dá. Lindol Cem anos

que eu viva e jamais me sairá da memória àquele quadro da mocidade a sonhar. Mocidade: arranco da infância, salto que a vai transportar dum mundo para outro... Salto, sim... Estado de levitação. A mocidade, como salto que é, boia no ar, levita-se na euforia do amor. Depois vem a queda — o chão duro e aspero do resto da vida — a idade do adulto, a fase que enchia de horror ao sabio Peter Pan...

Mas... e Mr. Slang? Procurei-o inutilmente. O quadro da menina que lia fez-me perder a pista do meu companheiro e interromper ali a minha visita a uma das grandes bibliotecas do mundo.

Saf.

XXVIII

Um artigo de Fritz Wittels. De Forest, o inventor do radio. Grandes homens e grandes ricaços. Simplicidade dos nababos. Henry Ford e suas ideias sobre o dinheiro.

Ao chegar ao meu apartamento encontrei no jornal que levava da rua um artigo do Dr. Fritz Wittels com o titulo: *Flaming Youth should be encouraged, not lambasted*, etc. A mocidade... como traduzir "flaming"? Flamante deve ser o correspondente direto ou ardente. A ardente mocidade deve ser encorajada, não "lambasted"... "Lambasted?" Que é isto? Vou ao meu dicionario vivo, isto é, telefono para Mr. Slang.

- "Ah, sim?"
 - "Por que o pergunta?"
 - "Um artigo dum Fritz Wittels que me parece interessante, mas engasguei no titulo".
 - "Wittels? Spell it, please".
- Soletrei o nome.
- "Conheço-o muito. Um velho amigo meu, dado a estudos de psicanalise. E por coincidencia temos um encontro amanhã. Se quiser, venha. Conhecerá um tipo bastante curioso, de ideias penetrantes".

— *All right*, respondi, voltando ao artigo com mais interesse. Não cheguei a le-lo, porém. Ia estar com o autor, ouvi-lo em pessoa — excusava portanto conhecer-lhe o pensamento enpalhado naquele artigo. Além disso, o radio anunciava para aquela hora uma execução da "Viúva Alegre" em Viena, regida pelo próprio Franz Lehar, e isso me atraia. Fui-me ao radio.

Como vai o mundo mudando por forças das invenções! Estar eu ali a ouvir musica feita em Viena e a ouvir a voz do compositor num breve discurso introdutorio! Uma ideia puxando outra, lembrei-me de De Forest, o inventor da valvula de radio, a quem conheci numa conferencia publica na Universidade de Columbia. Eu sentara-me ao lado dum homem de aparencia vulgar, já grisalho. Enquanto esperavamos pelo conferencista (um russo que ia dissertar sobre a nova orientação que, como diretor, dera ao cinema na Russia) puxamos prosa. Como o desconhecido tivesse à direita a esposa, que já estivera no Brasil, em Minas, não foi difícil travar conversa.

— "Que maravilha é Ouro Preto! disse ela. De tudo que tenho visto nas minhas viagens, o pedacinho de ruinas que mais desejo rever é Ouro Preto".

No fim da conferencia de Eiseinstein, quando nos separamos, apresentei-me: — "Fulano de Tal, que também já viu Ouro Preto" (era mentira).

— "E eu, De Forest".

Levei um susto. Poucos dias antes os jornais haviam publicado a decisão judicial que dera ao De Forest, inventor da valvula de radio, ganho de causa

numa demanda contra a Radio Corporation, que lhe invadira uma patente. A empresa invasora tinha sido condenada ao pagamento de varios milhões. Se aquele De Forest fosse por acaso parente do grande De Forest, meu dia estaria ganho. Indaguei:

- “É parente do De Forest da valvula de radio?”
- “Sou o proprio”, respondeu ele sem sequer sorrir, como eu sorria, palermamente vitorioso, em seu caso. Assombrei-me. Arregalei os olhos. Mirei-o de alto a baixo.”
- “Espantoso isso, Mr. De Forest!...”
- “Que eu haja inventado a valvula?” retrucou sorrindo enquanto saímos.
- “Não. Que seja um homem como os outros”, expliquei, sempre a devora-lo com os olhos, pois era o primeiro grande inventor que eu via assim de perto.

— “Oh, os inventores nem sequer chegam a ser como os outros. O que não daria Edison para ter o que todos têm — timpanos em bom estado...”

A simplicidade dos grandes americanos sempre foi coisa que me seduziu. Certa vez, em Detroit, na sede da General Motors, fui apresentado a meia duzia de magnatas, cada qual mais rico e poderoso. Como os conhecia de nome e peso, avaliei-os monetariamente, em meio bilhão de dolares. Pois estive em conversa com esses homens por uns vinte minutos sem sentir em nenhum o cheiro de um centavo sequer. É característica do americano não denunciar por todos os poros a fortuna que tem, como certos individuos da minha ter-

ra, que, com apenas algumas centenas de contos empatados em hipotecas, cheiram ou fedem a dinheiro a vinte passos de distância.

O dinheiro lhes vem tanto e tanto, a esses capitães da Industria, que perde o valor e a significação. Para Henry Ford, por exemplo, o ouro não passa dum material de construção comó outró qualquer. A um jornalista que lhe perguntou quanto tinha, respondeu:

- “Quanto carvão ou quanto ferro tenho?”
- “Não. Quantos dolares.”

— “Ignoro, nem é coisa que me interesse saber. Ouro é um material de construção, como o carvão ou o ferro. Para criar uma industria necessitamos dos tres materiais: ouro, ferro e carvão. Nesta remodelação da minha fabrica, por exemplo, para produzir o meu novo tipo de carro, os materiais precisos foram tres — ouro, carvão e ferro. Nenhum é mais importante que o outro, já que só com o concurso dos tres consigo os meus objetivos.”

— “E, por falar, advertiu o jornalista, em quanto ficou a remodelação da fabrica? Quanto gastou? pergunto.”

- “Quanto carvão gastei?”
- “Não. Quantos dolares.”

— “Ignoro, nem é ponto que me interesse. Tinha um montão de hulha aqui, outro de ferro á direita e outro de ouro á esquerda. Fui tirando de cada monte o necessário á mistura da qual tudo sai. Ainda não

medi o monte de carvão, nem o de ferro, nem o de ouro para saber quanto me resta de cada um — e, pois, quanto gastei."

A America dá varias lições. Nenhuma, porém, maior que a dos seus grandes milionarios. Transformam-se em certos captadores e redistribuidores do dinheiro. Realizam uma obra de socialização que constitue o sonho dos radicais russos. Que é Rockefeller hoje senão um redistribuidor para fins sociais? Vem daí o vulto gigantesco que o "donativismo" tomou aqui. Em 1929, por exemplo, a lista dos donativos subiu a... \$2.450.000.000, sendo de notar que se vem mantendo em nível superior a dois bilhões anuais desde 1923.

Em 1929 os dois bilhões e meio de donativos foram repartidos assim: religião, 996 milhões; educação, 467 milhões; caridade pessoal, 279 milhões; caridade organizada, 279; saude publica, 221; socorro a povos estrangeiros, 132; belas artes, 40; recreio publico, 21; outros fins, 14.

Essa lista é curiosa de examinar-se por apresentar aspectos que só se observam na America. Um deles é a quantidade de donativos anônimos, que sobem a milhões. Vi lá um donativo de tres milhões de dolares, que seriamente me impressionou. Dar assim 3 milhões a uma universidade e não querer sequer que lhe conheçam o nome, é positivamente "algo nuevo".

.....

— Wittels marcou-me encontro no *Pirate's Den*, em Greenwich Village. É tempo de rodarmos para lá, foi

como Mr. Slang me saudou quando surgi no seu apartamento.

— Bravos! exclamei. Sinto certa paixão por esse “Quartier Latin” de New York, que aliás conheço pouco por falta de um bom guia. Bairros dessa ordem, desordenadamente artísticos, só com cicerones. Mas quem é esse Wittels, Mr. Slang?

— Um vienense freudiano que se especializou no estudo do amor. Diz ele que como há médicos que só estudam o cancro ou a tuberculose, era necessário que os houvesse especializados em amor — e fez-se um. Sabe o amor de A a Z. Destrinça-lhe os bastidores com o microscópio de Freud, e já anda tão conceituado que quando fala o americano o ouve. Tem uns livros também.

— Hum! Agora me lembro. Já li algo desse homem. Deixe-me ver...

— *All for Love?*

— Não. Outro...

— *Caveman?*...

— Isso. *Caveman against Man*, livro onde estuda os instintos que nos vêm dos tempos em que moravamos nus em cavernas, e que ainda subsistem em perpétuo choque com as restrições impostas pela cultura, determinando nossas reações contra o meio e, pois, condicionando o nosso fado. É a tese. Gostei. Engenhoso, sim.

E, ainda discutindo Wittels, saímos a ve-lo.

A estação do subway que serve Greenwich Village é a da rua Christopher. Lá saltamos e deixei-me

guiar pelo meu inglês, bom cicerone para aqueles mean-dros. Porque a velha Greenwich Village forma uma salada de velhissimas ruas tortuosas e becos onde só um velho conhedor pode orientar-se.

Subimos pela rua Christopher.

Como tudo ali muda e nos descansa da cansativa estandardização do resto de New York! A não serem os Drug Stores das esquinas, que repetem o padrão comum em que cairam no país inteiro, tudo mais é novo — novo no sentido de diferente, pois quanto á idade é velhissimo.

O impeto de remodelação que já transformou a mór parte de New York e que do West Side começa a invadir o East Side — zona mais popular, mais pobre, intensamente judaica — ainda respeita a Village, embora a haja reduzido de area. Subsiste o nucleo central. O resto já se renovou, e con quanto ainda procure ser Greenwich Village sóa a falso. A Greenwich que atrai é a velha, toda pardieiros coloniais, irregularissima, de ruas estreitas e malucas, verdadeiro labirinto de Creta.

As casas de curiosidades artísticas se sucedem, "Curio Shops", como se chamam, onde o comprador encontra tudo o que é feito á moda antiga, manualmente, e nada do que é obra da maquina. Esse, o contraste maior com o resto da cidade ou do país. No resto da cidade, em todas as casas de comercio, ninguem sente, no artigo exposto á venda, o homem, a mão do homem, o artista. Tudo é "mass production", tudo é produto da maquina, sem outra assinatura além dum nome de companhia e dum numero de patente. Estandardização.

O que se vende nas lojas da Village são as velhas coisas que desde os mais remotos tempos produz a criatura que se ausculta a si mesma e nas coisas minimas revela a sua personalidade (o introvertido, o sonhador, o homem que medita, que foge do mundo de toda gente e cria o seu proprio). Coisas artisticas, em suma. Coisas que a mão faz, pois que o sublime instrumento por meio do qual todas as maravilhas da arte se afeiçoam é sempre esse prodigioso orgão com cinco dedos, unhas, palmas e o M da morte no centro. Em Greenwich Village a Mão impera — daí o seu encanto.

— É ali! disse Mr. Slang interrompendo-me a cadeia do pensamento e apontando para uma tabuleta — *The Pirate's Den* — o Antro dos Piratas.

Entramos. Wittels lá estava, de cara redonda, gordo, testa amplissima e olhos verrumantes. Escolhia coisas no menu, pedindo informes ao criado — se o peixe era mesmo "mackerel", se o cogumelo era mesmo de Plainfield e outras niquices de guloso.

Foi um inesquecivel jantar. Não só o requinte dos pratos, como um vinho evidentemente anterior á guerra, e sobretudo o picante das ideias de Mr. Wittels, tornaram-no uns dos jantares notaveis que tive em New York.

Especialista em amor, foi sobre o amor americano que Mr. Wittels discorreu. Não me sinto habilitado a julgar suas ideias. Isso de ideias de ha muito que me habituei a apenas exigir que sejam engenhosas, bem arranjadas com aparencias de verdade. Não vou além,

nem peço mais. E Mr. Wittels as tinha singularmente engenhosas.

— O americano é um Creso de dinheiro mas uma bancarrota em amor, foi a tirada com que, mascando um cogumelo, o doutor vienense abriu o assunto.

Mr. Slang concordou que a preocupação excessiva do negocio — do grande negocio — de fato impropriava o americano para o cultivo do amor ao modo da velha Europa.

— A reserva de energia vital de um homem tem limites, disse ele. Negocios e amor fazem-se á custa dessa reserva. Quem despende demais dum lado, vê-se em deficit do outro.

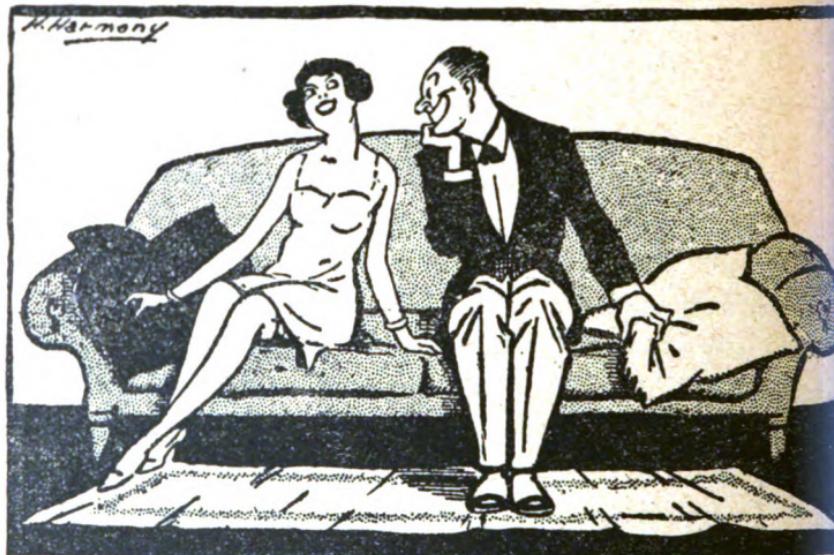
— É o que se dá com o americano, ajuntou Mr. Wittels. Gasta todas as energias com os business — e nem pode deixar de ser assim, de tal modo se fazem grandes os negocios aqui. Uma vez preso na engrenagem, não ha fugir-lhe aos dentes. E o americano sente voluptua em ser esmagado pela engrenagem dos negocios. Daí sua falencia no amor. A libido do americano gasta-se mais no negocio do que no amor.

O freudiano surgira, e eu, sempre curioso desse novo sistema de investigar o quarto escuro humano, apurei os ouvidos. Quis conhecer o sentido que Mr. Wittels dava á palavra libido.

— Força Vital, respondeu-me ele. É como Bernard Shaw lhe chama. Feixe dos instintos basicos de que resulta a força propulsora da raça. Tem suas raízes mestras no sexo, mas não se manifesta de modo exclusivamente sexual. Pode expandir-se em diversas

direções. Sublima-se, idealiza-se. Pode ainda ser recalcado. Pode igualmente ser derivado para caminhos que só remotamente se relacionam com o sexo.

O americano, ou sublima, ou reprime, ou desvia a libido em tal extensão que enfraquece a função biológica do sexo. O que vemos na America, obra dos americanos, é um sistema de etica e um conjunto de leis que tentam negar, ou ladear, os instintos basicos sobre os quais a vida se alicerça.



O "necking" e o "petting" da nova geração revelam os métodos que a moça americana foi compelida a adotar para espevitamento do moroso macho.

Como especialista do amor, tenho estudado a fundo o caso. Do mesmo modo, tenho psicanalizado inumeros homens e mulheres desta terra — e todos, em regra conformados com a moral em vigor, revelam no

obscuro subconciente desejos que nem sequer a si proprios ousam declarar. Tais confissões, juntas a observações laterais, levam-me a concluir que a mulher americana constitue um desenvolvimento inedito da humanidade, uma floração nova na arvore da vida.

— Tem-nas realmente nesta alta ideia? perguntei.

— Sim. Vejo nelas “algo nuevo”. São na realidade as mais belas mulheres do mundo, tão belas que já formam um novo tipo. E por que são assim tão belas? me pergunto a mim mesmo. Vá que o sejam as criadas no ambiente favoravel da riqueza. Mas a “shop girl”? a rapariga modesta, humilde, que não se forma em ninho de plumas? Tambem estas atingem a beleza — e sem o recurso enganador dos cosmeticos e modas. Possuem uma beleza que elas evolvem de si proprias, como atendendo a uma exigencia biologica.

Penso que ha na mulher americana mais “vontade de beleza” que em qualquer outra mulher do mundo, porque ela sente necessidade de ser bela para atrair o *evasivo e relutante macho*. Não lhes basta para isso a natural feminilidade. São forçadas a somar a feminilidade com algo mais.

— E por que acha o americano tão evasivo? perguntei.

— O “evasivismo” se dá em virtude de um hiper-refinamento do gosto ou por depressão, diminuição de força no instinto do macho. No caso americano pendo para a segunda hipótese. O constante atrito da libido,

o dispendio excessivo por canais diferentes, enfraquece o amante americano. E sua falha neste ponto força a mulher á inversão dos papéis. A iniciativa passa a ser dela.



A iniciativa é feminina

Mr. Slang interveiu, declarando que na sua opinião o povo americano era tão fortemente sexual como outro qualquer e citou o numero avultado de crimes passionais que enchem as folhas. Além disso o assunto sexo era dos mais frequentes, não só em livros e jornais como ainda na conversação. Achava ele que em país nenhum do mundo a palavra "sexo" tinha tão alto consumo como na America.

— Por isso mesmo, contraveiu Mr. Wittels. Falar, escrever, conversar sobre "sex" denuncia o estado d'alma que apontei. Quem a todo momento fala em amor nunca é, na realidade, um bem sucedido praticante do amor. A discussão, o debate, é um substituto da expressão sexual.

— Derivativo?

— Sim, insistiu Mr. Wittels. Um derivativo. Ocorre ainda que o "petting" e o "necking", tão característicos da vida americana, constituem iniciativas femininas. Foram inventados pelas girls das modernas gerações, por sugestão do instinto, para estimular, acordar o modorrento macho.

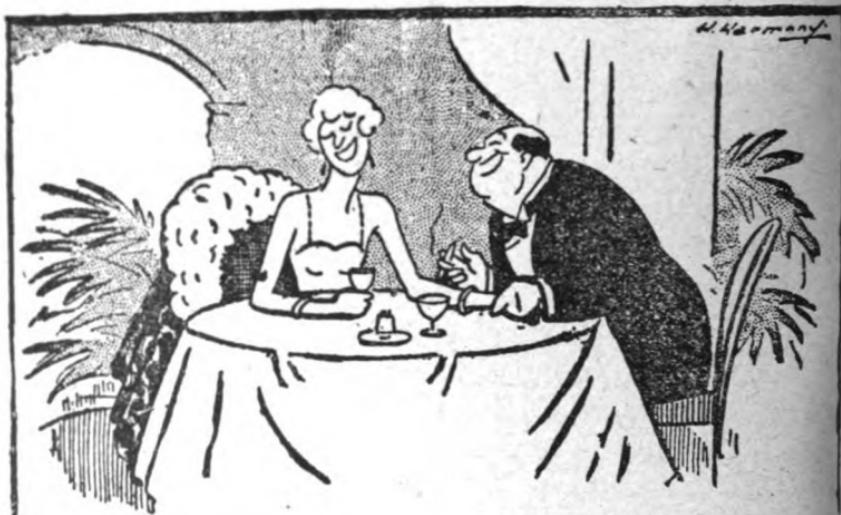
Mas Mr. Wittels não generalizava de maneira absoluta.

— Está claro, disse ele, que minha teoria não abrange todos os americanos. Muitíssimos há, magníficos "he-men", que receberiam altas notas num concurso mundial de virilidade. Mas o número dos positivamente inadequados para o amor é bastante grande para constituir uma variedade da espécie humana.

Os "Night Clubs" andam cheios de americanos de todos os tipos e idades, que pagam preços fantásticos por um mau drink; e quando voltam para casa depois de haver alisado a mão duma mulher, gabam-se no dia seguinte dum maravilhoso "good-time". Sentem orgulho em serem considerados "suckers".

— Coroneis, dizemos nós na nossa terra.

— A ambição deles, prosseguiu Mr. Wittels, não vai mais longe. É que a libido está enfraquecida. Tal



Nos Nights Clubs os americanos pagam preços absurdos por más bebidas e consideram-se compensados das despesas se tiveram o privilégio de apertar uma linda mão de mulher.

depressão faz deles maravilhosos marchantes, mas lamentáveis Romeus.

O americano medio evita a mulher, influenciado pela fraqueza da sua libido e ainda pelo respeito que tem por ela. A mulher necessita e quer respeito, sim, mas entre o respeito e o amor prefere o amor. O exagerado respeito com que o americano a trata é uma astúcia protetora. Colocando entre si e ela a espada núa do puritanismo, o homem guarda-se da tentação.

— E o flirt? perguntei.

— Mero substituto de amor. O americano gosta de brincar de amor — o flirt é isso — mas defende-se



Um gigante de dia, não passa dum cansado homem de negócios á noite.

como pode contra a tentação de ir além. Natural. Esse gigante do business durante o dia, no seu escritório, onde lança as redes por sobre o mundo inteiro, está á noite cansado — e o amor é noturno. E, cansado que está, foge á mulher sob a capa do respeito.

— Mas dão a elas tudo, interveiu Mr. Slang. O trabalho ciclopico feito durante o dia reverte todo para o luxo com que ele aninha a companheira.

Mr. Wittels sorriu e meneou a cabeça.

— Essa liberalidade nasce do desejo de proporcionar alguma compensação á mulher. Não podendo dar-

lhe amor, dão-lhe tudo o que o dinheiro compra. Puseram-na num pedestal, não é? Mas a mulher prefere ser amada a ser adorada qual um ídolo de porcelana. São de carne. Isso de pedestal é outro truque. Meio de meter distância entre ambos, astúcia na batalha que o homem vem sustentando contra a atração feminina. Nos começos a mulher aceitou com vaidade essa atitude de veneração. Por fim descobriu que era *defesa* — e muito fria para valer o que lhe negavam em troca. Hoje, cansada da separação, das “cautelas”, do “respeito”, a americana atira-se à conquista do evasivo macho, destruindo-lhe as trincheiras e procurando eliminar as suas inibições. Daí o novo tipo de mulher que venho estudando na América.

— Realmente, um tipo novo?

— Novíssimo. Inédito no mundo. Na Europa as mulheres permitem-se envelhecer. Aqui não conhecem velhice. Ainda quando bem entradas em anos, conservam o “charm”.

— E que diz do avanço da mulher em aperfeiçoamento?

— Admito-o, pois não. Enquanto o homem trabalha e se absorve no business, a mulher liberta-se e adquire cultura. Intelectualmente e fisicamente já está batendo o companheiro. Que elemento de sedução apresenta o americano, além do dinheiro? Eles “tomam” a mulher, como tomam um cocktail. Nada do “savoir faire” do velho europeu, o qual, “cultiva” a mulher e beberica sibariticamente o vinho. O homem lá,

de cultura, faz da vida uma arte, e do amor, uma ciencia. Já aqui o que o americano pede é não ser incomodado pela mulher — salvo por breves momentos.

— Mas, Mr. Wittels, creio que as coisas estão mudando. Noto que a geração atual já não sofre as mesmas repressões que tanto torturaram os seus antepassados. O puritanismo cede terreno. Esse espirito novo, de revolta, é constantemente censurado em artigos de moralistas e em sermões — sinal de que se desenvolve.

— É certo, e no entanto a mocidade devia ser encorajada, em vez de "lambasted".

"Lambasted" . . . Tinha eu afinal pescado o sentido da palavra que pela manhã me fizera telefonar a Mr. Slang.

— A revolta da mocidade, continuou Mr. Wittels, é a revolta da girl americana — e tudo me faz crer no começo da derrota do puritanismo. Já durou demais essa praga.

Os olhos de Mr. Slang brilharam. Ele detestava o puritanismo, e aquele anuncio de Wittels sobre o começo da queda do seu "inimigo pessoal", lhe soube inda melhor que o vinho, que bebia a goles medidos.

— Tenho acompanhado, ajuntou Mr. Slang, os sintomas dessa investida contra o puritanismo e concordo que a coorte rebelde se compõe mais de mulheres do que de homens.

— Perfeitamente. O macho segue o movimento, mas com relutancia. No fundo, sempre o receio de ser

empolgado pela femea. E a girl se vê forçada a abandonar a natural reserva afim de vencer a inibição masculina. Daí o corte de cabelos á moda dos rapazes, daí o trajar masculinizado — astucias tendentes a fazer o americano esquecer que ela é uma rapariga, até que num momento de descuido ele se renda ás fascinações do sexo.

— Acha, Mr. Wittels, que a moça americana vencerá a batalha?

— Tem que vencer. Está vencendo. Os trajes masculinizados, bem como o cabelo cortado, começam a cair: as linhas puramente femininas retornam. As moças já necessitam menos desse recurso desinibitorio dos rapazes. Estão vencendo. A mudança de penteado e trajes indica *desmobilização parcial*.

O momento era oportuno para consultar Mr. Wittels sobre o que pensava do casamento.

— Diga-me, Mr. Wittels: a maior liberdade sexual que as mulheres reclamam virá destruir o casamento?

— De modo nenhum. O casamento é necessário á mulher como meio de desempenhar a sua função biologica. Mas não vejo motivo para que o casamento não se adapte a mudanças no regime sexual. Qualquer que seja o resultado da luta entre os sexos na America, tenho como certo que o casamento subsistirá. Passado este periodo agudo de revolta, de escandalo, de torvelinho e confusão, a “nova mulher” e o “novo homem” encontrarão uma nova forma de equilibrio para o casamento.

Assim terminou a nossa conversa com aquele especialista do amor, e nessa mesma noite, voltando ao meu apartamento, fui ler com avidez o artigo que pela manhã me chamara a atenção para Mr. Wittels. Abundava nos mesmos conceitos e, por malícia do jornal que o dera vinha ilustrado de caricaturas que frisavam, com uma ponta de grotesco, as passagens principais. Hoje, que ponho essa conversa em livro, não considero deslocado intercalar nela alguns desses desenhos perversos.

XXIX

Igrejas conjugadas com hoteis e mais negócios. Um olhar de duvida. A resposta de Mr. Slang. Nosso almoço numa igreja. Desconfiança em si proprio.

Varias vezes eu havia conversado com Mr. Slang sobre a ideia dos arquitetos de conjugar duas coisas na aparencia inconjugaveis — uma igreja e um hotel ou casa de apartamentos. Dissera-me ele que isso não representava novidade, pois conhecia varias. Duvidei, não com palavras, mas com o olhar. Mr. Slang não insistiu e mudou de assunto. Um belo dia recebi de Syracuse um telegrama seu, dizendo: "Venha amanhã almoçar comigo numa igreja. Hotel tal."

— Almoçar numa igreja? repeti, deslembiado da antiga conversa e sem alcançar as intenções do meu ex-celente amigo. Que queria dizer com isto?

Em vez de quebrar a cabeça na decifração do enigma aproveitei a folga do fim de semana para tomar o trem de Syracuse.

— Viva! disse ele ao ver-me surgir em seu quarto. Vamos ao almoço. Demorou, mas chegou o dia de vingar-me dum seu olhar...

— Dum meu olhar? repeti, realmente intrigado.

— O olhar de duvida que teve quando lhe falei das igrejas conjugadas a hoteis e casas de apartamentos.

Só então me veiu á lembrança a nossa conversa a respeito.

Fomos almoçar. A igreja-restaurante era exatamente do tipo por ele assinalado. Um grande edificio que exteriormente não apresentava a forma classica das igrejas, embora desse um ar. E, de fato, não era igreja, e sim um building com uma igreja encravada dentro. O bloco fôra construido de modo a formar unidade, e planejado de jeito que a renda do hotel suportasse financeiramente a igreja. Vi, pois, e convenci-me de que o que tomara como pilheria de Mr. Slang não passava de realidade — e realidade já grisalha, pois aquela conjugação de hotel e igreja funcionava desde 1914, o ano da guerra.

Comi lá o meu bife, a minha omelete, o meu "pie" de maçã com o mesmo apetite com que o faria num restaurante de New York, embora com um pouco mais de unção. Mr. Slang foi discorrendo.

— Ha já varios templos deste tipo. Em New York estão erigindo um majestoso, o Broadway Temple, em Washington Heights, lá pela rua 173. Está em ossatura ainda. Vai ter uma torre bem alta, com a classica insignia das igrejas cristãs no topo. O corpo do edificio, deduzido o espaço a ser ocupado pelo templo, comportará ainda um hotel, um ginasio, um campo de "squash", outro de "bowling", outro de "basketball", piscina de natação, apartamentos, etc. A renda de tudo isto está

calculada para amortizar as despezas da construção e ainda deixar 200.000 dolares para as obras religiosas e sociais da confraria.

Esse Broadway Temple constitue a primeira combinação de arranha-ceu e igreja que o país vai ter. Breve a veremos funcionando. Planejadas, ou em inicio, existem varias outras.

— Acho a ideia otima, Mr. Slang. A igreja, assim, suportar-se-á a si propria, sem necessidade da coleta de dinheiros, que tão mal impressiona e tão incerta é.

— Foi o que induziu os americanos a entrarem por esse caminho. Muitas igrejas existem localizadas em zonas que outrora foram arrabaldes e hoje são distritos intensamente comerciais. O terreno que ocupam valem fortunas fabulosas. A transformação da cidade criou para tais igrejas uma serie de problemas com duas unicas soluções boas: mudarem-se ou adaptarem-se. A principio mudavam-se. Hoje estudam a adaptação. Conservam-se no ponto onde foram originariamente erigidas, mas transformam-se em arranha-ceus, dess'arte tirando partido da tremenda valorização dos terrenos. Passam de pobretonas que viviam de esmolas a arranha-ceus de alto rendimento.

— Realmente, murmurei, pensando na Trinity Church, que, como um absurdo de pedra, fronteia a Wall Street, rodeada de tumulos velhissimos, com as inscrições já roidas pelo tempo. A Trinity Church vive de esmolas e no entanto ocupa um terreno cujo valor sobe a muitas dezenas de milhões de dolares. Que nababesca renda não tiraria ela, se se adaptasse!...

A Trinity Church, por onde eu passava todos os dias de caminho para o escritorio, sempre me impressionou. Velhissima, com uma torre que já foi a mais alta da America, dá hoje à sensação duma igrejinha de presepe. Os imensos arranha-ceus da Wall Street e começos da Broadway cresceram-lhe em redor como cogumelos, abafaram-na, anularam-na, fizeram da sua torre um brinquedinho de criança. No entanto, vem resistindo a todos os ataques do business. Teima em ficar ali, rodeada das suas carcomidas pedras tumulares, como para lembrar aos apressados magnatas em trânsito pela "rua que governa o mundo" o *memento homo* da Biblia. Não o consegue, porém. A cabeça dum magnata vive tão cheia de coisas anti-biblicas, tão obstruída de cotações de bolsa e planos de golpes a dar ou a aparar, que talvez nenhum ainda haja olhado para a igrejinha pela qual passam todos os dias.

De volta a New York fui com Mr. Slang ver o majestoso bloco da Manhattan Towers, que quando concluido associará a Igreja Congregacional de Manhattan a um grande hotel. Rente ao solo, será uma igreja como todas as outras. Sobre essa igreja, porém, se sobreporão trinta andares a serem ocupados com o hotel. Nisto, como em muitas outras coisas, o americano mostra a sua capacidade de criar, sem atenção ás sugestões do passado europeu. Criticam-no, metem-no a riso os outros povos. Por fim acostumam-se á ideia e acabam fazendo o mesmo. E desse modo que o progresso se processa.

Nem todos os povos possuem instinto criador. Muitos apenas imitam, e copiam quando imaginam criar.

Nada fazem sem preliminarmente verificar se existem precedentes. E alguns de tal modo se aferram a esta subalternidade, que erigem em argumento — em grande argumento, em argumento decisivo — uma frase interrogativa desta laia: “Mas se é assim, por que os outros povos já não fizeram isso?”

Quando o novo processo de fabricar ferro por meio da redução em baixa temperatura, desenvolvido em Detroit pelo grande William S. Smith, foi levado em noticia ao Brasil, como em condições de resolver, de maneira tão inesperada quanto segura, o caso siderurgico brasileiro, o grande argumento dos tecnicos do governo chamados á fala foi esse: “Se é assim, por que os Estados Unidos ou a Alemanha já não adotaram esse processo?”

Não pode existir prova mais perfeita de insuficiencia mental, de pobreza criadora ou, para falar lingua mais positiva, de imbecilidade congenita. Desse mal está livre a America. Jamais o americano, quando uma ideia nova surge, olha em roda para ver se já recebeu o *placet* de outro povo. Não se considerando inferior a ninguem, estuda o caso, mede, calcula e, se encontra vantagens, adopta-a, qualquer que seja a opinião estrangeira. Tudo quanto existe foi criado. Um dia nasceu. Alguem abriu caminho. Admitir que *os outros* possam abrir caminho e *a gente não*, não é reconhecer-se visceralmente incapaz?

XXX.

Um professor hostil á riqueza. Idealismo. Mr. Slang, porém, queria mais. Abuso do credito. Ideias dum magnata. As procelarias. Figuração concreta dum milhão.

Muitas vezes conversei com Mr. Slang sobre assuntos economicos e principalmente sobre a verdadeira plethora de riqueza de que a America principiava a queixar-se. Sim, queixar-se. Lembro-me do diretor dum colegio experimental da Universidade de Wisconsin que em certa solenidade "censurou" o enriquecimento excessivo da nação. Esse homem estranho e fóra de todos os moldes evocou a republica de Platão, na qual a riqueza não tinha autoridade e as autoridades não possuam nenhuma riqueza.

Enriquecemos muito depressa, disse ele, e por isso estamos em serio perigo. Todas as nossas "agencies of enlightenment" (fócos de iluminação mental!) pecam por excesso de riqueza. Riqueza e educação vivem em conflito. A riqueza material cega o homem. E como pode o cego guiar cegos?"

Por paradoxal que isso pareça, o orador deu ao tema visos de logica. Comparou a America á morada dum milionario que nela vive com um filho a educar-se

e um professor encarregado dessa empresa. "Mas o milionario controla o professor: eis o mal".

Não era ele contra a riqueza, mas contra a sua intromissão em campos onde não lhe compete imiscuir-se. E desenvolvendo suas ideias, pede livros que não sejam feitos com o alvo de lucro; jornais isentos da influencia do dinheiro; arte cujo fim unico seja pintar as coisas como são; evangelismo que não queira nem precise agradar; tribunais cuja integridade e imparcialidade estejam acima de qualquer duvida; instituições de ensino que se devotem ao estudo de quanto seja de importancia para a vida humana e dêem os resultados desses estudos com a mais absoluta isenção...

— Só falta pedir que nasçam asas de anjo nos omoplatas de cada americanol comentou Mr. Slang ao ler-lhe eu esse discurso. A America está cheia de descontentes desse naipe, contemplativos que querem coisas, que imaginam coisas, que reformariam o mundo de A a Z, se lhes caisse na mão a vara magica de Moisés. Infelizmente, ou felizmente, o mundo é o que é. Jogo de interesses pessoais que se chocam. Se um país consegue, por meio dum conjunto de leis e duns tantos principios de moral, manter em equilibrio esses interesses, evitando que os homens (*homo homini lupus*) se entredevorem na praça publica, o ideal está atingido. Esse estado de perfeição que os ideologos impenitentes procuram não pôde constituir um sistema de equilibrio. Mera ficção utopica.

— Mas acha, Mr. Slang, que a riqueza excessiva realmente esteja danificando a educação e outras instituições da America?

— A riqueza, como tudo, apresenta duas faces. Nada é absolutamente bom nem absolutamente mau. O contrario da riqueza é a pobreza, que tambem não é coisa absolutamente boa nem absolutamente má. Mas não creio que haja uma só criatura humana que, de instinto, não prefira sofrer os males da riqueza a sofrer os males da pobreza. Riqueza significa *poder*; pobreza significa *não-poder*. Ora, não poder é para mim o mal dos males. Além disso, apesar da America ser o país mais rico do mundo, e rico em escala nunca julgada possível, acho que ainda está longe do que pode e tem de ser.

Espantei-me de ver Mr. Slang querer ainda mais para a America. Já tinha ela tanto que estava pondo contra si o resto do mundo. Tinha tanto que esperdiçava em escala gigantesca. Já fôra demonstrado que com o que o americano põe fóra, nações inteiras, inclusive a China com os seus 400 milhões de chineses, poderiam viver á farta.

Aleguei isso.

— Sim, respondeu ele, a America tem muito, se a compararmos com inumeros povos que nada têm. Mas isto é apenas um começo. Com o aparelhamento industrial de que se dotou, e os laboratorios de que se vem enchendo, e com todas as conquistas da ciencia a serviço da exploração do seu imenso territorio, esta riqueza de hoje parecerá mediana a um seculo daqui. Sabe em que progressão a *renda* do povo americano aumentou nestes ultimos vinte anos? Duzentos por cento!...

— Duzentos! exclamei apatetado. É forte...

— Em 1909 era de 35 bilhões de dolares. Está hoje, vinte anos depois, em 95 bilhões, segundo os dados do Chatam Phenix National Bank. Esse surto não conhece paralelo em parte nenhuma do mundo, em tempo nenhum. Se continua — e não vejo motivo para não continuar — qual será a renda per capita do americano dentro dum seculo? Era de 325 dolares em 1909. Em 1928 estava em 745 dolares...

Objetei:

— Ha de continuar, diz o amigo otimisticamente.

Muita gente, entretanto, prevê uma parada, senão um retrocesso.

— Sim, parada, estação de repouso. Mas tudo continuará depois, com impeto maior. As crises são periodicas e não passam de estações de repouso e reajustamento. Já li a historia das crises americanas e até ando a deduzir a lei que as rege.

— A que as atribue?

— Inflação por abuso de credito. Especulação excessiva por excesso de credito. O excessivo abuso do credito dá origem a inumeros negocios de base aleatoria: a hipótese de que a progressão continuará na mesma marcha em que está vindo. Um abalo nesse alicerce (e eles abalam-se ciclicamente, em periodos de 8-10 anos) determina o fenomeno crise. Cai, e é varrido para o lixo como um castelo de cartas tudo quanto se ergueu sobre o alicerce precario. Saneamento. Poda de arvore. Limpeza dos galhos "falsos". Mas, passada a crise, a arvore mundificada continua a crescer com impeto maior do que antes.

E como falamos em crise, a conversa recaiu sobre a de 1922, uma das mais fortes que abalou o país. Mr. Slang havia acompanhado o seu desenvolvimento e até certo ponto a previra. O mesmo ia dar-se com a próxima. O meu arguto inglês via de todos os lados os sintomas da crise de 1929.

— A inflação está no apogeu, e inflação em escala nunca observada até aqui. A tempestade decenal aproxima-se, profetizou ele.

— Esse seu pressentimento, Mr. Slang, está em oposição com todas as afirmativas dos capitães da industria, desde Rarkob até Albert Schwab o rei do aço. Raro o dia em que a palavra dum deles não aparece nos jornais, provando que a "prosperity" repousa em bases de cimento armado. "Nova era economica", chamam a isto que vemos, e tão aperfeiçoada está a engrenagem do credito, dizem, e tão forte é a trama dos bancos, que não há mais a recear a repetição das crises anteriores.

— É um dos sintomas que me fazem ver crise próxima; objetou Mr. Slang. A insistencia com que os capitães da industria, que estão a amontoar milhões com a "prosperity", andam a falar na sua solidez, na sua eter-nização, dá-me arrepios. A insistencia na tecla soa-me como graxos de procelarias economicas...

Disse e foi á sua secretaria em busca de qualquer coisa. Voltou com um jornal assinalado com uns xizes a lapis vermelho.

— Aqui temos a prova do que afirmei, continuou, mostrando-me um artigo do presidente da Metropolitan Life Insurance. Leia.

Li.

"O povo americano está como nunca esteve, dizia esse economista. Jamais gosou de tanta prosperidade material. Nossos 29.000 agentes (da Metropolitan), em contacto permanente com 19 milhões de "wage earners" (homens que vivem de salarios), demonstram isso, fazendo-o refletir nos totais da companhia. Estamos realizando mais seguros do que nunca. O povo tem cada vez mais dinheiro para, feitos os gastos da vida, pôr de lado uma parte afim de salvaguardar o conforto da familia nos casos de doença, acidente ou morte.

Nosso povo está cada vez mais liberto da doença e da pobreza. O homem vive mais. E vive melhor que antigamente. Dispõe de mais lazer e sabe como aproveitar-se desse lazer. Grande satisfação devemos sentir de vivermos num periodo destes, assistindo ás miraculosas transformações que se vão realizando".

— Miraculosas! interrompeu Mr. Slang. Note a força do adjetivo. Povo sem adjetivos, como é o americano, o uso crescente que começam a fazer do adjetivo, é uma das coisas que me apavoram. Procelaria...

Continuei a leitura.

"Ha razões para este milagre. A primeira, é a extraordinaria riqueza natural do país. Fomos dotados com "mais do que a nossa quota" nas reservas naturais do globo — e desenvolvemos os meios de mobiliza-las. Nosso territorio é suficientemente rico para nos abastecer a nós proprios e ainda a uma boa parte do globo. A melhor reserva de petroleo, cobre, carvão e ferro do mundo nos pertence. Possuimos clima excelente e sabemos formar o país com os melhores elementos huma-

nos. Apesar de sermos 120 milhões, cada um de nós possue quatro vezes mais terra do que um europeu. E quanto a reservas do sub-solo, cabe a cada um de nós muitissimo mais do que aos europeus, que já de muitos seculos vem desfalcando esses recursos.

Uma estimativa do valor dos nossos recursos armazenados no solo é impossivel. Cada ano que se passa, entretanto, traz-nos o conhecimento de mais reservas acumuladas.

Os numeros que representam a riqueza nacional americana são estupendos. O ultimo calculo dava um total de 353 bilhões de dolares. É facil falar em bilhões de dolares, mas dificil figura-los. Que é um bilhão de dolares? Quando procuramos ter dele uma ideia concreta, sentimo-nos tão fracos como o selvagem que só conta até dez, pelos dedos. Talvez uma imagem ajude a ideia. Um milhão de dolares, em moedas de 20 dolares, ou 50.000 moedas, pesa tonelada e meia e constitue a lotação dum desses caminhões blindados que os bancos usam para o transporte do dinheiro. Seria necessario organizar uma procissão de mil carros blindados para transportar um bilhão de dolares. Percorrendo uma determinada rua na toada de seis por minuto, a procissão levaria tres horas a passar".

— Para o desfile processional de toda a riqueza americana, comentou sorrindo Mr. Slang, seriam, pois, necessarios 353.000 caminhões blindados, num desfile ininterrupto de 1.059 horas...

Interrompi a leitura do artigo para figurar na imaginação essa teoria sem fim de milhões. Veiu-me á

lembraça uma historia da carochinha com que em criança me faziam adormecer. Era uma historia da qual eu nunca vim a saber o fim. Havia no meio uma carneirada tangida pelo pastor através duma ponte. Começavam a passar os carneiros, a passar, a passar... e a historia tinha de ser interrompida nesse ponto porque era preciso que passassem todos, sem perda de um só.

— “Ainda faltam muitos?” perguntava eu com os olhos sonolentos, quasi a se fecharem.

— “Falta um monte! Lá vão eles passando, passando, passando...”

E o sono vinha antes que uma pequenina parte do rebanho imenso passasse.

Essa lembrança fez-me interromper a leitura. Transportei-me para a éra feliz da vida, com uma lembrança a associar-se a outra nesse trabalho furta-côr do cérebro. Mr. Slang chamou-me á realidade.

— Continue. Vale a pena ler tudo o que essa profecaria escreve.

XXXI

A palavra "saving" está escrita no ar. Quanto o americano põe de parte cada ano. O que gasta com a vida, o que economiza, o que despende com seguros. A formação do maior centro monetário do mundo.

Continuei.

"Cada ano que se passa aumenta o gigantesco ativo da nação. Empilha-se mais riquezas, constituida pelos "savings" do povo.

— "Savings", disse eu interrompendo a leitura. Está aqui uma palavra que se lê no ar, na terra, nas nuvens, em tudo, nesta America. A preocupação de acumular, economizar, pôr de parte, é geral.

— E é como a riqueza se acumula, observou Mr. Slang. Ha o que produzimos, o que consumimos; e ha o que pomos de parte para o futuro. O americano produz como povo nenhum ainda produziu; consome e esbanja como jamais foi consumido ou esbanjado; mas nunca deixa de acumular. Não existe nesta terra instituição mais prolífica do que a do "savings banks". Em cada esquina vejo um. Continue...

— Pois o "saving" americano está em 13 bilhões de dolares por ano, diz aqui este senhor. Quantos car-

ros blindados, Mr. Slang? De que comprimento a procissão?

— Continue, respondeu ele gravemente. Com dinheiro não se brinca...

— Nota em seguida o meu homem que a renda total do povo é de um quarto da riqueza nacional, e que isso em si constitue algo de extraordinário como proporção, só sendo possível num país em que prevalece o alto salário daqui.

“Da nossa renda nacional, diz ele, a parte maior provém de ordenados e salários vencidos anualmente pelos trabalhadores. Estes elevaram-se o ano passado a 25 bilhões de dólares, ou 60 por cento do total da renda nacional.

A parte maior deste dinheiro é empregada no custeio da vida; uma parte acumula-se nos “saving banks” e outra é invertida na compra de ações.

A renda média dumha família operária na América está em 2.000 dólares por ano, dos quais 100 são postos de parte, ou 5%. Porcentagem que seria baixa, se outros 5% não fizessem despendidos em seguros — segunda forma de “saving”.

E não será ainda uma terceira forma de “saving” a compra pelo povo de automóveis, radios, pianos e geladeiras — engenhos que determinam economias? Esta participação do povo nas coisas boas do mundo explica muito da nossa prosperidade. Eram, anos atrás, e são ainda hoje no resto do globo, artigos considerados de luxo e reservados aos ricos. Agora, uma vez que toda gente os consome, passaram a artigos de primeira necessidade.

Todavia, apesar do que se diz da disseminação destes ex-luxos e da compra a prestações de coisas que não constituem necessidade absoluta, os depostos nos "saving banks" cresceram em 1928 de dois bilhões e meio sobre o ano anterior".

— Dois mil e quinhentos caminhões de ouro, com um milhão em cada um, disse Mr. Slang ilustrativamente. Bela procissão para um ano!

— E não é só, continuei. Menciona-se ainda aqui mais um bilhão recolhido pelas "building and loan associations".

— Mais mil caminhões...

— E ainda os tres bilhões que as companhias de seguros tomam.

— Mais tres mil caminhões...

E ainda o empate em "bonds" — quatro bilhões, e o empate em titulos — tres bilhões e meio. Tudo isto torna o país o centro financeiro do mundo, posição até bem pouco tempo retida pela Inglaterra.

— Sim, sim, disse Mr. Slang. Daí provem esse interesse tremendo que o mundo mostra hoje pelos Estados Unidos. Todos sentem, reconhecem, que as possibilidades da America são ilimitadas — note bem: ilimitadas! Seu territorio, todo ele habitavel e utilizavel, corresponde a nove decimos da Europa, a seis vezes a França. E se o dolar é o que é, se a riqueza existe na proporção que existe, unicamente a si proprio o americano o deve. Fez ele esse dolar, que não existia antes; acumulou-o em quantidades tremendas á custa de tremenda quantidade de trabalho, norteado por uma organização unica. Oh! exclamou, interrompendo-se, com

um olhar no relogio. Quasi uma hora já. Vamos ao lunch no meu Child's aqui da esquina, a gozar o aspecto gastronomico dessa organização...

Depois do lanche naquele Child's, que me ficou o mais simpatico de quantos New York possue, tantas vezes ali lanchei com o meu velho amigo, tive de acompanha-lo a Brooklyn, para onde o chamava um negocio. Ao chegarmos á ponte monumental Mr. Slang retomou o seu hino á America, de maior valor por vir dos labios dum inglês.

— Esta ponte, que poderemos chamar fantastica, com a velha cidade Brooklyn dum lado e a monstruosa Manhattan de outro, constitue uma estação onde havemos que parar e "admitir a America".

— Pois paremos e admitamos a America, respondi, descendo com ele do bonde para atravessarmos a ponte a pé, coisa que pouca gente faz.

Sou amigo de pontes. Tive a pachorra de atravessar a pé todas as pontes de New York, tarefa exigidora de mais coragem do que parece. São imensas. Tres, quatro quilometros de cabeça a cabeça. Atravessa-las a pé constitue caminhada para andarilhos.

No meio da ponte detivemo-nos em contemplação do quadro titanico. Titanico, sim, por pernóstico que pareça o adjetivo. Tudo que dali viamos dava muito mais ideia duma construção de titãs, os gigantes da fabula grega que superpunham montanhas para escalar o ceu, do que obra do bipedezinho homem. Em baixo corria sereno o Hudson, áquela hora, como sempre, coalhado de embarcações em marcha rapida. Nunca deixei de impressionar-me com a pressa das embarca-

ções que sulcam as aguas de New York, tão contrastantes com a preguiça e lentidão classica dos veiculos marnhos.

— Impossivel murmurou Mr. Slang após alguns minutos de contemplação. Uma criatura nascida e desenvolvida aqui não pode ser igual aos demais seres humanos. Ha de ser mais.

— Mais o que?...

— Mais, só. Mais qualquer coisa — ou mais tudo. Quando chegar o dia da arte para este país, que grande, que revolucionaria os americanos a vão ter!...

Era a primeira vez que em nosso intermino cavaco Mr. Slang abordava aquele tema. Apurei os ouvidos.

— Ainda não houve tempo para a arte, prosseguiu ele, como que falando consigo mesmo, de olhos perdidos no horizonte distante. Ou, melhor, não cabem na America as velhas formas da arte europeia. O ritmo da vida acelerou-se em excesso para que o que satisfazia o grego, e ainda satisfaz o francês, encha a vida de quem nasce neste Maelstrom. Impossivel, impossivel... Este povo jamais usará roupas velhas, as roupas surradas do europeu...

— Resta que as suas roupas novas valham as velhas, adverti latinescamente.

— Serão diferentes... Serão outra coisa... Uma sincronização unica no mundo ocorreu aqui. Tudo, casas e sociedades, se desenvolveu ao mesmo tempo, de impeto, cogumelarmente. Por pressa apenas, urgencia de erigir, é que se voltaram para a Europa e tomaram os seus modelos. Foi a fase do provisorio. Doravante, na construção do definitivo, a America tirará tudo

de si, e o que faz na arquitetura e está fazendo na musica, fará em todos os mais campos.

Ficamos os dois em silencio, cheios de ideias que não conseguiam tomar corpo. Sonhando accordados. Entrevendo a America futura, já a denunciar-se em mil brotos de desconcertante vigor. Mr. Slang suspirou. Percebi que tal suspiro era a homenagem do seu coração á Europa.

O velho mundo tinha de passar — estava passando. O dia de amanhã ia ser americano — foi como traduzi aquele suspiro.

XXXII

Walden Pond. Henry Thoreau. Seu personalismo. A morte do individuo. Colmeização. A bacanal do consumo. Abuso do credito.

Muitos passeios instrutivos fiz com Mr. Slang, o qual me lembrava os filosofos gregos que só filosofavam caminhando — os peripateticos. Passeios ao acaso, guiados pela fantasia ou veneta do momento. Recordo-me dum a Walden Pond, lago hoje historico, como no Brasil ficou historica a ponte sobre o Rio Pardo, ao pé da qual, enquanto a construia, Euclides da Cunha escreveu os "Sertões". Rememorei esse fato quando Mr. Slang, a lançar pedrinhas na agua para ve-la abrir-se em ondulações concentricas, observou:

— Aqui esteve, fará mais de oitenta anos, Henry Thoreau, o mais individual dos individualistas americanos. Construiu com as suas proprias mãos uma cabana tosca na qual passou dois anos a escrever "Walden", livro hoje classico. Vivia com o dispêndio de um dolar por mês, para a alimentação, e soube realizar um periodo de absoluta vida livre. Contam que certa vez lançou ao lago os tres unicos enfeites que havia na cabana — tres pequenos pedaços de calcareo que ele mesmo reco-

lhera numa das suas excursões pelos arredores. "Escravizam-me. Exigem que eu os espane..."

— Compreendo essa atitude, comentei, recordando os meus dias de humor negro e enjôo da civilização e da vida em sociedade, em que me vinham impetos de viver o anacoreta no deserto. A disciplina social exaure. O chamado progresso não passa duma escravização cada vez mais apertada, que as massas consentem e aplaudem e, portanto, impõem á minoria individualista. Conheço a obra de Thoreau. É o meu homem nos momentos de desespero.

Mr. Slang arregalou os olhos, como admirado de que eu conhecesse Thoreau. Por fim deu-me parabens daquele encontro. Tambem ele se refugiava em Thoreau nos seus momentos de cansaço da civilização. Embora fosse, como era, o mais impetuoso justificador do progresso sob a sua forma yankee de aplicação em massa da ciencia á vida, Mr. Slang não escapava á sociedade, ou, antes, á saudade das formas de viver d'antanho. Sua adaptação, porém, ainda não se fizera completa, porque a faculdade de adaptação de Mr. Slang tinha o passo mais curto que o progresso americano.

— Gostemos ou não, disse ele, tenhamos ou não o indice adaptativo exigido pela marcha das coisas yankees somos forçados a aceitar o contacto dos nossos contemporaneos, hoje muito mais intimo, muito mais intrusivo do que no tempo de Thoreau. Ignoro se é para bem ou para mal nosso que progredimos em corporatividade e diminuimos em individuo. Vamos tendendo para a vida da colmeia, onde o individuo não conta. A marcha para a frente é dirigida, mais e mais, por fatores

corporados, com rumo a um ideal coletivo. O motor e a eletricidade como os temos agora, a imiscuirem-se em quasi todos os atos da nossa vida diaria, nos gregarizam mil vezes mais do que no tempo de Thoreau. E dada a ogeriza de Thoreau por "encroachments", creio que se vivesse hoje esconder-se-ia no fundo do lago, em vez de o fazer na cabana construida á margem.

A independencia pessoal que o levou a vir filosofar neste silencio está hoje moribunda, graças ao incansavel avanço da maquina. Vai-nos ela transformando em abelhas. Presos na sua engrenagem, o espernejar dos individuos se torna pueril. As novas adaptações economicas — a produção em massa, a entrefusão das empresas ("mergers"); os "chain stores", os "chain" teatros, os "chain" jornais e todas as modalidades do emassamento, da coletivização, nesta guerra contra o individuo, tornam bem claras as tendencias do amanhã: corporatividade do mundo. Colmeização.

Cada novo invento significa passo á frente para a vida agregada, para a uniformidade, para o padrão. A tendencia é fortificar os grupos, fundi-los em grupos sempre maiores, integrar o individuo na massa, fazer da media, não da exceção, o ideal. Criar, em suma, o homem-abelha.

— Será para bem, adverti. A humanidade já experimentou o individualismo. O sistema não resolveu a serie de problemas que o viver em sociedade determina. Acho logico que enveredemos pelo caminho oposto.

— Tambem eu. E vou mais longe. Tenho que a forma de vida social até aqui tentada pelo homem fa-

lhou, de modo que é forçado pelas circunstancias que ele procura adotar o sistema das abelhas. Ha que sacrificar o individuo como o tivemos até aqui. Em seu lugar surgirá á unidade coletiva. Daí a frase do grande John Dewey: "O individuo morreu".

— *O grande Pá morreu!*... exclamei recordando a voz da Grecia. Mr. Slang prosseguiu, comentando-a:

— Sim, foi a voz que o piloto Tamas ouviu certa noite no Mediterraneo, seguido dum côro lamentoso de ecos. Morrera com o deus Pá o mundo antigo. John Dewey põe-se qual o moderno Tamas. Ouviria ele esse grito, vindo das caladas do seu subconsciente divinatório? *O individuo morreu!* A frase me soa bem merencoreia...

— Doi-se disso, Mr. Slang, o senhor, um homem sempre na vanguarda? Acha que devemos reagir?

— Reagir seria voltar as costas ao que vem vindo na frente por amor a fantasmas de lá atrás. O que foi, foi. Deixou os seus resíduos positivos em nosso imo como material para a construção do Amanhã. Resistir é abandonar a criancinha que temos nos braços para tentar a arregimentação de espetros. O que ha a fazer resume-se em descobrir caminhos novos para o individuo, em criar um individualismo que aceite a vitoria da ciencia industrial e lhe descubra os meios de com ela caminhar de braços dados. Durante sua vida inteira Thoreau pregou a liberdade — liberdade até da pressão das nossas proprias necessidades. Chégou a ponto de não deixar dominar-se pelo desejo de possuir qualquer coisa. Sua vida transcorreu qual um constante desafio á tirania ambiente, dos homens e das coisas.

“Simplificar”, era o seu moto. Raymond Fosdick estuda muito bem o fenomeno, e tem o meu aplauso quando diz que estamos hoje sufocados pelo excesso de coisas.

— Bravos! exclamei. Encontro finalmente um homem que sabe definir o que sinto e o que sentem todos os habitantes deste país. Vivemos todos sufocados pelo excesso de coisas. Coisas demais, vida intensa demais, ciencia demais a serviço da industria para promover a “gavage” de toda uma nação. Excesso, excesso, eis o verdadeiro mal da America, o não sei quê causador do indefinivel mal estar que todos sentimos. Oh, como comprehendo Thoreau lançando ao lago as tres pedras que lhe enfeitavam a cabana! Simplificar! eis tudo. Não fomos criados, nós homens, para vida assim plenaria. Temos necessidade de horizontes limpos, descampados, vazios — superficies lisas de repouso. Sinto-o comigo muito bem.

— Mas temos que nos adaptar ao excesso de coisas. O impulso é nessa direção. O radio nos invadiu a vida, como a invadiu o jornal e a perseguição da reclame. Todas essas invasões vivem a serviço da industria, que só cura de criar novas coisas e despertar no povo a necessidade de possui-las.. O demonio jamais pára com as suas tentações. Prova-nos, convence-nos de que sem o automovel é impossivel a vida; ensina-nos que essa maquina devoradora do espaço é uma vitoria do nosso individualismo locomotor — e dess'arte impele cada familia americana a ter o seu automovel. Alcançado que foi o ponto de saturação, a sereia surge ágora com o ~~programa de dois automóveis por família~~ e prova que isso vem aumentar a liberdade das famílias. E

assim com tudo. Cada criatura na America sente-se autorizada e é provocada a ter o que o vizinho tem. A industria, por meio da sua maquiavelica obra de sugestão, fomenta essa ansia. Depois, graças ao preço baixo que a "mass production" e a organização económica das vendas com bases em saques sobre o futuro permitem, dá-lhe os meios de possuir a coisa. E temos o americano transformado em freguês possível e forçado do milhão de coisas novas que em escala sempre maior a industria lança. Comprar, comprar — ter coisas, mais coisas. Para permitir esse impeto inedito no mundo veiu a teoria e pratica do salario alto, altissimo mesmo. O pedreiro com 15 dolares por dia. O operario de fabrica, com 7 dolares diarios. A cozinheira com 40 por semana. "Pagando-lhe tais salarios, faremos deles clientes". E esse freguês inedito, o operario, surgiu — freguês em massa, aos milhões e milhões. Quanto mais lhe pagavam, mais o operario comprava — e a industria tomou a serviço toda a ciencia do mundo para melhorar os seus processos, reduzir o preço de custo, vender por 5 o que antes da entrada em campo desses milhões de fregueses só poderia ser vendido por 50.

— Mas...

— Sim, ha um mas. A dificuldade da situação está em que esta nova estrutura da industria se basea num estímulo permanente do desejo de mais, mais, mais coisas. Enquanto o povo responder ao estímulo que a propaganda incessante e habilissima organizou, a industria crescerá, as empresas distribuirão dividendos, suas ações se conservarão em alta na Bolsa. O consumo intensíssimo constitue o alicerce da "prosperity". No dia, porém,

em que o eretismo do consumo fraquear, teremos uma crise catastrofica, de proporções jamais imaginadas.

— Poderá fraquear? perguntei especulativamente, porque não via nenhum sintoma disso.

— Acho que vai fraquear, que é fatal a crise. O impeto do "mais" deu no excessivo. O mal estar por excesso de coisas, que você sente, todos acabarão sentindo. Tudo cansa, até ter. O que estamos assistindo nesta America de apôs-guerra é uma verdadeira bacanal de consumo. Pura orgia. A "salesmanship" elevada á categoria de ciencia é sereia que tem conseguido manter em estado de frenesi a ansia de adquirir coisas, uteis ou inuteis, boas ou más, desejadas realmente ou compradas por arrastamento. Vejo, entretanto, um ponto perigoso no sistema. O povo já está comprando a credito, já está sacando sobre o futuro. O operario que adquire uma Frigidaire para a pagar em vinte meses, está usando, como se dolar fosse, a *probabilidade* de manter-se no goso daquele salario durante vinte meses. Venha uma perturbação economica qualquer, tenha esse operario o seu ganho diminuido ou suprimido — e desabará sobre a America um cataclisma economico de proporções unicas, capaz de refletir-se desastrosamente no mundo inteiro.

Enquanto Mr. Slang falava, eu mirava a paisagem. As aguas do lago viam-se amiude com o liso encrespado por assomos passageiros de brisas leves. Paz e doçura. A calma da natureza que o homem ainda não industrializou. Algo mexeu-se á beirinha d'agua. Firmei a vista. Era uma dessas feissimas criaturas a que

os americanos chamam "snapping turtles" — pequena tartaruga predatória, de terríveis dentes. Estava de tocaia aos peixes incautos.

— É uma brutinha, comentou com filosofia Mr. Slang; mas como teve a sabedoria de permanecer dentro da lei natural, vive num perfeito equilíbrio com o meio. Nós homens nos afastamos em excesso da natureza. Metemo-nos a criar coisas — e hoje nos sentimos infelizes com a nossa escravização a essas coisas criadas. Pobre Thoreau! Se já se sentia asfixiado pela América de um século atrás, como suportaria este arranque sem treguas que é a América de hoje?...

XXXIII

O “crack” da Bolsa. Dias de panico. Reação. O “bull” e o “bear”. A função controladora e saneadora do “bear”.

E afinal a crise veiu. Tivera razão Mr. Slang em ver maus sintomas na ansia com que os capitães da industria insistiam na nota da “prosperity” permanente e na extinção das crises ciclicas. Procelarias...

A crise veiu, sim. A 23 de outubro desse funesto ano de 1929 o arranha-ceu especulativo da bolsa, que vinha desde a guerra a erguer-se num impeto jamais observado, desabou. A baixa nesse dia foi ultra-violenta e indicativa não das oscilações comuns dos tempos normais mas de terremoto em perspectiva, de tromba d'água trazida nas asas de um ciclone. Panico... Tal fôra a confiança criada pela sistemática propaganda dos capitães da industria quanto á Era Nova, isto é, quanto á entrada do país numa fase de prosperidade continua, não mais sujeita aos abalos sismicos das crises até então ciclicas, que ninguem pôde admitir aquilo como aquilo tinha de ser. Todos se firmaram na esperança duma reação altista que restabelecesse a curva sempre ascendente dos preços.

Vieram sucessivas reações de alta, sim, bem violentas algumas, mas sem força para deter o impeto da

queda. E o mercado degringolou na serie de panicos que culminaram a 13 de novembro. Nesse dia lugubre, quando tudo parecia perdido, um conjunto de fatores favoraveis, "bullish news", interferiu. Coligaram-se, para cria-lo, os bancos, o governo e até Rockefeller com a famosa cunha de 50 milhões com que de-teve a queda das ações da Standard Oil de New Jersey. Os "bears" vacilaram pela primeira vez desde o inicio do "crack" e precipitaram-se a comprar o que durante tres semanas vinham vendendo diluvialmente. O espirito de especulação do publico reanimou-se e fe-lo voltar ao mercado.

Nos dezoito dias de panico a destruição de valor atingiu a soma fantastica de 50 bilhões de dolares, cataclisma suficiente para aniquilar por um seculo outro país que não os Estados Unidos.

Que é o Stock Exchange de New York? Difícil dar ideia... Um Monte Carlo onde o mundo inteiro especula em proporções absurdas.

Em 1929 as ações ali negociadas subiram á vertigem de 1.124.990.980, o que representa *alguma coisa*, sabendo-se que a 1.^o de outubro o valor medio de cada ação era de 83 dolares. Além desse movimento de titulos houve ainda o movimento de "bonds", cujo total montou, para o mesmo periodo, em 3.200.316.700 dolares. Dia houve em que 16 milhões de ações foram negociadas, das onze horas ás tres...

E o jogo bolsista em New York não se cifra ao Stock Exchange. Ha ainda a Curb, a bolsa dos titulos que se preparam para entrar no Stock Exchange ou

que, em vista de razões especialíssimas, preferem ficar fora dele. E ha ainda as bolsas dos outros Estados...

As proporções demarcadas que o jogo de titulos atingiu na America decorrem logicamente da disseminação da riqueza numa população de 120 milhões de criaturas amigas de especular. Pobre ou rico, milionario ou trabalhador de fabrica, não ha quem não compre ações a termo — mediante o deposito duma margem de 25% — e até em prestações semanais. Desse modo, como o país inteiro especula, as crises ciclicas a que a vida dos negócios está sujeita afetam o país inteiro e não apenas ao capitalista profissional. Os 50 bilhões de dolares perdidos naqueles 18 dias repartiram-se por 120 milhões de individuos. Direta ou indiretamente, ninguém escapou de pagar a sua quota na evaporação dos valores.

Ao romper do dia 14 de novembro o panico estava conjurado. A queda a prumo dos preços fôra detida. As reações de alta se sucederam até abril de 1930, com recuperação de 40 bilhões. A baixa, entretanto, não havia ainda processado o seu inteiro curso. Acentuou-se de novo desse mês em diante e novos "bottoms" foram alcançados — mas já aqui por degraus e fora da ação do panico.

"Bottom". Creio que nunca, como nesses dias, se fez maior consumo desta palavra. "Bottom" quer dizer "fundo".

Numa queda, seja qual for, a preocupação exclusiva de quem está caindo, ou vendo algo cair, é o fundo. O fundo significa o fim da queda, o ponto onde a vitima se esborracha ou se salva.

Quando a massa gigantesca de titulos listados na Bolsa de New York despencou do pincaro a que se alçara numa ascenção continua por varios anos, a preocupação exclusiva da plateia se tornou adivinhar o momento em que a avalanche atingiria o "bottom". Para o portador do titulo o "bottom" representaria o fim da sua tortura. Para o candidato a esses titulos o "bottom" indicaria o momento de comprar. Uma vez atingido o "bottom", o corpo em queda está amparado e só pode mover-se em sentido reverso. O titulo que atinge o "bottom" está ipso facto em inicio de alta.

E ficamos, Mr. Slang e eu, a acompanhar a ansia indagativa daquele povo para adivinhar o "real bottom". Por que em materia de "bottoms", se foi atingido ou não, se é apenas um falso "bottom", nenhum elemento de informação positiva existe. Tem que ser adivinhado.

— Veja que curioso é o fenomeno, disse-me um dia Mr. Slang. Os titulos caem vertiginosamente. O publico abandonou o mercado, como zona perigosa. Os "bears" dominam a situação. Sua arrogancia não tem limites. Mas o publico está de atalaia, espiando a maré. Assim como ha panicos, como este em que todos cegamente se precipitam a um tempo para vender, ha o panico reverso, em que todos se atiram para comprar. O país inteiro está tocaiendo o "bottom". No momento em que uma corrente de intuição coletiva disser que o fundo foi realmente atingido, iremos assistir ao movimento contrario. O publico a comprar e os "bears", apavorados, a comprarem tambem.

Ha dois partidos o do "bull" e o do "bear". O "bull" joga na alta, e portanto compra. O "bear" joga

na baixa, e portanto vende. O "bear" vende o que não tem, vende a entregar. Sobrevindo baixa, ganha, pois realiza a entrega comprando por menos o que vendeu por mais.

Nos momentos de panico os "bears" o agravam, somando as suas vendas a entregar com as vendas normais dos que realmente traspassam os titulos que possuem. Intensificam, portanto, a oferta e assim forçam, ou prolongam, o movimento de baixa. Mas tambem eles estão de olho atento no "bottom". Se sentem que o fundo foi atingido, vêem-se forçados a cessar as vendas e a passar a compradores, afim de se cobrirem. Em vista disso, do mesmo modo que precipitam, acentuam e prolongam a baixa nos momentos de panico, os "bears" se tornam um fator violento de alta quando a situação se inverte. Forçados a adquirir, erguem o mercado a nível mais alto que o natural.

O clamor contra os "bears" nos dias de panico foi intenso. A eles se atribuia a calamidade que o país estava sofrendo. O governo chegou a intervir, e a administração do Stock Exchange tomou as medidas que pôde para lhes limitar as atividades. Assim acossados, retiraram-se os "bears", ou reduziram suas operações ao minímo. A consequencia foi inesperada. O mercado caiu num marasmo mortal. O povo americano, que não dispensa o seu querido esporte bolsista, fonte das maiores emoções, verificou que as coisas neste mundo estão muito bem entrosadas, nada sendo dispensavel na maquina dos negocios, nem mesmo o odiado "bear". E o "bear" voltou, como ingrediente amargo, antipatico, mas indispensavel ao jogo de titulos.

— O publico tem razão, comentou Mr. Slang. A Bolsa constitue o pulso deste país. Se cai em marasmo, com os preços uniformemente os mesmos por dias sucessivos, a sensação é de morte. O "bear" exerce uma função preciosa. E' quem vivifica o mercado. Se a inflação vai impetuosa, ele tira a prova real da "qualidade" da alta intensificando as vendas. Persista a procura apesar do excesso artificial que as vendas dos "bears" determinam, está feita a prova — é alta sadia, em que o baixista sai perdendo, pois para cobrir-se tem de comprar por mais o que vendeu por menos. Se a alta é falsa, sem base, promovida por especulações dos "bulls", os ataques dos "bears" põem a limpo a situação, visto como, se vencem, ipso facto demonstram que se tratava da alta sem base.

Durante os anos da inflação, culminados em outubro de 1929, os "bears" foram batidos sistematicamente em todos os seus "raids" contra o mercado. Tudo mudou daí por diante. O dia 24 marcou o inicio duma campanha em que os papéis seriam diametralmente invertidos. A derrota do "bull" passou a ser sistematica, e muito facil a vitoria dos seus adversarios. Como numa luta politica em que o partido vencedor faz a derrubada dos contrarios e lhes toma todas as boas posições, assim os "bears", derrancaram os "bulls", numa revanche jamais observada na vida financeira da America. O numero de milionarios que viram suas fortunas em titulos se derreterem como sorvete, deve equivaler ao dos que se milionarizaram vendendo o que não tinham.

Mas, repito, é impossivel dar uma ideia do que é a especulação de titulos na America. Nisso, como em

quasi tudo mais, esta nação se mostra sui generis, unica, impossivel de medir-se por meio dos velhos estalões comuns á velha humanidade. Quem, por exemplo, pode medir o que representa uma redução de valores como a observada nos 18 dias de panico? Esse monstruoso sorvete que se derreteu — um sorvete de 50 bilhões, ou sejam 500 milhões de contos ao cambio de 10\$000 o dolar?

Tal soma representa 15 vezes a riqueza nacional do Brasil...

XXXIV

Crises ciclicas. Sensibilidade da Bolsa. Opinião dum metalurgista sobre o Brasil. Ferro e carbono. O ferro como antidoto do separatismo.

— Sim, sim, sim, disse Mr. Slang, pondo sobre a mesa um numero do "Times" que estivera lendo. São ciclicas estas crises, sim. O professor Mitchell organiza este quadro que é bem sugestivo.

Tomei o jornal. Vi o quadro. Tirei minhas ilações e conclui por mim:

— As crises da Bolsa vêm se repetindo com intervalos medios de quatro anos, e sempre como antecipação de crises economicas. A Bolsa é mais sensivel que o sismografo na detenção do abalo de credito que se aproxima.

— Sim, sim, sim, continuou Mr. Slang seguindo o curso do seu proprio pensamento. O fenomeno é sempre o mesmo. Pulo para a frente — inflação; parada brusca, ou crise — reajustamento. No pulo á frente noto um fator constante: abuso de credito, crença generalizada na ilusão de que a marcha para a frente pode ser feita assim rapida, aos saltos. O avanço conquistado com o pulo provoca entusiasmo e o entusiasmo traz consigo uma vitoria do otimismo, a qual se concretiza no

uso e intenso abuso do crédito. Ganhar tempo, sacar sobre o futuro! Mais, mais, mais! Mas subitamente, deflagrado por uma circunstancia qualquer, sobrevem o medo de ter avançado muito, a desconfiança, o movimento precipitado de recuo para consolidar as posições. Esse retrocesso, feito em massa, por todos ao mesmo tempo, traz atropelos, quedas, desastres; e promovido por estes acidentes ocorre o panico. Vem a deflagração e com ela o doloroso periodo de reajustamento. Reina o pessimismo. Desaparece o credito, com a impressão geral de que o dinheiro acabou. No marasmo de repouso que se segue, o saneamento dos negocios se opera. A vasoura da falencia limpa a arvore do business dos galhos secos ou enfermiços. O que subsiste merece viver, estão são. Findo o periodo do repouso saneador, novo pulo á frente. E tudo continua...

— Sim, sim, sim, murmurei, poupando ao meu amigo o trabalho vocal de pela terceira vez repetir o seu sim triplice. Mr. Slang sorriu e, mudando de assunto, propos-me uma visita a Detroit, para onde o chamava certo negocio com uma firma de lá.

— Quando?

— Amanhã. Temos um avião que parte às 8. Detroit sempre me atraui. Aceitei.

O grande metalurgista W. H. Smith, no nosso encontro na sala azul do Detroit Golf Club, expos a sua visão do Brasil. A mesa onde almoçaramos já estava desimpedida, de modo que ele pôde figura-la como o mapa da minha terra. Apoiou a mão no centro, onde devia ser o Estado de Minas, e disse:

— Vocês têm aqui uma montanha de minerio do mais alto teor. E cá em redor (e esse em "redor" era o resto da mesa, isto é, do Brasil) têm a floresta, ou, siderurgicamente falando, carbono. Com esses dois elementos a Ciencia produz ferro, materia prima da civilização. Vocês possuem em grande os dois elementos primeiros da civilização: oxido de ferro e carbono. Por que não a criam, produzindo o metal basico?

Por que? Dificilima a resposta. Dificilima sobre-tudo de ser compreendida por um americano. Têm eles nas visceras, herdada do inglês, a intuição do que é o ferro. Têm diante dos olhos o esplendor duma civilização saída inteirinha do ferro. Sabem que são ricos e poderosos e temidos e donos do mundo porque compreenderam desde os inicios a verdadeira significação do ferro. Como explicar a uma mentalidade dessas que a palavra ferro nada significa para os países de pau?

Olhei para Mr. Slang, que olhou para mim e ambos juntos olhamos para o grande metalurgista á espera da nossa resposta. Por que não produz o Brasil ferro, se a natureza o dotara de todos os elementos com que o homem isola esse metal?

Nossa resposta foi o silencio. Não havia tempo para preparar o terreno de modo que a resposta fosse compreendida. Teríamos de começar pelo ano de 1500, quando Cabral abicou em Porto Seguro. E ao falar de Cabral, explica-lo, contando a historia da formação de Portugal, pequeno país de que o almirante era um produto. Teríamos depois de fazer um curso inteiro de historia, geografia e sociologia. E como tudo isso ainda

fosse insuficiente, teríamos de levar esse homem ao Brasil para que visse, ouvisse e cheirasse um mundo de peculiaridades locais. Era, evidentemente, tarefa acima das nossas forças. A solução unica no momento consistia em mentir. E mentimos.

— Houve um retardamento na solução desse problema, respondi eu com desplante, mas tudo agora mudou e o Brasil vai produzir ferro. O governo está empêchando nisso.

Um dos meios de enganar americanos é falar em governo. Por inexplicável anomalia, eles, que tudo fazem por iniciativa particular e, portanto, não crêem em governo, engolem esta palavra como algo mágico, sempre que se trata dum país estrangeiro, sobretudo sul-americano.

— Muito bem, disse o metalurgista. O ferro dará a vocês a máquina, o grande engenho que aumenta a eficiência do homem. Mas para mover a máquina têm vocês de mobilizar a hulha e esguichar o petróleo. Estão cuidando disso também?

De novo olhei para Mr. Slang, que de novo olhou para mim. Em seguida olhamos juntos para o grande metalurgista.

— Sim, sim, sim, o governo está a cuidar disso também, declarei, corando levemente.

— Ótimo, exclamou o nosso homem. Produzindo ferro, terão a máquina e produzindo carbono terão a energia mecânica necessária para mover a máquina. Só assim a unidade territorial do seu país, que é a maior das riquezas, poderá ser assegurada.

Espantei-me. Aquela conclusão fôra em absoluto imprevista. As rugas interrogativas da minha testa levaram-no a ser mais explícito.

— Os países de grande território, disse ele, correm o risco do esfacelamento, da subdivisão em pequenas repúblicas, quando por meio do ferro não homogeneizam a massa da população. A primeira significação do ferro é transporte em todas as suas modalidades. Só o transporte, na intensidade em que o temos aqui, suprime o regionalismo e, portanto, só o transporte *nacionaliza*.

Semelhantes palavras de fino sociólogo impressionaram-me a fundo.

— A escassez de transporte, continuou ele, *regionaliza*. Faz que os grupos de população se diferenciem de mentalidade e acabem antagônicos. Não se visitam, não se conhecem, não se intercambiam, e acabam por se julgarem diferentes e *melhores*, mais merecedores de coisas do que os outros grupos.

Enquanto o meu homem ia falando assim em tese, ia eu dando nomes aos bois. Grupos de população: Minas, S. Paulo, Rio Grande. *Melhores* que os outros: Minas, S. Paulo, Rio Grande.

— A diferenciação de mentalidade acarreta antagonismos invencíveis, fomenta a ideia secessionista e acaba desagregando o país. O remedio é homogeneizar a massa. Faze-la circular. O homem do Kentucky ou do Texas que jamais saiu do seu estado natal julga-se superior ao homem de Kansas ou do Missouri, e constitui terreno apto à germinação de ideias desagregacionistas. No dia, porém, em que adquire meios faceis de locomoção e sai de visita aos estados que até então via de

revés, volta transformado. Verifica que é igual aos que julgava inferiores — e morre-lhe n'alma o separatismo.

Pensei no mineiro, no paulista e no gaucho. Comparei os inumeros que conhecia. Vi que nos viajados a ideia da superioridade propria, em contraste com a inferioridade dos vizinhos, desaparecera, ao passo que se conservava cada vez mais viva, e ativa, nos nunca saidos do buraquinho natal. E comprehendi o alcance das palavras do grande metalurgista. O Brasil, devido á sua grande extensão territorial e á segregação, por falta de transporte, dos seus varios nucleos de gente semeada pelos portugueses iniciais, estava cada vez mais ameaçado de perder a unidade. Esses nucleos não se conheciam uns aos outros e todos se tinham como superiores aos demais. Só a criação intensa do transporte, pelo desenvolvimento da industria do ferro, os levaria á convicção de que tal superioridade jamais existiu. Saidos do mesmo barro, gestados no mesmo utero, equivalem-se. A convicção da equivalencia, só ela, mata o espirito de secessão.

— Sim, sim, sim, murmurei com o pensamento distante dali. Compreendo agora o alcance das suas palavras. Só o ferro unifica, porque só ele dá transporte, o grande homeogeneizador.

— Aqui na America, concluiu o metalurgista-sociólogo, o espirito de bairro desapareceu de todo, sobretudo depois da expansão do automovel. As celulas componentes do país de tal modo se mobilizam, ou se intercambiam, que apesar da extensão territorial somos o país mais homogeneo do mundo. Daí a nossa força.

.....

Nesse mesmo dia, na Fordson donde diariamente defluem duas mil toneladas de ferro guza que por etapas caminham e se afeiçoam através do estomago metálico que é a usina Ford, até surgirem no extremo oposto elaboradas em 9.000 automoveis, Mr. Slang recaiu no assunto.

— As palavras do metalurgista-sociologo não me saem da cabeça, disse ele. Realmente só o ferro une, só o ferro cria, só com ele o homem adquire a eficiencia explicadora de todas as vitorias. Se eu fosse resumir num vocabulario esta America que juntos andamos a "conversar", não vacilaria um segundo na escolha da palavra certa: "Eficiencia". E se me pedissem para definir este mundo fordiano que nos rodeia, outra não poderia ser a minha sintese senão "mass efficiency" — eficiencia em massa. Se creio na America em grau estranhavel num inglês nascido em Londres é simplesmente porque creio na eficiencia...

Uma serie de vagonetes puxados por um trator apareceu nesse momento no patio para o qual abria a seção onde nos achavamos. Era o almoço dos operarios. Tive curiosidade de ver como se almoça á Ford. Aproximei-me.

Os vagonetes traziam milhares de caixas de papelão contendo cada qual um almoço completo, estudado e dosado por um corpo de bromatologistas. No Brasil, com o habito existente no povo de comer o que pode comer — ou o que o vendeiro da esquina nos fornece a mais baixo preço — ninguem "entenderia" o conteudo dasquelas caixas. A fruta, a sanduiche, o creme... Tanto de

calorias, tais e tais vitaminas — ciencia, ciencia, o maximo de ciencia possivel no caso. Ford faz estudar a alimentação dos seus homens como faz estudar a alimentação dos motores e do mesmo modo que o motor não "come" o que quer e sim ingere o combustivel exato que o fará operar com maior rendimento, assim tambem os entes humanos que lhe trabalham nas usinas recebem a sua dose de combustivel alimentar na quantidade e na qualidade cientificamente requeridas.

— Eficiencia, meu caro, comentou Mr. Slang. O genio de Henry Ford não constitue uma exceção, um fenomeno isolado, como o de um Bacon que vivesse na Zululandia. E' uma resultante. Ele apanhou no ar as moleculas da eficiencia que esta America exsuda e as corporificou neste imenso todo. O genio de Henry Ford não passa da individualização do genio da America.

XXXV

Eficiencia e ineficiencia. Um caso tipico. Absurdos fiscais.

De volta a New York, nossa conversa no Pullman do velocissimo "Detroiter", o expresso que nos levava, permaneceu ainda algum tempo pousada no tema eficiencia, que o meu amigo e eu com ele tinhamos como o caracteristico essencial daquele povo. Viamo-la em toda parte, sob os mais engenhosos aspectos, tudo marcando de modo impressionante.

— Essa feição do povo assinala-se de maneira tão intensa que já a palavra "americano" começa a confundir-se com a palavra "eficiencia". Quem diz sistema americano, metodos americanos, está ipso facto referindo-se a sistema ou metodos nos quais a caracteristica fundamental nasce da preocupação da eficiencia. E essa preocupação já galgou até a maquina administrativa. Por absurdo que o pareça, a administração americana é eficiente.

Meu pensamento voltou-se para um país onde tudo nos leva a crer que o ideal visado é justamente o oposto — a ineficiencia. Mil fatos me acudiram á memoria, confirmativos. Sim, sim, sim. Lá nesse país, o ideal administrativo era, e sempre fôra, o caminho mais com-

prido, mais aspero, mais penoso para o publico, de menor rendimento...

— Tem razão, Mr. Slang, disse eu pór fim, depois dum suspiro. Dias atrás um meu conhecido narrou-me um caso bem tipico. Esse rapaz...

Tive de interromper a historia. O meu inglês reclinara a cabeça na poltrona e ressonava.

Vá aqui o caso. Um meu conhecido, rapaz do Ceará com dois anos de residencia na America, teve de pagar, ao fim do primeiro ano de estada, o seu imposto de renda. E' esse o grande e praticamente o unico imposto existente. E justo. Ganhou durante o ano? Pague. Nada ganhou? Não pague. No Brasil os impostos, sob as centenas de formas absurdas, vexatorias e antieconomicas com que se apresentam, é sempre devido. Quem requer do Estado seja lá o que for comece pagando um imposto de selo ainda que o requerimento acabe indeferido. Uma sociedade que se organiza para auferir lucros da exploração duma industria qualquer, antes que comece a funcionar já paga uma série de impostos que tem de sair do capital social. Quem afixe simples letreiro numa vitrina convidando o publico para um certo concerto, paga um imposto, ainda que o publico não dê atenção ao aviso e lá não compareça. Um simples recibo paga imposto e está sujeito a multa caso nele não venha colado o selo com as armas da república, indicativo de que o imposto foi pago. Se não ha um selo á mão no momento, a transação tem que ser adiada, qualquer que seja o prejuizo que isso acarrete ás partes.

Na America o imposto só é devido quando ha lucros. Nenhum embaraço, nenhum "avança" no capital que se reune para inicio dum negocio. Só ao cabo de um ano faz-se o imposto pagavel — caso tenha havido lucros. Se a escrita da sociedade não os denuncia, nada a pagar. O que ha de justo, de equitativo, de eficiente.

Mas esse meu conhecido, tendo de pagar o seu imposto de renda, encheu a fórmula das declarações e a enviou pelo correio á repartição arrecadadora, acompanhada dum cheque. Ficou liquidado o caso.

Nesse mesmo dia veiu visita-lo um amigo de mais longa residencia no país, com o qual o meu cearense conversou a respeito do assunto.

— "Você esqueceu de declarar uma isenção a que tem direito e pagou 50 centavos a mais. Reclame-os."

O meu cearense sorriu. Vinha do Brasil, a terra onde reclamar, restituição de impostos vale por pilheria das boas. Além disso, tratava-se de 50 centavos, uma ninharia. Não valia a pena o trabalho.

— "Que trabalho?" indagou o outro. "Não ha trabalho nenhum. Basta encher outra formula de maneira correta e envia-la pelo correio com a nota de que segue em substituição da primeira, que não está certa".

— "Não tenho de requerer coisa nenhuma? De ir lá? De esperar?"

— "Claro que não. Experimente".

O meu cearense assim fez. Encheu nova formula e anotou-a da maneira indicada. Em seguida meteu-a num envelope, endereçou-o e enfiou-o na caixa postal da esquina.

Tres dias depois, com o maior dos assombros, recebia uma carta da repartição arrecadadora contendo um cheque de 50 centavos. Estava liquidado o incidente — um incidente impossivel de ser liquidado no Brasil...

Eficiencia administrativa. E' eficiencia poderem o contribuinte e o estado liquidar suas contas e resolver incidentes pelo correio, sem o ritual do classico requerimento "competentemente selado", em que o postulante se curva até o chão e com todo o respeito pede á cavalgadura que dirige o serviço arrecadador que lhe seja feita a altissima mercê da restituição do que é seu. As formas da praxe, humilhantes, com que um cidadão se dirige aos altos funcionários brasileiros, vêm do tempo em que eles eram os agentes sagrados do Rei, e a humanidade a rastejante serva dos reis. São deprimentes para o carater dum homem que se diz livre e qualifica-se, ou é qualificado, de cidadão. Além de deprimentes, onerosas — o desgraçado, para tentar rehaver o imposto que pagou a mais, tem que pagar mais um imposto, o do selo, sem o qual o requerimento não é lido. Além de onerosas, lentas. Toma tempo fazer requerimento, leva-lo pessoalmente á azemola burocratica, entrega-lo com vozinha quebrada e rapapés. E além de lentas... inuteis. As azemolas riem-se da ingenuidade do postulante, lançam no papel um despacho que o encaminha para outra seção — e o ingenuo nunca mais tem noticias do caso...

Uma só coisa ganha esse desgraçado contribuinte: fama de imbecil integral — por ter tido a ideia de reclamar o que era seu.

Dormi tambem. Dormi e sonhei. Sonhei, não com a Bolsa, nem com o metalurgista-sociologo, nem com o ferro como agente unificador ou algum outro dos inumeros temas de tanto interesse discutidos em Detroit. Sonhei com a humilde e grotesca tartaruguinha de Walden Pond, que tocaiaava os peixes incautos. Um homem sentado á beira d'agua conyersava com ela — Thoreau, talvez.

— Se quer paz, venha morar comigo dentro desta agua, dizia ao filosofo o bichinho. Temos peixes em barda para comer e uma liberdade infinita. Você nunca terá que espanar coisa nenhuma...

O homem fez movimento para entrar n'agua, como seguindo o conselho da tentadora. Depois vacilou. Em seu olhar li o seguinte: "Sim, paz, calmaria eterna. Mas..." e olhou para um grupo distante de fabricas, com grandes chaminés fumarentas. "Mas..." e sem concluir a frase ergueu-se dali e para lá se dirigiu.

Um sonho estupido, sem nexo, sem beleza, sem significação, inexplicavel a não ser para um Sigmund Freud. Felizmente parou aí, pois acordei. Vendo Mr. Slang tambem acordado, convidei-o a recolher-nos ao carro dormitorio. Era tempo. Onze horas.

XXVI

Processo secessionista. Antagonismo dos grupos regionais. Minas, S. Paulo e Rio Grande. Previsões nem tristes nem alegres. Revolver...

No trajeto da Pennsylvania Station ao apartamento de Mr. Slang a conversa recaiu de novo sobre o Brasil, a propósito das ideias do metalurgista-sociólogo.

— Aquele homem tem carradas de razão, disse Mr. Slang. Por mingua de desenvolvimento económico, o qual por sua vez decorre da falta de ferro, vocês no Brasil estão ameaçados duma tal intensificação do regionalismo que não me admirarei se desfechar em secessão.

— Acha realmente isso, Mr. Slang? perguntei com ar cético, menos por ceticismo do que para espicaçá-lo.

— Claro que acho, respondeu ele. O processo da desagregação do Brasil já foi iniciado com a separação da província Cisplatina, há um século.

— Mas a Cisplatina era platina. Tinha a sua órbita natural em torno de Buenos Aires, não do Rio de Janeiro. Natural que se integrasse no sistema planetário a que pertencia.

— Perfeitamente. Mas não lhe parece que o Rio Grande, embora em escala menor, pende mais, pertence mais ao sistema platino do que ao brasileiro? Já esteve separado por um decenio durante a rebelião de Bento Gonçalves, e se voltou ao Brasil não o fez á força, mas por efeito da sedução e em troca de vantagens. Desde aí vem o Rio Grande guardando na chamada federação brasileira uma posição *sui-generis*. Continua, ou permanece, federado em troca do tributo que o Brasil lhe paga.

— Tributo? exclamei com cara lorpa. Não entendo...

— Reflita que entenderá. Nenhum estado lucra mais com deixar-se ficar na federação do que o Rio Grande. O quasi monopolio que tem dos altos postos do exercito, as subvenções federais que recebe, a autonomia absoluta de que gosa, tudo isso não passa de formas disfarçadas de tributos para que não se separe. Outra forma é a voz que tem no concerto da trindade que dirige o Brasil: — S. Paulo, Minas e Rio Grande. Todos os presidentes têm governado, e só podem governar, com apoio nesse triplice sistema de equilibrio. O primeiro que o romper levará o Rio Grande á rebelião, na qual, ou vencerá e permanecerá federado, ou não vencerá e destacar-se-á numa republica á parte.

— Impossivel! O Rio Grande está sempre dividido e isso o enfraquece. O maquiavelismo dos governos federais empenha-se em manter essa fraqueza.

— O instinto de conservação o unirá no dia em que for preciso. O Rio Grande gira mais em torno de Buenos Aires do que do Rio. Despreza o resto do Brasil — a baianada, como dizem os gauchos. Possue ou é domi-

nado por um orgulho infinito. Tem-se na conta de povo privilegiado, eleito de Deus. A velha concepção dos povos eleitos é irredutivel.

Donde provem, donde se origina esse estado de espirito? *Da fraqueza economica do país, da escassez de transporte, da segregação.* A maioria dos gauchos nasce e morre sem nunca visitar as outras partes do Brasil. Ora, o remedio para esta fraqueza é um só — ferro, como muito bem disse o metalurgista-sociologo. Ferro e petróleo — maquina e energia. Se o Brasil souber, ou puder criar a industria do ferro e a da energia, evitará a desagregação. Em caso contrario, não sei... Pelo menos ao Rio Grande é capaz de perder.

E se um separar-se, outros tambem se separarão. Os mineiros e os paulistas já se entremotejam. Enquanto viverem politicamente aliados, tudo irá bem. No dia em que divergirem e um estado tiver de subordinar-se ao outro, quero muito saber qual dos dois se sujeitará. Tambem não se conhecem e se julgam feitos dumma massa especial. Só um intenso desenvolvimento economico, devido ao ferro e ao petróleo, os misturará, matando as ideias erradas que a respeito de si proprios alimentam.

— E o Norte?

— O Norte queixa-se do Sul e atribue a estagnação em que vive á predominancia do governo nas mãos da trinca S. Paulo, Minas e Rio Grande. Num ponto a queixa procede. O Sul fez-se industrial á custa de proteção alfandegaria. Como o Norte não pode criar industria, vê-se forçado a comprar bem caros os artigos manufaturados no Sul, quando os poderia importar me-

lhores e mais baratos, se não fosse a barreira alfandegaria que apenas aproveita aos industriais do Sul. Só o desenvolvimento econômico, trazido pela expansão da indústria do ferro e da energia, tem elementos para sanar a situação.

Como se vê, a pobreza do Brasil, decorrente de não produzir ferro e não haver desentranhado o seu petróleo, numa era em que ferro e petróleo constituem a base econômica dos grandes países, vai lentamente conduzindo o trabalho de sapa da desagregação.

Pus-me a refletir naquilo com certa tristeza.

— Será uma pena se isso se der, Mr. Slang. E espero que a força da língua, da religião e da raça neutralizem a força dos fatores econômicos.

— São, de fato, forças bastante fortes, mas não esqueça que nada fala mais alto, nem com maior eloquência, do que o bolso. As razões que o bolso começa a apresentar em favor da desagregação crescem dia a dia — e são razões mais claras do que as puramente sentimentais. Toda federação tem por base o interesse das partes. Quando tais interesses se sentem prejudicados, o instinto de conservação força a ruptura do equilíbrio artificial.

— E haverá um equilíbrio natural no sistema dos estados do Brasil?

— Sim. S. Paulo (e por S. Paulo entendo o São Paulo geográfico, compreendendo o Paraná, que é uma projeção paulista, o Triângulo Mineiro e Mato Grosso que lhe gravitam comercialmente na órbita), S. Paulo tem todos os elementos para ser uma grande nação.

Tambem os tem Minas, a Minas que incorpore ao seu territorio essas faixas sem significação propria que a isolam do mar — estados do Rio e do Espirito Santo.

O mesmo digo do Rio Grande e do grupo nortista que se prende a Pernambuco.

— E o resto?

— Impossivel qualquer previsão logica quanto ao resto. Territorios conquistaveis, colonizaveis. Terra a ser aproveitada no dia em que o progresso resolver o problema da vida do homem branco nos climas tropicais. No momento, a maior parte do Norte não interessa ao problema.

Chegamos. Com imensa surpresa minha, os jornais da noite davam noticia do rompimento duma revolução no Brasil.

— Veja, Mr. Slang? exclamei de olho arregalado mostrando ao meu amigo um numero do "Evening Graphic". Revolução no Brasil!...

— No Rio Grande? perguntou ele, sem emoção nenhuma.

— Sim...

— Pois vem a calhar, concluiu o meu extraordinario inglês, premindo o botão do elevador. Servirá, quando nada, para tirar a prova do que acabamos de debater. *So long, dear boy...*

O elevador sumiu-se com Mr. Slang rumo ao vigesimo andar, enquanto eu continuava de olhos pregados nas cinco linhas da magra noticia, imovel, com as ideias transtornadas.

— Revolução! pensei comigo. Vão eles *revolver*. Vão incidir na eterna ilusão de que revolver, mudar o

nome das ruas, mudar os homens, melhora alguma coisa. Revolver não conserta. O que conserta é *criar, aumentar*. Todas as revoluções explodem em consequencia da pobreza, da miseria, da falta de oportunidades. Mas o remedio para a pobreza, para a miseria, para a falta de oportunidades, nunca foi *revolver* e sim *criar*. Com o que vai gastar para *revolver*, o pobre Brasil criaria as duas grandes industrias cuja ausencia determinou o mal estar deflagrado em revolução...

Suspirei e dirigi-me para casa automaticamente, com uma infinita pena dos povos latinos. Apesar de toda a experienca acumulada, reincidem sempre no mesmo erro — o erro de tentar solver os seus problemas politicos a tiros e pata de cavalo. Os povos de origem inglesa usam instrumento muito mais decente. Usam o cerebro...

ADVERTENCIA

Em dois capítulos de AMERICA o autor discute o voto secreto — e de fato antes de sua partida para os Estados Unidos foi o voto secreto uma das preocupações de Monteiro Lobato. Logo depois da revolta isidorista em S. Paulo, em 1924, teve ele a insigne "caramagem" de endereçar ao Presidente Bernardes uma carta pessoal sobre o assunto; em seguida incluiu-a na famosa Carta Aberta a Carlos de Campos, então na presidencia de S. Paulo; fe-la assinar por varias pessoas e deu-lhe larga publicidade em folheto.

A repercussão foi enorme, pois o Brasil atravessava um negro periodo de reação legalista, com feroz censura da imprensa e restrição de quasi todos os direitos civis, sobretudo o de livre manifestação do pensamento. Nessa Carta Aberta Monteiro Lobato disse aos dois presidentes, com o maior desassombro e sinceridade, tudo quanto pensava da situação — e o que Lobato pensava era o que todas as pessoas conscientes pensavam. E como o disse na sua maneira tão pessoal, com argumentos todo seus, produtos da meditação sobre o assunto, a Carta Aberta calou fundo e circulou pelo país inteiro. Foram tiradas outras edições, sendo uma de bastante vulto no Rio Grande do Sul.

Muitos foram no Brasil os lutadores pelo voto secreto, mas talvez contribuição nenhuma tenha sido mais eficaz para a vitoria da ideia do que a Carta Aberta de Lobato. E como em AMERICA os dois interlocutores abordam o tema, não achamos descabido agregar a este volume o curioso documento que todo mundo leu e comentou aos cochichos naquela época de supressão de liberdades.

O Voto Secreto

Carta Aberta ao Dr. Carlos de Campos

Muito vacilamos em dirigir a V. Excia. esta carta, cuja preocupação exclusiva é a da verdade sem refolhos; e se o fazemos é na crença de que para os espiritos superiores nunca poderá ser mal vista a sinceridade. Nela resumimos o nosso sentir intimo, e nos fazemos interpretes da opinião coletiva, agitada neste momento como em periodo nenhum da vida nacional. O que temos a dizer liga-se á situação politica da nossa terra, em crise incubada de 89 para cá e em crise de solução — talvez fase do tumor que vem ao furo — neste momento; e como sobre o assunto um dos signatarios dirigiu ao Exmo. Presidente da Republica uma carta cujos conceitos todos encampamos, começaremos por dar a V. Excia. conhecimento dela em seu conteudo integral.

• • •

“São Paulo, 9 de agosto de 1924.

Exmo. Sr. Dr. Artur Bernardes:

Hoje, aniversario de V. Excia., venho com as minhas felicitações e o meu presente: esta carta. Nela resumo uma série de observações sobre o estado do espirito do nosso povo, que de ha muito ando a estudar com a

maior isenção de animo. Fotografei esse estado de espirito no doloroso momento presente e fiz-me preciso e frio como maquina, para não interferir com as minhas ideias e sentimentos no trabalho delicado da focalização. Sondei centenas de criaturas de todas as classes sociais, ricos e pobres, patrões e operarios, gente de baixo e gente de cima. Como a maior parte dos homens tem duas opiniões, uma de uso social e outra intima, resultante da experienca pessoal, desprezei sempre a primeira, pura mascara, e arranquei confissões á segunda, unica que interessa. Estas observações valem, pois, pela intenção com que foram feitas e pela dose de verdade que encerram. Se V. Excia, as conhecer e sobre elas refletir nalgum momento de sossego que acaso tenha, estou certo de que algo bom resultará. E é nessa esperança que me animo a envia-las ao homem em quem sempre me impressionou o vivo interesse patriótico de resolver os tremendos problemas de nossa infeliz terra; ao homem que a posteridade cognominará de presidente-martir, pois nenhum sofreu maiores amarguras, nem foi tão sarjado pela calunia, nem tão insultado — e menos compreendido em suas intenções honestas.

As minhas conclusões são as seguintes:

O estado de espirito do povo brasileiro é de franca revolta. Tomei medias e creio não errar orçando em 90% o indice das criaturas que quando se abrem na intimidade denunciam esse estado de revolta. Do espirito de revolta ao espirito revolucionario a transição é minima. Basta que deflagre um movimento militar para que a passagem se opere e o revoltado se transforme em revoltoso. Revoltoso platonico, é verdade, mas

perigosissimo, pois dará á explosão a força moral das suas simpatias, e tambem a material, sendo-lhe possivel.

Esta media elevadissima espanta-me, e posso afirmar que tem crescido sempre, acentuando-se até entre os proprios empregados publicos. Abrange todas as classes sociais sem exceção e sobretudo a classe pensante, a parte culta do país.

Verificado este estado de espirito, tratei de indagar de suas causas, usando os mesmos metodos de observação serena e meticulosa; e cheguei á conclusão de que isso se dá em virtude do completo divorcio entre a política e a opinião publica. De toda gente ouvi os maiores horrores sobre a politica e os politicos — tida aquela como a arte de explorar o Tesouro, e estes, como usurpadores indignos. Daí o completo desinteresse da nação pela politica.

Ora, sendo a politica, em sua legitima acepção, a arte de governar os povos, não se concebe que os cidadãos assim se desinteressem do que tão de perto lhes afeta a felicidade e o bem estar. Por que, então, esse horror que a elite da nação, a sua melhor parte, a parte rica, a parte culta, a parte cerebro, a parte nobre por excelencia, demonstra com tamanha franqueza? Por que a imprensa livre — a que direta ou indiretamente não recebe favores oficiais — é tão acintosa contra todos os governos? Por que despreza o povo a imprensa amiga dos governos, e dá apoio incondicional á imprensa oposicionista? Ha de haver nisto causas mais profundas que as habitualmente apontadas.

Neste ponto do meu estudo as conclusões foram as seguintes.

Um vicio mantem cada vez mais vivo o divoricio entre o governo e a elite do país, vicio tão grave, que se não for corrigido a tempo nos arrastará á completa ruina. Esse vicio é o nosso regime eleitoral de censo baixo. A experientia dos povos demonstra que o sistema representativo só dá beneficos resultados quando o regime é de censo alto. Porque o censo alto é o *controle* da politica pela elite da nação, é o respeito á lei natural de todos os organismos, é a parte-cerebro desempenhando suas funções de cerebro e a parte-musculo (massa bruta, populaça, gente rural sem cultura nem capacidade de discernimento) subordinada naturalmente ao cerebro. As varias eleições a que assisti assombraram-me. Interroguei numerosos eleitores, em regra tabareus boçalissimos, e poucos encontrei que soubessem sequer o nome do candidato em quem votavam; nenhum vinha ás urnas espontaneamente, no cumprimento livre de um dever cívico; este vinha em troca de um chapéu novo ou uma nota de 50\$000; aquele, por ordem de um patrão ou cabo qualquer. Em nenhum desses individuos notei *capacidade natural* de voto; tinham apenas a *capacidade artificial* que a lei concede. Mas como a lei não outorga inteligencia, cultura, discernimento a quem os não possue de fato, essa capacidade artificial representa uma grosseira mentira de funestas consequencias.

Ao lado dessa massa bruta, deste musculo inconciente ao qual a lei dá funções de cerebro mas que permanece musculo, visto como acima das leis humanas estão as leis naturais, ao lado dessa multidão ignara, verdadeiramente boçal, vi a elite do país, a parte culta, a parte

cerebro, a parte pensante, a parte nobre por excelencia, conservando-se na mais rigorosa abstenção! De modo que entre nós vota quem não tem o direito natural de voto; e não vota justamente quem devia votar, isto é, quem possue a capacidade natural de voto, com base na cultura e no discernimento!...

Como consequencia imediata deste absurdo temos que a politica, a nobre arte de governar, se transforma em monopolio dos politicos, isto é, dos homens que fazem da politica profissão e meio de vida. Como a massa bruta que elege não tem discernimento para escolha, o politico no mau sentido apossa-se dela e fa-la um passivo instrumento referendatario da sua permanencia no poder. E surge o mal tremendo do "censo altissimo": *controle* de tudo por parte de um grupo cuja mira é uma só — não cair. Fecha-se, dess'arte, a carreira politica a todas as vocações, a todas as forças novas. Não ha mais ventilação possivel. Nem renovação possivel. Ha apenas uma classe que se cristaliza em casta. A admissão na politica não procede mais da eleição e sim da escolha dos que estão de posse da maquina. O homem de maior capacidade não consegue fazer-se eleger pela força das suas ideias, e só penetraria na politica se de cima lhe derem licença. Assim é e assim será enquanto durar a funesta inversão de valores que transfere para o musculo a faculdade de eleger e afasta o cerebro.

Pergunta-se: mas por que a elite não concorre ás urnas? Por que foge de cumprir esse dever de todo cidadão? A resposta é rapida: porque considera absoluta inutilidade ela, minoria consciente, lutar com a massa bruta inconciente, que é maioria. No corpo humano

tambem, se o cerebro, na balanca, quisesse apostar em peso com o musculo, claro que seria vencido. O raciocinio geral é este: se meu voto, estudado, ponderado, calculado, livre, tem de ser anulado pelo voto do meu jardineiro, que é um imbecil, sem discernimento nem cultura, prefiro ficar na moita. E não ha outro raciocinio no caso. Desse modo temos *automaticamente afastados das urnas justamente os homens possuidores da capacidade natural de voto.*

Neste ponto tornam-se claras as razões do divorcio entre os governos e a parte nobre do país. Ela tem os governos em má conta e despreza-os, justificando-se ainda com os pessimos resultados colhidos de tal regime. O Brasil está praticamente falido, não tem instrução, não resolve nenhum dos seus problemas vitais e irá ao esfacelamento, se uma reforma radical não detiver esta marcha de coisas.

Este divorcio está de tal forma intenso que se torna possivel o fato assombroso acontecido em São Paulo: um governo cai integralmente, derruido em todas as suas peças, e ninguem surge a defende-lo! Numa população de 700.000 almas, colocam-se ao lado do Presidente, nos Campos Elisios, setenta pessoas! Logo depois esse governo reentra em funções e é recebido friamente. E note-se que o povo não tinha a menor queixa desse governo; ao contrario, dava-lhe muita simpatia, louvando-lhe sem reservas os primeiros atos. Porém era governo imposto... As tropas legais desfilam pela cidade e o povo não as aclama como libertadoras. Silencio mortal. Silencio de desapontar. Indiferençā absoluta.

Por que? Porque governo revolucionario ou governo legal, para o povo é tudo um, já que nenhum é livremente escolhido por ele.

Este fato aterrorizou-me. Vi a possibilidade de uma subversão completa da ordem no país inteiro, como se deu na Russia, com o cotejo infinito de sofrimentos e horrores que as convulsões revolucionárias acarretam. E pus-me a refletir no meio pratico de evitar a catástrofe. Interrogei, indaguei, conversei com grande numero de pessoas cultas sobre o curioso caso e afinal consegui apreender a chave do problema.

Na opinião geral, o remedio está na adoção do censo alto e consequente afastamento das urnas da massa bruta; meio de conduzir a isso é um só: o voto secreto. A princípio não comprehendi o alcance desse remedio e relutei grandemente em ver nele as virtudes que tanto entusiasmavam os seus adeptos. Mas á força de pensar no caso abriu-se-me o cerebro. O voto secreto opera o milagre de destruir o mal do *Censo Altissimo*, mero disfarce da ditadura duma casta, e instituir o *Censo Alto*, que é o bom, porque é a direção do país pela sua elite pensante. Nem Censo Baixo nem Censo Altissimo — sim Censo Alto. Opera a seleção que é mister, afastando o eleitor inconciente ou venal e atraindo o voto livre e consciente da elite do país. Que interesse tem em votar, sob o regime do voto secreto, o meu criado, que é um imbecil, se ninguem lhe impõe esse ato ou não lho paga? Impossível como se torna o controle da votação, eliminado está, *ipso facto*, o voto por pressão e o voto por dinheiro; e como os eleitores atuais só vão ás urnas movidos por esses dois motivos, claro que

a elas não comparecerão jamais. A lei os autoriza a votar, mas eles *cessam de ter interesse nisso*. Seu interesse era todo subalterno, não era interesse cívico, dada a sua incapacidade natural de cívismo. E temos assim afastado o músculo boçal da comédia de fingir cérebro.

Deixando de ir às urnas essa massa bruta, desaparece o motivo que delas afastava a élite da nação, e veremos apresentarem-se os homens de bem, os homens cultos, todos enfim que constituem a parte nobre do país. E isto tudo automaticamente, naturalmente, sem forçar a ninguém e sem infringir essa grande ilusão do sufragio universal, que é ainda a base das democracias modernas.

No dia em que tal acontecer, os governos passarão a exprimir fielmente a vontade nacional, e a opinião estará com eles, porque os escolheu com liberdade. A política deixará de ser o que é, mero negócio de um grupo, e abrir-se-á a todas as capacidades. Os políticos manter-se-ão à testa dos negócios públicos enquanto se conservarem dignos disso, e cairão no dia em que perderem a confiança dos eleitores. E nesse tempo, quando um levante de soldados tentar aluir um governo, o povo pulará em massa para defendê-lo. Ele o elegeu livremente, ele será o seu melhor guardião. — “O homem em quem livremente votei terá o meu apoio em todos os terrenos. E’ sagrado. Incarnará a lei que eu respeito e pela qual me baterei furiosamente. Mas posso tomar as dores do homem que não elegi? que não escolhi? no qual votou, a troco de dinheiro ou por imposição, a parte menos nobre do meu organismo?” Assim pensa o povo, e não pode pensar de outra maneira.

Todos os países que adotaram o voto secreto, inclusive a Argentina e o Uruguai, cairam num admirável equilíbrio político, cessando neles a fase das revoluções, porque os governos se tornaram de fato emanação direta, livre e consentida, do povo, por intermédio da parte nobre, da parte cerebro desses países.

Entre nós, por que persiste o cancro das revoluções militares? Por que se revela o povo tão simpático a tais movimentos, sejam encabeçados por quem fôr? E' porque o povo não se sente ligado ao governo, e não vê diferença entre governo revolucionário e legalidade usurpada. Operar-se o casamento, cesse o divórcio, e para esmagar levantes militares não será preciso recorrer á força: o eleitor defenderá o seu elegido.

Como vão as coisas, vejo tudo negro. Esta revolução não será a última, porque a revolução está na alma de toda gente. Reprimida aqui, ressurgirá além, e o nosso pobre Brasil não fará outra coisa senão curar feridas periodicamente reabertas.

A repressão não atinge a causa última do fenômeno. Equivale a combater a febre, em vez de atacar a causa da febre. De que valeu a terrível repressão castilhista no sul? Cada degolado dava origem a dez futuros revoltosos — seus filhos e parentes, e a revolução lá está em perpetua incubação, com explosões periódicas. E' preciso atacar as causas últimas do espírito de revolta, o que só se conseguirá dando ao povo o que o povo quer: direito de eleger livremente por meio do voto secreto. Não fazer isto é incubar eternamente o ovo da revolução.

Ha dois meios de se realizarem transformações políticas. Um, dolorosissimo, pela violencia, como na Russia; outro, suave, pela evolução, como na Inglaterra. A revolução vem quando os de cima erguem muralhas contra as aspirações populares; a evolução se dá quando em vez de muralhas os de cima preparam rampas.

O trabalhíssimo inglês encontrou uma rampa, desfesse nela como onda em praia, e a Inglaterra deu ao mundo a mais notável lição de sabedoria política. Como é inteligente o idealismo orgânico do inglês!

Já o vagalhão das aspirações russas só encontrou as tremendas muralhas do cesarismo, e destruiu tudo.

A meu ver, a rampa de que a nossa onda precisa é simplesmente o voto secreto, honestamente instituído, como o instituiu Saens Peña, e honestamente praticado, como o praticou Victorino La Plaza. Fóra daí só vejo remendos, contemporizações e nenhuma solução prática.

Creia V. Excia. etc."

* * *

E' sobre este tema que vimos insistir perante o Presidente do nosso Estado, no qual vemos uma inteligência de escol, capaz da televisão necessária ao verdadeiro estadista moderno. Porque governar é hoje, mais do que nunca, prever e ver longe.

A base do sistema representativo, sob qualquer regime, monarquia ou república, é uma só: a eleição. Se a eleição não existe como base, poderá o sistema usurpar o nome de representativo — mas não o será.

Ora, é justamente o que sucede no Brasil desde o 15 de Novembro, pois a partir do momento em que um governo se impôs pelas armas e não pelo voto, deixamos de ter em casa o governo representativo.

Em vez da eleição, instituiu-se o regime, que até hoje perdura, da "escolha do alto". Os dominantes escolhem e um eleitorado baixíssimo referenda essa escolha, automatica e inconscientemente. Isso deu lugar a que se fossem afastando das urnas todos os elementos nobres do organismo social, até chegarmos à maravilha deste absurdo orgânico; vota quem não tem capacidade natural de voto e não vota quem a tem! Daí o divorcio entre o governo e a opinião, pois só forma opinião no país o elemento pensante, que não vota.

A extensão deste divorcio, como diz a carta acima, ninguém a pôde medir com maior acuidade do que o Presidente de São Paulo, que no momento do perigo se encontrou sem o amparo do povo. Haverá nada mais eloquente, nada mais impressionante e fecundo em lições, dessas de que os verdadeiros estadistas tiram as normas do bem fazer?

Para que cesse tão calamitoso divorcio é mister que haja eleição, e para que haja eleição é mister escolha íntima do eleitor, livre de coação e venalidade, coisa impossível no regime do voto a descoberto, condenado como absurdo pela psicologia.

O homem é um ser duplice. Em cada homem coexistem dois, um escravo e outro livre. O homem escravo é o homem social, que usa a máscara imposta pelo meio, e outra coisa não faz na vida senão mentir ao homem livre que traz lá por dentro. E como as mani-

festações desta mascara, deste escravo, são falsas e mentirosas, o voto dele não representa a escolha do seu fôro intimo. É um ato maquinal, acovardado, que quasi sempre o põe de mal com a propria consciencia.

Pois bem: no regime do voto a descoberto quem vota é este miseravel mascarado; e pois o seu voto é papel moeda sem lastro. É a moeda má que expelle a boa. Dentro dele, entretanto, habita o homem verdadeiro, o liberrimo homem de consciencia, o homem do *E pur si muove* de Galileu. Só as manifestações deste são sinceras e dignas de fé.

Como, porém, conseguir arrancar ao cidadão este voto livre?

Este problema só teve solução perfeita depois da maravilhosa invenção do voto secreto.

Dizemos *invenção* muito de industria, porque podemos equipara-lo ao telefone, ao cinema, á radio-telefonia — criações que surgiram de brusco e vieram alterar profundamente a vida do homem na terra, solvendo problemas até então insolueis. O voto secreto vale por invenção no terreno psicologico, tão maravilhosa, de tão beneficos resultados, que já a adotaram *todos os povos cultos*, com exceção de um só. Levou-os a isso o instinto do progresso politico, que é no fundo ramo do instinto de conservação. E nesses povos ninguem concebe hoje a hipótese do regresso ao voto a descoberto, como entre nós ninguem concebe a volta ao regime de escravidão anterior ao 13 de Maio.

Com o voto secreto vota o "homem do fôro intimo", vota a consciencia, e vota, portanto, a verdade. A prova é facil e temo-la dentro de nós. *Que cada criatura*

humana ponha a mão na conciencia e diga se o seu voto secreto e, portanto, livre, será o mesmo que o seu voto a descoberto e, portanto, escravo. A mesma criatura vota de modo diverso conforme está sob um regime ou outro — e sobre qual seja o “voto verdadeiro” não é preciso insistir...

Quanto ao palavrão usado pelos sofistas, de que o eleitor deve assumir a responsabilidade do seu voto, basta contrapor-se-lhe apenas esta pergunta: responsabilidade perante quem? Se a escolha é uma decisão do fôro íntimo, um ato de conciencia, que tribunal existe na terra acima da conciencia?

Tão verdade é isto que já o voto secreto se impôs ao mundo inteiro com resultados impressionantes, e tem na America operado milagres.

Poderemos nós resistir a esse movimento universal, estupidamente empacados num velho erro do idealismo utópico? Poderemos fazer o papel de um povo que veda a entrada em seu território a uma invenção maravilhosa? Concebe-se país que tenha resistido á adoção do telefone, do Ford, da cinematografia?

Ha-os, sim; ha países retardatários, bagageiros como o nosso, que foi o ultimo a proclamar a liberdade do negro e pode ser o derradeiro a libertar a conciencia do branco. Mas tem que faze-lo, visto como se trata de coisa imposta pelas inexoráveis leis da evolução.

Ora, se tem de o fazer, se está como todos os demais povos condenado a progredir, que serviço imenso não lhe prestará o estadista de larga visão que, em vez de opor obices á maré montante, lhe rasgar faceis caminhos?

Estadistas desta marca se tornam semi-deuses e vivem imorredouramente na alma popular.

Se o presidente de São Paulo encabeçasse entre nós um movimento neste sentido, tornar-se-ia o maior vulto da nação, e seria eternamente abençoado como um benfeitor maximo. O momento é o mais oportuno. A onda se avoluma, a ideia do voto secreto é uma ideia-força, riacho hoje, torrente amanhã — tão empolgante já agora que chega a fazer parte de programas revolucionários.

Não sabemos se V. Excia. tem auscultado o sentimento geral. Muitas vezes a posição de um homem de governo o enclausura e impede de ver o que todos vêem. Mas o estado de espirito da nossa população é altamente significativo e merece atento estudo por parte de quem está ao leme de um pequeno país como São Paulo.

Esse estado de espirito é secretamente revolucionário; e quando a revolução se opera assim nos espíritos pode considerar-se vitoriosa, mais cedo ou mais tarde. Que revolução? Qualquer. Qualquer que tenha em nítra destruir o que existe.

É espantoso o que se passa. Não ha legalismo na intimidade. Desafivelada a mascara do empregado público, do comerciante, do industrial, do academico, e até do menino de colegio (reflexo dos pais), veremos o simpatiszante da revolução. (1)

O apoio de que os governos se supõem cercados é cada vez mais precario, e é falso. Diremos mais: é traidor, porque é apoio da boca para fóra e só na frente.

1. A revolução de 1930 veiu plenamente confirmar estas palavras.

O apoio de coração está hipotecado a uma qualquer coisa vaga que em essencia é contraria ao que aí está. *Ninguem sabe o que quer, mas ninguem mais quer o que aí está.* Esta é a tremenda verdade!

No entanto, como tudo se mudaria, numa reviravolta de magica, se do governo partisse o que o povo pede e a revolução promete: voto secreto, liberdade de eleger de acordo com o fôro intimo, e não escravizadamente, em farça referendataria da escolha feita no alto, por meio de titeres que votam por dinheiro ou por pressão!

Em vez da pressão, que de homens livres faz escravos, surgirá o regime da persuasão, que transforma escravos em homens livres, e determina naturalmente a formação de partidos, indispensável à vida política dos povos modernos. O eleitor inconciente, essa peste que corrompe as urnas e se faz sordido instrumento do político parasita, afastar-se-á delas, não por força de nenhuma lei, mas por injunção da sua propria mentalidade. Concomitantemente, a parte nobre do país virá substitui-lo na alta missão de eleger — e teremos realizado, enfim, a magna conquista de que tanto necessitamos.

Já dura demais a funesta inversão de valores, a torpe mentira, mãe de tantos males e causa unica do estado deploravel em que, como povo, o Brasil se encontra hoje. Fomos perdendo, por ação dela, todas as nossas liberdades, a ponto de fazer-se mister um 13 de Maio em favor do branco. O carater nacional liquefaz-se, a corrupção administrativa cresce e o mal-estar da conciencia publica é indizivel. Não se reunem dois brasileiros em comentario ás coisas patrias que não lamu-

riem interminavelmente e não concluam com um desolador estribilho: — Que tristeza ser brasileiro...

Tudo porque a mentira sistematizada é a peor das gangrenas e a nossa mentira política já dura mais do que o comporta a resistência de um organismo social. Os nossos males todos, inclusive o das revoluções militares periódicas, que tão caras nos saem, têm nessa mentira a sua causa última. Ela corrompe o exército, desviando-o de suas funções; corrompe a imprensa, que ou se aluga aos governos ou ao ódio do povo; corrompe a justiça; corrompe a alma nacional, cindindo o país em duas classes hostis, a dos pretorianos e a dos escravos.

Se o voto secreto deu tamanhos resultados no mundo inteiro, por que faria exceção entre nós? Duvidar será formar um juízo em excesso desonroso das nossas qualidades de caráter.

Nosso apelo se resume, pois, em que o presidente de São Paulo tome a si a chefia da grande revolução legal. O caminho é claro como o dia: antecipar o movimento, impedir que venha mais tarde pela força, com sangue, dores, desgraças e azares, o que em todos os países cultos tem vindo evolutivamente, pela compreensão de estadistas ao molde de Saenz Peña. Fazer isso será aniquilar para sempre a revolução que fermenta no país e que, abafada aqui, ressurte além, e já não pode ser tida como simples reincidência de movimentos militares. De 89 até hoje contam-se mais de trinta convulsões desse tipo, entre as pequenas e as grandes, e de tal forma as coisas se agravam que o estado de sítio se vai tornando um estado permanente. Os prejuízos imensos que tais explosões acarretam ao país não expli-

carão, só eles, a nossa ruina financeira? E, dada a inutilidade da repressão, não é o caso de atacarmos de vez a causa ultima do fenomeno: o divorcio entre os governos e a opinião?

O Uruguai era assim. Vivia em perpetua revolução, considerada pelos sociologos ligeiros como cancro incurável. Pois desde a entrada do voto secreto, ha vinte e tantos anos, nunca mais se registou ali a menor explosão revolucionaria! Haverá exemplo mais concludente?

Que chegue a nossa vez, e que o grande exemplo parta aqui de nós.

São Paulo, que já tem tanto que perder, não só se asseguraria para sempre da riqueza adquirida, pondo-a a salvo de movimentos revolucionarios, como ainda accentuaria a missão, que lhe compete, de líder. Proclamada aqui a liberdade de consciencia, inaugurado o regime eletivo que nos falta, breve o veríamos, por contagio, dominando o país inteiro; e veríamos, enfim, o Brasil a matar esse atraso de cem anos a que a dupla escravidão do corpo do preto, outrora, e da consciencia do branco, hoje, o vem condenando ignominiosamente.

Está nas mãos do presidente de São Paulo operar esse milagre e matar assim no germe as futuras revoluções, sempre tão funestas ao progresso do país.

Quanto a esta carta, não veja nela V. Excia. nenhuma intenção mofina, senão a mais alta homenagem pessoal — que é sempre a mais alta de todas, e a dos amigos leais, dizer desassombradamente a verdade inteira. A verdade dolorosa, mas a verdade que salva.



Este volume, o 9.º, da 1.ª Série das
"OBRAS COMPLETAS DE MONTEIRO LOBATO"
foi composto e impresso na
Empresa Gráfica da "Revista dos Tribunais" Ltda.,
rua Conde de Sarzedas, 38 — São Paulo,
para a
EDITORIA BRASILIENSE LTDA. — S. PAULO,
em **MCMXLVIII.**







14 DAY USE
RETURN TO DESK FROM WHICH BORROWED
LOAN DEPT.

This book is due on the last date stamped below, or
on the date to which renewed.
Renewed books are subject to immediate recall.

INTER-LIBRARY	
LOAN	JUN 14 2002
DEC 17 1964	
DEC 27 1966 15	
RECEIVED	
DEC 12 '66 -10 PM	
LOAN DEPT.	
MAR 1 1967 57	
RECEIVED	
FEB 15 '67 -12 M	
LOAN DEPT.	
MAY 15 2000	

LD 21A-60m-4-'64
(E4555s10)476B

General Library
University of California
Berkeley

YB 37182

14 DAY USE
RETURN TO DESK FROM WHICH BORROWED
LOAN DEPT.

This book is due on the last date stamped below, or
on the date to which renewed.
Renewed books are subject to immediate recall.

INTER-LIBRARY	
LOAN	JUN 14 2002
DEC 17 1964	
DEC 27 1966 15	
RECEIVED	
DEC 12 '66 -10 PM	
LOAN DEPT.	
MAR 1 1967 57	
RECEIVED	
FEB 15 '67 -12 M	
LOAN DEPT.	
MAY 15 2000	

LD 21A-60m-4-'64
(E4555s10)476B

General Library
University of California
Berkeley

YB 37182

14 DAY USE
RETURN TO DESK FROM WHICH BORROWED
LOAN DEPT.

This book is due on the last date stamped below, or
on the date to which renewed.
Renewed books are subject to immediate recall.

INTER-LIBRARY LOAN	JUN 14 2002
DEC 17 1964	
DEC 27 1966 15	
RECEIVED	
DEC 12 '66 -10 PM	
LOAN DEPT.	
MAR 1 1967 57	
RECEIVED	
FEB 15 '67 -12 M	
LOAN DEPT.	
MAY 15 2000	

LD 21A-60m-4-'64
(E4555s10)476B

General Library
University of California
Berkeley

YB 37182

14 DAY USE
RETURN TO DESK FROM WHICH BORROWED
LOAN DEPT.

This book is due on the last date stamped below, or
on the date to which renewed.
Renewed books are subject to immediate recall.

INTER-LIBRARY	
LOAN	JUN 14 2002
DEC 17 1964	
DEC 27 1966 15	
RECEIVED	
DEC 12 '66 - 10 PM	
LOAN DEPT.	
MAR 1 1967 57	
RECEIVED	
FEB 15 '67 - 12 M	
LOAN DEPT.	
MAY 15 2000	

LD 21A-60m-4 '64
(E4555s10) 476B

General Library
University of California
Berkeley

YB 37182

